

ATIRE A PRIMEIRA PEDRA  
ADAPTAÇÃO E REALIZAÇÃO DE E. CRAMER

.....

PERSONAGENS:

CORINA..... *VÂNIA ELISABETH*  
GILBERTO..... *CARLOS DE CAMARGO*  
MARTA..... TÂNIA MARIA  
ANDRÊ..... CEZAR MAGNO  
INSPECTOR..... *CARDOSE*

.....

CENARIOS:

- 1º) -TAPADEIRA LISA COM PIANHA E UM CORAÇÃO DE JESUS.
  - 2º) -SALA BEM MOBILIADA COM JANELÃO AO FUNDO E PORTA À ESQ.
  - 3º) -FUNDO <sup>W</sup>NETRO COM MESA DE LABORATORIO (TUBOS E MICRSOCÓPIO) E  
UMA PAREDE DUPLA COM UMA PORTA.
  - 4º) -QUARTO FINO DE MOÇA SOLTEIRA COM PORTA À ESQUERDA E  
JANELA À DIREITA.
- .....

DATA DA APRESENTAÇÃO..... 5.7.1961

.....

TV PIRATINI - CANAL 5

.....

.....  
SLIDES: (Os do 1º programa)

AUDIO - PREFISO MUSICAL

ABERTURA em DET de CORAÇÃO DE JESUS ou  
CRUCIFIXO, em fundo de tapadeira.

TAPADEIRA LISA

FUSÃO com: G.P. de CORINA, sofrendo,  
sentada numa poltrona, *de casaco.*

- SALA BEM MOBILIADA -

AFASTAMENTO até P.M. da SALA.

~~VOZ DE CORINA: É quem se julga a primeira pedra  
de que se abre a primeira pedra.~~

CORINA - Meu pai era um gênio. Um gênio  
e um anjo ao mesmo tempo. Ninguém pode ima-  
ginar o quanto eu gostava dele! Sua vida  
era toda dedicada à ciência, ao bem estar  
da humanidade. Tinha um pequeno laborató-  
rio lá em baixo, no porão. (Pausa e Tom)  
Papai era um tímido professor de química,  
quando ELA o conheceu. (Pausa) ELA... é  
minha mãe. Moça rica, cheia de vontades,  
casou com meu pai só por um capricho. Era  
dona de tudo... mandava em tudo... inclu-  
sive na vontade daquele homem bom... infi-  
nitamente bom!

APROXIMAÇÃO até G.P. de CORINA

DESFOQUE

FOCALIZA em: G.P. de GILBERTO, de  
guarda pó branco, olhando por um  
microscópio uma lâmina. Ao seu la-  
do estão dois tubos de ensaio, den-  
tro de um copo, ambos com líquido.

- FUNDO NEUTRO COM PAREDE LATERAL  
E PORTA -

AFASTAMENTO até enquadrar a porta.

AUDIO - MUSICA ACOMPANHA O DESFOQUE

A PORTA SE ABRE E APARECE MARTA ELEGANTEMENTE

VESTIDA DE GALA, COM ABRIGO DE PELES.

MARTA, - (irritada) É escusado, Gilberto.  
Quando você se enfurna aqui neste porão,  
não há um compromisso, por mais sério que  
seja que possa arrancá-lo. Você vai me fa-  
zer esperar até quando?

CORTE

P.A. de GILBERTO

GILBERTO - Só um momento, Marta. Eu estou concluindo uma fórmula muito importante.

CORTE

P.A. de MARTA, na porta.

MARTA - Para mim não há nada mais importante do que a nossa recepção de hoje. Trate de subir e de se vestir em cinco minutos.

MARTA CAMINHA PARA A MESA E FICA OLHANDO TUDO COM AR DE DESDEM. GILBERTO APONTA OS TUBOS.

GILBERTO - Cuidado, Marta. Nesses dois tubos encontra-se um preparado que há de beneficiar a milhões de pessoas.

GILBERTO VOLTA AO MICROSCÓPIO E MARTA OLHA OS TUBOS.

CORTE

DET do TUBOS e da mão de MARTA, avançando devagar para derrubá-los. Vira-os.

CORTE.

AUDIO - ACORDE TRÁGICO EM FUNDO.

P.A. de GILBERTO, com os olhos parados, olhando o líquido escorrer.

GILBERTO - Marta!... Marta!... Você não sabe o que fez! Você não sabe o que fez!...

CORTE

P.A. de MARTA, cínica

MARTA - E o que é que você quer?! Aconteceu, simplesmente. Não foi de propósito.

CORTE

P.P. de GILBERTO

GILBERTO - Que pena! A fórmula estava quase pronta e ia prestar tantos benefícios à humanidade...

MARTA FAZ UM AR DE DESDEM E DA UMA VIRAVOLTA.

MARTA - Óra, a humanidade! Que se importa ela com a gente?

PAN. HOR. acompanha MARTA. MARTA SAI PARA A PORTA. LÁ, SE VIRA PARA ELE.

MARTA - Ande. Você tem cinco minutos para se aprontar. Mais do que isto eu não lhe espero.

MARTA SAI, ABRINDO E FECHANDO A PORTA.

CORTE

P.P. de GILBERTO, vencido.

APROXIMAÇÃO até G.P. de GILBERTO

DESFOQUE

FOCALIZA em: G.P. de CORINA

-SALA BEM MOBILIADA-

GILBERTO - Que pena! Que pena! Ia causar  
bem a tanta gente... a tanta gente...

AUDIO - MÚSICA ACOMPANHA O DESFOQUE.

CORINA - Com o meu nascimento, meu pai te  
ve esperança que tudo mudasse, mas minha  
mãe continuou sendo a autoridade suprema  
dentro desta casa. Eu já era uma menina  
grande, quando um dia ele tentou se revol  
tar contra a incompreensão de minha mãe.

AUDIO - MÚSICA ACOMPANHA O DESFOQUE.

DESFOQUE

FOCALIZA em P.G. da sala vazia.

- SALA BEM MOBILIADA -

ENTRA GILBERTO PELA CAMERA, SEMPRE DE  
GUARDA PO, PROCURANDO MARTA.

GILBERTO - Marta... Marta... onde está você?  
(Pausa) Será que ela saiu? (mais forte) Mar  
ta! Onde é que você se meteu, criatura?

ENTRA MARTA DE CHAMBRE, PELA CAMERA.

MARTA - Que gritaria é essa na minha casa?

GILBERTO - Por que você diz na minha casa?

Eu penso que a casa é nossa, não é assim?

MARTA VAI A ELE COM AR DE DESDEM.

P.A. dos DOIS

MARTA - Ah sim?! É nossa? E desde quando  
ela é sua também que eu não estou sabendo?  
Lembre-se que ela foi comprada com o meu di  
nheiro e que somos casados com separação de  
bens, graças a uma exigência que em muito  
boa hora meu pai fez. Portanto... a casa é  
minha somente, entendeu? Minha. Mas por que  
estava aos gritos aí? O que é que você quer?

ATIRE... Pag. 4

CORTE

P.P. de GILBERTO

GILBERTO - Os tubos novos de ensaio, encontrei-os todos quebrados quando abri o pacote. Que aconteceu? Ele teria levado algum tombo? O pacote estava no chão...

CORTE

P.P. de MARTA

MARTA - Fui eu que o joguei. Você não havia de querer que eu descesse a escada só para levar aquela droga.

CORTE

P.A. dos DOIS

GILBERTO - Penso que o meu trabalho deveria merecer-lhe maior respeito, Marta.

MARTA - E o meu dinheiro também. Tenho raiva do seu trabalho porque você vive gastando o meu dinheiro em baboseiras que de nada servem.

CORTE

P.P. de GILBERTO, tristonho

GILBERTO - Tenho tudo incompleto e mal instalado, justamente porque você vive a se queixar dos gastos. E isto que não emprego esse dinheiro em proveito próprio e sim em proveito da humanidade.

CORTE

P.P. de MARTA, irritada

MARTA - Pois a humanidade que se lixe. Que me interessa a humanidade? Não tenho nada que ver com a vida dos outros, tenho que ver é com a minha ouviu?

MARTA SE RETIRA INDIGNADA PELA PORTA

AFASTAMENTO até P.M. da CENA

CORINA ENTRA LENTAMENTE PELA CAMERA E

VAI ATÉ PERTO DO PAI.

CORTE

P.A. dos DOIS

CORINA - Papai... o senhor não acha que essa situação deveria ter um fim?

GILBERTO - Que situação, minha filha?

CORINA - Essa de mãe mandando em tudo e o senhor sempre baixando a cabeça...

CORTE

P.P. de GILBERTO, tristonho

CORTE

P.P. de CORINA, triste

CORTE

P.P. de GILBERTO

DESFOQUE

FOCALIZA em: P.A. de CORINA

- TAPADEIRA LISA -

DESFOQUE

FOCALIZA em: P.A. de GILBERTO, medindo dois tubos de ensaio. Ele faz tempo até que Corina tire o casaco.

GILBERTO - Eu pensei, minha filha, que depois de tantos anos, você já tivesse compreendido...

CORINA - (revolta) Mas não há o que compreender, papai. Papai trata o senhor como um escravo... não tem o menor respeito pelo seu trabalho... tem destruído quantidade de experiências suas... e afinal isso é uma desconsideração...

GILBERTO - Você pode pensar que eu sou fraco e covarde por aceitar a situação sem a menor revolta, mas a verdade, minha filha, é que assim procedo pelo bem dos meus semelhantes. Se não fosse o dinheiro de Corina a garantir todas as despesas dela e a sua, eu não poderia empregar o meu nas experiências que faço. É por isso, minha filha. Agora você já poderá me compreender, não é verdade?

CORINA - Sim, papai...

GILBERTO - Agora você já poderá saber por que suporto tantas humilhações e não tento discutir outro qualquer direito que eu possa ter aqui dentro desta casa, Corina. O principal de tudo, para mim, são as minhas experiências, o resto não tem a menor importância.

AUDIO - MUSICA ACOMPANHA O DESFOQUE

CORINA - Mas o verdadeiro drama em que seríamos todos envolvidos, ainda não havia começado. Ele começou, mesmo, algum tempo depois, com a chegada de uma carta.

AUDIO - MUSICA ACOMPANHA O DESFOQUE.

CORTE

P.A. de CORINA, atrás da porta do laboratório, com uma carta na mão.

- PAREDE COM PORTA - LABORATORIO

CORTE

P.P. de GILBERTO, do outro lado.

CORTE

P.A. de CORINA, abrindo o envelope e olhando a carta. Tem um choque tremendo e leva a mão ao coração.

CORTE

P.A. de GILBERTO, do outro lado

CORTE

P.A. de CORINA, DO OUTRO LADO, escondendo a carta no seio.

APROXIMAÇÃO até G.P. de CORINA

FUSÃO com: G.P. de MARTA, na porta da sala, olhando o ambiente.

MARTA SE VIRA PARA FORA E FALA.

- SALA BEM MOBILIADA -

AFASTAMENTO até P.M. dos DOIS

ENTRA ANDRÉ, MUITO BEM VESTIDO, TIPO DE GAIA MADURO. OLHA O AMBIENTE ANTES DE FALAR.

ANDRÉ - É bonita a sua casa, Marta. Bem digna da dona.

ANDRÉ PEGA A MÃO DE MARTA E QUANDO VAI BEIJAR ELA AVISTA A FILHA ENTRANDO PELA CAMERA E RETIRA A MÃO, RAPIDAMENTE.

CORINA - Papai, tenho uma carta para o senhor.

GILBERTO - Agora não posso sair daqui, minha filha. Abra o envelope e leia você.

CORINA - (meia voz) Meu Deus!...

GILBERTO - Minha filha, por que você não entra e não vem ler a carta para mim? Eu estou esperando.

CORINA - Não, não, papai, não. É... é uma carta de propaganda, apenas... Dessas que o senhor recebe sempre. ~~Max~~ (meio tom) Uma carta anônima! Mentirosa, talvez! Sim, sim... não pode deixar de ser mentira o que ela diz... não pode ser... não pode ser...

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

MARTA - Entre, André, não tenha receio. Você está em sua casa.

MARTA - Ah, você está aí, querida? Venha. quero apresentar a você um bom amigo.

CORINA ENTRA LENTAMENTE PELA CAMERA.

MARTA - Este é o doutor André Silveira e esta a minha Corina, de quem sempre lhe falo.

ANDRE - É uma linda jovem. Parecida com você Marta.

CORTE

P.P. de CORINA, lembrando e falando a meio tom

CORINA - André... André Silveira... Era o nome de quem falava aquela carta anônima...

CORTE

P.A. dos TRES

MARTA - Minha filha, faça companhia ao doutor André, enquanto eu vou retocar os meus cabelos. Eu volto já.

MARTA SAI DE QUADRO. FICAM OS DOIS.

ANDRE - Você se parece mesmo bastante com sua mãe. Não pode negar que é filha dela.

CORINA OLHA FIXAMENTE PARA ELE COM OLHAR DURO.

ELE PERCEBE E DESCONCERTA.

ANDRE - Mas afinal... você não fala?... Ainda não disse uma só palavra desde que fomos apresentados... E por que... por que me olha desse modo, Corina?

CORTE

P.A. de CORINA, furiosa mas contida

CORINA - Meu pai está lá em baixo, ouviu bem? Meu pai está lá em baixo.

CORINA SAI DISPARANDO PARA DENTRO, PELA CAMERA.

ANDRE - Corina, venh cá... Corina espere... (Pausa) Coisa estranha... será que... não, não pode ser...

ENTRA MARTA EM QUADRO, DIRIGINDO-SE A ANDRE

MARTA - Uê! Você está só? Onde é que se meteu Corina?!

ANDRE - Marta... sua filha deve estar desconfiada de alguma coisa.

MARTA - Ora essa! Que tolice! Nem pense em semelhante coisa: absurdo.

CORTE

P.P. de ANDRÉ

CORTE

P.A. dos DOIS

CORTE

P.P. de ANDRÉ, já medroso

CORTE

P.P. de MARTA

APROXIMAÇÃO até G.P. de MARTA

FUSÃO com G.P. de CORINA, sentada na cama, completamente aturdida.

- QUARTO DE SOLTEIRA -

AFASTAMENTO até P.G. da CENA

CORTE

P.A. de MARTA, na porta

ANDRÉ - Mas então... como se explica a atitude dela?

MARTA - (tensa) Que foi que ela fez?

ANDRÉ - Quando me falou foi para me dizer que seu pai estava lá em baixo e em seus olhos brilhavam chispas de ódio. Mal terminou de falar, disparou para dentro, deixando-me sózinho.

MARTA - (furiosa, mas contida) Como é que ~~Marta~~ Corina se atreve a proceder dessa forma?

ANDRÉ - Eu bem lhe adverti que não seria conveniente vir à sua casa. Parece que estava adivinhando que esta visita teria más consequências.

MARTA - Isso é tolice. A casa é minha, eu tenho o direito de trazer "de visita" a quem eu bem entender. E quando você tiver ido embora, eu saberei como proceder com Corina.

AUDIO - CORTINA MUSICAL

CORINA - Não posso me convencer. Não posso! Mãe proceder dessa forma e ainda trazer esse homem para dentro de nossa casa? É demais! Quando ele falou comigo, a vontade que tive foi de esbofeteá-lo. Com toda certeza ele vai se queixar de mim à mãe, mas eu não estou me importando nem um pouquinho.

MARTA - Minha filha, vim falar contigo: quero uma explicação do que fizeste hoje com o Dr. André. Ele é meu amigo, está na minha casa, a convite meu, tú não tinhas o direito de proceder assim. Vamos, fala.

MARTA CAMINHA PARA CORINA QUE ESTÁ SENTADA  
NA CAMA E NÃO RESPONDE LOGO. ELA INSISTE.

P.A. das duas.

MARTA - Quero saber o motivo por que des-  
tas uma pessoa distinta que vem à nossa ca-  
sa pela primeira vez? (Pausa) Vamos, expli-  
ca-te.

CORINA - (voz trêmula) A senhora não precisa  
explicação alguma. A senhora sabe porque agi  
daquele modo.

AUDIO - ENTRA COM MÚSICA SOMBRIA

MARTA - Estás louca? Que queres dizer?

CORINA APANHA A CARTA DE BAIXO DO TRAVESSEIRO  
E APRESENTA-A A MARTA, MAS SEM ENTREGÁ-LA.

CORINA - Esta carta.

MARTA TENTA SEGURÁ-LA MAS CORINA NÃO DEIXA. ELA  
LE A CARTA NAS MÃOS DE CORINA.

CORTE

P.P. de MARTA RECOMPONDO-SE

MARTA - Ora vamos! Uma carta anônima. Nem  
me daria ao trabalho de ler. Nenhuma pessoa  
de senso será capaz de levá-la em considera-  
ção.

CORTE

P.P. de CORINA, acusadora

CORINA - A carta é assinada por André. É  
ele, mãe. Eu senti logo.

CORTE

P.P. de MARTA, defendendo-se

MARTA - Bem... Sabes o que mais? Não é nada  
disto ~~meu~~... (tom) Eu não tenho que te dar  
satisfações da minha vida e espero que seja  
esta a última vez que interferes nos meus  
atos.

CORTE

P.A. de CORINA, chorosa

CORINA - Meu pai é um homem tão bom... Por  
que a senhora não o respeita como ele mere-  
ce?

CORTE

P.A. das duas

MARTA - Que adianta ser bom, se é um imbe-  
cil?

AUDIO - ACORDE DE SUS TO.

CORINA - Não! Não diga assim! Não é verda-  
de! Eu não admito que a senhora fale desse.

MARTA - (Corta) O que é que você não admite?

Seu pai é um imbecil, sim e você uma idiota!

AUDIO - ACORDE VIOLENTO.

MARTA - É por isso que se entendem tão bem.

MARTA VEM BEM EM CIMA DE CORINA

MARTA - Você é igual a ele. São dois imbecis.

AUDIO - REPETE O ACORDE.

MARTA SE VOLTA BRUSCAMENTE E SAI DO QUARTO.

CORINA - (Para a porta) É mentira! É mentira!

Meu pai não é um imbecil! Meu pai não é um

imbecil! Meu pai é um grande homem!

CORINA SE ATIRE SOBRE A CAMA CHORANDO.

ESCURECIMENTO.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

PUBLICIDADE COMERCIAL

ABERTURA P.P. de ANDRÉ, DESCONFIADO.

AFASTAMENTO até enquadrar MARTA, sen

AUDIO - SEPARAÇÃO MUSICAL

tada perto dele.

ILUMINAÇÃO - EFEITO DE NOITE

-SALA BEM MOBILIADA -

P.A. dos DOIS

ANDRÉ - Você insiste em que eu venha à sua casa e eu venho para lhe ser agradável, mas ainda não esqueci o que sua filha me fez na visita passada.

MARTA - Ora vamos! Já lhe disse que não se preocupe porque isso não tornará a acontecer.

Eu dei àquela tola a lição que ela merecia.

ANDRÉ - De toda maneira... parece-me que o mais prudente... seria não voltar.

CORTE

P.P. de MARTA, agressiva

APROXIMAÇÃO até G.P. de MARTA

MARTA - Por que não? A casa é minha e eu convido a quem bem entender. Era só o que faltava que eu deixasse de receber as pessoas que me são agradáveis porque minha filha oiga com elas.

CORTE

P.A. de CORINA E GILBERTO, no quarto da primeira.

- QUARTO DE SOLTEIRA -

CORINA - O senhor está nervoso, papai. E está querendo me dizer alguma coisa. Desabafe.

GILBERTO - Sim, minha filha. É o melhor de tudo. Afinal... você já é moça... e poderá compreender a situação.

CORINA - (receosa) De que se trata, papai?

CORTE

P.P. de GILBERTO

GILBERTO - Você sabe, Corina. Foi você quem apreendeu a primeira carta. Mas depois vieram outras.

CORTE

P.A. dos DOIS

CORINA - Não, não, papai... (mentindo) Aque-la era mesmo uma carta de propaganda.

CORINA SE DESVIA AO OLHAR DO PAI.

GILBERTO - Vamos, minha filha, é inútil negar. Nós sabemos de tudo. Sabemos até quem é ele.

CORINA SE ATIRA NOS BRAÇOS DO PAI, CHORANDO

CORINA - Papai, vamos embora os dois! Arrumei depressa as nossas coisas e iremos para bem longe de tudo isto! (chora) Vamos embora pelo amor de Deus, papai! Vamos embora!

OUVE-SE UMA GARGALHADA CRISTALINA DE MARTA AO

LONGE. GILBERTO SE DESPRENDE DA FILHA.

CORINA - Não vá lá, papai. Não vá!

GILBERTO - Não, minha filha, eu preciso dizer alguma coisa a eles. Espere-me aqui.

GILBERTO SAI DO QUARTO.

APROXIMAÇÃO até G.P. de CORINA, alfi

ta.

CORINA - Oh meu Deus, meu Deus! Não permite que papai faça qualquer violência.

CORTE

P.A. de MARTA e ANDRE, na sala, tomando aperitivo e conversando.

MARTA - Como você se diverte, André! Garanto-lhe que nunca encontrei uma pessoa com melhor disposição que você. (ri com vontade)

CORTE

P.A. de GILBERTO, na porta.

MARTA CORTA O RISO NA METADE.

CORTE

P.A. de MARTA rindo e parando.

ÁUDIO - ACORDE VIOLENTO, NO SILENCIO.

HÁ UMA PAUSA PESADA. GILBERTO CAMINHA PARA OS DOIS.

PAN. HOR. acompanha GILBERTO.

GILBERTO - (contida) Canalhas! Dois grandes canalhas!

AUDIO - ACORDE VIOLENTO. SEGUE MUSICA SOTURNA.

MARTA - Gilberto! Que significa isso?

GILBERTO - Significa que a farsa acabou, mi serável!

MARTA - Você... você enlouqueceu, homem?

ANDRÊ QUE VAI SAINDA SORRATEIRAMENTE, NESTE MOMENTO ABRE A PORTA E SAI, FUGINDO. GILBERTO OLHA E SORRI IRÔNICO.

GILBERTO - Veja o que acaba de fazer o seu Don Juan. Não importa. É um pobre diabo e nada tenho a ver com ele. É com você que devo ajustar contas, Marta.

CORTE

P.P. de MARTA, tentando reagir.

MARTA - Não seja idiota. Jamais conseguirá atemorizar-me com as suas bravatas.

CORTE

P.P. de GILBERTO, contido

GILBERTO - Você chama de bravatas a reação natural de um marido ultrajado? ~~Si~~ Que pensa você de mim, afinal? Diga.

CORTE

P.P. de MARTA, arrogante

MARTA - Você não passa de um pobre diabo. Um cordeiro que pretende vestir, de repente, a pele de um leão. Que é que você pretende fazer? Diga.

CORTE

P.A. de GILBERTO, avançando para MARTA

GILBERTO - Limpar o meu nome, Marta. Apenas isto!

MARTA - Limpar o seu nome? De que modo? (Marta dá uma gargalhada)

GILBERTO - Já vai ver. Vou lhe mostrar que tenho vergonha e que não sou o cordeiro que você pensa.

GILBERTO LEVANTA AS DUAS MÃOS NA ALTURA DA GARGANTA DE MARTA MAS ELA TIRA DO BOLSO UMA

PISTOLA E ENCOSTA EM GILBERTO.

MARTA - Aviso-lhe que estou armada e que se você continuar nessa atitude ameaçadora, não terei a menor dúvida em matá-lo. Vamos, afaste-se de mim.

GILBERTO VAI SEGURAR O PESCOÇO DE MARTA E ELA DISPARA O TIRO DE PISTOLA.

CONTRA REGRA - TIRO DE PISTOLA

AUDIO - ACORDE TRAGICO EM FUNDO.

CORTE

P.A. de GILBERTO, ferido, fazendo contrações de dor e cambaleando para cair.

CORTE

P.P. de MARTA, com expressão dura, mas ao mesmo tempo nervosa e assustada.

AFASTAMENTO até P.M. da CENA

GILBERTO ESTÁ CAMBALEANDO E POR FIM CAI REDONDAMENTE AO CHÃO. ESTERTORA E MORRE. MARTA VAI A ELE, OLHA-O DE PERTO, TIRA UM LENÇO DO BOLSO, APAGA OS SINAIS DIGITAIS DA ARMA E PORÇA A MÃO DO MORTO A PEGAR O REVOLVER PARA LOGO DEIXA-LO NO CHÃO, PERTO DELE.

CORINA - (NA PORTA) (P.Q.) Você o matou.

AUDIO - ACORDE TRAGICO EM FUNDO.

CHICOTE PARA A PORTA, enquadrando CORINA

CORINA AVANÇA LENTAMENTE PARA MARTA QUE ESTA PARADA, ESPERANDO O RESULTADO.

PAN. HOR. vai com CORINA até MARTA.

CORINA - Você o matou! Eu vi! Eu vi, entende? Estava ali... perto da porta...

MARTA POE AS DUAS MÃOS NO OMBROS DA FILHA E COMEÇA A PALAR-LHE, BUSCANDO CONVENCE-LA.

MARTA - Escute, minha filha: você não viu nada, compreende? Temos que dizer à polícia que ele se suicidou. Isto é que temos que dizer. Seu pai se matou, Corina. Seu pai se matou. Você não pode denunciar-me, não pode. Afinal... eu sou sua mãe.

CORINA - (abstrata) Você o matou.

MARTA - Não. Não fui eu. Você não pode dizer isso à polícia, minha filha. Compreenda. Se você disser uma coisa dessas a sua mãe será presa. Seu pai se matou... seu pai se matou. Você compreendeu agora, minha filha? Você compreendeu? Seu pai se matou. É isso que você vai dizer à polícia. Ele se matou... ele se matou...

CORTE

P.P. de CORINA, apatetada.

CORINA - Ele... se matou... ele... se matou

CORTE

P.A. da DUAS.

MARTA TORCENDO PERTO DELA E JA COM EXPRES  
SAO SATISFEITA, SACUDINDO A CABEÇA AFIRMATI  
VAMENTE.

MARTA - Isso, isso, agora sim. Agora sim.  
É isso o que você tem que responder à polícia

APROXIMAÇÃO até G.P. de MARTA, sorrin  
do vitoriosa.

AUDIO - CORTINA MUSICAL TRAGICA.

FUSAO com G.P. de INSPECTOR, na outra  
extremidade da mesma sala.

INSPECTOR - Já anotei todas as suas declara  
ções, mas mesmo assim cumprio ~~meu~~ o dever de  
lhe perguntar se quer declarar mais alguma  
coisa.

AFASTAMENTO até enquadrar MARTA E  
CORINA. MARTA, levando fingidamente  
o lenço aos olhos de vez em quando  
e Corina, apática, abstrata, quieta.

MARTA - Acrescente, apenas, que dentro do  
meu desespero de perdê-lo, eu procuro uma ex  
plicação para o seu tresloucado gesto e não  
consigo encontrá-la.

INSPECTOR ESCREVE ALGUMA COISA NUM CADERNINHO.

INSPECTOR - Muito bem. Agora eu preciso ano  
tar as declarações de sua filha.

CORTE

P.P. de CORINA abstrata.

MARTA - Coitadinha! Não será possível poupá  
la? Ela está tão nervosa...

AFASTAMENTO até enquadrar MARTA

INSPECTOR - Não, minha senhora, infelizmente  
sou obrigado a interrogá-la.

CORTE

P.P. de INSPETOR

MARTA - Mas ela vai lhe dizer precisamente a mesma coisa... se conseguir falar.

INSPECTOR - De qualquer modo... não posso deixar de proceder assim.

AFASTAMENTO até enquadrar os TRES

INPEPOR - A senhorita confirma as declarações de sua mãe... ou tem algo mais a dizer?

CORTE

P.P. de CORINA

CORINA COMEÇA A REAGIR, VAI DEIXANDO A EXPRESSÃO APÁTICA E SUA FISIONOMIA VAI ADQUIRINDO OS SINAIS DE UM ÓDIO PROFUNDO. ENCARA O INSPETOR, ENCARA A MÃE, TORNA A ENCARAR O INSPETOR E FALA.

CORINA - Eu vou dizer o que vi.

CORTE

AUDIO - ACORDE DE SUSTO BRUTAL.

P.A. dos TRES.

MARTA DEMONSTRA SUSTO GRANDE O INSPETOR INTERESSE.

INSPECTOR - Diga. É justamente o que desejamos

CORINA - Tudo que ela disse... é mentira!

AUDIO - ACORDE VIOLENTO.

CORTE

CORINA - Ela matou meu pai!...

P.P. de MARTA, desvairada, cheia de susto, quase chorando ao falar.

MARTA - Não, não... é mentira, é mentira! Eu não matei meu marido, eu não matei! Ela diz isso de ruim que é... porque tem ódio de mim. Não fui eu, senhor Inspetor, não fui eu! Eu não matei meu marido, eu não matei!...

APROXIMAÇÃO até G.P. de MARTA.

DESFOQUE

AUDIO - MÚSICA RETROSPECTIVA.

FOCALIZA em P.P. de CORINA, sentada na mesma ~~em~~ poltrona inicial, sofrendo.

(Com o mesmo casaco do início)

CORINA - (ABATIDA) Faz um ano que tudo aconteceu e minha mãe foi condenada, em vista das minhas declarações. Talvez muitos me reprovem, mas eu penso que não poderia fazer outra coisa. Que me julguem os que me

CORINA - (CONT.) ouvem e acabam de conhecer a minha triste história. E se alguém, na minha situação, achar que teria forças para proceder de outro modo... que me atire a primeira pedra!...

APROXIMA até G.P. de CORINA, chorando.

AUDIO - SUFIXO MUSICAL

ENCERRAMENTO.

Lopes  
20/1/61

ATIRE A PRIMEIRA PEDRA

ORIGINAL DE RAYMUNDO LOPES - 5º PROGRAMA

ADAPTAÇÃO e REALIZAÇÃO de ERICO CFAMER.

.....

DISTRIBUIÇÃO:

FERNANDO - (30 anos) ..... WILSON FRAGOSO  
JORGE - (30 anos) ..... ~~WILSON FRAGOSO~~ GUDY EMONDS  
CELIA - (24 anos) ..... ROSA MARIA  
GARÇON - (figurante)..... DORIVAL CABRERA

.....

CENARIOS:

- 1º) - TAPADEIRA LISA (PARA O CORAÇÃO DE JESUS)
  - 2º) - PORTA DE RUA (COM PLACA DIZENDO: "DR. JORGE SANTIAGO" - PSICANALISTA
  - 3º) - CONSULTÓRIO LUXUOSO
  - 4º) - 2 METROS DE FUNDO NEUTRO
  - 5º) - SET DE BAR TÍPICO COM BALCÃO, MESINHA, BIOMBO E DUAS CADEIRAS.
  - 6º) - SALA MODERNA E LUXUOSA, COM JANELA AO FUNDO, DANDO PARA UM JARDIM, ENTRADA DA RUA À ESQUERDA, ESCADA PARA CIMA À DIREITA.
- .....

DATA DA APRESENTAÇÃO..... 9.8.1961

.....

TV PIRATINI - CANAL 5

.....

ATIRE A PRIMEIRA PEDRA  
ORIGINAL DE RAYMUNDO LOPES  
ADAPTAÇÃO E REALIZAÇÃO DE  
ERICO CRAMER.

.....

SLIDES: (Os de costume)

ABERTURA em DET de CORAÇÃO DE JESUS

- TAPADEIRA LISA -

FUSÃO com DET. de PLACA em PORTA

(Na placa há os seguintes dizeres):

DR. JORGE SANTIAGO - Psicanalista

FUSÃO com P.P. de DR. JORGE, de avental de médico, sentado no seu bureau.

APASTAMENTO até enquadrar FERNANDO, sentado numa poltrona próxima.

- CONSULTÓRIO LUXUOSO -

AUDIO: PREFIXO MUSICAL

VOZ MASCULINA - É aquele que se julgar sem pecado que lhe atire a primeira pedra.

JORGE - Estou às suas ordens.

FERNANDO - Antes de mais nada, eu quero lhe pedir desculpas por haver insistido em que o senhor me atendesse, quando já havia passado a hora da sua consulta, mas eu me sinto doente, doutor, muito doente e só o senhor pode me salvar.

JORGE - Pois então diga tudo que sente e pode falar sem cuidado porque estamos ~~mas~~ completamente sós. Até a enfermeira já foi para casa.

FERNANDO - Doutor... eu sinto... que "preciso matar alguém"!

AUDIO - ACORDE TRAGICO

JORGE - Muito bem, mas continue. Eu já lhe disse que é preciso que me conte tudo.

CORTE

P.P. de FERNANDO, lento e trágico

CORTE

P.P. de JORGE, com expressão de cuidado, esforçando-se por parecer calmo.

CORTE

P.P. de FERNANDO

CORTE

P.P. de JORGE, grave

CORTE

P.P. de FERNANDO, nervoso

CORTE

P.A. dos DOIS. FERNANDO encara JORGE

I levanta

JORGE ACENA COM A CABEÇA, AFIRMATIVAMENTE.

FERNANDO LEVANTA E OLHA PARA A CÂMERA. SONHA.

CORTE

P.P. de FERNANDO, sonhando.

FERNANDO - É uma obsessão, uma terrível obsessão que me persegue há muito tempo, doutor Jorge! Que não me dá um instante de sossego! Que me impela ao crime... que me diz que eu devo matar alguém, se quiser ter paz...

JORGE - E desde quando sente essa... essa necessidade?

FERNANDO - De ~~de~~ <sup>de</sup> que que... (Corta) Bem, mas é melhor que lhe conte tudo desde o princípio. O senhor é um bom psicanalista e saberá me compreender e me salvar.

FERNANDO - Aliás eu tenho certeza de que o senhor me salvará.

~~JORGE~~ - Fale, então. Confesso que seu caso está me interessando. Pode começar.

FERNANDO - (Sombrio) Senti o primeiro impulso há muitos anos, no tempo em que era, ainda um estudante. ~~Na~~ <sup>I</sup> Naquela ocasião eu já conhecia Célia. (Sorri com ternura) Hoje ela é minha esposa, doutor. (nervoso) Eu sou ciumento. Sempre fui muito ciumento e nervoso, sabe doutor?

FERNANDO - (suave) Célia era linda... e eu a amava! (meio brusco) Mas não era minha namorada. Era namorada de... de... (TOM) Inventarei um nome, doutor. Ricardo, está bem? Célia era namorada de Ricardo (ódio) e ele era sempre o primeiro em tudo. Nos estudos, com as pequenas, com os colegas... (ódio) a gente acaba odiando um sujeito assim, não é verdade?

JORGE - (grave, interessado) Continue.

CORTE

P.A. dos DOIS

DESFOQUE.

FOCALIZA em:

P.P. de CELIA, falando, animada.

- FUNDO NEUTRO -

FERNANDO - Um dia ia haver uma grande festa...

AUDIO - MÚSICA ACOMPANHA O DESFOQUE.

CELIA - Você soube do sucesso que causou o o discurso de Ricardo na convenção de ontem, Fernando? Ele entusiasmou a todos com a sua palavra vibrante! Os jornais já afirmam que ele será uma celebridade.

CELIA FAZ ATITUDE DE QUEM ESTÁ ESCUTANDO, POR ALGUNS INSTANTES

CELIA - Sei da festa de amanhã, como não? Pois ela é em homenagem ao Ricardo.

CELIA REPETE A ATITUDE DE ESCUTA E FAZ CARA DE SOLADA.

CELIA - Ah, Fernando, desculpe, mas eu não posso ir com você porque já assumi compromisso com Ricardo. Não leve a mal, por favor, sim?

AUDIO - MÚSICA ACOMPANHA O DESFOQUE.

DESFOQUE

FOCALIZA em:

P.P. de FERNANDO, no

- CONSULTÓRIO LUXUOSO -

FERNANDO - E assim era sempre, doutor! Sempre! Diga se não é para deixar um camarada maluco? Principalmente porque eu amava Célia.

CORTE

P.P. de JORGE

JORGE - (grave) Começo a perceber. E foi daí que lhe nasceu a vontade de eliminar Ricardo?

AFASTAMENTO até P.A. de JORGE e FERNANDO

FERNANDO - (pesado) E o mais curioso é que Ricardo não me conhecia. Éramos centenas de alunos e eu era um dos mais obscuros. Nunca tinha me aproximado dele, embora ele andasse sempre com a moça que eu amava. E foi assim que terminamos o nosso curso - eu também sou médico como ele - e logo depois perdi Ricardo de vista. Mas não dei

FERNANDO - (CONT.) di Célia.

DESFOQUE.

AUDIO - MÚSICA ACOMPANHA O DESFOQUE

FOCALIZA em: P.P. de GARÇON, limpando

duas taças com um guardanapo.

- SET DE BAR TÍPICO E AGRADÁVEL -

AFASTAMENTO até P.A. do GARÇON

O GARÇON BOTA AS TAÇAS NA BANDEIJA, ABRE  
UMA GARRAFA DE GUARANA, DOBRA UM GUARDANA  
PO AO COMPRIDO, COLOCA-O NO BRAÇO E CAMI  
NHA PARA A MESA ONDE ESTARÃO SENTADOS CELIA  
E FERNANDO. (com outro casaco e gravata)

PAN.HOR. vai com o GARÇON até à mesa.

O GARÇON BOTA UMA TAÇA NA FRENTE DE CADA  
UM DELES E SERVE OS DOIS, RETIRANDO-SE.  
ELES BEBEM E CONVERSAM.

CELIA - Que é que você pensa fazer agora  
que está formado, Fernando?

FERNANDO - Continuar interno do Hospital  
por mais um ou dois anos, Célia.

CELIA - Como, Fernando?!... Mas então você  
não vai abrir seu próprio consultório?

FERNANDO - Um médico pobre e recém formado,  
não pode se dar a esse luxo.

CELIA - Como não?! Você tem o exemplo de Ri  
cardo que se formou junto com você, está  
trabalhando sózinho e já não tem mãos a me  
dir para atender a sua clientela.

CORTE

P.P. de FERNANDO, indignado, mas con  
tendo-se e falando com todo azeiune.

FERNANDO - Bem, mas o Ricardo já era "famo  
so" desde os tempo de estudante". Não é de  
admirar, portanto, que continue na frente  
dos outros.

CORTE

P.P. de CELIA, sem se aperceber

CELIA - Todos dizem que ele será um grande  
médico e eu creio mesmo que o seja. É um  
rapaz digno de admiração.

CORTE

P.P. de FERNANDO, explodindo

FERNANDO - Pois se você o admira tanto, por  
que não se casa com ele?!

ATIRÉ... Pag. 5

CORTE

P.P. de CÉLIA, espantada e magoada

AFASTAMENTO até enquadrar os DOIS.

HÁ UMA PAUSA, ELA QUASI CHORA. ELE DEIXA  
XA CURVAR A CABEÇA, ARREPENDIDO.

CORTE

P.P. de CÉLIA, magoada

CORTE

P.P. de FERNANDO, expressão feliz

CORTE

P.P. de CÉLIA

DESFOQUE

FOCALIZA em: P.P. de JORGE, sentado  
no mesmo lugar, tomando anotações.

- CONSULTÓRIO LUXUOSO -

AUDIO - ACORDE DE SUSTO TREMENDO.

CELIA - Fernando!...

FERNANDO - Desculpe, Célia... eu... eu não  
devia ter falado assim, mas... não posso  
mais ouvir falar em Ricardo, entende? Ele...  
sempre ele... Ricardo... Ricardo... só Ri-  
cardo... Por favor não me fale mais nesse  
nome.

CELIA - Eu devia mesmo me casar com ele...

FERNANDO - Por favor, Célia, eu perdi a ca-  
beça! Veja se me perdoa.

CELIA - Davia, sim, em vez de estar aqui  
feito boba... a esperar que você se declare

AUDIO - ACORDE QUE TRADUZA SURPREZA ALEGRE

FERNANDO - Celia... Celia... Isso... isso  
é mesmo verdade? Você... você espera?...

CELIA - Você... você já devia ter percebido  
isso há muito tempo, seu bobão. Que me impor-  
to eu que Ricardo já tenha consultório e  
você não, si é a você que eu amo?!

AUDIO - MUSICA ACOMPANHA O DESFOQUE

JORGE - Espere um momento. Deixe-me tomar  
mais algumas anotações, porque elas são ab-  
solutamente necessárias. Tudo que vou per-  
cebendo, através do que o senhor me conta,  
vou anotando aqui para no fim poder chegar  
a uma conclusão exata.

JORGE TOMA ALGUMAS ANOTAÇÕES PARA FAZER TEMPO.

QUANDO PERCEBE QUE FERNANDO ESTÁ NO LUGAR, SEGUE.

JORGE - Pode continuar.

AFASTAMENTO até enquadrar FERNANDO

FERNANDO - (Grave) Eu e Célia nos casamos, tres meses depois daquele encontro no Bar. E essa foi a maior tolice que eu cometi.

JORGE - Tolice por que? O senhor não amava a moça?

FERNANDO - Amava... amo... e amarei sempre, doutor Jorge.

JORGE - Pois então?

FERNANDO - Eu a amava, sim... mas ela não me pagava na mesma moeda.

AUDIO - ACORDE PESADO.

JORGE - O senhor tem absoluta certeza do que afirma?

FERNANDO - Sim. E tudo começou dois meses depois de nosso casamento. Apenas dois meses, note bem.

JORGE - Ricardo?

FERNANDO - Sim. Sempre Ricardo.

AUDIO - MUSICA ACOMPANHA O DESFOQUE

CORTE

P.P. de JORGE, tenso.

CORTE

P.P. de FERNANDO.

CORTE

P.P. de JORGE, nervoso

CORTE

P.P. de FERNANDO

DESFOQUE

FOCALIZA em: DET da SALA DE CELIA.

- SALA MODERNA E LUXUOSA -

PAN. HOR. por toda a sala e finalmente DET da porta de entrada.

FERNANDO MUDA DEPRESSA O CASACO E A GRAVATA E ENTRA NA RUMPA DA SALA QUE DÁ PARA A RUA.

P.A. de FERNANDO ENTRANDO.

PAN. HOR. *acompanha Fernando.*

FERNANDO COMEÇA A ANDAR PELA SALA E CHAMANDO CELIA.

FERNANDO - Célia! (Pausa) Célia.

ESPERA UM MOMENTO. VAI À PORTA DO FUNDO E CHAMA.

FERNANDO - Célia! Célia!

FERNANDO FECHA A PORTA E VOLTA. BENTA UM MOMENTO, TIRA UM CIGARRO. ACENDE. TIRA UMA FUMAÇA.

FERNANDO - Célia! Onde está você, Célia?!

FERNANDO ENTRA PARA O INTERIOR, CHAMANDO. A CENA PICA VASIA UM MOMENTO.

PAN. HOR. até DEL. da BORTA DA RUA.

P.A. de CÉLIA entrando, toda preparada.

CELIA ENTRA E VEM PARA O CENTRO DA CENA. LARGA A BOISA E O CHAPEÓ E QUANDO VAI FAZER QUALQUER OUTRA COISA, ENTRA FERNANDO DA PORTA DO MUNDO. ELA PARA REPENTINAMENTE, LIGEIRAMENTE ASSUSTADA.

CORTE

P.A. de FERNANDO na porta de dentro.

CELIA CAMINHA PARA ELE E ENTRA EM QUADRO.

CELIA - Ué, querido! Você chegou mais cedo hoje?

OS DOIS SE BEIJAM.

FERNANDO - É que havia pouco trabalho hoje no hospital e como eu estava com dor de ou beça, resolvi voltar logo para casa.

CELIA - Vou buscar um comprimido para você, então.

FERNANDO - Não, obrigado. Eu já tomei dois, não quero abusar. E você? Onde esteve até agora?

CELIA - Na fundação de Caridade. E tive uma surpresa muito agradável, sabe?

FERNANDO - Que surpresa?

CELIA - Encontrei uma pessoa que não via desde muito antes do nosso casamento: o Ricardo.

CORTE

P.P. de FERNANDO que mostra no semblante um súbito desgosto, o mais profundo.

CORTE

P.P. de Célia.

CORTE

P.P. de FERNANDO, seco, mas procurando se conter.

AUDIO - ACORDE DE CHOQUE TREMENDO.

CELIA - Por sinal que ele me disse que desejava muito conhecer você. (Pausa) Fernando... que é que você tem? Não vai me dizer que está com ciúmes de Ricardo?...

FERNANDO - Não, não... que tolice. Não há mal nenhum em que você tenha encontrado um

CORTE

P.A. dos DOIS. Ela percebe o azedume

CORTE

P.P. de Célia

(LIVRAR FERNANDO E MANDA-LO PARA  
O CONSULTÓRIO. ELE TROCA CASACO  
E GHAVATA).

APROXIMAÇÃO até G.P. de CÉLIA

DESFOQUE.

FOCALIZA em: G.P. de JORGE

- CONSULTÓRIO LUXUOSO -

JORGE TOMA ALGUMA ANOTAÇÕES.

APASTAMENTO até enquadrar FERNANDO.

FERNANDO - (CONT.) antigo colega e conversa  
do com ele. Ele agora está ainda mais famoso,  
não é verdade?

CÉLIA - Você está dizendo isso de uma maneir  
ra tão exqu岸ita, Fernando...

FERNANDO - (sorrindo forçado) Impressão sua,  
querida.

CÉLIA - Bem, antes assim. Eu não gostaria que  
você sentisse ciume ou inveja de Ricardo, sa  
be? Acho isso uma confissão de inferioridade.  
Bem, mas agora deixe-me contar a você como  
foi a nossa reunião da fundação de Caridade.  
Foi um verdadeiro colosso! Nunca teve uma  
afluência tão grande como a de hoje. E você  
ainda não sabe da maior.

CÉLIA - No meio de tantas senhoras importan  
tes, eu fui escolhida para presidente na nova  
diretoria. Fiquei tão faceira, Fernando! Tão  
faceira que você nem imagine!...

ÁUDIO - MUSICA ACOMPANHA O DESFOQUE

JORGE - Continue.

FERNANDO - Célia nunca mais me disse ter vol  
tado a encontrar Ricardo e tudo teria corri  
do perfeitamente bem se não fôsse a DÚVIDA.

JORGE - Que Dúvida?

FERNANDO - É que Célia me pareceu muito en  
tusiastada, quando me falou do seu encontro  
com Ricardo. E o seu entusiasmo não me pare  
ceu o de uma pessoa que apenas tem admiração  
ou simpatia por outra, entende? E eu, então,  
como a dúvida me atormentasse dia e noite,  
certo dia resolvi tirar a prova final. Disse  
a Célia que ia ficar de plantão no hospital,  
saí de casa e me escondi numa esquina próxi  
ma, esperando. Momentos depois, ela saiu de  
casa, muito bem vestida, pegou um táxi e se  
foi. Tratei logo de tomar outro e segui-la.

FERNANDO -(CONT.) Mas ao voltar a primeira esquina, um sinal fechado fez com que eu perdesse a pista e eu não pude fazer outra coisa senão ruminar o meu ódio. É foi então que senti a necessidade de matar, entende? De matar alguém, percebe?

FERNANDO LEVANTA E SE APROXIMA DE JORGE A QUEM ENCARA COM EXPRESSÃO TERRÍVEL DE ÓDIO E REVOLTA.

FERNANDO - Eu já tinha um revólver, doutor.

FERNANDO TIRA DO BOLSO E MOSTRA A JORGE O REVÓLVER

FERNANDO - Este revólver.

CORTE

DET da mão de JORGE, procurando segurar o telefone. Quando apanha o fone

FERNANDO - Que vai fazer?

FERNANDO SEGURA A MÃO DE JORGE, PARA IMPEDIR A LIGAÇÃO

AFASTAMENTO até enquadrar o rosto dos DOIS.

JORGE - Bem... eu... eu ia avisar para casa que vou jantar um pouco mais tarde...

FERNANDO - Não é necessário. A minha história está chegando ao fim.

JORGE - Está bem. Continue, então.

FERNANDO - Voltei para casa, entrei e dei-xei-me cair sobre uma poltrona.

ÁUDIO - MÚSICA ACOMPANHA O DESFOQUE.

DESFOQUE

FOCALIZA em: DET de RELÓGIO, marcando 9 horas.

- SALA LUXUOSA E MODERNA -

ILUMINAÇÃO - EFEITO DE NOITE, MAS DE NOITE MESMO.

ÁUDIO - RELÓGIO DE TORRE BATENDO NOVE HORAS AFASTADO.

FERNANDO MUDA O CASACO E A GRAVATA E VEM SE COLGAR, LIGEIRO, NUMA POLTRONA, ONDE FICA ENCOSTADO, FUMANDO. AO FIM DA NONA BADALADA...

PAN. HOR. para a poltrona onde estiver FERNANDO.

FERNANDO LEVANTA, VAI À JANELA, ESPIA PARA FORA E VOLTA A SENTAR-SE ONDE ESTAVA ANTES. FUMA.

ÁUDIO - MÚSICA DE PASSAGEM DE TEMPO.

FUSÃO COM DET. do mesmo relógio anterior, agora marcando meia noite.

PAN. HOR. para a poltrona onde está FERNANDO.

CORTE

DET de CINZEIRO GRANDE, cheio de pontas de cigarro.

ILUMINAÇÃO - CONTINUA A NOITE

ÁUDIO - BATEM DOZE BADALADAS AO LONGE, O MESMO RELÓGIO QUE BATEU AS NOVE.

AFASTAMENTO até P.A. de FERNANDO, acendendo mais um cigarro.

ATIRE. Pag. 10

FUSÃO com DET. do mesmo relógio, marcando  
do cinco horas.

ÁUDIO - MUSICA DE PASSAGEM DE TEMPO.  
CINCO BADALADAS DO MESMO RELÓGIO ANTERIOR.

PAN. HOR. para a poltrona onde está FERNANDO.

FERNANDO ESTÁ DE OLHOS CERRADOS, COMO QUEM  
COCHILA, VENCIDO PELO CANSAÇO. DE REPENTE,  
ABRE OS OLHOS, BRUSCAMENTE, COMO SE TIVESSE  
SE PERCEBIDO ALGUM RUÍDO. ARREGALA OS OLHOS.

ÁUDIO - ACORDE TENSO.

CHICOTE para DET da PORTA que dá para  
a rua se abrindo ainda, mas já se vê  
do Célia chegando.

CELIA FECHA A PORTA, VAI À LUZ E ACENDE-A.

ILUMINAÇÃO - ACENDER BRUSCAMENTE A LUZ E  
FAZER A CENA CLARA.

CELIA VEM TIRANDO O ABRIGO QUANDO PARA, BRUS-  
CAMENTE, POR DAR COM O MARIDO SENTADO ESPERANDO.

CORTE  
P.A. de CÉLIA

CÉLIA - Ué!... Você... você já veio? Pen-  
sei que você só chegaria às oito que é a  
hora de ~~meu~~ acabar o seu plantão...

CÉLIA VAI ATÉ À POLTRONA E BEIJA-O. ELE NÃO  
CORRESPONDE.

PAN. HOR. acompanha Celia até enquadrar  
os DOIS.

FERNANDO - Voltou a minha dor de cabeça  
e eu então deixei um colega no meu lugar  
e voltei mais cedo. (Pausa. Tom) Onde vo-  
cê esteve?

CÉLIA - Bem, eu... eu fui à casa de uma  
amiga e... como você estava de plantão...  
ela me convidou para ficar lá e eu fiquei.

FERNANDO SE LEVANTA E MOSTRA A POLTRONA.

FERNANDO - Eu estou sentado nesta poltro-  
na à sua espera, desde as nove horas da  
noite de ontem, ouviu?

CÉLIA - Bem, mas eu... eu já expliquei a  
você... eu... eu não podia imaginar...

CORTE

P.P. de FERNANDO, áspero.  
AFASTAMENTO até P.M. dos DOIS.

FERNANDO - Célia, você não sabe mentir.  
Onde esteve? Vamce, diga.

FERNANDO PEGA-LHE O BRAÇO COM FORÇA MAS ELA  
SE ENFURECE, DÁ UM SAPANÃO E SE DESPRENDE.

FERNANDO - Você esteve com ele; não foi?

CORTE

P.P. de CÉLIA, afrontando-o.

CÉLIA - Foi.

ÁUDIO - ACORDE VIOLENTO.

CÉLIA - Eu o amo... e ele me ama também.

ÁUDIO + REPETE O ACORDE.

CORTE

P.P. de FERNANDO, rígido.

P.Á. dos DOIS

CÉLIA - Eu não devia ter me casado com você. Foi um tremendo engano da minha parte.

FERNANDO - Sim... foi realmente um engano, apenas... você descobriu um tanto tarde de mais esse engano; não acha?

CÉLIA - Não. Acho que nunca é tarde para se corrigir o que está errado. Vou me separar de você e vou viver com Ricardo. Já acertamos toda a nossa situação.

RICARDO SEM QUE ELA TENHA TEMPO DE SE DEFENDER, SEGURA-A PELO PESCOÇO E VAI EXTRANGULÁ-LA.

ÁUDIO - ENTRA COM MÚSICA DE TENSÃO EM FUNDO.

CELIA, RAPIDAMENTE TAMBÉM, SEGURA-LHE OS DOIS PULSOS, FAZENDO FORÇA PARA SE SALVAR.

CÉLIA - Fernando... não, Fernando, não! Não faça isso, por Deus... eu... eu vou ter um filho.

ÁUDIO - ACORDE VIOLENTO.

FERNANDO PARA AUTOMÁTICAMENTE. ABRE AS MÃOS. CÉLIA CAI DESAMPARADA SOBRE UMA POLTRONA, ESFREGANDO O PESCOÇO COM AMBAS AS MÃOS E OFEGANTE! FERNANDO PERMANECE ALGUM TEMPO SEM SABER O QUE FAZER COM AS MÃOS E FINALMENTE SAI PARA A RUA, DESATINADO, BATENDO COM A PORTA. (AO SAIR JÁ TROCA O CASACO E A GRAVATA E SE COLOCA NO ~~ESCRITÓRIO~~ CONSULTÓRIO).

CORTE

P.P. de CÉLIA, na poltrona, esfregando ainda o pescoço. Ao notar que ele saiu ela se levanta e caminha para o telefone.

PAN. HOR. acompanha CÉLIA.

CELIA PEGA O TELEFONE E COMEÇA A DISCAR ALGUNS NÚMEROS.

APROXIMAÇÃO até G.P. de CÉLIA.

DESFOQUE

FOCALIZA em B.P. de JORGE, suando por todos os poros, e mordendo os lábios, nervoso.

ÁUDIO - MÚSICA ACOMPANHA O DESFOQUE.

AFASTAMENTO até enquadrar FERNANDO.

- CONSULTÓRIO LUXUOSO -

FERNANDO - O que é isto, doutor Jorge? O senhor está com o rosto alagado de suor...

JORGE - (procurando despiatar) Bem... é que... a sua narrativa... está muito impressionante.

FERNANDO - Bem, mas deixe-me continuar. ACO

FERNANDO - (CONT.) rs já falta pouco. Dentro de cinco minutos, se tanto, tudo estará terminado. (TOM) Mas como eu estava lhe contando... Eu ia matar Célia. Bastava fechar um pouco mais as minhas mãos... e ela cairia morta aos meus pés.

CAMINHA PARA JORGE, SARCÁSTICO E SINISTRO

FERNANDO - Mas não foi o que aconteceu. O filho a salvou. Eu não podia matar um inocente, entende? Eu não podia. Mas a verdade é que preciso, urgentemente, matar alguém.

CORTE

P.P. de JORGE, apavorado, já olhando para todos os lados a procura de uma saída.

CORTE

P.P. de FERNANDO, sinistro.

JORGE - O senhor... o senhor está louco.

FERNANDO - O senhor também ficaria, se tivesse sempre um Ricardo atravessado no seu caminho, doutor Jorge. (entre dentes, vomitando todo o seu ódio) E estou certo de que ficaria contente, exultante, se pudesse se encontrar a sós com ele, num local fechado, onde ninguém pudesse interferir. Eu vim aqui buscar o remédio para a minha obsessão e o senhor vai me dar esse remédio, doutor Jorge.

CORTE

P.P. de JORGE, vislumbrando uma esperança.

JORGE - Sim, sim... como não... posso lhe fazer uma injeção agora mesmo... o senhor em seguida já vai se sentir melhor...

CORTE

P.A. dos DOIS

JORGE TIRA O REVOLVER DO BOLSO E APONTA PARA JORGE QUE IMEDIATAMENTE PERMANECE IMOBILIZADO.

FERNANDO :- Pare. Você não vai me fazer injeção nenhuma porque sabe muito bem que ela nada me adiantará. O remédio para mim... é você, Ricardo!

AUDIO - ACORDE DE SUSTO TREMENDO.

JORGE - (apavorado) Não, não, por favor... Não faça isso. Tenha piedade. Eu não tive culpa de nada. Juro-lhe como não tive.

DESDE A PRIMEIRA FRASE DE JORGE FERNANDO DÁ-LHE UM TIRO. AS OUTRAS FRASES SÃO POR PRECAUÇÃO, PARA O CASO QUE DEMORE UM POUCO O TIRO. QUANDO ESTE SE OUVIR, JORGE ESTANCA, LEVA AS DUAS MÃOS SOBRE O PEITO E CAI SOBRE A ESCRIVANINHA, DE BRUCOS, DERRAMANDO O QUE ESTIVER SOBRE ELA.

FERNANDO SE AFASTA PARA UM LADO, AINDA COM  
O REVOLVER NA MÃO E FALA PARA A CÂMERA.

PAN. HOR. acompanha Fernando.

FERNANDO - Sim, eu precisava matá-lo. Ele  
foi a sombra negra de toda a minha vida!  
Foi um ladrão que se apoderou de tudo que  
de mais caro eu possuía na vida! Eu não  
creio que alguém possa me condenar por isto.  
Vocês que me ouvem, talvez achem que eu  
não deveria ter feito o que fiz, mas lem-  
brem-se, por favor, que êle fez muito pior  
comigo. Ele matou a minh'alma. Que me adian-  
ta um corpo vivo sem alma? Digam. Esse sim.  
Esse foi um crime cruel e que merece o pior  
dos castigos. Enfim... aquele que se julgar  
com direito de condenar o meu gesto... que  
me atire a primeira pedra!...

APROXIMAÇÃO até G.P. de FERNANDO.  
*CORTE*  
*DET de CORAÇÃO DE JESÚS*  
ENCERRAMENTO.

AUDIO - SUPLEXO MUSICAL

ATIRE A PRIMEIRA PEDRA

ORIGINAL DE RAYMUNDO LOPES.

ADAPTAÇÃO E REALIZAÇÃO DE ERICO CRAMER

PERSONAGENS:

ANDRÉ..... CARLOS CAMARGO  
ZULMIRA..... MARIA DE LOURDES  
GLÓRIA..... ROSA MARIA  
BERNARDO..... NELSON GIANUCA  
FÁBIO..... ANTÔNIO LARA  
BATISTA..... CARDOSO

XXXXXXXXXXXX

CENÁRIOS:

XXXXXXXXXXXX

- 1º) - SALA DE ESTAR DE CASA CONFORTÁVEL, ANTIGA, COM UM RECANTO ONDE ESTARÁ INSTALADA PARTE DE UMA SALA DE JANTAR. NA SALA DE ESTAR DEVERÁ EXISTIR UMA ESCADA QUE FARÁ LIGAÇÃO COM O PRIMEIRO ANDAR.
- 2º) - TAPADEIRA LISA, PARA O CORAÇÃO DE JESUS E NARRATIVA INICIAL E FINAL DO PROGRAMA.
- 3º) - ESTÚDIO PEQUENO E MODESTO DE PINTOR POBRE

DATA DA APRESENTAÇÃO..... 30.8.1961

TV PIRATINI - CANAL 5

SLIDES: (Os de costume)  
ABERTURA em DET do CORAÇÃO DE JESUS

CHICOTE para P.P. de ANDRÉ, de GABAR  
dine, manta e chapéu, narrando pausa  
damente.

- TAPADEIRA LISA OU FUNDO NEUTRO -

DESFOQUE.

FOCALIZA em: P.G. do recanto de sa  
la de jantar, onde se vêm, sentados  
na mesa, tomando o cafésinho do fi-  
nal da refeição, BERNARDO, FÁBIO e  
ZULMIRA.

ÁUDIO: PRELUDO MUSICAL

VOZ: - ... e aquele que se julgar sem pe-  
do, que lhe atire a primeira pedra!

ANDRÉ - Meu nome é André. Sou um homem o-  
caso e a minha profissão é caixeiro-viaj-  
te. Os únicos parentes que tenho são un-  
tios e primos que vivem longe daqui, num  
cidade do interior. (AMARGO) Eu poderia  
ter uma vida calma... normal... e até me  
ser feliz... se não fosse a lembrança de  
aqueles acontecimentos que marcaram o meu  
passado. Necessitando de um período de  
férias, resolvi passá-las na casa dos  
meus parentes...

ÁUDIO - MÚSICA RETROSPECTIVA ACOMPANHA  
O DESFOQUE.

BERNARDO - Eu não acredito em guerra.  
Francamente que não acredito.

FÁBIO - Os jornais é que dizem, não sou  
eu, papai.

ZULMIRA - Deus nos livre de uma guerra!  
Nem é boa falar.

BERNARDO - É principalmente agora, com  
as bombas atômicas e as naves espaciais.  
Acho que em dois ou três dias, acabaria  
o mundo.

ZULMIRA - Orado em Cruz! (bense-se) De-  
us nos livre e guarde.

ANDRÉ - (F.G.) Alô, minha gente!

CHICOTE para P.A. de ANDRÉ, na PORTA  
DA RUA, de gabardine no braço e mala  
na mão, sorrindo.

ANDRÉ SOLTA A MALA E A CAPA NO PRIMEIRO RE-  
CANTO E CALINHA PARA O GRUPO DE BRAÇOS ES-  
TENDIDOS.

PAN.HOR. acompanha ANDRÉ até enquadrar  
o GRUPO que todo se levanta e vai ao  
encontro dele.

BERNARDO - Ora viva!...

ZULMIRA - André! Que surpresa agradável!

FÁBIO - O primo André, afinal, depois de  
tanto tempo!...

ANDRÉ - É verdade. Há bem uns cinco ou  
seis anos que eu não vinha por aqui.

TODOS ABRAÇAM ANDRÉ, SATISFEITOS E RISONHOS.

-BERNARDO - Em todo o caso... sempre se  
lembrou dos parentes... a falça já fica  
um pouco atenuada.

CORTE

P.P. de ANDRÉ, justificando

ANDRÉ - Sabe o que acontece, tio Bernard  
? É que essa vida que a gente leva, sem-  
pre viajando, sempre viajando, não dá ao  
tempo a que a gente viste ninguém.

CORTE

P.P. de ZULMIRA, bondosa

ZULMIRA - Eu acredito, sim, meu filho, e  
sei que se você pudesse, viria mais segui-  
do porque você sabe que a gente lhe quer  
bem.

CORTE

P.A. do GRUPO

ANDRÉ - Sei, sim, mas também podem crer  
que retribuo o bem querer de todos. É a  
prova está que estou aqui em férias, para  
passar quinze dias com vocês.

ZULMIRA ABRAÇA-O MUITO SATISFEITA.

ZULMIRA - Que bom, André! Acredite que é  
a melhor notícia que você me poderia dar

BERNARDO - Mas minha velha, você se esque-  
ceu que o seu sobrinho chegou de viagem  
deve estar com fome.

ANDRÉ - Não, não, muito obrigado. Eu jan-  
tei no carro restaurante porque não tinha  
certeza da hora que iria chegar.

FÁBIO - Mas um cafésinho você aceita, não?

ANDRÉ - Bem, mas... eu não quero, já de chegada, começar a dar incômodo.

ZULMIRA - Óra, meu filho, que é isso? Incômodo nenhum. É um prazer.

ZULMIRA SAI PARA O INTERIOR DA CASA, AFIM DE BUSCAR O CAFÉZINHO PARA ANDRÉ.

ANDRÉ - Mas eu estou sentindo falta da Glorinha. Onde é que ela anda?

CORTE

P.P. de BERNARDO, fechando o semblante

BERNARDO - Glorinha, agora, se apaixonou pela pintura e não se conta mais com ele em casa, nem nas horas de refeição.

CORTE

P.P. de FÁBIO, também desagradoado

FÁBIO - É uma paulificação. Não pensa e mais nada que não seja a pintura e não fala em mais nada que não seja o professor. Eu já estou até aqui com essa coisa.

CORTE

P.P. de ANDRÉ

ANDRÉ - Mas por que? Eu acho a pintura umas das mais belas manifestações da arte.

CORTE

FÁBIO em P.A.

FÁBIO - É, mas tudo que é demais, enche.

AFASTAMENTO até P.A. do GRUPO

BERNARDO - Bem, mas vamos mudar de assunto. Vamos deixar Glorinha de parte.

FÁBIO SAI DE QUADRO E VAI PEGAR A MALA E A CAPA DE ANDRÉ.

FÁBIO - É melhor, sim. Primo, eu vou levar a sua mala e a sua capa lá para o quarto.

FÁBIO SAI E ENTRA ZULMIRA COM UMA BANDEIJA PEQUENA ONDE HÁ UMA CHICARA DE CAFÉZINHO E UM ASSUCAREIRO PEQUENO. ELA OFERECE A ANDRÉ

ZULMIRA - Pronto o seu cafézinho. Se não estiver gostoso, pelo menos quentinho e está.

ANDRÉ RETIRA A CHICARA DA BANDEIJA.

ZULMIRA - Já tem açúcar, em todo o caso se quiser mais, o assucareiro está aqui.

ANDRÉ - (provando) Não, obrigado. Está bem ao meu gosto.

ZULMIRA - (CORT.) corinha com o André.  
Vá dar a sua volpinha de todas as tardes.  
ANDRÉ - É claro, titio, vá. eu não quero,  
de maneira nenhuma, que faça corinha co  
nigo.

BERNARDO - Ben, então eu vou até à farmácia  
saber as novidades e dentro de meia hora,  
quarenta minutos estou aqui de volta. Com  
licença, André.

ANDRÉ - Esteja à vontade, titio.

BERNARDO SAI DE QUADRO. ANDRÉ COLOCA A CHICARA  
DE CAFESINHO NA BANDEIJA QUE A TIA FICOU SEGURAN  
DO. ELA DESCANSA A BANDEIA NA MESA DA SALA DE  
JANTAR E VOLTA, CONDUZINDO PARA A SALA GRANDE.

PAN.HOR. acompanha os DOIS.

ZULMIRA - Por v-mos sentar, meu filho, eu  
quero que você me conte o que foi deito d  
sua vida nesses cinco anos.

OS DOIS SE SENTAM NO SOFÁ OU EM DUAS POLTRONAS.

AFASTAMENTO até P.G. da SALA

ENTRA GLORINHA, TRAZENDO UM PEQUENO QUADRO SEM  
MOLDURA, ENROLADO NUM PAPEL E UM ESTOJO DE PIN  
CEIS NA MÃO, ALÉM DA BOLSA QUE ESTARÁ ENFIADA  
NO BRAÇO. ELA ENTRA APURADA E NÃO VÊ LOGO O PRI  
MO.

GLORINHA - Boa noite, mãe, desculpe e  
mo... (corta) Ah, perdão... eu não sabia  
que estava com visitas.

CORTE

P.A. dos THES

ANDRÉ - Que visita é essa? Então o seu  
no é visita?

GLORINHA - Oh André, desculpe. Eu não t  
reconhecido. Como vai você?

CORTE

P.P. de ANDRÉ, entusiasmado e expan  
sivo.

ANDRÉ - Maravilhado, Glória! Boquiabert  
Parece até mentira que possa ter havido  
você, uma transformação tão grande. É  
moça linda! Exuberante!

CORTE

P.F. de GLORINHA

GLORINHA - Obrigada, primo, você é mu

GLORINHA - (CONT.) um pouco para jantar que estou atrasadíssima. Venho da aula de pintura e ela hoje se prolongou um pouco mais.

ANDRÉ - Vá e esteja à vontade. Não quero que faça cerimônia comigo.

GLORINHA SOBE PARA O PRIMEIRO ANDAR E ANDRÉ FICA OLHANDO PARA ELA, SOBREINDO.

ANDRÉ - Parabéns, tia Zulmira. A sua filha está linda, lindíssima.

CORTE

P.P. de ZULMIRA, suspirando fundo

ZULMIRA - Dizer que sim, mas é uma pena o que está acontecendo com Glorinha.

AFASTAMENTO até enquadrar ANDRÉ

ANDRÉ - Uma pena? Por que? O que está acontecendo com Glorinha?

ZULMIRA - Foi aprender pintura com um tal de professor Batista e aconteceu-lhe essa coisa horrível de se apaixonar por ele.

ANDRÉ - Mas ele não é um homem bom? Um homem digno?

ZULMIRA - Quanto a isto talvez seja. Nem procurei saber, mas quando você chegar a conhecê-lo vai pensar que a Glorinha enlouqueceu. Além de ser um velho com idade para ser pai dela, é um tipo de tal forma insignificante que, francamente, eu chego a ter a impressão que Glorinha está doente da cabeça.

CORTE

P.P. de ANDRÉ

ANDRÉ - É uma lástima. Mas não haverá maneira de dissuadi-la?

CORTE

P.P. de ZULMIRA, toda esperança

ZULMIRA - Talvez você possa conseguir o que nós não conseguimos. Você nos promete fazer esse empenho, André?

CORTE

P.P. de ANDRÉ

ANDRÉ - Mas é claro que prometo. Pode ficar inteiramente descansado.

CORTE

P.P. de ZULMIRA, feliz

ZULMIRA - Nós lhe agradeceríamos para o resto da vida, meu filho.

(CONT.) LANTER, CHAM BOMBAJA A JUNYAR A LOUÇA NUMA BANDEIJA. ANDRÉ VAI COM ELA.

ANDRÉ - Bom, eu vou até lá ao quarto do Fábio para abrir a minha mala e tirar uma lembrança que trouxe para a senhora. Depois eu desço para conversar mais um pouco antes que se vão deitar.

ZULMIRA - Está bem, meu filho vai. Você não precisava ter se incomodado comigo, na verdade, muito obrigada pela sua atenção.

ANDRÉ SAINDO PARA CIMA.

ANDRÉ - Óra, titia, que é isso?! A senhora parece.

PAN.HOR. acompanha ANDRÉ até à escada.

VOLTA para ZULMIRA que continua recolhendo a louça.

QUANDO ZULMIRA BOTOU A LOUÇA TODA NA BANDEIJA E VAI SAIR COM ELA, PARA E PELA PORTA DA CÂMERA.

ZULMIRA - Que bom que André convencesse Glorinha que é uma tolice o que está pretendendo fazer! Seria tão bom que eu chego a não acreditar.

APROXIMAÇÃO até G.P. de ZULMIRA

FUSÃO com G.P. de GLORINHA, na sala grande, sentada num sofá ao lado de ANDRÉ. Ela está com outra roupa.

AFASTAMENTO até P.A. de ANDRÉ E GLORINHA.

ÁUDIO - PASSAGEM MUSICAL

ANDRÉ - Você ficou triste com as coisas que eu lhe disse, Glorinha?

GLORINHA - Não, não, não é por isso que estou triste. O que me entristece, verdadeiramente, é ver que ninguém me compreende na minha casa. Ninguém aceita que minha alma se deixe embalar por coisas suaves e espirituais. A minha afeição pelo professor talvez não passe do terreno da espiritualidade, mas a questão é que eles não querem me

CORTE

S.P. de ANDRÉ

AFASTAMENTO até enquadrar GLORINHA

GLORINHA - (CONT.) tenho nem de verificar a natureza desse sentimento. Queria logo que eu abandonasse a pintura, que eu adoro, e que nunca mais falasse nem olhasse para o professor Batista. Eu não posso fazer isto sem saber, com certeza, se o amo ou não.

ANDRÉ - Você não o ama. Tenho certeza absoluta que você vai se convencer disso em poucos dias, mas antes que isso aconteça não vejo, realmente, razão para que você tome uma atitude drástica.

GLORINHA - Óra até que enfim eu encontro alguém capaz de raciocinar junto comigo. Obrigada, primo. Eu nem sei como lhe agradecer.

ANDRÉ - Deixe para me agradecer quando tiver certeza de alguma coisa. Não hoje.

ANDRÉ LEVANTA E SE ENCAMINHA PARA A PORTA DA RUA. GLORINHA, SATISFEITA, VAI COM ELE.

ANDRÉ - Bem, agora vou até ao bilhar jogar uma partida com o primo Fábio que deve estar lá à minha espera. Até logo, prima.

GLORINHA - Até logo, André. Obrigada.

ANDRÉ SAI E GLORINHA VAI OLHAR NA JANELA. PERMANECE OLHANDO ALGUM TEMPO E DEPOIS VEM PARA O CENTRO DA SALA.

GLORINHA - Não fui só eu que mudei. O primo André também. Está um rapaz simpático, atraente... sensato... nem parece o meu gurisote tolo e presunçoso que estava aqui a cinco anos passados.

APROXIMAÇÃO até S.P. de GLORINHA

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com: S.P. de BATISTA, sentado numa banquetta, à frente de um cavalete onde há um quadro na moldura. Ele tem uma palheta e um pincel

ALASTAMENTO até P.A. dos DOIS

BATISTA - Muito bem, então o senhor é primo de Glorinha e vem me fazer um apêlo, em nome da família, para que <sup>eu</sup> a desiluda sentimentalmente, afirmando que ela possa vir a gostar de um outro homem que esteja em melhores condições de desposá-la; não é isto?

ANDRÉ - Bem, quer dizer... em melhores condições propriamente, não. Que esteja mais de acordo em questão de idade, compreendo. Esta é, por assim dizer, a única razão verdadeiramente influente.

BATISTA SOLTA O PINCEL E A PALHEIRA E CAMINHA PARA DETERMINADO LUGAR.

BATISTA - Muito bem. Mas quem nos dirá que o senhor não esteja aqui advogando em causa própria?

CORTE

P.P. de ANDRÉ, tendo uma ideia que logo se reflete na sua fisionomia.

CORTE

P.P. de BATISTA, fitando-o

CORTE

P.P. de ANDRÉ

ANDRÉ - Bem... e se fôsse isso?

BATISTA - Era muito mais leal da sua parte dizer a verdade.

ANDRÉ - Bem... pois então eu vou lhe dizer honestamente, que também por isto eu me recuso a atender ao apêlo que me foi feito por <sup>tio</sup> ~~XXX~~ Zulmira e <sup>tio</sup> ~~XXX~~ Bernardo.

ALASTAMENTO até enquadrar BATISTA

BATISTA - E ela? O senhor acha que poderá alimentar a esperança de conquistá-la? Não lhe passa pela cabeça que ele poderá ficar insensível aos seus sentimentos?

ANDRÉ - Não, porque já mais ou menos estamos conversando a este respeito e, pelo que ouvi, penso que me sinto autorizado a continuar alimentando as minhas esperanças.

ÁUDIO - ACORDE DE SURPREZA E DECEPÇÃO.

CORTE

P.P. de BATISTA, desapontado, desgostoso

BATISTA - Bem... si é assim... eu vou por...

CORTE

F. de BATISTA

AFASTAMENTO até P.G. do AMBIENTE

ANDRÉ - Perfeitamente. Peça-lhe que me desculpe o desgosto e a preocupação que lhe venho causar e que saiba compreender que me atrevi a tanto por estar certo de estar defendendo não só a minha felicidade como também a de Glorinha que me amo bastante mais.

BATISTA - Passe bem, senhor. Estamos conversando.

ANDRÉ - Passe bem, senhor Batista.

ANDRÉ SAI E BATISTA FICA UM MOMENTO OLHANDO A PORTA POR ONDE ELE SAIU. DEPOIS VOLTAR PARA O QUAIRO, SENTANDO-SE NAS SEM RECOMENÇAR.

BATISTA - Não pense ele que me deixarei enganar assim tão facilmente! Só tomarei uma atitude depois de saber, com certeza, o que Glorinha realmente quer!

XXXXXX

APROXIMAÇÃO até G.P. de BATISTA, pensando.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

AUDIO - Fusão com G.P. de GLÓRIA, de chambre de noite, sentada numa poltrona da Grande Sala, com um livro nas mãos.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

AFASTAMENTO até P.G. do AMBIENTE.

GLÓRIA QUE ESTÁ LENDO, DE REPENTE LEVANTA OS OLHOS DO LIVRO NA DIREÇÃO DA PORTA DA RUA. ENTRA ANDRÉ QUE SE DIRIGE NA DIREÇÃO DELA SEM VER-LA. Quando isso acontece, PARA BRUSCAMENTE

ANDRÉ - Ué, Glorinha, você ainda acordada? O que aconteceu?

GLORINHA - Estava à sua espera. E não me disse que você vai embora amanhã e eu queria conversar a sós com você.

ANDRÉ SENTA PERTO DELA, ATENCIOSO.

ANDRÉ - Pois não. Aqui me tem. Que deseja vo-

CORTE

CORTE

P.P. de ANDRÉ, pensando, indeciso no que vai responder.

CORTE

P.P. de GLORIA

CORTE

P.P. de ANDRÉ, sem saber o que fazer  
AFASTAMENTO até enquadrar os DOIS

CORTE

P.P. de ANDRÉ, mentindo

CORTE

P.P. de GLORINHA, sincera

CORTE

P.P. de ANDRÉ, sincero.

APROXIMAÇÃO até G.P. de ANDRÉ

GLORINHA - É verdade o que você disse ao Professor Batista <sup>sobre o</sup> (que sente a meu respeito)?

AUDIO - ACORDE DE SUSTO.

ANDRÉ - Bem, Glorinha, quer dizer... suponhamo que isso fosse verdade... Que influência poderia ter para você?

~~XXXXXXXXXXXX~~

GLORINHA - Bem... se eu fiz questão de saber verdade ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~  
~~há...~~ é porque você não me é indiferente, André?

AUDIO - REPETE O ACORDE DE SUSTO

GLORINHA - Vamos, André, diga alguma coisa. Será que lhe desagradou a minha sinceridade?

ANDRÉ - Não, não, Glorinha, não. É que... é que eu não esperava, entende? Fiquei... fiquei perturbado, é só isso. Eu... eu estava certo de que você amava o professor Batista.

GLORINHA - Sim, quer dizer... eu pensei que amasse, mas depois que você me falou com tanta segurança e com tanta experiência sobre a vida e o amor... eu confesso que acordei para a realidade e senti que estava apaixonada por você. Será que... será que você também me quer, André?

ANDRÉ - Sim, sim, eu... eu a quero muito Glorinha.

GLORINHA - Que pena! Tanto dia juntos e só na hora da separação é que resolvemos nos declarar. Diga-me: você ao menos promete me acreditar sempre?

ANDRÉ - Sim, Glorinha. Logo que chegar esteja certa que escreverei a você. Talvez eu... talvez eu possa lhe dizer, por carta, o que não tenho coragem de lhe dizer pessoalmente.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL TUMULTUOSA.

USÃO com G.P. de ZULMIRA, junto à porta do rancho, examinando um envelope que tem nas mãos.

APARTAMENTO até P.A. de ZULMIRA, que vai até à escada e para. Grita para cima.

ZULMIRA - Glorinha, chegou uma carta para você.  
GLORINHA - (P.A.) Uma carta, mãe? De quem é? Não diz no verso?

ZULMIRA EXAMINA O VERSO DA CARTA NA MÃO COM SEGURO DECIFRAR.

ZULMIRA - Olhe, minha filha, eu não estou conseguindo ler a assinatura do remetente, mas a letra está me parecendo ao André. Vou deixar aqui em cima de mesa, o viu? Preciso ver o marido que está cheirando muito forte.

ZULMIRA BOTA A CARTA EM CIMA DA MESA E VAI PARA O INTERIOR DA CAM. LOGO A SEGUIR, ALVOROÇADA, GLORINHA VEM DE CIMA, COM GRACIOSO VESTIDO. PRONTA LOGO A CARTA E ABRE-A RISONHA, SENTANDO-SE NO SEU.

CORTE

P.A. de GLORINHA, lendo a carta e se recepcionando à medida que vai lendo.

GLORINHA - Estimada prima Glorinha.

ANDRÉ - (P.A.) Conforme prometi a você escrevo-lhe para dizer aquilo que não tive coragem de lhe dizer pessoalmente. Embora sinta-me bastante lisonjando com o amor que você me dedicou, não posso fugir ao doloroso dever de lhe comunicar que sou um rapaz comprometido, o que me impede de amá-la como sendo você a mais bela e a melhor das criaturas. Não me leve a mal, procure compreender-me e esteja certa de que a minha intenção não foi outra senão a de livrá-la de um casamento desastroso e desigual.

GLORINHA - (Voz de choro) Receba toda a amizade e o bem querer de seu irmão André.

GLORINHA SE LEVANTA ESTONTREADA, ANDA UM  
POUCO PELA SALA E SE DEIXA CAIR SOBRE O  
SOMÁ, SOLUÇANDO PERIODICAMENTE.

GLORINHA - Oh André, André!.. Você não  
be o que fez! Você não sabe o que fez!

ATIRA-SE SOBRE A CARTA A SOLUÇAR PO-TE.

APROXIMAÇÃO até DET. de carta unindo  
tudo na mão GLORINHA.

JUSTO com: DET de outra carta, perfei-  
tamente igual, na mão de BERNARDO, co-  
locando na sala de jantar.

RUDIO - PASSAGEM MUSICAL DRAMÁTICA

BERNARDO - Pobre da minha filha!... Foi  
ta carta que o desnortou. Eu bem sei q  
a intenção foi boa, mas ele não devia..  
ele não devia...

BERNARDO SOLTA A CARTA EM CIMA DA MESA E  
VAI ATÉ A BASE DA ESCADA. QUER SUBIR MAS  
NÃO TEM CORAGEM. AMEAÇA UMA E DUAS VEZES  
MAS LOGO RETROCEDE.

BERNARDO - Não posso! Bem sei que o meu  
lugar era ao lado de Zulmira, perto da  
dresinha, mas ela está sofrendo tanto..  
tanto...

BERNARDO CAMINHA PARA O CENTRO DA SALA.  
SURGE FÁBIO, NA ESCADA, COMPLETAMENTE  
TIPICADO E CONTEENDO O SEU PROFUNDO DESES-  
PERO. BERNARDO OLHA PARA ELE E FICA ES-  
PERANDO ALGUMA COISA, FÁBIO OLHA PARA  
BERNARDO E BAIXA A CABEÇA.

BERNARDO - Vamos, meu filho... fala...  
que disse o doutor?... Promete salvá-lo

CORTE

P... de FÁBIO, esforçando-se para  
poder falar.

FÁBIO - Papai... a quantidade de veneno  
foi muito grande... O doutor... o doutor  
já não pode fazer mais nada...

CORTE

... de BERNARDO, com os olhos com-  
pletamente arregalados, como quem  
acaba de ter a maior e a mais ter-  
rível, das surpresas.

BERNARDO - em filho... será... será nosa-  
vel?...  
vel?...  
vel?...

CORTE

P.A. dos DOIS

FABIO - Sim, papai. Infelizmente... ela es-  
ta morta.

FABIO SE ATRAI NOS BRAÇOS DO PAI E COMEÇA  
A SOLUÇAR D. SORPREENDAMENTE. O PAI ESTÁ EM UM  
MOMENTO E DEPOIS A. AFASTANDO-O, FALA ENXUGANDO  
OS OLHOS COM UM LENÇO.

BERNARDO - Vamos, meu filho. Precisamos...  
ter coragem... por sua mãe. Vamos acompa-  
nhá-la... Não podemos deixá-la sózinha...  
com uma dor tão grande...

BERNARDO ABRAÇA O FILHO PELOS OMBROS E VAI  
L. MELINDO-O DELICADAMENTE PARA A ESCADA.  
COMEÇAM OS DOIS A SUBIR LENTAMENTE, DEGRAU  
POR DEGRAU ATÉ QUE SE SOLTEM.

PAN. HOI. caminha pelo ambiente,  
até encontrar, na sala de jantar,  
sobre a mesa, a carta emarrotada  
de André. D. Retira para uma rosa  
desfolhada que está perto da cor-  
ta e começa a  
DESFOQUE.

AUDIO - MÚSICA RETROSPECTIVA.

FOCALISA EM P.P. de ANDRÉ, de capote  
e chapéu, à frente de  
- TAPADEIRA LISA OU FUNDO NEGRO -

ANDRÉ - (ADAMGO, FALANDO PARA A CÂMERA)  
Glorinha morreu por que não ~~resistiu~~ resistiu

A. D. S. - (CONT.) seu peito. Mas eu não tive culpa. Juro-lhes que minha intenção foi apenas a de livrá-la daquele casamento que me parecia ser um grande mal. Mas eu sei que ela precisava se amixorar realmente por vir. Sei que culor de acontecer como responsável pela morte de Florinha, mas aquela que se julgar sem pecado... que me tire o primeiro pedrei

ABONDIÇÃO até G.P. de ANDRÉ.

AUDIO - SUTIXO MUSICAL

FUSÃO com DEU do CORAÇÃO DE JESUS

SUPERIORE os slides de

ENGENHA ESTO.

ARY  
31/8

ATIRE A PRIMEIRA PEDRA  
ORIGINAL DE RAYMUNDO LOPES  
ADAPTAÇÃO E REALIZAÇÃO DE ERICO CRAMER

.....

PERSONAGENS:

ESTELA..... MARIZA ~~.....~~  
MÁRIO..... GUDY EMUNDS  
JÚLIO..... CESAR MAGNO  
ROBERTO..... VINICIUS SALVADORI  
CHEFE..... NELSON GIANUCA

.....

CENARIOS:

1º) - SALA BONITA E MOBILIADA COM GOSTO, COM PEQUENO ARCO  
À ESQUERDA QUE DA PARA UM VESTIBULO. AO FUNDO UMA  
JANELA GRADEADA E UMA PORTA DE CORRER QUE DA PARA  
UMA GRANDE SACADA ONDE EXISTIRÃO DIVERSOS VASOS  
COM PLANTAS, UM BANCO DE PEDRA E UM SOPÁ-BALANÇO  
DE FERRO E LONA. À DIREITA UMA FUGA QUE SERVE PARA  
ENTRADAS AO INTERIOR DA CASA.

2º) - SALETA DE MEDICOS, NUM HOSPITAL. MESA COM TELEFONE.

.....

DATA DA APRESENTAÇÃO..... 6.9.1961

.....

TV PIRATINI - CANAL 5

.....

SLIDES: (Os de costume)

ABERTURA em DET de CORAÇÃO DE JESUS

CHICOTE para P.P. de MARIO

- FUNDO NEUTRO OU TAPADERA -

DESFOQUE

FOCALIZA em P.P. de ESTELA, elegante-  
mente vestida, arrumando um vaso de  
flores. Terminado o trabalho coloca-  
o no lugar anteriormente determinado  
e vai para o telefone, discando qua-  
tro números.

AFASTAMENTO até P.G. da CENA

ESTELA DESLIGA O TELEFONE E VOLTA PARA A  
FRENTE DO VASO A ADMIRAR AS FLORES. ENTRA  
DO VESTÍBULO, MARIO QUE LOGO SE ENCAMINHA  
PARA ESTELA, DÁ-LHE UM BEIJO AFETUOSO

P.A. de MARIO E ESTELA

AUDIO - PREFIXO MUSICAL

VOZ - ... e aquele que se julgar sem pe-  
cado que lhe atire a primeira pedra.

MARIO - Meu nome é Mário. Sou médico do  
hospital municipal de indigentes e tenho  
um consultório na cidade. Solteiro, mo-  
ro em companhia de minha única irmã que  
se chama Estela. (amargo) Pobre Estela!  
Como está diferente agora! Era tão ale-  
gre antes... tão meiga... tão jovial...  
Mas também... depois de tudo que aconte-  
ceu...

ESTELA - (Pausa) Alô, querido! É Estela.  
Recebi as flores e vim agradecer o seu  
carinho. (Pausa) Como não? São lindas!  
Lindíssimas!... Mas eu não quero atrapa-  
lhar você. Sei que está trabalhando e  
vou desligar. Mais uma vez obrigada, que-  
rido. (Pausa) Outro para você. Adeus.

MARIO - Boa tarde, Estela.

ESTELA - Alô, Mário! Você já chegou? Váio  
cedo, hoje.

CORTE

P.P. de MARIO, com ar matreiro

CORTE

P.P. de ESTELA, sorrindo

AFASTAMENTO até P.A. dos DOIS

PAN. HOR. acompanha os DOIS

ESTELA PEGA MARIO PELA MAO E LEVA-O ATE

UM SOFÁ ONDE SE SENTAM OS DOIS.

CORTE

P.P. de MARIO

CORTE

P.P. de ESTELA

MARIO - O Júlio inventou de me pagar duas horas de serviço, que tirei para êle a semana passada, vim aproveitá-las em casa com a minha irmãzinha.

ESTELA - Que bom! Veja que lindas flores eu recebi.

MARIO - Não vá me dizer que você anda recebendo homenagens de admiradores.

ESTELA - E por que não? Serei, por acaso, tão desageitada, a ponto de não poder despertar o interesse de um rapaz?

MARIO - Para mim você é linda, maninha.

ESTELA - Você não disse que só se casaria depois que eu me tivesse casado? Eu não quero ser um entrave ao seu casamento, mano.

MARIO - Mas então é mesmo verdade que você tem um namorado, Estela?

ESTELA - É verdade, sim. E a esse respeito temos que falar muito sériamente.

MARIO - Fale, maninha. Confesso-lhe que estou muito curioso.

ESTELA - Acontece, Mário, que há quasi tres mezes namoro um rapaz chamado Roberto Saint Clair, gosto muito dele e ele está disposto a tratar casamento comigo.

AUDIO - ACORDE DE SURPREZA ALEGRE.

MARIO - Estela! Como você pode esconder de mim esses acontecimentos, durante tanto tempo?!

ESTELA - Não escondi, maninho. Acontece que você, sempre preocupado com o seu serviço, não percebeu e eu não quis lhe chamar a atenção antes de ter a certeza de que o

CORTE

P.P. de MÁRIO

CORTE

P.P. de ESTELA

CORTE

P.A. de MÁRIO e ESTELA

CORTE

P.P. de ESTELA, sorridente

APROXIMAÇÃO até G.P. de ESTELA

FUSÃO com G.P. de JÚLIO, de avental  
de médico, sentado sobre um bureau.

- SALETA DE MEDICOS NUM HOSPITAL -

AFASTAMENTO até enquadrar MÁRIO,  
sentado perto de Júlio

ESTELA - (CONT.) namoro era mesmo para va  
ler. Agora, que ele me falou em casamento,  
apressei-me em dar contas a você. Quero que  
você o conheça, antes de tomar qualquer re  
solução definitiva.

MÁRIO - Pois muito bem, você vai me dizer  
direitinho quem é ele... onde trabalha...  
a família a que pertence para que eu possa  
tomar todas as informações que me parecem  
necessárias e dizer se aprovo ou desaprovo  
a sua escolha.

ESTELA - Roberto já deixou todos os dados  
para lhe facilitar esse trabalho. Como a  
sua família é do norte e ele é pouco conhe  
cido aqui, já deixou uma relação de pessoas  
a quem você poderá se dirigir para obter  
informações.

MÁRIO - Muito bem. Amanhã mesmo já encarre  
garei uma pessoa da minha absoluta confian  
ça para iniciar essas pesquisas.

ESTELA - E depois vai tratar de procurar  
uma moça boa e digna para companheira de  
sua existência. Um médico de nome, como já  
é você, deve ter ao seu lado uma esposa que  
o anime e estimule. Mesmo porque, eu não  
desejo, de maneira nenhuma, casar-me e dei  
xá-lo sózinho.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

JÚLIO - Quer dizer que a sua irmãzinha  
já está querendo bater azas e deixá-lo só?

JÚLIO - Eu só imagino as exigências todas  
que você fará aos seu futuro oanhado, depois

JÚLIO - (CONT.) de ter criado Estela com os mimos e cuidados que você criou.

MÁRIO - E você não acha que eu faço bem em procurar investigar a vida desse Roberto Saint Clair?

JÚLIO - Claro que faz. Não o reprovo, Mário. Pelo contrário, acho muito louvável o que você está fazendo. Tivesse eu criado uma irmã desde pequena, como você fez com a sua, que neste momento estaria com os mesmos cuidados de pai que você está tendo.

MÁRIO - Estela me diz que êle está ansioso por oficializar o noivado, mas enquanto não chegarem todas as informações que pedi às agências especializadas, não desejo nem conhecê-lo. Depois, então, acertaremos nossos relógios. Quero fazer tudo para garantir a felicidade de Estela.

CORTE

P.P. de MÁRIO

CORTE

P.P. de JÚLIO

JÚLIO - E tudo que desejo, Mário - por você e por Estela - é que as informações sejam excelentes e sua irmã possa realizar o seu sonho.

CORTE

P.A. de MÁRIO

MÁRIO - Bem, deixa-me preparar para ver os meus doentes, sinão daqui a pouco eles começam a reclamar que eu ainda não apareci.

MÁRIO TIRA O CASACO E PENDURA NUM CABIDE DE ONDE RETIRA UM AVENTAL QUE VESTE LOGO.

AFASTAMENTO até enquadrar JÚLIO

JÚLIO - O doente do quatorze é que mandou o enfermeiro lhe procurar. Parece que é negócio de um sonda que você falou em botar. Eu quiz ver se podia atender por você, mas ele preferiu esperar.

MÁRIO - Eu sei o que é. Qualquer pessoa poderia ter posto a sonda, até mesmo o enfermeiro, mas ele não quer. Tenho que ser eu.

MÁRIO - Bem, deixe-me ir lá vê-lo.

MÁRIO SAI DE QUADRO, DESAPARECENDO NA PORTA.

JÚLIO - Coitado do Mário! É tal a sua preocupação com o noivado da irmã que ele não consegue esconder.

APROXIMAÇÃO até G.P. de JÚLIO

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com G.P. de ROBERTO, risonho.

- SALA BONITA DE ESTELA -

ROBERTO - Mas então? Quanto tempo precisa rei, ainda, esperar, para poder dizer a todos que você é a minha noivinha?

AFASTAMENTO até enquadrar ESTELA, sentada perto dele, risonha também

ESTELA - Acho que agora, dentro de mais um ou dois dias, as informações terão chegado. Você perdôe essa exigência de Mário, meu querido, mas acontece que ele se sente com dobrada responsabilidade sobre mim, entende? Quando mãe morreu eu tinha apenas cinco anos e embora ele também fôsse pouco mais do que um rapazinho, fiquei entregue a ele.

CORTE

P.P. de ESTELA, sonhando feliz.

ROBERTO - Eu compreendo, sim, não se preocupe. Você sabe que acho até muito louvável esse cuidado de seu irmão? Digo-lhe mais. Si ele me tivesse dado sua mão sem investigar sobre a minha origem, eu ficaria com uma impressão muito desagradável a respeito dele. Estou ansioso, entende? Por isso perguntei.

CORTE

P.P. de ROBERTO, sorrindo

ESTELA - Eu também estou muito ansiosa. Você nem avalia. Pretendo fazer um bonito jantar, para apresentá-lo a todas as minhas amigas.

ROBERTO - Já estou com as alianças em casa e também um bonito anel de noivado para a minha muito querida noivinha.

AFASTAMENTO até P.A.dos DOIS

ESTELA SE LEVANTA ENTUSIASMADA E DA  
DOIS OU TRES PASSOS PARA A FRENTE.

ESTELA - Um anel de noivado!... Toda a  
minha vida sonhei com êle! Não lhe digo  
como foi que o imaginei, porque pode ser  
diferente e eu não quero que você troque  
aquele que escolheu.

ROBERTO SE LEVANTA DE ONDE ESTAVA E  
VEM SE COLOCAR POR TRAZ DE ESTELA.

ROBERTO - Tenho absoluta certeza de que  
você vai gostar, e muito, daquele que es-  
colhi.

ROBERTO ABRAÇA ESTELA E TENTA BEIJÁ-LA.  
ELA, DELICADAMENTE, COBRE-LHE A BOCA COM  
A MÃO E FALA COM TODA A TERNURA.

ESTELA - Inda não, querido! Quando esti-  
vermos noivos oficialmente você me beija-  
rá. Antes, não.

ROBERTO - Está bem, não quero forçá-la.  
Respeito seus princípios.

ESTELA SE ABRAÇA A ELE COM EFUSÃO.

ESTELA - Oh querido, eu tenho a impressão  
de que seremos tão felizes...tão felizes  
.... que todo o mundo invejará a nossa fe-  
licidade!...

CORTE

P.P. de ROBERTO, sorridente

ROBERTO - Você diz que tem a impressão.  
Eu digo que tenho certeza absoluta.

AFASTAMENTO até P.M. da CENA

AUDIO - RUÍDO DE AUTOMÓVEL CHEGANDO E  
PARANDO LA FORA.

ESTELA SE DESPRENDE DE ROBERTO E CAMINHA  
PARA A JANELA ONDE VAI ESPIAR PARA FORA.

ESTELA - Eu tenho a impressão de que Mã-  
rio está chegando. (depois de olhar) É  
êle mesmo. Estou estranhando a sua vinda

ESTELA - em casa a esta hora. Não é seu costume...

ESTELA VEM PARA A PORTA ESPERAR A ENTRADA DO IRMÃO. ROBERTO FICA DE LONGE, MAS OLHANDO A PORTA, UM POUCO PREOCUPADO MAS CONTIDO.

CORTE

P.A. de MARIO na porta

MARIO - Boa tarde.

ESTELA ENTRA EM QUADRO INDO AO IRMÃO E BEIJANDO-O.

ESTELA - Boa tarde, Mário. Foi bom que você veio, assim vai conhecer o seu futuro cunhado. O Roberto, de quem já lhe falei.

MARIO CAMINHA AO ENCONTRO DE ROBERTO. ESTE

LA VAI COM ELE.

PAN. Hor. acompanha os dois até que se encontrem no meio da sala.

ESTELA - Tenho certeza absoluta de que serão excelentes amigos.

ROBERTO - (mão estendida) Polgo muito em conhecer o irmão tão querido de Estela, em quem ela fala com tanto carinho.

HA UMA PAUSA GELADA. ROBERTO ESTÁ SORRINDO DE MÃO EXTENDIDA PARA MÁRIO. ESTE, SERIO, NÃO TOMA CONHECIMENTO DO GESTO DO OUTRO E TEM A FISIONOMIA FECHADA. ESTELA QUE ESTÁ CONTENTÍSSIMA, NOTA A SITUAÇÃO E VAI FICANDO SERIA E MOSTRANDO-SE HORRORIZADA. ROBERTO VAI APAGANDO O SORRISO E FICANDO ZANGADO. NÃO RECOLHE A MÃO.

ROBERTO - Doutor Mário, eu... eu estou lhe estendendo a minha mão.

MARIO - Bem sei. Estou vendo. Mas eu não aperto a mão de patifes!

AUDIO - ACORDE TRÁGICO

ESTELA - (abafada) Mário!...

ROBERTO RETRAI A MÃO LENTAMENTE COM UM SORRISO SINISTRO A FLOR DOS LÁBIOS.

ROBERTO - (calmo) Tenho certeza absoluta de que o doutor Mário está me tomando por outra pessoa.

MÁRIO - Não. Não estou. Estela, será bom que você saiba logo de uma vez quem é esse indivíduo.

ESTELA - (trêmula) Mário... não!...

CORTE

P.P. de MÁRIO, firme, cortante

MÁRIO - Dirige uma organização criminosa que explora jogos proibidos, além de outras atividades dessa espécie. A polícia sabe de tudo e só aguarda uma oportunidade para prendê-lo em flagrante.

CORTE

P.P. de ROBERTO

ROBERTO - Repito que o senhor está me confundindo com outra pessoa.

ROBERTO TIRA UMA CIGARREIRA DO BOLSO, ABRE-A E OPERECE UM CIGARRO A MARIO QUE NAO TOMA CONHECIMENTO DO GESTO.

AFASTAMENTO até P.A. dos TRES

MÁRIO - Não estou. Tomei todas as informações a seu respeito para afastar qualquer dúvida. No Banco Nacional, onde você disse que trabalha, não há nenhum funcionário com o nome de Roberto Saint Clair. Além disto, essa cicatriz sobre o seu olho direito está citada, como sinal de referência, nas informações a seu respeito.

CORTE

DET da CICATRIZ sobre o olho direito de ROBERTO.

ROBERTO - (cínico) Quer dizer que o senhor tem certeza absoluta de que são exatas essas informações a meu respeito?

AFASTAMENTO até P.A. dos TRES

MÁRIO - Não tenho a menor dúvida. E como a minha casa não é lugar saudável para os patifes da sua laia, peço-lhe que se retire imediatamente e nunca mais torne a pôr os pés aqui.

ROBERTO FITA MARIO POR ALGUM TEMPO COM UM SORRISO IRÔNICO E DEPOIS, LANÇANDO-LHE UMA BAFORADA DE FUMO NO ROSTO VOLTA-SE PARA SE RETIRAR. NO MOMENTO EM QUE ELE ATIRA O FUMO, MARIO TENTA INVESTIR CONTRA ELE MAS ESTELA O SEGURA PELO BRAÇO, IMPEDINDO-O.

PAN.HOR. vai com ROBERTO até à porta.

NA PORTA ROBERTO SORRI NOVAMENTE, LEVANTA A CABEÇA, ALTANEIRO, E SAI, BATEENDO A PORTA.

CORTE.

P.A. de MÁRIO e ESTELA

UMA EXPRESSÃO DE DOR INTENSA COBRE O ROSTO DE ESTELA. MÁRIO OLHA PARA ELA COM DOR PROFUNDA E COM VOZ DE PRANTO MURMURA-LHE

MÁRIO - (amargura e ternura) Perdão, Estela, mas... eu não podia deixar de fazer o que fiz!

ESTELA ENTRE-ABRE OS LÁBIOS PARA PALAR, MAS NÃO CONSEGUINDO DIZER NEM UMA PALAVRA, DESATA A CHORAR DESESPERADA, FUGINDO PARA DENTRO.

MÁRIO - (desesperado) Se ela soubesse... quanto mais do que ela estou sofrendo...

APROXIMAÇÃO até G.P. de MARIO com os olhos vidrados pelas lágrimas.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com G.P. de JÚLIO, preparando uma injeção. Ao terminar, vai sair mas olhando para a mesa vê o outro abatido, pensando. Vai a êle.

AFASTAMENTO até enquadrar os DOIS, MARIO já com o avental de médico.

JÚLIO - Você não pode ficar nesse abatimento, Mário. A gente sabe que é muito desagradável o que aconteceu, mas você ainda tem que dar graças a Deus por ter salvo sua irmã em tempo.

MARIO - Se a tivesse salvo, Júlio, não estaria assim. Justamente o meu abatimento é por sentir que toda a minha oposição foi inútil e que Estela continua a se encontrar com aquele sujeito às escondidas e a falar diariamente com êle pelo telefone.

JÚLIO - Ah bem, isso é que é realmente uma pena. (Pausa) Escute: e se você largasse tudo aqui e a levasse para outro lugar qualquer você não acha que seria uma medida eficiente?

CORTE

P.P. de MARIO

CORTE

P.P. de JÚLIO

MARIO - Sim, foi o que já pensei fazer, embora isso venha a prejudicar muito a minha profissão.

JÚLIO - Ora vamos, Mário! Um médico com a sua inteligência, o seu nome e a sua capacidade de trabalho, em qualquer parte do país estará novamente feito com menos de seis meses de trabalho.

MÁRIO - Sim, parece-me que é a única coisa que ainda posso fazer para salvar minha irmã!

CORTE

P.A. de MARIO e JÚLIO

MARIO SE LEVANTA, TIRA O AVENTAL DE MÉDICO, PENDURA NO CABIDE, VESTE O CASACO E SAI DE QUADRO, LIGEIRO. JÚLIO FICA OLHANDO PARA ONDE ELE SAIU, SACUDINDO A CABEÇA, PENALIZADO.

JÚLIO - Pobre Mário! Está completamente desnorteado! Isto ainda vai acabar afetando até o seu trabalho!

APROXIMAÇÃO até G.P. de JÚLIO, sacudindo a cabeça.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com G.P. de MARIO, sentado - SALA CONFORTÁVEL DE ESTELA -

MARIO ESTÁ FUMANDO, SÉRIAMENTE PREOCUPADO

AFASTAMENTO até P.A. de MARIO e ESTELA.

MARIO - Quer dizer que você recusa a minha proposta de nos afastarmos d'aqui?

ESTELA - Recuso.

MÁRIO - E por que? Se você só terá vantagens com isto?

ESTELA - Porque estou disposta a me casar com Roberto.

AUDIO - ACORDE DE SUSTO TREMENDO

MÁRIO - Não, Estela! Não pode ser! Você então não acredita nas coisas que lhe contei a respeito dele?

ESTELA - Acredito. Sei que tudo é verdade, mas mesmo assim quero me casar com ele!

AUDIO - REPETE O ACORDE ANTERIOR.

MÁRIO - Não Estela, não pode ser verdade o que você me diz! Não pode! Não acredito!

ESTELA - Mário, eu não quero que você se iluda. Amo Roberto e vou me casar com ele.

MÁRIO - Isso é um absurdo tão grande, Estela, que eu só posso classificar de loucura da sua parte.

ESTELA - Não faz mal. Seja o que você quiser. Amo-o e estou disposta a regenerá-lo.

MÁRIO - Meu Deus!...

ESTELA - Ele virá buscar-me amanhã às duas horas e/ às duas e meia estaremos casados.

MÁRIO - Está bem Estela. Deus sabe que fiz tudo que podia para buscar salvá-la!...

MÁRIO SE RETIRA LENTAMENTE PARA O INTERIOR,  
CURVADO AO PESO DA SUA DESILUSÃO. LOGO QUE  
ELE SAI ESTELA VAI AO TELEFONE E DISCA QUATRO  
NÚMEROS. ESPERA UM MOMENTO.

P.A. de ESTELA no TELEFONA

ESTELA - Alô! É você querido? (Pausa) Sim, sou eu. Amanhã às duas horas estarei à sua espera. (Pausa) Como? (Pausa) Não, não con cordou, mas não importa. Eu já disse a ele que me casarei com você de qualquer maneira.

APROXIMAÇÃO até G.P. de ESTELA

FUSÃO com G.P. de JÚLIO, na mesma saleta de médicos do Hospital.

AFASTAMENTO até enquadrar MÁRIO

CORTE

P.P. de JÚLIO

CORTE

P.P. de MÁRIO

ESTELA - (CONT.) (Pausa) Você não quer vir aqui? Pode vir, não tem importância. (Pausa) Bem, se você acha que será capaz de alguma violência, é melhor mesmo que não venha. Você pode me esperar na esquina, combinado? ~~Si~~ (Pausa) Sim, querido. (Pausa) Até amanhã, meu amor! (Pausa) Até amanhã!

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

JÚLIO - Parece até mentira que já faz mais de dois meses que sua irmã se casou com o tal de Roberto Saint Clair e você, até hoje, ainda não se habituou.

MÁRIO - Você se conformaria de saber que uma irmã que você criou com todo o carinho está sendo maltratada por um bruto e até bordoadá apanha dele?

JÚLIO - Mas ela não casou por gosto e já sabendo que êle era um cafageste? Não podia esperar outra coisa, meu caro.

MÁRIO - Não, Júlio, ela tinha grandes esperanças de conseguir regenerá-lo. Foi por isso que casou.

JÚLIO - Faça o seguinte, Mário: procure comunicar-se com ela e diga-lhe que o momento que ela quizer, você a receberá de novo na sua casa, que ela assim não terá necessidade de aguentar os maus tratos daquele bruto.

MÁRIO - Já fiz isso, Júlio. Ao saber por uma de suas amigas que ela estava cheia de equimoses pelos braços e pelas pernas, botei de parte todos os meus ressentimentos e fui procurá-la. Ela não quiz me atender. Acha que seu dever, agora, é aguentar até ao fim.

CORTE

P.P. de MÁRIO

JÚLIO - Bem, então você deve ficar com a sua consciência tranquila, Júlio. Tudo que podia fazer já fez.

MÁRIO - Menos matar o canalha que é o que eu vou acabar fazendo.

MÁRIO SE LEVANTA E SAI VIOLENTAMENTE.

CORTE

P.P. de JÚLIO

JÚLIO - Calma, meu amigo, calma! Nada de violências. Lembre-se que com violência nada se resolve.

APROXIMAÇÃO até G.P. de Júlio

JÚLIO - Terminantemente esse casamento desgraçado de Estela vai acabar liquidando com o pobre Mário. Como tem sofrido, coitado!

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com: G.P. de ESTELA, com um lenço de gase no pescoço, sentada no sofá da - SALA CONFORTÁVEL -

ILUMINAÇÃO - EFEITO DE NOITE

AFASTAMENTO até P.G. da CENA.

ENTRA MARIO, PROFUNDAMENTE ABATIDO. FECHA A PORTA E QUANDO JA SE ENCONTRA NO MEIO DA SALA DEPARA COM A IRMA SENTADA NO SOFÁ.

CORTE

P.A. dos DOIS

MÁRIO - Estela!

AUDIO - ACORDE DE SURPREZA

ESTELA SE LEVANTA E SE ABRAÇA A ELE, NERVOSA.

MÁRIO - Que coisa boa, encontrar você de volta em nossa casa!... Você deixou aquele canalha? Veio para ficar?

ESTELA - (suave e amarga) Sim, Mário. Vim aguardar aqui "o meu fim."

AUDIO - ACORDE DE SUSTO

MÁRIO - Por que fala ~~assim~~ desse modo?

ESTELA - Porque sei que não escaparei de morrer nas mãos de Roberto. Denunciei-o à polícia e ele se vingará!

AUDIO - ACORDE DE SUSTO.

CORTE

P.P. de MÁRIO, admirado

AFASTAMENTO até P.A.dos DOIS

MÁRIO - Você o denunciou?!...

ESTELA - Sim. E a esta hora o antro secreto que êle dirige deve estar recebendo a visita da polícia que vai encontrar lá todas as provas que procura ha tanto tempo. Sei que assinei, com esta denúncia, a minha sentença de morte, mas prefiro isto a viver como estava vivendo. Acossada, maltratada, desrespeitada e servindo de joguete para indignidades daquela corja.

MÁRIO - Pobre irmã!

ESTELA - Neste momento a polícia deve estar batendo no refúgio deles e como sei que não poderá prender todos, porque são muitos, quer Roberto seja preso ou escape, as minhas horas estão contadas. Mas não importa. Consola-me a ideia de ter conseguido livrar a sociedade de uma praga terrível.

CONTRA REGRA - CAMPAINHA DE TELEFONE.

HÁ UM SUSTO. UMA PAUSA. O TELEFONE TOCA OUTRA VEZ. ESTELA VAI ATENDER MAS MÁRIO A IMPEDE.

MÁRIO - Não, você não. - É mais prudente que ~~nenh~~ ninguem saiba que você está aqui.

MÁRIO VAI PARA O TELEFONE E RETIRA O FONE.

MÁRIO - Pronto.

CORTE

P.P. de CHEFE - SALETA DE MEDICOS

CORTE

P.P. de MÁRIO - SALA CONFORTÁVEL

CORTE

P.P. de CHEFE - SALETA DE MÉDICOS

CHEFE - É o Mário que está no telefone?

MÁRIO - Sim, sou eu, Chefe. Alguma novidade?

CHEFE - Sim. Temos serviço extraordinário. Houve um assalto da polícia ao reduto de uns fora da lei e estamos com quantidade de feridos aqui no Hospital. Alguns estão mal e precisam ser operados imediatamente. Estou convocando todos os médicos e estudantes também para auxiliar.

CORTE

P.P. de MÁRIO, nervoso

MÁRIO - Sim, chefe, irei imediatamente.

MÁRIO DESLIGA O TELEFONE E VAI DEPRESSA  
PARA A IRMÃ, ESPERANÇADO.

MÁRIO - Os bandidos ofereceram resistência à polícia e vários deles estão gravemente feridos lá no Hospital. O Dr. Carneiro está chamando com urgência todos os médicos. Vou lá. Você feche a porta por dentro e não abra a ninguém que bata nem atenda o telefone. Assim que puder virei dar notícias a você.

MÁRIO TIRA UM REVOLVER DO BOLSO E ENTREGA  
A ESTELA.

MÁRIO - E aqui você tem o meu revólver para se defender de qualquer surpresa. Si ele não estiver entre os feridos e lhe aparecer, não espere nada. Atire logo.

MÁRIO DÁ UM BEIJO EM ESTELA QUE VAI COM ELE  
ATÉ À PORTA.

MÁRIO - Deus esteja com você, querida. E tenha fé que nada há de lhe acontecer.

MÁRIO SAI. ESTELA FECHA A PORTA E ENTRA  
DE VAGAR COM O REVOLVER NA MÃO. ARRASTA  
UM MOVEL QUALQUER PARA PERTO DA PORTA E  
SE SENTA DE FRENTE PARA A JANELA COM O  
REVOLVER NA MÃO.

APROXIMAÇÃO até DET da mão de ESTELA  
segurando o revólver.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL TUMULTUOSA

FUSÃO com: DET de outro revólver na  
mão do CHEFE, de avental de médico

- SALETA DOS MÉDICOS -

CHEFE - Este foi um dos revólveres da resistência. Deve ter sido uma luta terrível, a julgar pela quantidade de gente ferida que temos aqui. Estava à sua espera para lhe entregar o Chefe dos bandidos.

AFASTAMENTO até enquadrar MÁRIO, já

AUDIO - ACORDE TREMENDO

CHEFE - Ele precisa de uma operação muito melindrosa que só você será capaz de praticar com êxito.

CORTE

P.P. de MÁRIO, sofrendo antes de  
responder.

AUDIO - REPETE O ACORDE.

CHEFE - Posso confiar em você, Mário?

AFASTAMENTO até P.A. dos DOIS

MÁRIO - Sim, Chefe. Pode confiar em mim.

CHEFE - Ele já deve estar na sala numero 4

CHEFE - (CONT.) quatro à sua espera.

MÁRIO - Perfeitamente. Com licença.

MÁRIO SAI DE QUADRO E O CHEFE FICA OLHANDO  
NA DIREÇÃO EM QUE ELE SAIU.

CHEFE - Pobre Mário! Bem sei o enorme sa-  
crifício que lhe imponho, mas não tenho  
outro médico a quem possa confiar uma in-  
tervenção tão delicada.

CONTRA REGRA - TELEFONE TOCA

O CHEFE TIRA O FONE DO GANCHO E FALA

CHEFE - Pronto. O doutor Mário foi agora  
mesmo para a sala operá-lo. (Pausa) Bem,  
mas é nosso dever fazer tudo até ao fim.  
(Pausa) Certo.

O CHEFE DESLIGA E FICA OLHANDO A CÂMERA, PENSANDO

APROXIMAÇÃO até G.P. de CHEFE

ÁUDIO - PASSAGEM MUSICAL TUMULTUOSA

DESFOQUE.

FOCALIZA em: P.P. de MÁRIO, como no  
início, à frente da tapadeira.

- TAPADEIRA OU FUNDO NEUTRO -

MÁRIO - Fiz a operação. Cumpri meu dever  
de médico. Durante cinco horas e meia tra-  
balhei exaustivamente para salvar aquele  
monstro e o consegui. Mas depois da opera-  
ção, era necessário um trabalho de vigilân-  
cia que só mesmo um médico dedicado seria  
capaz de fazer e eu não tinha mais forças.  
Entreguei o caso a um estudante e na pri-  
meira crise que sobreveio, tres horas de-  
pois da operação, êle sucumbiu. Mas eu queri  
a estar perto de minha irmã que, muito mais  
do que êle, precisava da minha presença na  
quela noite. E foi por isso que o abandonei.  
Quem julgar que fiz mal e quizer responsa-  
bilizar-me pela morte de meu cunhado...  
que me atire a primeira pedra.

CHICOTE para o CORAÇÃO de JESUS

ÁUDIO - SUFIXO MUSICAL

- ATIRE A PRIMEIRA PEDRA

ENCERRAMENTO



.....  
SLIDES: (Os de costume)

ÁUDIO: - PREFIXO MUSICAL

ABERTURA em DET de CORAÇÃO DE JESUS

VOZ: ... e aquele que se julgar sem pecado, que lhe atire a primeira pedra!...

CHICOTE para P.P. de JORGE, abatido, à frente de um fundo neutro.

JORGE - Meu nome é Jorge e a minha idade vinte quatro anos. Tinha acabado de me formar em direito, quando aconteceu aquela coisa horrível que foi o ponto de partida de toda a infelicidade dentro de nossa casa. Minha mãe era viuva de um desembargador que marcara, com honradez e dignidade, a sua passagem pela vida pública. Ficara com alguns recursos, graças aos quais eu pudera me formar. E foi justamente no dia da minha formatura que a nossa desgraça teve o seu início.

DESFOQUE

ÁUDIO - MÚSICA ACOMPANHA O DESFOQUE

FOCALIZA em: P.P. de LUIZA, velha mas muito bem arrumada, num vestido próprio para a sua idade. Usa chaile.

AFASTAMENTO até P.G. do ambiente.

- SALA BEM ARRUMADA, COM RECANTO DE ESCRITÓRIO ELEGANTE, CONJUGADO -

(Luiza está sentada, lendo)

ILUMINAÇÃO - EFEITO DE NOITE

LUIZA - Jorge disse que levaria Clara até em casa e voltaria logo, mas já faz mais de uma hora que estou à sua espera e ele não me aparece. Já estou cansada e com sono, mas gostaria de entregar-lhe, ainda hoje, que é o dia da sua formatura, o anel que seu pai usava. Ele vai ficar comovidíssimo.

LUIZA VOLTA À LEITURA POR ALGUNS INSTANTES.

CORTE

P.A. de JORGE, na porta da rua.

PAN.HOR. vai com JORGE até onde ele for.

JORGE SE DIRIGE PARA LUIZA E AO CHEGAR PERTO ELA ESTARÁ COCHILANDO. ACORDA-SE DE REPENTE.

JORGE - Estava cochilando, mãe?

LUIZA - Pois é. Você disse que não demorava e afinal demorou tanto que eu acabei dormindo.

JORGE - É que a família de Clara fez questão que eu tomasse uma taça de champagne e eu achei indelicado me furtar.

LUIZA - Sente, meu filho, eu quero conversar um pouco com você.

JORGE SENTA PERTO DE ONDE ESTÁ LUIZA

JORGE - (sentando) Pois não, mãe. Eu já estava imaginando que a senhora estivesse à minha espera, para falar-me sobre Clara.

LUIZA - Sobre Clara? Não, meu filho. Gostei muito de sua noiva, desde que ela me procurou nas vésperas do seu noivado e tudo que penso a respeito dela e da sua família você já sabe.

CORTE

P.P. de LUIZA

AFASTAMENTO até enquadrar os DOIS

JORGE - Bem... é que... como somente hoje oficializamos o nosso noivado, pensei que a senhora me quizesse falar qualquer coisa sobre ele.

LUIZA - Não, meu filho, eu estava à tua espera para dar-te o presente que guardei para ti, mas antes queria, ~~justamente~~ ~~me~~ te falar sobre ele. Vou te dar hoje, em regosijo à tua formatura, o anel que teu pai usou e que foi para ele um verdadeiro símbolo de justiça, honradez e dignidade.

CORTE

P.P. de JORGE, emocionado

AFASTAMENTO até P.A. dos DOIS

JORGE - Mãe!... A senhora vai me dar aquele anel belíssimo que pertenceu a papai? Uma joia tão valiosa?!...

LUIZA :- Sim, meu filho, dizes bem. Uma joia tão valiosa. Mas valiosa, principalmente, porque a mão que a usou, no passado, jamais esboçou um gesto de tibiez ou de covardia que pudesse empanar a grandeza moral do caráter de seu pai.

JORGE - Mãe, eu... eu nem sei como agradecer um presente dessa natureza...

LUIZA - É simples, meu filho. Basta que todas as vezes que olhares o anel, te lembres como foi teu pai e procures imitá-lo.

CORTE

P.P. de JORGE, emocionado

JORGE - Prometo-lhe agora, solenemente, que esse anel não será para mim apenas o símbolo da justiça, mas o lembrete cons

JORGE - (CONT). tante de um homem que foi padrão de coragem, de amor e dignidade.

AFASTAMENTO até P.A. dos DOIS

LUIZA METE A MÃO NO BOLSO E TIRA UMA CHAVE PEQUENA. EXTENDE-A PARA O FILHO E FALA.

LUIZA - Esta é a chave da minha cômoda. Na gavetinha pequena, da esquerda, encontrarás uma caixa de jacarandá adornada de prata, onde guardo as poucas jóias que teu pai usou: o seu anel de formatura, o seu alfinete de gravata e as suas abotoaduras. Traz a caixa para que eu te possa dar o anel.

JORGE PEGA A CHAVE, LEVANTA E SAI PARA O INTERIOR DA CASA. LUIZA PERMANECE OLHANDO PARA ELE ATÉ QUE DESAPAREÇA. QUANDO ISTO ACONTECE, FALA, PENSATIVA.

LUIZA - Cada vez está mais parecido com o pai! E eu tenho certeza de que ele saberá honrar a sua memória. Já o irmão é completamente diferente. Às vezes quero crer que é uma questão de idade, mas depois lembro-me que Jorge, quando tinha a idade que Jayme tem hoje, já era muito mais amadurecido e com muito mais senso de responsabilidade. Enfim... é a tal coisa: cada um como Deus fez e a grande verdade é que eu não posso me queixar.

JORGE ENTRA EM QUADRO, TRAZENDO UMA CAIXA DE JACARANDÁ ADORNADA COM PRATA QUE ENTREGA PARA A MÃE AO TEMPO EM QUE SE SENTA.

JORGE - Pronto, mãe, aqui está a caixa. LUIZA PEGA A CAIXA E METE A MÃO NO BOLSO DE ONDE RETIRA UM PEQUENO MOLHE DE CHAVES PEQUENAS. ESCOLHE UMA E ABRE A CAIXA QUE TEM NO COLO. LEVA UM CHOQUE TREMENDO.

LUIZA - Não!...

ÁUDIO - O ACORDE MAIS ESPETACULAR, REFLETINDO SUSTO E DESESPERO.

JORGE - (susto) Que há mãe?!... Que aconteceu?!...

CORTE  
DET' do COPRE vasio, nas mãos de  
LUIZA

LUIZA - Não está vendo? Será preciso que eu fale, meu filho? As jóias... as jóias de seu pai... desapareceram!...

ÁUDIO - REPETE O ACORDE TREMENDO.

LUIZA LEVA AS DUAS MÃOS AO ROSTO, SOLUÇANDO,  
DESESPERADA.

CORTE

P.P. de JORGE, horrorizado, pro-  
curando compreender o que acontece

JORGE - Mas quem poderia ter mexido na  
sua gaveta, mãe? Não é só a senhora  
que possui chave da gaveta e da caixa?

CORTE

P.P. de LUIZA

LUIZA - Sim, mas que importa isso se quan-  
do durmo a sesta deixo sempre as chaves  
na gaveta da mesinha de cabeceira?

CORTE

P.P. de JORGE, atordoado

JORGE - Mas nesse caso, só pode ter me-  
xido lá uma pessoa de casa...

CORTE

P.P. de LUIZA

LUIZA - ou que "esteja dentro de casa" é  
o que você quer dizer; não é meu filho?

CORTE

P.P. de JORGE, convicto.

JORGE - Claro. É evidente que eu, a senho-  
ra e Jayme não teríamos nenhum interesse  
em roubar o que é nosso.

AFASTAMENTO até enquadrar LUIZA

LUIZA - Meu filho temos que denunciar  
Doroteia e Bernardo à polícia, porque  
só um dos dois poderia ter mexido na mi-  
nha gaveta e tirado essas joias.

JORGE - Não, mãe, Bernardo, não. Um ho-  
mem como ele está à cima de qualquer sus-  
peita. Além de servir-nos há tantos anos,  
foi grande amigo de papai. Não temos o  
direito de duvidar dele.

LUIZA - Bem, nesse caso... só pode ter  
sido Doroteia. Mais ninguém.

CORTE

P.P. de LUIZA, energética.

LUIZA - Bem, meu filho, nada mais adian-  
tamos em ficar aqui a lamentar o que acon-  
teceu. Vamos dormir e amanhã de manhã vo-  
ce irá à polícia registrar nossa queixa  
contra Doroteia. Ela terá que dizer onde  
poz essas joias, porque eu as quero de  
~~qualquer maneira~~ volta de qualquer ~~maneira~~  
maneira.

APROXIMAÇÃO até G.P. de LUIZA,  
contrariada

ÁUDIO - PASSAGEM MUSICAL TUMULTUOSA

FUSTAO com G.P. de INSPETOR, sentado  
diante de Dorotéia que está fardada  
de empregada, nervosissima e chorosa.

- OUTRO ANGULO DA MESMA SALA -

INSPETOR - Você sabia que as chaves de  
sua patrôa ficavam sobre a mesinha de ca  
beceira enquanto ela sesteava?

AFASTAMENTO até enquadrar DOROTEIA

DOROTEIA - Sabia, sim senhor, porque sem  
pre que ia acordá-la para o lanche da tar  
de, via as chaves ali, mas posso jurar ao  
senhor que nunca toquei nessas chaves, nun  
ca!

COBRE O ROSTO COM AS MAOS, SOLUÇANDO, DESES  
PERADA.

INSPETOR - Sabia, tambem, que a caixa das  
joias estava guardada na gaveta da cômoda?

DOROTEIA - Não senhor. Não sabia nada de  
caixa nem de joias.

CORTE

P.P. de LUIZA, sentada perto e o filho  
JORGE, de pé por traz dela.

LUIZA - Sabia, sim senhora. Sabia porque  
a última vez que passamos kerozene na cômo  
da, para combater os carunchos, foi ela  
quem me ajudou a tirar tudo. Ou será que  
eu estou mentindo, Doroteia?

CORTE

P.P. de DOROTEIA, chorosa

DOROTEIA - Não senhora, dona Luiza, eu não  
quize dizer isto. Realmente eu ajudei a se  
nhora a esvasiar a cômoda, mas pensa que  
prestei atenção a qualquer coisa que esti  
vesse lá guardada? Juro-lhe que não.

AFASTAMENTO até enquadrar INSPETOR

INSPETOR - O que é certo é que o ladrão  
estava aqui dentro de casa, porque entrar  
de fora sem deixar vestígios, não me parece  
que seja possível.

o CORTE

P.P. de JORGE.

CORTE

P. A. de INSPETOR e DOROTEIA

JORGE - É claro que não. E alguém que entrasse de fora não iria se limitar a roubar apenas as joias. Tinha muitas outras coisas que roubar.

INSPETOR - Lógico. Portanto, menina, já que as suspeitas recaem todas sobre você, porque não confessa logo a verdade e não diz onde escondeu as joias?

DOROTEIA - Mas como posso confessar uma coisa que não fiz, seu Inspetor? Eu juro por tudo que quizerem! Por minha mãe... por Nossa Senhora... pelas Chagas de Cristo!...

CORTE

P.A. de LUIZA e JORGE

LUIZA - Você pensa que a negativa obstinada poderá salvá-la? Está muito enganada, ouviu? Muito enganada. Se disser onde botou as joias ou a quem as vendeu, se nós conseguirmos ~~reaver~~ rehavê-las, inda serei capaz de pedir ao senhor Inspetor que a perdôe e deixe em liberdade. Pense bem e resolva.

CORTE

P.P. de DOROTEIA, sempre chorando e sempre muito desesperada.

DOROTEIA - Mas eu não sei de joias! Eu não sei de nada. Eu não roubei coisa alguma! Não fui eu! Não fui eu! Juro que não fui eu!...

O INSPETOR SE LEVANTA E SE APROXIMA DE DOROTEIA, PEGANDO-A POR UM BRAÇO PARA LEVA-LA.

INSPETOR - Bem, se ela não quer confessar por bem, nós vamos dar um jeito dela confessar por outro modo. Vamos embora.

O INSPETOR FORÇA DOROTEIA A LEVANTAR PUXANDO-A PELO BRAÇO. ELA, APAVORADA, RESISTE.

DOROTEIA - Não, não me leve... é uma in-  
justiça que estão me fazendo... eu não rou-  
bei nada... juro que não roubei...

INSPECTOR - Depois nós vamos saber isso di-  
reitinho. Nós vamos conversar lá na chefa-  
tura.

INSPECTOR VAI SAINDO LEVANDO DOROTEIA QUASI  
ARRASTADA PELO PULSO.

DOROTEIA - Não, não me leve... não fui eu...  
não fui eu... juro que não fui eu...

AO PASSAR POR LUIZA, DOROTEIA AGARRA-SE NELA  
COM A MÃO QUE TEM LIVRE E LUIZ FICA INSENSÍ-  
VEL, PROCURANDO DESPRENDER-SE.

DOROTEIA - Não deixe ele me levar, dona  
Luiza, não deixe. Não fui eu... não fui  
eu...

O INSPECTOR FAZ UM GESTO DE DESPEDIDA AO PAS-  
SAR POR JORGE E LUIZA E SAI, ARRASTANDO DORO-  
TEIA QUE GRITA ATE SUA VOZ DESAPARECER NA  
DISTANCIA.

CORTE

P.A. de LUIZA E JORGE

LUIZA - Tenho visto pouca gente de cabeça  
dura como essa menina.

JORGE - Não sei, mãe... a atitude dela  
me deixou confuso.

LUIZA - O que?! Você acha que ela realmente  
possa estar inocente?

JORGE - Não sei, mãe... não sei... o  
seu desespero era tão grande, o seu pranto  
me pareceu tão sincero...

CORTE

P.P. de LUIZA, pensando

LUIZA - Bem se vê que você ainda não tem  
bastante experiência da vida, meu filho.  
Acredito que o seu pranto fosse sincero  
pelo medo de ser presa, mas estou certa  
de que foi ela mesma quem roubou as joias  
de seu pai. E quem mais poderia ser se não  
fôsse ela? Quem?

APROXIMAÇÃO até G.P. de LUIZA.

FUSÃO com G.P. de SAFIRA, na frente de um espelho, pintando os lábios e os olhos, num robe de chambre bem vaporoso e provocador.

- QUARTO DE DORMIR DE COCOTE FRANCESA -

AFASTAMENTO até enquadrar JAYME, em mangas de camisa, recostado sobre a cama.

CORTE

P.P. de JAYME, impaciente

CORTE

P.P. de SAFIRA

AFASTAMENTO até P.A. dos DOIS

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL TUMULTUOSA.

SAFIRA - Como é, meu bem? Você não vai se virar para arrumar o dinheiro que eu pedi?

JAYME - Safira, você está cansada de saber que eu sou estudante e que só tenho dinheiro quando a velha me dá.

SAFIRA - E por que você não pede a ela? Diga que a sua amiguinha precisa e pronto.

JAYME - Bem se vê que você não conhece minha mãe. A velha 'é de amargar!

SAFIRA - Mas escuta aqui: você mesmo já não disse que ela é rica pra xuxú?

JAYME - Bom, rica ela é, mas a questão é que não é trouxa. Então você pensa que ela vai me dar dinheiro pra eu lhe dar e você botar fora? Pois sim! Vai dar, mas custa!

SAFIRA - E da outra vez que eu precisei, ela não deu?

JAYME - Mas ela não sabia que estava dando pra você. Eu passei a cantada nela e com a papolina e tal e coisa, a velha embarcou.

SAFIRA - Pois então por que você não faz a mesma coisa, agora?

JAYME - Porque a segunda vez eu sei que não pega. Eu nem sei como a primeira pegou...

SAFIRA - Bem, eu não vou discutir mais o assunto. Preciso do dinheiro e se você não

SAFIRA - (CONT). me arranjar já sabe o que tem que fazer.

SAFIRA FAZ COM A MÃO O GESTO DE DAR O FORA.  
JAYME SE LEVANTA E VAI RAPIDO PARA PERTO DE SAFIRA QUE NÃO LHE DA A MÍNIMA CONFIANÇA.

JAYME - Você não pode me dizer isso, Sa-  
fira. Você sabe que eu não posso viver sem  
você e que tenho sempre atendido a todas  
as suas exigências.

SAFIRA SE VIRA PARA ELE, RÁPIDAMENTE, PELA  
PRIMEIRA VEZ FALANDO-LHE DIRETAMENTE.

SAFIRA - E por que não atende a mais esta?  
Se você gosta de mim, como diz e se não po-  
de viver sem mim, trate de fazer-me as von-  
tades, ou então já sabe o que tem a fazer.  
Se você não quiser, eu tenho quem me faça  
as vontades, ouviu bem?

CORTE

P.P. de JAYME, furioso mas concentrado.

JAYME - Eu sei. Não preciso que você me  
lembre a toda hora, está ouvindo? Fico uma  
fera quando você faz isso.

CORTE

P.P. de SAFIRA, bem superior

SAFIRA - Como é? Vai tentar arranjar o di-  
nheiro ou não vai?

JAYME, FURIOSO, PEGA SAFIRA PELOS OMBROS,  
COM FORÇA, E SACODE-A.

JAYME - Vou, demônio, vou!

JAYME ATIRA SAFIRA COM FORÇA EM CIMA DA  
CAMA E SAI, INDIGNADA.

CORTE

P.P. de SAFIRA, na cama, primeiro indi-  
gnada com a brutalidade dele mas de-  
pois começando a sorrir por se ver ven-  
cedora.

APROXIMAÇÃO até G.P. de SAFIRA, garga  
lhando ou sorrindo.

FUSÃO com: G.P. de CLARA, sentada num  
banco de jardim.

- SET DE JARDIM COM BANCO -

AFASTAMENTO até enquadrar JORGE, sen  
tado ao lado dela.

SAFIRA - Vai, cachorrinho, vai. E o dia  
que não quizeres me obedecer mais, dou-  
te um ponta pé e mando-te passear.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

JORGE - Você tem qualquer coisa hoje, Cla  
ra. Você está diferente, querida.

CLARA - Meu bem... realmente, eu... eu es  
tou tão perturbada com uma coisa que acon  
teceu... eu... não sei, não sei...

JORGE - Fale, desabafe. Afianço-lhe que é  
muito melhor.

CLARA - Sim, sim... eu sei que é melhor..  
mas... eu tenho pena de lhe dar um desgos  
to tão grande, entende?

JORGE - Desgosto?... Mas então... Será que  
você está arrependida e quer desmanchar o  
nosso casamento?

CLARA SEGURA AS DUAS MÃOS DE JORGE, RÁPIDA.

CLARA - Oh, não, querido, que esperança!  
Você sabe que o amo, por que razão haveria  
de estar arrependida?

CORTE

P.P. de JORGE

JORGE - Bem, é que você está tão ambaraça  
da que eu cheguei a pensar.

CORTE

P.P. de CLARA

CLARA - Talvez que se fosse isso, não me  
custasse tanto.

AFASTAMENTO até P.A. dos DOIS

JORGE - Vamos, fale de uma vez. Eu agora  
já estou ficando aflito.

CLARA - É muito constrangedor o que lhe vou dizer... e muito doloroso, mesmo, mas infelizmente o meu dever é pô-lo a par da verdade.

JORGE - Pale.

CLARA - Eu estava no cabelereiro arrumando a cabeça, quando, no resevado ao lado, ouvi uma conversa entre uma cliente e a empregada da casa. A penteadeira estava elogiando o anel que ela tinha no dedo e ela se saiu com esta: "Esse anel era de um desembargador que seria, em breve, meu sogro, se fôsse vivo. Foi o meu noivo que me deu de presente. Logo depois, falando no noivo, ela disse o nome do Jayme. Quando isso aconteceu, eu fiquei desesperada e comecei a prestar atenção a tudo. Quando ela saiu, comecei a acompanhá-la de longe e vi que ela entrou neste endereço...

CORTE

DET. de BOLSA no colo de CLARA.

CLARA ABRE A BOLSA E TIRA UM PEDAÇO DE PAPEL COM QUALQUER COISA ESCRITA. ENTEREGA A JORGE.

AFASTAMENTO até P.A. dos DOIS

CLARA - ... logo adiante encontrei Jayme e fingi não vê-lo. Passei por ele e, disfarçadamente, controlei seus movimentos. Ele entrou, justamente, na casa em que a moça havia entrado.

JORGE - Que horror, meu Deus! Que horror! E a pobre da Dorotêa presa injustamente.

CLARA - Coitada! Antes de me lembrar do que sua mãe iria sofrer, lembrei-me da injustiça que a pobresinha está sofrendo.

JORGE - É forçoso que ela seja libertada o quanto antes. Para isto vou procurar agora mesmo o Inspetor que tomou conta do caso e vou dar-lhe a ~~me~~ pista para as novas investigações.

CLARA - Ouça um momento, querido: se fôr possível deixar-me de fora... É por sua mãe, entende? Não sei como ela interpretaria a minha intromissão no caso...

JORGE - Esteja descansada. Ficaremos ambos de fora. O Inspetor não é obrigado a esclarecer como chegou à sua conclusão. Venha comigo. Vamos procurá-lo agora mesmo.

JORGE SEGURA CLARA PELA MÃO SAI COM ELA PELA CAMERA.

APROXIMAÇÃO até DET de BANCO ou qualquer outro.

FUSÃO com qualquer DET. da SALA DE LUIZA.

AFASTAMENTO até P.A. de LUIZA e INSPETOR

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

LUIZA - E essa moça lhe declarou quem lhe fez presente dessas joias?

INSPETOR - Declarou, sim senhora.

LUIZA - Diga, então quem foi?

INSPETOR - Eu preferia que a senhora continuasse ignorando, porque sei que lhe será muito dolorosa a verdade, mas infelizmente não poderei poupá-la. Quem ofereceu as joias de seu marido a essa moça, foi o seu filho Jayme.

AUDIO - ACORDE DE GRANDE CHOQUE

CORTE

P.P. de LUIZA, recebendo um choque fortíssimo e levando a mão ao coração.

LUIZA - Não!... Não pode ser!... Não acredito. Si ela disse isso, mentiu. Com cer

CORTE

P.P. de INSPETOR

CORTE

P.P. de LUIZA, desesperada, sofrendo

AFASTAMENTO até P.A. dos DOIS

LUIZA - (CONT.) teza foi tudo combinado com Doroteia, para innocentá-la. Procure saber se essa rapariga não é amiga de Doroteia e há de ver que é.

INSPETOR - Já foi tudo investigado, senhora. Não há nenhuma dúvida quanto ao roubo. Ele foi praticado por seu filho.

AUDIO - REPETE O ACORDE ANTERIOR.

LUIZA - Não posso crer! Não posso! Não posso! Meu filho há de poder explicar o que aconteceu. Tenho certeza absoluta.

INSPETOR - Pois justamente para ouvi-lo é que estou aqui. Também desejo que ele possa explicar, satisfatoriamente, a sua atitude, mas devo lhe confessar que não acredito muito.

LUIZA - Diga-me, Inspetor, o senhor permitiria que lhe fizesse eu as primeiras perguntas?

INSPETOR - Não vejo razões que a impeçam, mas não creio que isso possa adiantar alguma coisa.

LUIZA - É que eu desejo prepará-lo para o choque que êle vai ter, compreende?

INSPETOR - Muito bem, ficará a senhora então com a palavra, até ao momento em que me parecer oportuno entrar no assunto.

LUIZA, DESDE O CHOQUE DA NOTÍCIA, DE VEZ EM QUANDO LEVA A MÃO AO PEITO E COMPRIME O CORAÇÃO, RESPIRANDO COM DIFICULDADE. O INSPETOR SE LEVANTA, CAMINHA ATE AO FUNDO E ACENDE UM CIGARRO. VOLTA PARA PERTO DE LUIZA QUANDO JAYME APARECE NA PORTA DE DENTRO.

CORTE

P.A. de JAYME, na porta de dentro.

JAYME - Bom dia.

INSPETOR - (F.Q.) Bom dia.

PAN. HOR. acompanha JAYME até os  
DOIS.

JAYME - A senhora queria falar comigo, mã  
mãe?

LUIZA - Sim, meu filho. Apresento-lhe o  
Inspetor Martin que veio ter uma conversa  
comosco.

JAYME FICA LIGEIRAMENTE DESCONFIADO, MAS  
RESOLVE MOSTRAR-SE AMAVEL, EXTENDENDO-LHE  
A MÃO, SORRINDO.

JAYME - Muito prazer, senhor Inspetor.

INSPETOR - Obrigado.

LUIZA - Sente-se, meu filho. Vamos conver  
sar.

SENTAM-SE OS TRES, FICANDO LUIZA NO CENTRO.

LUIZA - Você se lembra de eu lhe ter dito  
que o anel, o alfinete de gravata e as abo  
toaduras de seu pai haviam sumido da caixa  
onde eu as guardara?

CORTE

P.P. de JAYME, confuso, desconfiado

JAYME - Lembro-me, sim. Mas por que? A que  
vem isso, agora, depois de tanto tempo?

CORTE

P.P. de LUIZA, cuidadosa

LUIZA - É que... essas joias... apareceram  
agora.

CORTE

P.P. de JAYME

AUDIO - ACORDE DE GRANDE SUSTO.

CORTE

P.P. de LUIZA

JAYME - Apareceram? Mas como apareceram?  
Onde estavam?

LUIZA - Em poder de uma rapariga chamada  
Safira.

CORTE

AUDIO - REPETE O ACORDE ANTERIOR.

P.P. de JAYME, desconcertado e ao mes  
mo tempo assustado.

CORTE

P.P. de LUIZA, investigando

LUIZA - Você conhece alguém com esse nome, meu filho?

CORTE

P.P. de JAYME, confuso, tateando

JAYME - Bem... quer dizer... eu conheci, apenas de vista, uma mocinha com esse nome, que era amiga da nossa empregada.

CORTE

P.P. de LUIZA, exultante, mas com dor

LUIZA - O senhor viu? Eu não lhe disse? Eu tinha certeza de que as duas haviam preparado uma cilada para comprometer o meu filho e tirarem de si mesmas as responsabilidades.

CORTE

P.P. de INSPETOR, sereno.

INSPETOR - Quer dizer então que o senhor nunca falou com essa moça, nem nunca esteve na casa dela?

AFASTAMENTO até P.A. dos TRES

JAYME - Nunca.

INSPETOR - E não teria, em alguma ocasião, escrito uma carta ou um cartão qualquer para ela, oferecendo-lhe um presente?

JAYME - Nunca. Pois se lhe digo que mal a conheço, como poderia mandar-lhe presentes?

INSPETOR METE A MÃO NO BOLSO E TIRA UNS ENVELOPES ONDE HÁ UMA FOTOGRAFIA DE JAYME EM TAMANHO POSTAL, COM DEDICATORIA, DOIS OU TRES CARTOESINHOS E ALGUMAS CARTAS QUE ELE MOSTRA AO RAPAZ MAS NÃO ENTREGA NA MÃO DELE.

INSPETOR - Sabe o que é isto aqui? Talvez o senhor nem se lembre mais, já que é tão esquecido. É a sua correspondência com essa moça que o senhor nega conhecer.

JAYME TENTA PEGAR O MAÇO MAS O INSPETOR O IMPEDE, RETIRANDO-O DO ALCANCE DE SUA MÃO.

INSPETOR - Desculpe, senhor Jayme, mas estas provas não poderão sair da minha mão.

LUIZA NOVAMENTE SENTE DOR NO PEITO E DA  
MOSTRAS BEL CLARAS DE A ESTAR SENTINDO.

INSPETOR - Aqui está um retrato seu para essa moça, com a seguinte dedicatória:  
"Para a Safira, coração do meu coração, com todo o amor que um homem seja capaz de dar à mulher que ama." JAYME." Aqui estão dois ou tres cartões oferecendo presentes de Natal e de aniversário e duas cartas que deixam bem evidenciadas a sua intimidade com uma pessoa que o senhor afirma não ter relações. Portanto, meu amigo, eu sinto muito mas sou obrigado a convidá-lo a me acompanhar.

CORTE

P.P. de LUIZA, levando a mão ao coração para contê-lo e mostrando que está sentindo forte dor no peito.

CORTE

P.A. dos TRES

AUDIO - ACORDE DE SUSTO.

JAYME - Pois não. Eu prometo que irei onde o senhor quer me levar, mas não agora. Dentro de meia hora, talvez, acompanhado pelo meu advogado.

JAYME CAMINHA PARA O TELEFONE E COMEÇA A FAZER UMA LIGAÇÃO, DISCANDO TRES OU QUATRO NÚMEROS.

INSPETOR - Não senhor. O senhor irá comigo e o seu advogado poderá ir lá ao nosso encontro, mais tarde. Diga-lhe que é na terceira delegacia.

JAYME - Alô! É o Barros? Fala o Jayme aqui, Barros. Você pode chegar agora mesmo na terceira delegacia? (Pausa) É um galho que eu preciso que você quebre.

JAYME - (CONT.) (Pausa) Lá você vai ficar sabendo. É um negócio muito complicado que não dá para contar pelo telefone. (Pausa) Não, não, eu vou para lá, agora com o Inspetor. Se você chegar primeiro espere um momento. (Pausa) Tchau.

JAYME DESLIGA O TELEFONE E VEM AO INSPETOR.

JAYME - Então, pronto. Estou às suas ~~suas~~ ordens.

O INSPETOR FAZ UM GESTO PARA LUIZA.

INSPETOR - Passe bem, senhora.

JAYME - Até logo, mãe, não se aflija. Há de ver que tudo sairá bem.

SAEM OS DOIS DE QUADRO. LUIZA TENTA LEVANTAR E NÃO CONSEGUE. CAI SENTADA SOBRE A POLTRONA. QUANDO SE VIRA PARA CHAMAR ALGUÉM, DA PORTA DE DENTRO SURGE JORGE, ABATIDO E PENALISADO.

JORGE - Quer alguma coisa, mãe?

LUIZA - Quero, meu filho... quero... quero que você me diga... que não foi ele... É isso que eu quero... meu filho..

JORGE - Desgraçadamente, mãe, eu não posso lhe dizer o que a senhora deseja. Foi Jayme quem roubou o anel de papai.

AUDIO - ACORDE PROFUNDAMENTE DRAMÁTICO.

JORGE - Foi ele o ladrão. Está provado.

AUDIO - REEBETE O ACORDE.

LUIZA LEVA AS DUAS MÃOS AO PEITO E SE LEVANTA COMO QUEM ESTÁ SENTINDO UMA DOR MUITO PORTE. CAMINHA UNS PASSOS PARA A PORTA DE DENTRO, CAMBALEANTE E SENTINDO QUE VAI CAIR TENTA APOIAR-SE A QUALQUER COISA QUE VAI AO CHÃO. O FILHO CORRE EM SEU SOCORRO E CONSEGUE APARÁ-LA ANTES QUE ELA TENHA TOMBADO AO SOLO. ARRASTA-A PARA O SOFÁ ONDE ELA ESTÁ MORRENDO. CORRE AO TELE-

(CONT). PONE E TENTA UMA LIGAÇÃO. N-AO CONSE  
GUE. DESLIGA. TENTA OUTRA, DESLIGA. CORRE ATE  
ONDE ESTA A MÃE E SAI DISPARANDO DE QUADRO.  
LUIZA AINDA ENTRESABRE OS O L<sup>OS</sup> UMA VEZ E AR  
FANDO DE LEVE VAI CESSANDO, ATE MORRER DEFINI  
TIVAMENTE.

PAN. HOR. vai de LUIZA para as coi  
sas que ela atirou ao chão.

APROXIMAÇÃO de um DET. qualquer

DESFOQUE

FOCALIZA em P.P.de JORGE

- FUNDO NEUTRO ou TAPADEIRA -

AUDIO - MUSICA ACOMPANHA O DESFOQUE

JORGE - Quando consegui trazer o médico,  
mãe já tinha expirado. Ele disse que o  
choque foi muito forte e o coração dela  
não resistiu. Eu penso que se tivesse  
procedido de outra forma, ela não teria  
morrido, mas também Doroteia continuaria  
cumprindo uma pena injusta e o verdadeiro  
culpado não teria sido punido. E foi só  
por esse motivo que a polícia ficou sabendo  
antes de minha mãe. Ela não teria me  
deixado denunciar Jayme e tudo continuaria  
como estava. Sei que muitos hão de me apontar  
como causador da morte de mãe e eu  
mesmo assim me considero, mas aquele que  
me julgar em pecado... que me atire a pri  
meira pedra!

AUDIO - SUFIXO MUSICAL

CHICOTE

DET. de CORAÇÃO DE JESUS.

SUPERPOE SLIDES.

ENCERRAMENTO.

ATIRE A PRIMEIRA PEDRA

ORIGINAL DE ERICO GRAMER

REALIZAÇÃO DE ERICO GRAMER

PERSONAGENS:

LEDA..... TANIA MARIA ↓  
SEVERINA..... MARLENE NERY ↓  
DIONELIO..... VINICIUS SALVADORI ↓  
CHEFE..... J. PIRES ↓  
TORTO..... **CEZAR MAGNO** ↓  
LAURO..... ANTONIO LARA ↓  
DELEGADO..... **DORIVAL CABRERA** ↓  
POLICIAL..... AUGUSTO (Lutador) ↓

CENARIOS:

- 1ª) - BOUDOIR DE SENHORA ELEGANTE, COM PENTEADOR, DIVAN,  
MESINHA E POLTRONA.  
2ª) - SET DE ESCRITÓRIO COM NICHOS COM LIVROS, PORTA AO  
LADO E UM ARCO COM FUGA.  
3ª) - SUBTERRANEO DE TIJOLOS E VIGAS, COM ESCADA TOSCA  
AO FUNDO, DANDO PARA O ANDAR SUPERIOR QUE LEVA A  
RUA.

**4ª) - TRAFICANTE LISA**

DATA DA APRESENTAÇÃO.... 27.9.1961

TV PIRATINI - CANAL 5

SLIDES: (Os de costume)

**ABERTURA EM DET CORÇÃO DE JESUS**  
**CHICOTE** em P.P. de LEDA, de casaco

de pele ou de fazenda, gorro na cabeça, ar cansado de pessoa que sofre.

AFASTAMENTO até P.A. de LEDA

**- TRAPAZEIRA LISA -**

AUDIO: PREFIXO MUSICAL

*Voz: é aquela que se julga com pecado que ele atira na primeira pedrinha.*

LEDA - Meu nome é Leda e sou casada com o industrial Aldrovando Soares Leme. Tenho uma história que desejo contar a vocês para que me ajudem a sair desse tremendo complexo de culpa que vem amargurando a minha existência, desde o dia em que o meu cunhado... (corta) O melhor é contar tudo desde o princípio. Meu cunhado e meu marido nunca se deram bem. Cada um tinha a sua maneira de vida e criticava a maneira do outro. Eu, com medo de um atrito entre os dois, procurava sempre acomodar as coisas e afastá-los de uma discussão. Não foi difícil a Dionélio - meu cunhado - perceber que eu o temia e, pouco escrupuloso, como era, tratou logo de tirar partido da situação. Lembro-me perfeitamente daquela tarde em que o meu drama teve o seu começo.

DESFOQUE

FOCALIZA em P.A. de SEVERINA, sentada num divan, brincando com um gato ou um cachorro. SEVERINA é um **valho** ta cômica e está vestida de criada de casa fina.

- BOUDOIR DE SENHORA ELEGANTE -

SEVERINA - Um pouquinho de perfume depois do banho sempre faz falta.

SEVERINA PICA BOTANDO LOÇÃO E ESPREGANDO O PELO DO CACHORRO.

SEVERINA - Você vai ficar bem cheiroso como deve estar um cachorro que se preza.

SEVERINA TORNA A BOTAR LOÇÃO NO CACHORRO, BOTANDO O VIDRO DE PARTE. FEITO ISTO PEGA UMA FITA PARA BOTAR UM LAÇO NO PESCOÇO O QUE COMEÇA A FAZER.

SEVERINA - E agora vamos botar uma fita, para depois ir com a Severina para a janela, namorar a cachorra da vizinha. Se você não estiver bem arrumado, ela faz ar de pouco caso e não olha para você.

CORTE

P.A. de LEDA, na frente da toilette, arrumando os cabelos, de chambre com pride. Ela procura alguma coisa sobre a mesa e não encontra.

LEDA - Severina, você não viu o meu vidro de loção?

AFASTAMENTO até enquadrar SEVERINA, no divan.

SEVERINA - Está aqui. Eu estava botando no titan.

LEDA - Óra, Severina, francamente! Então você gasta a minha loção francesa no cachorro? Isso não tem graça nenhuma.

SEVERINA - Ah, pois é! Para a senhora loção francesa, não é? e para o coitadinho qualquer loção ordinária, como se ele fosse um vira-latas. Não senhora, engraçado. Tão bom como tão bom. A senhora não é melhor do que ele.

CORTE

P.P. de LEDA, através do espelho, contendo o riso para não dar confiança.

LEDA - Ah é? Tú pensas assim? É muito bom que eu saiba.

AFASTAMENTO ATÉ PG. DA CENA

SEVERINA - Pois é claro, óra essa. A senhora não é granfina no meio das peeseeas que a senhora se dá? Pois o titan também é granfino no meio dos cachorres. Por isso que eu disse - tão bom como tão bom. E é isso mesmo.

SEVERINA LEVANTA E VEM PARA LEDA, AGRESSIVA.

SEVERINA - Quem sabe não gostou?

LEDA - Pensa bem no que disseste e vê se eu poderia gostar.

CONTRA REGRA - CIGARRA DE PORTA DE RUA, TOCA AFASTADA.

SEVERINA - Solta esse cachorro e vai ver quem é que está aí, que hoje é a folga do mordomo.

SEVERINA SOLTA O CACHORRO NO CHÃO E SAI DE QUADRO.

LEDA - A Severina está ficando cada vez mais respondona. Qualquer dia eu vou ser obrigada a chamar a atenção dela com energia e vai ser aquela choradeira.

LEDA LEVANTA DA PENTEADEIRA E VAI NA MESINHA PERTO DO DIVAN BUSCAR O VIDRO DE LOÇÃO. VOLTA. TORNA A SENTAR.

LEDA - Imagine, gastar uma loção caríssima no cachorro. E ainda não admite que eu ache ruim.

LEDA DESPEJA LOÇÃO NA MÃO E COMEÇA A BOTÁ-LA NOS CABEILOS. QUANDO ESTÁ NESSA OPERAÇÃO, DIONELIO ENTRA EM QUADRO.

DIONELIO - E então? Como vai a minha prezadíssima cunhada.

LEDA - (sorrindo, contrafeita) Olá! Como vai você?

DIONELIO - Quando eu apareço por aqui, você já sabe que eu não vou muito bem.

LEDA - Isso é que é ingratidão sua. Deveria aparecer nos maus dias e nos bons também.

DIONELIO - Deixe de fingimentos. Pensa que eu não estou sabendo que você não gosta que eu apareça em dia nenhum?

ÁUDIO - ACORDE DE SUSTO.

CORTE

P.P. de LEDA, esperando o golpe, temerosa mas fingindo naturalidade.

CORTE

P.P. de DIONELIO, cínico

CORTE

P.P. de LEDA, disfarçando sempre.

AFASTAMENTO até P.A. dos DOIS

CORTE

P.P. de LEDA, depois de pausa, temerosa.

CORTE

P.P. de DIONÉLIO.

CORTE

P.A. dos DOIS

LEDA - Que é isso, Dionélio?! Eu acho que sempre lhe tratei afetuosamente e nada lhe autoriza a pensar assim.

DIONÉLIO - Afetuosamente? Bem quer dizer... respeitosa e não afetuosamente. Esse respeito que a gente tem quando teme.

LEDA - Bem, se é isso que você pensa, pouco adiantará procurar convencê-lo do contrário. <sup>Queria que me visitasse</sup> ~~Não quer sentir?~~

DIONÉLIO - <sup>sempre</sup> ~~Não.~~ A demora é pouca. O meu respeitável irmão não gostaria de me ver na sua casa e eu também confesso que não tenho nenhum prazer em receber as suas repetidas e impertinentes lições de moral. Vin só falar com você e já me vou.

LEDA - Quanto é que você quer?

DIONÉLIO - Umas cinco ou seis abobrinhas já me satisfazem por hoje.

LEDA - Dionélio, você já pensou na situação <sup>que</sup> que me coloca perante o seu irmão? Antigamente você aparecia de quinze em quinze dias e se satisfazia com um ou dois mil cruzeiros que eu facilmente incluía nas minhas despesas particulares, mas de uns três meses para cá, você aparece semanalmente e já não lhe chegam menos de cinco ou seis mil cruzeiros. Como poderei explicar ao seu irmão esse acréscimo de vinte cinco ou trinta mil cruzeiros nas minhas despesas?

DIONÉLIO - Não me interessa. Isso é problema seu. Por que não lhe diz logo a verdade?

LEDA - Porque não quero que ele se aborreça com você. Afinal vocês são irmãos...

CORTE

P.P. de DIONELIO, advertindo

DIONELIO - (emenda) ... eu sou mais forte do que ele... não sei levar desaforo pra casa e você tem medo que eu faça alguma violência; não é isto?

LEDA - Não, Dionélio, simplesmente fico com pena de ver dois irmãos que deviam ser amigos, tratarem-se como cão e gato.

DIONELIO - Minha querida cunhada, não acho conveniente perdermos tempo em conversas. Dentro de meia hora, no máximo, meu caro caro irmão estará entrando em casa. Não acha melhor que eu saísse antes dele vir?

LEDA NÃO RESPONDE NADA. SE LEVANTA VAI PROCURAR SUA BOLSA, ENCONTRA UM TALÃO DE CHEQUES, PREENCHE UM E ARRANCA DO TALÃO, ENTREGANDO-O A DIONELIO QUE O SEGURA E VERIFICA.

LEDA - Pronto. Se quer ir embora, pode ir.

DIONELIO - Perfeitamente. Grazie tanta, signora e arivederci.

DIONELIO FAZ UMA MESURA AO ESTILO ANTIGO E SAI POR ONDE ENTROU. LEDA VAI UM PEDAÇO COM ELE E LOGO PARA. QUANDO ELE SE RETIRA, OLHA PARA A CÂMERA E ENTÃO PALA.

LEDA - É uma lástima! Uma verdadeira lástima! Um rapaz moço... cheio de vida e vendendo saúde e vivendo assim de golpes e de expedientes. E ele tem razão em dizer que eu tenho medo dele. Tenho mesmo. E medo, principalmente, por meu marido. E é por isso, unicamente, que eu me sujei to a ser explorada por ele.

APROXIMAÇÃO até G.P. de LEDA.

FUSÃO com: G.P. de LAURO, sentado às avessas numa cadeira comum, sem casaco e de cigarro no canto da boca.

- FORTÃO ESCURO, DE TIJOLOS E VIGAS -

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

AFASTAMENTO até enquadrar TORTO

CORTE

P.A. de DIONÉLIO, noutra canto,  
atirado sobre um banco, mascando  
um cigarro.

LAURO - Afinal de contas, o que é que nos  
tocou do último assalto que fizemos?

TORTO - Quasi nada. Roubamos perto de dois  
milhões, para no fim ficarmos com dez mil cru  
zeiros. Assim nem vale a pena trabalhar.

LAURO - E correr os riscos que corremos, por  
que, afinal, quem fica com a melhor parte é  
quem não se arrisca.

DIONÉLIO - Eu já disse a vocês o que é que  
nós temos que fazer. Vocês não se animam,  
então não reclamem.

LAURO E TORTO CAMINHAM PARA DIONÉLIO E SE  
COLOCAM CADA UM DE UM LADO. TORTO CAMINHA  
PUXANDO UMA PERNA E TEM UM BRAÇO ALEIJADO

LAURO - Quem é que não se anima? Eu lhe dis  
se, desde o princípio, que topava a parada.  
O Torto é que arrepiou.

TORTO - Sou mais velho que vocês e conheço  
melhor o Chefe. Ele não é de brincadeira.  
Se desconfia qualquer coisa ó... (faz gesto  
de degolar) nem discute.

DIONÉLIO - (repete o gesto) Antes que ele me  
tivesse feito isto... (faz gesto de atirar)  
eu já tinha lhe feito isto. Sim, velhinho,  
porque eu aqui não durmo no ponto.

LAURO - O Torto nem precisa fazer nada. Só  
prometer que não defende o Chefe.

DIONÉLIO - Está claro. Quem vai fazer tudo  
somos nós.

CONTRA REGRA - BATIDAS NA PORTA, AFASTADAS.

O TORTO SE VIRA E SEU PRIMEIRO IMPULSO É DE  
IR ATENDER, MAS DIONÉLIO PARA E ELE ESTACA.

DIONÉLIO - Para, Torto. Não tem nada que  
abrir. Deixa bater. Não deu as batidas do  
código, fica lá fora.

TORTO - Mas eu não ia abrir. Ia só espiar  
quem era.

DIONÉLIO - Deixa lá. Não é de casa, não inte  
ressa.

CONTRA REGRA - REPETE AS BATIDAS, DESTA VEZ  
POR MAIS TEMPO.

LAURO - Isso até está com jeito de batida da  
polícia.

DIONÉLIO - Não duvido, mas ela vai perder  
tempo porque abrir a porta não se abre. O  
Catarina e o Sarna conhecem o código e o

CORTE

P.P. de DIONÉLIO, amargo.

CORTE

P.P. de TORTO, passando a mão no nariz, ao tempo que funga.

AFASTAMENTO até P.A. dos TRES

DIONÉLIO - (CONT.) chefe tem a chave da por tinhola que dá para a loja, nunca entra por aí.

TORTO - Ele está demorando, hoje. Disse que queria uma reunião cedo, faz mais de uma hora que estamos à espera e até agora nada.

DIONÉLIO - E é chato esperar, como que!

LAURO - Quem sabe a gente joga um pouco para passar o tempo?

DIONÉLIO - Não é má ideia. Vê o baralho e prepara a mesa.

LAURO SE LEVANTA, COLOCA UMA TÁBOA LARGA EM CIMA DE UMA BARRICA, FAZENDO MESA, ACENDE UMA LÂMPADA QUE ESTÁ PENDURADA NUM FIO E PUXA DUAS BANQUETAS RÚSTICAS PARA A MESA IMPROVISADA. VAI NUMA PRATELEIRA E PEGA UMA CAIXA DE FICHAS E DOIS BARALHOS. TODOS SE SENTAM E ELE ENTREGA O BARALHO PARA DIONÉLIO QUE LOGO COMEÇA A EMBARALHÁ-LO E REPARTIR AS CARTAS. LAURO SEPARA UM MONTE DE FICHAS PARA CADA UM E BOTA-AS NA FRENTE DE CADA LUGAR. QUANDO COMEÇAM A JOGAR, OUVI SE JA, DEPOIS DA TERCEIRA CARTADA, OUVI-SE A VOZ DO CHEFE A UM CANTO DA CENA.

CHEFE : (pausado, FQ.) Boa noite.

ÁUDIO - ACORDE MUSICAL DE SUSTO.

CHICOTE

P.A. do Chefe, no canto da cena, olhando para os tres serena e impassivelmente.

TORTO - (solícito) Boa noite, Chefe.

OS DOIS -(má vontade) Boa noite.

O CHEFE CAMINHA PARA ONDE ESTÁ O GRUPO.

PAN.HOR. acompanha o Chefe, até enquadrar os outros.

O TORTO SE LEVANTA E DÁ O LUGAR PARA O CHEFE.

O CHEFE PASSA O BRAÇO NA MESA, DERRUBANDO TUDO NO CHÃO.

CHEFE - Vamos começar a nossa reunião que já estamos atrasados.

DIONÉLIO - Não por nossa culpa.

CHEFE : (forte, encarando duro Dionélio) Eu não perguntei se foi por culpa de alguem.

HÁ UMA PAUSA PESADA. LAURO E DIONÉLIO SE ENTREOLHAM SIGNIFICATIVAMENTE.

CHEFE : Marquei esta reunião, para informar a vocês as minhas determinações a partir desta noite. Não mais distribuirei com vocês o produto do trabalho noite por noite, como vi

CHEFE - (CONT.) vinha fazendo. Vocês recebem pouco e não ficam satisfeitos. Assim que, a partir de hoje, guardarei a parte de cada um e ao fim da semana farei entrega do total.

DIONÉLIO - É uma boa maneira de nos cosinhar no bafo, mas eu não estou de acordo com ela.

LAURO - Nem eu.

CORTE

P.P. de CHEFE olhando enigmáticamente para os dois e depois para TORTO.

CORTE

P.P. de TORTO, cheio de dedos

CORTE

P.P. de DIONÉLIO, forte

CHEFE - E você?

TORTO - Bem... eu por mim não vejo nenhum inconveniente...

DIONÉLIO - Porque você é carneiro e tem medo do chefe.

CORTE

P.P. de CHEFE, frio e duro.

CHEFE - Dionélio, vamos acabar com essas quixotadas, ouviu? Aqui dentro mando eu. Aqui dentro só se faz aquilo que eu quero, aquilo que eu determino, ouviu bem?

AFASTAMENTO até P.A. dos dois se olhando firme e duramente, um nos olhos do outro.

AFASTAMENTO MAIOR para enquadrar LAURO.

LAURO - Mas então nós não temos o direito de determinar nem aquilo que é nosso?

CHEFE - (num berro violento) Não.

LAURO - Mas afinal...

O CHEFE APLICA VIOLENTA BOFETADA EM LAURO, AO MESMO TEMPO QUE FALA.

CHEFE - Cale a boca, seu cachorro! Não admito que insolente nenhum me contradiga.

CORTE

P.A. de LAURO E DIONÉLIO, trocando um olhar demorado e significativo.

DIONÉLIO, imperceptivelmente, pisca um olho para LAURO que salta como um tigre em cima dele.

AFASTAMENTO até P.M. dos QUATRO.

O TORTO SE ENCOLHE TODO AO FUNDO DA PAREDE. LAURO E O CHEFE ESTÃO DE LUTA VIOLENTA. DIONÉLIO VEM POR TRAZ DO CHEFE QUE DE REPENTE SOLTA LAURO E DÁ UM ~~XXXXXXXXXX~~ GEMIDO SURDO. LEVOU UMA PACADA NAS COSTAS. O CHEFE CAMINHA CAMBALEANTE DOIS OU TRES PASSOS E CAI NO CHÃO POR CIMA DA BARRICA.

PAN.HOR. acompanhou o chefe. Neste momento o assistente colocou, no chão, do outro lado, a faca toda suja de groselha e DIONÉLIO fica perto dela.

CORTE .

P.A. de DIONÉLIO, OFEGANTE, parado, com a mão suja de groselha.

PAN.VERT. para a faca no chão.

PAN VERT. volta para o rosto de Dio nélio e depois...

PAN. HOR. que passando pelo rosto de LAURO vai ter ao rosto de TORTO, apav<sub>o</sub> rado.

APROXIMAÇÃO até G.P. de TORTO

AUDIO - CORTINA MUSICAL

FUSÃO com: G.P. de LEDA, sentada numa escri<sub>va</sub> vaninha, escrevendo uma carta.

AFASTAMENTO até enquadrar SEVERINA, com o cachorro no colo, parada perto dela.

**- SET DE ESCRITÓRIO -**

SEVERINA - Posso falar? Não interrompo?

LEDA - Agora que já interrompeu, pode.

SEVERINA - Mas como é que eu ia deixar de falar, se eu tenho que avisar a senhora que tem uma pessoa aí que quer falar com a se<sub>n</sub>hora? Si eu ficasse calada, a pessoa fica<sub>va</sub> lá esperando e a senhora mesma era a primeira a não gostar. A gente nunca sa<sub>be</sub> como é que vai fazer as coisas aqui nes<sub>ta</sub> casa. Nunca sabe quando é que vai agra<sub>dar</sub> ou desagradar... Se a senhora tivesse um outra empregada, daquelas que...

LEDA - Chega, Severina. Tá disseste que me interrompeste para não deixar a pessoa es<sub>per</sub>ando. Por acaso ela não está esperando enquanto tá estás aí a falar, a falar que nem uma matraca? Vai lá duma vez e faz a pessoa entrar para aqui.

SEVERINA - Está bem, eu vou. Mas que a senhora está ficando muito ranzinza, está. Acho que dorme com os pés destapados, fica ataca<sub>da</sub> do fígado e depois despeja a bilis em cima da gente. A pobre da Severina é que paga a mula roubada.

CORTE

P.F. de LEDA, contendo-se, mas impaciente.

CORTE

P.A. de SEVERINA, olhando zangada e saindo a falar com o cachorro.

PAN.HOR. acompanha SEVERINA até su-  
mir.

CORTE

P.A. de LEDA que subscreve um envelope,  
lê a carta que escreveu e quando vai do-  
brá-la, entra em quadro LAURO.

LEDA - Está bem, Severina, desculpe, mas vá  
de uma vez fazer entrar a pessoa que quer fa-  
lar comigo.

SEVERINA - Tá estás vendo como ela me trata,  
Titan? Tá estás vendo? E isto que eu estou  
na casa dela há mais de quinze anos. Imagine  
se fosse uma empregada nova.

LAURO - Bom dia.

LEDA - Bom dia...

LAURO - A senhora que é a dona Leda, cunha-  
da do Dionélio?

LEDA - Sim, sou eu mesma.

LAURO - Eu vim aqui falar com a senhora a  
mandado dele.

LEDA - (desagradada) Que é que ele quer?

LAURO - Posso falar aqui? Não há perigo?  
O assunto é sigiloso e de grande importân-  
cia.

LEDA - Pode falar.

LAURO - Seu cunhado manda lhe pedir com to-  
da a urgência cincoenta mil cruzeiros.

AUDIO - ACORDE DE SUSTO.

CORTE

P.P. de LEDA, completamente assustada

APASTAMENTO até P.A. dos DOIS

LEDA - O que?!... Cincoenta mil cruzeiros?!  
Mas ele pensa que eu disponho de tanto di-  
nheiro assim?

LAURO - Ele precisa desaparecer e manda lhe  
fazer um apêlo. Ele matou um homem!

AUDIO - ACORDE DE GRANDE SUSTO.

CORTE

P.P. de LEDA, completamente atônita

LEDA - O que?!... Dionélio matou um homem?

LAURO - Matou. É o nosso Chefe. Eles discu-

APASTAMENTO até P.A. dos DOIS

LAURO - (CONT.) tiram, eu me meti na discussão, o Chefe investiu contra mim e ele, pra me defender, enfiou a faca no Chefe.

LEDA - E agora eu, que não tenho nada a ver com o assunto é que devo me comprometer fornecendo-lhe o dinheiro para fugir? Não se nhor. Diga-lhe que eu me nego a prestar-lhe auxílio num caso destes. Sempre lhe forneci dinheiro, mas nestas circunstâncias, não.

LAURO - É a sua última palavra?

LEDA - Sim.

LAURO TIRA DO BOLSO UM REVOLVER E APONTA PARA

LEDA QUE LEVA UM SUSTO TERRIVEL, RECUANDO E SE ENCOSTANDO NA ESCRIVANINHA, ATERRADA.

LAURO - Pois então sinto muito dizer-lhe que a senhora vai me dar esse dinheiro de qualquer maneira, está ouvindo? Matamos o chefe, não podemos ser presos e temos que fugir antes que o crime seja descoberto. Vai dar o dinheiro ou vai me obrigar a matá-la, também e a cometer um roubo?

HÁ UMA PAUSA EM QUE LEDA OLHA PARA O RAPAZ E A SUA FISIONOMIA VAI SE TRANSFORMANDO DE MEDO PARA PENA. OBSERVA-O UM MOMENTO E FALA BRANDA

LEDA - Não acredito que você tenha coragem de matar-me. Você tem cara de menino bom.

LAURO - Por favor, não converse. Eu quero o dinheiro.

LEDA - Por que não aproveita essa oportunidade para se salvar?

LAURO - Cale-se, vamos, eu não posso perder tempo. Quero o dinheiro, o dinheiro...

LEDA - Você ainda poderia ser feliz, se quisesse voltar atrás.

LAURO - Não posso... não posso... é muito tarde.

LEDA - Nunca é tarde para se abandonar o

LEDA - (cont.) caminho do êrro e do vício, meu amigo. Você é tão moço... não poderá ter mais que vinte anos...

LAURO - Dezenove.

LEDA - É uma judiaria a gente se lembrar que amanhã ou depois você será fatalmente preso e toda...

AUDIO - ACORDE DE SUSTO.

LAURO -(desespero) Não! Não!...

LEDA - Será preso sim, meu filho, não te nha ilusões e então toda a sua vida estará desfeita. Passará vinte ou trinta anos entre as grades de uma prisão e quando sair estará velho... cansado...e descrente. Por que não abandona essa vida, enquanto a polícia ainda não lhe poz as mãos?

LAURO SE ENTREGA, RECOLHE O REVOLVER E FALA COM VOZ ENTRECORTADA DE PRANTO.

LAURO - Dionêlio não me deixará abandoná-la. Ele é terrível. A ordem que me deu foi de matá-la, se fosse preciso.

CORTE

P.P. de LEDA, decidida.

LEDA - Pois bem, eu vou lhe dar a mão para que você se salve. Quer?

AFASTAMENTO até P.A. dos DOIS.

HÁ UMA PAUSA E POR FIM LAURO SE PRECIPITA NOS BRAÇOS DE LEDA, SOLUÇANDO COMO UMA CRIANÇA. LEDA AFAGA-LHE OS CABELOS.

LEDA - Fobre criança! Eu vou ser a mãe que ~~tu~~ talvez não tenhas e vou procurar maneira de salvar-te. E para começar terá que me dizer onde e como poderei encontrar meu cunhado Dionêlio.

LAURO SE DESPRENDE DE LEDA, CHORANDO E OLHA A CÂMERA, APAVORADO.

LAURO - Sim, sim, eu lhe direi tudo, mas por favor, salve-me! Slave-me!...

APROXIMAÇÃO até G.P. de LAURO.

FUSÃO com: G.P. de DIONÉLIO, preocupa-  
do, sentado perto de uma barrica onde  
há um prato de barro ou de louça cheio  
de pontas de cigarro.

- PORÃO DE TIJOLOS E VIGAS -

AFASTAMENTO até enquadrar TORTO

DIONÉLIO - Não estou gostando da demora  
do Lauro. Faz mais de tres horas que foi  
buscar o dinheiro e não aparece de volta.  
Si ele caiu na asneira de fugir sózinho..  
nem sabe o que lhe acontecerá.

TORTO - Ele não ia ter coragem de fugir  
sózinho. Com certeza a mulher não tinha  
dinheiro em casa e ele está esperando que  
ela arranje.

DIONÉLIO - Eu vou esperar até ao meio  
dia. Si ele não aparecer eu saio e vou  
atrás dele. E você já sabe hein? Não se  
afaste daqui e nem abra a porta para nin-  
guem. O chefe agora sou eu.

TORTO - Está bem, chefe, está bem. Pode  
ficar tranquilo que eu obedeco.

CONTRA REGRA - BATIDAS DE CÓDIGO NUMA POR-  
TA AFASTADA,

TORTO - Ó. Ai está ele.

TORTO VAI LIBEIRO EM DIREÇÃO A PORTA MAS  
PARA, ALERTADO POR DIONÉLIO.

DIONÉLIO - Espere. Deixe que batam mais  
uma vez. Quero conferir a batida.

HA UMA PAUSA EM QUE OS DOIS ESPERAM ATENTOS.

CONTRA REGRA - (ao sinal) NOVAS BATIDAS  
IGUAIS AS PRIMEIRAS.

DIONÉLIO - Agora pode abrir. Deve ser  
ele.

TORTO SOBE A ESCADA DO FUNDO E DESAPARECE NA  
FUGA. OUVI-SE O RUIDO DE TIRAR A TRANCA E DE  
ABRIR UMA PORTA.

CONTRA REGRA - RUIDO DE TIRAR TRANCA DE  
FERRO E ABRIR UMA PORTA PESADA. TRAMBULIM.

CORTE

P.P. de DIONELIO, de costas para a porta.

DIONELIO - Que é isso, Torto? Vê lá se levas um tombo pela escada.

CORTE

P.G. da CENA, com torto assustadíssimo pela frente, descendo a escada e dois policiais, UM FARDADO E OUTRO À PAISANA, de revólveres na mão, descendo a escada.

O HOMEM À PAISANA FICA TOMANDO CONTA DO TORTO, APONTANDO-LHE O REVOLVER E DA ORDENS AO OUTRO.

DELEGADO - Verifique se ele está armado e tire-lhe ~~o~~ *a arma, retire*.

O SOLDADO APONTANDO O REVOLVER PARA DIONELIO FAZ ELE SE VIRAR DE COSTAS. QUANDO O ESTA EXAMINANDO, SEU REVOLVER SALTA LONGE E OS DOIS SE EMPENHAM NUMA LUTA TERRÍVEL. O DELEGADO, CONTENDO O TORTO COM O REVOLVER FICA TOCENDO NA BRIGA. HÁ UMA LUTA ENTRE OS DOIS BASTANTE RENHIDA ATÉ QUE DIONELIO CONSEGUE APANHAR O REVOLVER NOVAMENTE. O OUTRO PEGA-LHE A MÃO, RECOMEÇA OUTRA VEZ A LUTA E O REVOLVER DISPARA. DIONELIO TENTA SE LEVANTAR MAS CAI DE FRENTE E SE EXTENDE NO CHÃO, EXTORTORANDO.

APROXIMAÇÃO até G.P. de DIONELIO, DEIXANDO CAIR DA BOCA UM FIO DE SANGUE (GROSELHA)

AUDIO - MUSICA DE GRANDE TENSÃO.

DESFOQUE

FOCALIZA em: P.P. de LEDA, de CASACO e gorro na cabeça.

FRENTE DE TAPADEIRA -

LEDA - Eu sabia que Dionélio não se entregaria à polícia e que aconteceria, fatalmente, o que aconteceu. Muitos não de me julgar culpada pela sua morte, mas se eu não fizesse o que fiz, tenho certeza absoluta de que ele acabaria matando meu marido. Além disto, com a sua morte salvou-se

LEDA - (CONT.) uma vida moça a quem meu marido e eu conseguimos isentar de crime, sendo despronunciado. Laure, hoje, é um dos bons empregados do escritório da fábrica e não sabe o que fazer para nos provar a sua gratidão. Se Dionélio estivesse vivo, teria sido possível salvar-se Laure? Não creio. E só por isso eu me considero eximida da culpa de ter apressado o ~~fim~~ seu fim. Em todo caso... aquele que achar que procedi mal denunciando meu cunhado à polícia... que me atire a primeira pedra!...

CHICOTE para DET do CORAÇÃO DE JESUS.

- ATIRE A PRIMEIRA PEDRA
- ENCERRAMENTO.

AUDIO - MÚSICA DE ENCERRAMENTO

ATIRE A PRIMEIRA PEDRA

ORIGINAL DE RAYMUNDO LOPES

ADAPTAÇÃO E REALIZAÇÃO DE ÉRICO CRAMER

.....  
PERSONÁGENS:

ALFREDO..... WILSON FRAGOSO ✓  
VICENTE..... ██████████ VINÍCIUS SALVADORI /  
ISABEL..... LINDA GAY ✓  
PROMOTOR..... J. PIRES ✓  
ADVOGADO..... CARLOS CAMARGO ✓  
JUIZ..... NELSON GIANUCA ✓  
HOMEM..... DORIVAL CABRERA ✓  
██████████..... ██████████  
MÉDICO..... JOSÉ CARDOSO ✓

.....  
CENÁRIOS:

- 1º) - SALA DE TRIBUNAL COM BALCÃO - BANCO DO REU E BANCO DAS TESTEMUNHAS.  
2º) - SALA MODESTA MAS CONFORTÁVEL COM PORTA DE ENTRADA, PORTA DE SERVIÇO E DUAS JANELAS.  
3º) - SET DE BARRACÃO MISERÁVEL;  
4º) - SET DE QUARTO DE ISABEL. (MODESTO COMO A SALA)  
5º) - TAPADEIRA LISA

.....  
DATA DA APRESENTAÇÃO..... 11.10.1961  
.....

TV PIRATINI - CANAL 5  
.....

Tribunal: Bal

ATIRE A PRIMEIRA PEDRA

.....  
SLIDES: (Os de costume)

ABERTURA em DET de CORAÇÃO DE JESUS

CHICOTE para P.P. de ALFREDO, abati  
do e cansado.

- TAPADEIRA LISA -

CORTE

P.P. de HOMEM, tomando nota num livro.

- SALA DE TRIBUNAL COM BALCAO -

ALFREDO DIZ O NOME E CORRE A COLOCAR-SE  
NO BANCO DAS TESTEMUNHAS.

PAN. HOR. até ALFREDO, já agora de pé,  
à frente do banco das testemunhas, le  
vantando a mão direita.

CORTE

P.P. de JUIZ

CORTE

P.P. de PROMOTOR

CORTE

P.P. de ALFREDO, grave e firme

CORTE

P.P. de VICENTE no banco dos reus,  
com expressão de grande angústia.

CORTE

P.P. de PROMOTOR

AUDIO - PREFIXO MUSICAL

VOZ - ... e aquele que se julgar sem  
pecado, que lhe atire a primeira pedra.

ALFREDO - Meu nome é Alfredo. Alfredo  
Siqueira Rosa.

HOMEM - (lento) Jura dizer a verdade,  
nada mais que a verdade?

ALFREDO - Juro.

JUIZ - O senhor promotor pode interrogar  
a testemunha.

PROMOTOR - Senhor Alfredo Siqueira Rosa,  
o réu, Vicente Siqueira Ross, é seu paren  
te?

ALFREDO - Sim senhor. Vicente Siqueira  
Rosa é meu irmão.

AUDIO - CHICOTADA VIOLENTA.

PROMOTOR - Senhor Alfredo, o senhor ju  
rou dizer a verdade, nada mais que a ver  
dade. (Pausa) O réu afirma que na noite  
de vinte cinco de agosto esteve em sua  
casa, na sua companhia. (Pausa) É isso  
verdade?

CORTE

P.P. de ALFREDO, numa tremenda luta íntima, mostrando seu nervosismo.

CORTE

P.P. de PROMOTOR

PROMOTOR - É verdade que o réo passou toda a noite de vinte cinco de agosto em sua companhia?

CORTE

P.P. de ALFREDO, decidindo-se

ALFREDO - Não é verdade. Ele não esteve em minha companhia.

CORTE

AUDIO - ACORDE DE SUSTO TREMENDO

P.A. de VICENTE, desesperado, levantando-se.

VICENTE - Alfredo! Não é possível, Alfredo! Você está mentindo! Você jurou dizer a verdade e você sabe que eu estive na sua casa.

CORTE

P.P. de JUIZ, batendo com o martelo

JUIZ - Silêncio! (Pausa) O réo deve permanecer calado ou será retirado do recinto. (T) Pressiga, senhor Promotor.

CORTE

P.A. de PROMOTOR e ALFREDO

PROMOTOR - O senhor Alfredo está bem certo de não se haver enganado?

ALFREDO - Estou, senhor Promotor. Afianço-lhe que não vi meu irmão naquela noite.

CORTE

P.A. de VICENTE, desesperado

VICENTE - Alfredo, pelo amor de Deus diga a verdade. Eu estive na sua casa a noite inteira. Você sabe.

CORTE

P.P. de JUIZ, batendo o martelo

JUIZ - Silêncio! O réo já foi advertido de que não deve falar. (T) O senhor promotor quer fazer mais alguma pergunta?

CORTE

P.P. de Promotor

PROMOTOR - Estou satisfeito, meritíssimo juiz.

CORTE

P.A. de JUIZ

JUIZ - O senhor advogado da defesa deseja interrogar a testemunha?

CORTE

P.A. de ADVOGADO

ADVOGADO - Sim senhor, meritíssimo juiz.

O ADVOGADO SE LEVANTA E CAMINHA PARA ALFREDO

PAN. HÔR. acompanha ADVOGADO.

AFÁSTAMENTO até P.A. dos DOIS

ADVOGADO - Onde esteve o senhor na noite de vinte cinco de agosto?

ALFREDO - (firme) Em minha casa.

ADVOGADO - E tem certeza de que seu irmão não esteve lá?

ALFREDO - Absoluta.

ADVOGADO - Sabe que a condenação, ou absolvição de "seu irmão" estão dependendo, praticamente, do seu depoimento?

ALFREDO - (firme) Sei. Mas jurei dizer apenas a verdade.

CORTE

P.P. de VICENTE, ódio profundo e contido.

VICENTE - Mentiroso do inferno! Maldito e perjuro.

APROXIMAÇÃO até G.P. de VICENTE

VICENTE - Está fazendo tudo para me condenar. Perjuro. Perjuro! Perjuro! PERJURO!

~~DESFOQUE~~

AUDIO - MUSICA acompanha o DESFOQUE

FOCALIZA em P.P. de ALFREDO, sofrendo

ALFREDO - Você se lembra de mãe, Vicente? Não. Você não deve se lembrar dela. As feras como você, não sabem guardar lembranças afetuosas. Mãe era um anjo de bondade e de ternura! Só Deus sabe os sacrifícios que fez para nos criar.

*DESFOQUE*

FUSTO com P.G. de SALA MODESTA

ISABEL ESTÁ SENTADA NUMA POLTRONA, COSTURANDO UMA CAMISA DE HOMEM

ALFREDO - (P.Q.) Você nunca compreendeu isto, Vicente e foi sempre um mau filho, dedicando-se à vagabundagem e vivendo sempre à minha custa, o que fazia mãe sofrer muito, pois que, apesar de tudo, era você o filho da sua preferência.

ENTRA VICENTE, DE DENTRO, EM MANGAS DE CAMISA E CHINELOS, COM UMA REVISTA NA MÃO. EXTENDE-SE NO SOPÁ E COMEÇA A LER.

ISABEL - Meu filho, se seu irmão perguntar se você saiu para procurar emprego, não lhe diga, por favor, que dormiu a tarde inteira

VICENTE - E por que deve mentir? Posso saber?

ISABEL - Seu irmão não compreende que você não arranja emprego por falta de sorte, zanga-se com você, começam os dois a discutir e eu fico desesperada. Meu coração chega a parecer que vai me saltar do peito.

ISABEL SOLTA A COSTURA E VAI AO FILHO, AFGANDANDO-O COM O MAIOR CARINHO E SUPLICANDO-LHE

ISABEL - Você fará o que eu lhe peço; não fará meu querido?

VICENTE - (desviando a carícia dela e falando com má vontade) Está bem, eu faço, eu faço.

ISABEL - Obrigada, querido. Eu agora vou preparar o jantar que seu irmão não demora e você deve estar desesperado de fome.

ISABEL SAI DE QUADRO EM DIREÇÃO AO INTERIOR.

VICENTE - Eu acho graça o medo que a velha tem que eu brigue com o Alfredo. É besteira dela porque ele não tem corrida pra mim. E depois também não me convem brigar com êle que aí eu não tenho quem me sustente. Trabalhar não mesmo que eu não sou burro nem relógio.

VICENTE ACENDE UM CIGARRO E VOLTA A LEITURA

CORTE

P.A. de ALFREDO, na porta de entrada.

PAN. HOR. acompanha ALFREDO até entrar VICENTE

ALFREDO - Boa tarde.

VICENTE - Boa tarde. Que cara é essa?

ALFREDO - Que é que você acha que possa ser? Estou cansado de trabalhar a tarde toda feito um animal.

VICENTE - Está vendo? Isso é que eu não faria nunca. Aposto como seu chefe foi bem descansado para casa.

ALFREDO - Pois é, mas se eu não fizer o que estou fazendo, ninguém come nesta casa. Mãe é velha e doente já faz demais cuidando das lides caseiras. Você o que faz? Nada.

VICENTE - Como nada? Então você não acha que seja alguma coisa andar o dia todo atrás de emprego? Eu não tenho culpa de ter falta de sorte, não é?

ALFREDO - Ou... falta de vergonha?

VICENTE - Alfredo! Veja bem que você está me ofendendo.

ALFREDO - Óra deixe de fazer cenas. Você lá tem brio suficiente para se ofender por tão pouco?

VICENTE - Tanto tenho que vou me retirar desta casa e não voltarei mais aqui.

AUDIO - ACORDE DE SUSTO TREMENDO

ALFREDO - Você sabe que não pode fazer isto, Vicente. Você sabe.

VICENTE - Não posso por que? Quem m'e impede?

ALFREDO - Eu e por nessa mãe. Você sabe que ela está doente do coração e morreria de desgosto se você se ausentasse. É por ela, portanto, que lhe proíbo de sair.

VICENTE - Pois então não se queixe nem reclame o meu modo de viver.

ALFREDO - Eu já me conformo em que você não trabalhe, Vicente, mas não posso concordar em que você seja amigo de todas as horas de um sujeito de péssima reputação como é o tal de Gasperino.

VICENTE - Os meus amigos são escolhidos por mim e não admito que ninguém se arvôre em querer selecioná-los.

CORTE

P.P. de VICENTE

CORTE

P.P. de ALFREDO

AFASTAMENTO até P.A. dos DOIS

CORTE

P.P. de ALFREDO

AFASTAMENTO até P.A. dos DOIS

CORTE

P.P. de VICENTE, avançando para o irmão, enfurecido.

CORTE

P.A. de ISABEL, na porta de dentro

PAN. HOR. acompanha ISABEL que ca  
minha para os filhos até P.A.dow  
tres.

ALFREDO - Sou seu irmão mais velho, você vive à minha custa, portanto tenho todo o direito de chamar-lhe a atenção para as coisas que estão erradas. Você deve deixar a companhia daquele criminoso que é o tal de Gasperino. Um homem que basta se olhar para a cara dele para se ver o canalha que é.

VICENTE - Eu não admito que você insulte os meus amigos dessa maneira e advirto-lhe que se disser mais uma palavra contra o...

ISABEL <sup>(Corte)</sup> - Meus filhos, pelo amor de Deus, não briguem. Eu gostaria tanto que vocês fossem amigos.

ISABEL - A única coisa que perturba a minha alegria, quando os dois estão perto de mim, é esse temor de esperar, a todo momento que vocês se desentendam.

VICENTE - Alfredo pensa, porque me dá casa e comida, que pode me dirigir os insultos que quer. Mas eu sei o que vou fazer para acabar de vez com tudo isto.

ALFREDO - E eu também sei o que você deveria fazer: trabalhar e viver à própria custa. Aí, então, você poderia ser completamente independente, e não teria que dar satisfações dos seus atos a ninguém.

VICENTE - Você é um cretino, que vive a me provocar...

VICENTE INVESTE CONTRA ALFREDO PARA ATACÁ-  
LO. ISABEL SEGURA-LHE O BRAÇO COM UM GRITO.

ISABEL - Não, meu filho, não!...

ISABEL SE SENTE MAL E LEVA AS DUAS MÃOS AO  
PEITO, COMO QUE A COMPRIMIR O CORAÇÃO.

ISABEL - Ai... ai... (tonteia)

ALFREDO CORRE A AMPARAR A MÃE, NERVOSO

ALFREDO - Que tem, mãe? Viu o que você fez? Viu? Chame o médico, depressa.

CORTE

P.P. de VICENTE, desprezo

VICENTE - Médico coisa nenhuma. Eu vou é dar o fora de uma vez por todas. Essa velha está é perdida dos mimos que você lhe dá.

CORTE

P.A. de ALFREDO com ISABEL ofegante nos braços.

ALFREDO - Cachorro! Desalmado! Não sei como você possa ser tão ordinário!

VICENTE RI COM DESPREZO PARA O IRMÃO  
E SAI EM DIREÇÃO À PORTA DA RUA.

CORTE

P.A. de VICENTE, na porta da rua

VICENTE - Quando a velha desistir de fazer fita, mando buscar o que é meu.

VICENTE BATE A PORTA.

CORTE

P.A. de ALFREDO E ISABEL.

ALFREDO COLOCA ISABEL DEITADA NO SOFÁ  
E SAI DESATINADO PARA CHAMAR O MÉDICO.

ALFREDO - Tenho que providenciar o médico depressa, antes que seja tarde.

APROXIMAÇÃO até DET do peito de ISABEL arfando.

ÁUDIO - PASSAGEM MUSICAL.

ESCURECIMENTO.

SAI ISABEL E VAI SE DEITAR E ENTRAM DOUTOR e ALFREDO.

ABERTURA em P.A. dos DOIS

ALFREDO - O que é que ela tem, doutor?

DOUTOR - Coração, meu caro.

ALFREDO - E tem perigo, doutor?

DOUTOR - Bem... quer dizer... o coração é sempre traiçoeiro e exige grandes cuidados. Ela vai necessitar de muita calma, muito repouso, mas poderá, com um tratamento adequado, viver ainda muitos anos.

O MÉDICO ENTREGA UMA RECEITA A ALFREDO

DOUTOR - Aqui está a receita com todas as indicações do que precisa ser feito. Amanhã de manhã, antes de ir para o Hospital, eu passarei novamente para vê-la.

ALFREDO - Obrigado, doutor, muito obrigado.

O MEDICO SAI COM A MALETINHA, SENDO ACOMPANHADO POR ALFREDO ATÉ À PORTA.

CORTE

P.P. de ISABEL, na cama, abatida, mas já um pouco refeita. Está de camisa e touca, por baixo das cobertas.

- SET DE QUARTO DE ISABEL -

ISABEL TEM AINDA A RESPIRAÇÃO AGITADA, MAS JÁ BASTANTE MAIS CALMA DO QUE DA OUTRA VEZ ELA OLHA EM DIREÇÃO À PORTA E ESBOÇA UM SORRISO PÁLIDO. ENTRA EM QUADRO, VINDO DA MESMA DIREÇÃO QUE ELA OLHAR, ALFREDO.

ALFREDO - E então, mãe? Sente-se melhor agora?

*Felicemente!*  
ISABEL - Sim, meu filho. ~~Graças a Deus.~~

O doutor me assegurou que não é nada de grave, Graças a Deus!

ALFREDO - Foi o que ele me disse, também. Asseverou que a senhora estará completamente restabelecida, dentro de poucos dias.

ISABEL - E seu irmão, meu filho? Onde está?

CORTE

P.P. de ALFREDO, mentindo

ALFREDO - Esteve sempre ao seu lado, mãe, mas ha pouco saiu para dar uma volta. Sentiu necessidade de respirar um pouco de ar puro.

CORTE

P.P. de ISABEL

ISABEL - Eu gostaria tanto que êle estivesse aqui... perto de mim...

CORTE

P.P. de ALFREDO

ALFREDO - Se a senhora quizer, eu pedirei à vizinha para ficar um pouco ao seu lado e irei procurá-lo.

AFASTAMENTO até P.A. de ALFREDO e ISABEL

ISABEL - (radiante) Você faria isso para mim, meu filho?

ALFREDO - Claro que sim. Chamarei a vizinha e irei procurá-lo agora mesmo.

ISABEL - Mas não brigue com ele por favor, sim meu filho? Vicente é desmiolado, mas tem um bom coração.

ALFREDO - Pode ficar socegada, mãe. Nunca mais brigarei com meu irmão. Nunca mais! Vou chamar a vizinha num momento.

ALFREDO SAI E ISABEL FICA SORRINDO.

ISABEL - Há males que vêm para bem. Foi bom este susto que dei em Alfredo porque assim ele não brigará nunca mais com Vicente. (P. e T) Pobre Vicente! Eu tenho tanta pena dele! Não gosta de trabalhar, é verdade, mas é um coração de ouro.

ISABEL PERMANECE SORRINDO UM MOMENTO.

APROXIMAÇÃO até G.P. de ISABEL

ÁUDIO - CORTINA MUSICAL

FUSÃO com G.P. de VICENTE, atirado numa esteira, fumando uma bagana de cigarro e olhando para o irmão com ar de desafio.

- RECANTO DE BARRACÃO MISERÁVEL -

AFASTAMENTO até P.A. dos DOIS

VICENTE - (tenso) Que quer você aqui?

ALFREDO - Vim buscá-lo, Vicente. Quero que você volte comigo para casa.

VICENTE - Não quero sair daqui. Já combinei com o Gasperino e vou ficar morando com ele.

CORTE

P.P. de ALFREDO

AFASTAMENTO até P.A. dos DOIS

CORTE

P.P. de ALFREDO, desesperado,  
humilhando-se.

CORTE

P.A. dos DOIS

ALFREDO - Você pretende ficar morando aqui, Vicente? Você já pensou no que vai fazer?

VICENTE - Já e não costumo pensar duas vezes nas coisas que faço. E é bom que você vá dando o fora antes que o Gasperino chegue, porque ele não aprecia muito essa espécie de gente arrumadinha, assim como você. Pode até sair barulho, já vou lhe avisando.

ALFREDO - Vicente, mãe está mal. O que ela teve foi um ataque do coração. O médico me avisou que ela não pode mais ter aborrecimentos nem preocupações, caso contrário poderá morrer.

VICENTE - Pois então trate você de evitar os aborrecimentos para ela, porque eu não pretendo mais voltar àquela casa. Estou muito bem aqui e aqui é que vou ficar.

ALFREDO - Mas ela quer ver você, Vicente. Pediu-me que viesse procurá-lo.

VICENTE - Não vou. Invente-lhe a história que quizer, mas deixe-me ficar aqui.

ALFREDO - Vicente, você é o último dos miseráveis. É sua mãe que está doente e chama por você, ouviu bem? É sua mãe!

VICENTE - Seja lá quem for. Não me interessa. Eu já disse que não saio daqui e está acabado. Quando eu digo uma coisa eu cumpro. E quer me deixar em paz? Já lhe avisei que o Gasperino não demora e não vai gostar de encontrá-lo aqui.

ALFREDO - Vicente, eu estou disposto a lhe pedir perdão de joelhos por todas as coisas que fiz e lhe disse, mas pelo amor de Deus venha comigo. Minha mãe precisa vê-lo. Faça isso por ela, não por mim.

VICENTE - Eu já disse que não quero sair daqui e está acabado. Si você acha que poderá magoar mãe dizendo-lhe a verdade, invente-lhe que eu arranjei um emprego e fui trabalhar no interior.

ALFREDO - Sim... uma vez que você persiste na recusa, não terei outro remédio senão dizer-lhe isto. Será a única coisa que poderá conformá-la.

ALFREDO SE RETIRA, DEPOIS DE OLHAR COM ÓDIO  
O INMÃO.

ATIRE... Pag. 10

CORTE

P.P. de VICENTE

APROXIMAÇÃO até G.P. de VICENTE

FUSÃO com: G.P. de ISABEL, recostada na cama.

- SET DE QUARTO DE ISABEL -

VICENTE - Chega de ouvir reclamações em cima de reclamações. Aqui ninguém me incomoda. Si quero dormir o dia todo, ninguém me censu-  
ra, se quero sair, não preciso dizer a nin-  
guem onde é que vou e não tenho que estar fingindo que procuro emprego ~~o dia todo~~, quando eu não quero mesmo é trabalhar.

AUDIO -- PASSAGEM MUSICAL

ISABEL - Não o encontrou, meu filho?

ALFREDO - Mãe, escute com calma o que eu vou lhe dizer.

ISABEL - Pale, meu filho. Eu estou calma.

ALFREDO - Se a senhora soubesse que o Vicen-  
te conseguiu de fato um bom emprego e que se resolveu mesmo a mudar de vida e tornar-se um elemento útil à sociedade, a senhora não ficaria satisfeita?

ISABEL - Claro, meu filho. Seria uma feli-  
cidade imensa para mim.

ALFREDO - Mesmo que ele tivesse que partir e passar a viver longe da senhora?

AUDIO - ACORDESINHO DE ANCIÉDADE.

ISABEL - Partir? Você diz que mesmo que Vicente tivesse que partir?

ALFREDO - Sim, mãe. A senhora não prefe-  
ria que ele ~~se~~ fosse um homem de bem longe da senhora do que um vagabundo ao seu lado?

ISABEL - Bem... é claro que preferia.

ALFREDO - Pois bem, mãe, foi isso que accep-  
teceu. Vicente partiu para se fazer um ho-  
mem de bem.

CORTE

P.P. de ISABEL

AFASTAMENTO até P.A. dos DOIS

ISABEL - Vicente partiu, você disse? Eu não estou entendendo bem, meu filho. Explique, melhor, por favor.

CORTE

P.P. de ALFREDO

ALFREDO - Mãe, Vicente teve uma boa proposta longe daqui e aceitou porque quer mudar de vida, entendeu agora? Ficará al gum tempo longe de nós, mas em compensação irá ganhando muito bem e quando voltar aqui há de nos causar orgulho em vez de tristeza.

AFASTAMENTO até P.A. dos DOIS

ISABEL E quando... quando é que ele vai?

ALFREDO - Ele já foi, mãe?

AUDIO - ACORDEZINHO DE SUSTO.

ISABEL - Já foi? Mas como?! Então meu filho vai embora sem se despedir de mim?

ALFREDO - Ouça, mãe: ele precisava assumir o seu emprego imediatamente e como não tinha coragem para se despedir, preferiu fugir sem lhe avisar nada.

ISABEL - E você esteve com ele antes da partida?

ALFREDO - Sim, mãe, estive. Ele me pediu que lhe desse um beijo e que lhe dissesse que qualquer dia virá visitá-la na qualidade de chefe de Seção de uma Indústria muito importante do interior do Estado.

ISABEL - E será... será que ele vai me escrever, meu filho?

ALFREDO - Vai. Ele prometeu que escreverá todas as semanas, para que a senhora tenha sempre notícias dele.

ISABEL - Ah, que bom! Assim eu já ficarei mais consolada. Como eu estou feliz, Alfredo, por saber que Vicente, de hoje em diante, será um homem de bem...

APROXIMAÇÃO até G.P. de ISABEL, sorrindo feliz.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com G.P. de VICENTE, fumando um cigarro, sentado numa esteira do barraco. Ele está pensativo.

- RECANTO DE BARRACÃO MISERÁVEL -

AFASTAMENTO até P.M. da CENA.

VICENTE - O primeiro golpe que tentamos, falhou e quasi fomos bater com os costados nas grades. Gasperino disse que era tão fácil, mas não me parece tanto.

VICENTE SE LEVANTA E VAI ATE ONDE ESTÁ UMA GARRAFA E UM COPO GROSSEIRO. ELE SE SERVE, TOMA UNS TRES OU QUATRO GOLES GRANDES E DE POIS SE SENTA NOUTRO LUGAR QUALQUER.

VICENTE - Eu preciso dar uns tres ou quatro golpes bem dados, para encher o bolso e aparecer lá em casa humilhando o pingado do meu irmão. Ele tem tanta mania de ser grande, eu vou lhe mostrar quem é o maior.

APROXIMAÇÃO até G.P. de VICENTE.

FUSÃO com: G.P. de ALFREDO, sentado na sala de sua casa, lendo uma carta.

- SALA MODESTA -

AFASTAMENTO até P.A. de ALFREDO

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

ALFREDO - (lendo) ... estou muito bem e se não fosse a saudade que sinto da senhora, poderia mesmo dizer que estou completamente feliz. Senho, todos os dias, no momento de voltar a estar com a senhora, dar-lhe o meu abraço e o meu beijo carinhoso.

AFASTAMENTO até P.A. de ALFREDO e ISABEL que está sentada perto dele.

ISABEL - (sorrindo, comovida) Meu filho!

ALFREDO - Infelizmente o meu trabalho de chefe de secção não ~~me~~ me permite sair quando quero, mas logo que seja possível, darei uma fugida aí para matar saudades. Muitos beijos do filho que nunca a esquece Vicente.

CORTE

P.M. de ISABEL, feliz e comovida, beijando a carta que Alfredo lhe entrega

APROXIMAÇÃO até G.T. de ISABEL

ISABEL - Nem sei como agradecer a Deus tanta ventura!

ISABEL - Acho que tudo foi conseguido com o fervor de tantas preces e o amargor de tantas lágrimas!

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

MUSAO com G.P. de VICENTE, metendo o resto na porta da entrada.

ILUMINAÇÃO - NOITE.

ISABEL SOME DE CENA E ALFREDO TIRA RÁPIDAMENTE O GASACO E SE SENTA NUMA POLTRONA LENDO O JORNAL. VICENTE ENTRA SEM SER NOTADO. FECHA A PORTA COM TODO O CUIDADO E VEM PARA ONDE ESTÁ ALFREDO.

PAN. HOR. acompanha VICENTE até enquadrar ALFREDO.

ANTES QUE VICENTE TENHA CHEGADO ALFREDO O PERCEBE.

ALFREDO - que quer aqui? Não disse que nunca mais voltaria?

VICENTE - Vão esconder-me. Quero passar a noite aqui para não ser preso.

ALFREDO - Que é que você andou fazendo, Vicente?

VICENTE - Nada de mais. Tentamos um assalto e fracassamos. Se voltar para a barracão de Gasperino serei preso, por isso quero ficar aqui para fugir amanhã de madrugada.

ALFREDO - Eu devia denunciá-lo agora mesmo, mas por máfia, ainda desta vez ficarei calado. Deite-se aí no sofá e antes que a madrugada tenha surgido trate de desaparecer novamente.

ESCURECIMENTO RÁPIDO

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

ABRITURA em P.A. de VICENTE dormindo no sofá.

AUDIO - RELÓGIO DE TORRE, APASTADO, BATERDO CINCO BADALADAS.

ALFREDO ENTRA EM QUADRO, DE ROBE DE CHAMBRE  
E ACORDA VICENTE.

ALFREDO - Vamos, Vicente, está na hora  
de você sumir.

ALFREDO METE A MÃO NO BOLSO, TIRA DINHEIRO  
E DA AO IRMÃO.

VICENTE - Você parece que está com prese  
sa de me ver pelas costas. Por que não  
me deixa descansar mais um pouco?

ALFREDO - Não quero que mãe lhe veja  
nesta situação. Anda, suma-se.

VICENTE LEVANTA E SAI. ALFREDO FECHA A POR  
TA E SE ENCOSTA A ELA.

CORTE

P.P. de ALFREDO

ALFREDO - Mãe morreria, se chegasse  
a saber a verdade!

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com P.A. de ISABEL, deitada no mes  
mo sofá, o braço estendido para fora, se  
gurando um jornal.

AFASTAMENTO até P.G. da CENA.

ALFREDO TIROU O ROBE E ESTA DE CASACO  
entra pela porta da rua. Vai até onde  
está a mãe deitada.

ALFREDO- Uê, mãe, dormindo a esta  
hora? Que aconteceu? (sacode-a) Mãe.

ALFREDO RECOLHE O BRAÇO DEIA E VEM O JORNAL.  
ELE PEGA E LE.

ALFREDO - Hein? O retrato de Vicente,  
suspeito da morte de seu companheiro  
de barraco Alexandre Gasperino?

ALFREDO SE CURVA E SE AJOEIHA PERTO DA CABEÇA  
DA MAE. SEGURA-A E SACODEA-A.

ALFREDO - Mãe... mãe... (Pausa)  
Coitada! O choque foi forte de mais.  
Ela está morta!...

ALFREDO LEVANTA E OLHA PARA A CÂMERA.

ALFREDO - Foi ele que a matou! Foi ele!

APROXIMAÇÃO até G.P. de ALFREDO

AUDIO - MÚSICA ACOMPANHA O DESFOQUE.

DESFOQUE.

ATIRE... Pag. 15

FOCALIZA em: P.P. de JUIZ

- SALA DE TRIBUNAL -

CORTE

P.P. de VICENTE, desesperado, gritando

JUIZ - E de acordo com a decisão do corpo de jurados, condeno o réu Vicente Rosa à pena de vinte anos de prisão, pela morte de Alexandre Gasperino.

VICENTE - É uma injustiça! Meu irmão mentiu! Ele é um perjuro! Eu estive na casa dele durante toda a noite do crime! Não fui eu quem matou Gasperino, não fui!...

AUDIO - MUSICA FORTE E DESESPERADA.

ALFREDO - Sim, Vicente tem razão. Não foi ele quem matou Gasperino, mas eu concorri a que ele fosse condenado para pagar o crime de ter ~~xx~~ causado a morte de nossa mãe. Assim procedi, convicto de estar fazendo justiça e se alguém achar que fiz mal, negando-me a salvar meu irmão... que me atire a primeira pedra!...

AUDIO - SUFIXO MUSICAL

DESFOQUE  
FOCALISA EM  
~~JUIZ~~ com P.P. de ALFREDO

- TAPADEIRA LISA -

CHICOTE

DET de CORAÇÃO DE JESUS.

- ATIRE A PRIMEIRA PEDRA -

ENCERRAMENTO.

ATIRE A PRIMEIRA PEDRA  
HISTÓRIA E REALIZAÇÃO DE ERICO CRAMER

.....

PERSONAGENS:

↓ PILOMENA..... LINDA GAY  
↓ AMELIA..... ROSA MARIA  
↓ MARGARIDA..... MARIA ~~DE ALMEIDA~~ <sup>KATIRA</sup>  
LICURGO..... NELSON GIANUCA  
↓ TUTUCA..... ~~MARCELO CARVALHO~~ <sup>ou Marlene Nery</sup>  
DR. POTIGUARA..... LUIZ CARLOS CHIBE  
↓ CARLITOS..... VINICIUS SALVADORI  
1º FIGURANTE..... DORIVAL CABRERA  
2º FIGURANTE..... AUGUSTO <sup>LUX</sup>.....

.....

CENÁRIOS:

- 1º) -HOSPEDARIA ANTIGA, DE BEIRA DE ESTRADA, CONJUGADA COM PORTARIA A ESQUERDA E PEQUENO BAR A DIREITA. (BAR PARA QUATRO MESINHAS) ESCADARIA AO FUNDO, DANDO PARA O ANDAR SUPERIOR. PORTA DE VAI E VEM DANDO DA SALA PARA O BAR.
- 2º) -QUARTO DE CASAL DA DONA DA HOSPEDARIA COM PESADA MOBILIA ANTIGA E MUITO AMONTOADO DE COISAS E QUINQUILHARIAS.  
**UMA PORTA À ESQUERDA.**
- 3º) -TAPADEIRA LISA PARA O CORAÇÃO DE JESUS E A NARRADORA.
- .....

DATA DA APRESENTAÇÃO..... 18.10.1961

.....

TV PIRATINI - CANAL 5

.....

.....  
ABERTURA em DEP de CORAÇÃO DE JESUS

AUDIO PREFIXO MUSICAL

VOZ - ... e aquele que se julgar sem pecado, que lhe atire a primeira pedra!

CHICOTE

P.P. de AMÉLIA, de casaco, tristonha

- TAPADEIRA LISA -

AMÉLIA - Eu deveria procurar esquecer a tragédia que foi a minha vida, para poder viver longe dessa amargura cruel que não se afasta um momento do meu coração, envenenando a paz que eu anseio e procuro desesperadamente. Será um sentimento de culpa que me tortura dessa maneira e não me permite viver em socego? Mas culpa de que, afinal? O que fiz, foi simplesmente evitar que uma vida em flor fosse destruída pela voragem da ganância e da maldade de uma mulher sem escrúpulos. Devo, agora, ser castigada por causa disto? Ouçam a minha história e julguem-na.

DESFOQUE

FOCALIZA em P.G. da HOSPEDARIA, com FILOMENA no balcão da portaria, escrevendo anotações no livro de registro.

(Amélia segue a fala seguinte em FQ mas sem interromper)

- CENÁRIO CONJUGADO DE LIVING, PORTARIA E BAR DA HOSPEDARIA -

PAH. HOR. por toda a cena, partindo de FILOMENA e finalmente voltando a ela.

AMÉLIA - (P.Q.) Eu, Amélia, e minha irmã Margarida, perdemos nossa mãe quando pequenas. Não possuindo outros parentes na cidade em que morávamos, fomos recolhidas por uma irmã de nosso pai, cujo marido era dono de uma Hospedaria, numa estrada quase deserta que ligava duas pequenas cidades do interior. Comecei, desde logo, a ajudar minha tia nas lides da Hospedaria e em menos de vinte dias encontrei-me reduzida à triste situação de

P.A. de FILOMENA escrevendo no livro, sobre o balcão da portaria. Chega Tutuca, com um lençol e uma fronha na mão.

CORTE

P.A. das DUAS

AMELIA - (P.Q.) empregada sem ordenado, trabalhando apenas a trêco da cama e do prato de comida que nos davam. Antes dos tres mezes de nossa estadia naquela casa, já haviam acontecido coisas que eu tenho até vergonha de contar.

TUTUCA - O Carlitos me disse que a senhora mandou trocar a roupa de cama do quarto número nove, dona Filomena?

FILOMENA - (seca) Mandei.

TUTUCA - Mas a roupa não estava suja. Eu até quiz trazer para a senhora ver.

TUTUCA MOSTRA O LENÇOL E A FRONHA.

FILOMENA - Mas se o homem quer que troque e pague para trocar, você acha que eu não vou trocar porque a roupa está limpa, Tutuca? Na minha casa, por dinheiro, se topa qualquer negócio, está ouvindo?

TUTUCA - Estou, sim senhora!

FILOMENA - Pois então vá fazer o que tem que fazer e não discuta.

TUTUCA - Sim senhora.

TUTUCA SAI DE QUADRO, PERMANECENDO FILOMENA

A OLHAR FICHAS E ESCREVER DADOS NUM LIVRO.

CORTE

P.A. de AMELIA, no balcão do bar, preparando um cock-tail.

AMELIA MISTURA AS BEBIDAS, BATE, BOTA NO COPO E LEVA NUMA BANDEIJINHA A PRIMEIRA MESA, ONDE ESTÁ SENTADO UM HOMEM (1º FIGURANTE).

AFASTAMENTO até P.Q. do BAR

AMELIA, DEPOIS DE SERVIR O HOMEM, EM SILENCIO, VOLTA PARA O BALÇAO. COMEÇA A PASSAR UM PANO NOS COPOS. ENTRA, PELA PORTA DE VAI E VEM,

(CONT.) DE BLUSA ESCURA E SAIA PREGUEADA, TRAZENDO UNS LIVROS NA MÃO, MARGARIDA QUE LOGO SE DIRIGE PARA O BALCÃO. SURGE LOGO ATRAZ DELA, PERMANECENDO JUNTO À PORTA, CARLITOS QUE A OBSERVA COM MUITA ATENÇÃO.

MARGARIDA - Já vou, maninha.

AMELIA - Por que mais cedo, hoje?

MARGARIDA - Temos sabatina e queremos re-passar uns pontos.

AMELIA - Você já se despediu da tia Filomena?

MARGARIDA - Já. Ela está lá na portaria.

AMELIA - Ela não praguejou?

MARGARIDA - (sorrindo) Como de costume.

AMELIA - É uma coisa horrível!

MARGARIDA - Por que você se aborrece, mana? Faça como eu. Ela diz as coisas, eu ouço calada, saio dali nem me lembro mais.

AMELIA - Você ainda é feliz, minha irmã. E Deus permita que nunca precise chegar à amargura em que vivo hoje.

MARGARIDA - Maninha, eu não gosto de ver você assim, desanimada e triste. Não gosto.

AMELIA - Está bem, querida, desculpe. (sorriso triste) Vou procurar esquecer para que você não fique triste.

MARGARIDA - Até logo, querida.

APROXIMAÇÃO até P.A. das DUAS.

AS DUAS SE BEIJAM E MARGARIDA SAI PELA CÂMERA AO TEMPO QUE AMELIA FICA A OLHAR POR ONDE ELA SAIU. ENTRA EM QUADRO CARLITOS, DEBRUÇANDO-SE DO LADO DE FORA DO BALCÃO E OLHANDO PARA O MESMO PONTO QUE A MOÇA.

AMELIA - Ah que se eu pudesse fazer alguma coisa para salvá-la!...

CARLITOS - Eu também. Gosto dessa garota que nem sei. Vou lhe dizer uma coisa que ainda não disse para ninguém: estou até

CARLITOS - (cont.) juntando dinheiro.

*Filomena* PERMANECE UM MOMENTO OLHANDO  
PARA CARLITOS E DEPOIS BATE NA MÃO DELE,  
CARINHOSAMENTE, SORRINDO TRISTEMENTE.

APROXIMAÇÃO até DET das MÃOS dos DOIS

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com: DET das MÃOS de FILOMENA e

Dr. POTIGUARA, sobre o balcão da

- PORTARIA -

AFASTAMENTO até P.A. dos DOIS

POTIGUARA - Posso dispor de um quarto con-  
fortável nesta hospedaria?

FILOMENA - O melhor quarto que temos, ca-  
sualmente, está desocupado.

POTIGUARA - Ficarei por aqui uns tres ou  
quatro dias e gostarei de ficar bem aloja-  
do.

FILOMENA - Estou certa de que o senhor não  
terá razões de queixa.

FILOMENA ABRE O LIVRO E DÁ A POTIGUARA PARA  
ASSINAR. ELE COMEÇA E A ESCREVER.

FILOMENA - Quer fazer o favor de preencher  
o livro de entrada enquanto eu tomo as ou-  
tras provicências?

FILOMENA TOCA UMA CAMPAINHA E SE VIRA PARA  
O QUADRO DE CHAVES, TIRANDO UMA DELAS. EN-  
TRA EM QUADRO CARLITOS. ELA ENTREGA A CHAVE

FILOMENA - Aqui está a chave do onze. ~~XXXX~~  
Leva a mala do senhor para lá.

CARLITOS PEGA A CHAVE E A MALA E SAI DE QU-  
ADRO, SUBINDO A ESCADA DO FUNDO.

AFASTAMENTO até mostrar a subida de  
CARLITOS com a mala.

FILOMENA COMEÇA A ACOMPANHAR O QUE POTIGUARA  
ESCREVE. ELE TERMINA E PASSA O LIVRO PARA ELA.  
ELA LÊ E REPETE ALTO

FILOMENA - Doutor Orlando Potiguara. (TOM)  
Ah o senhor é doutor? Doutor em que, se me  
faz favor?

POTIGUARA - Economista. E a senhora quem é?

FILOMENA - Filomena Rosaura Mantalvão, a  
dona da casa.

POTIGUARA - Ah, muito prazer, muito prazer.  
Come-se bem na sua casa?

FILOMENA - Dizem que sim. Eu sou suspeita.

POTIGUARA - Muito bem, vamos ver. Eu não  
me importo de gastar, mas faço questão de  
ser bem tratado.

FILOMENA

FILOMENA - O senhor será. Pode ter certeza.

FILOMENA BATE NOVAMENTE A CAMPAINHA POR DUAS VEZES.

FILOMENA - Vou chamar a camareira para acompanhar o senhor até o quarto.

POTIGUARA - Ah, pois não. Diga-me: e a camareira é... diligente... atenciosa...

FILOMENA - Ela é um tanto atrapalhada, mas serve bem.

CORTE

P.A. de TUTUCA, descendo as escadas do fundo e vindo em direção à portaria

PAN.HOR. acompanha TUTUCA até o balcão

TUTUCA - (espevitada) A senhora chamou, dona Filomena?

FILOMENA - Você não ouviu duas batidas de campainha?

TUTUCA - Ouvi, sim senhora.

FILOMENA - Pois então chamei; não é Tutuca?

TUTUCA - Pois é, eu acho que chamou.

FILOMENA - Não tem nada que achar, Tutuca. Chamei é pronto.

TUTUCA - Tá bem, chamou. xéxéxé

POTIGUARA DURANTE TODA ESSA CONVERSA ESTÁ EXAMINANDO TUTUCA DE CIMA A BAIXO, NÃO SE MOSTRANDO MUITO SATISFEITO COM O FISICO DE LA.

FILOMENA - Este senhor é o doutor Potiguara, um novo hóspede que faz questão de ser muito bem tratado, ouviu Tutuca?

CORTE

DET de mão de FILOMENA do lado do balcão fazendo a Tutuca o sinal característico de dinheiro.

AFASTAMENTO até P.M. da CENA

TUTUCA - Ouvi, sim senhora.

TUTUCA EXTENDE A MÃO PARA POTIGUARA QUE EXTRANHA O GESTO MAS CORRESPONDE-O.

TUTUCA - Arturina Cardoso Canindé, mais conhecida por Tutuca. Muito gosto em conhecê.

FILOMENA - O doutor Potiguara vai ficar no onze, Tutuca. Acompanha-o até lá e já repara se tem toalha, sabonete e tudo mais que fôr preciso.

TUTUCA - Sim senhora. O senhor que vá comigo, seu Capivara? Eu acompanho o senhor.

POTIGUARA - Eu vou com você, sim, menina, mas o meu nome não é capivara, ouviu? Eu sou Potiguara. Potiguara.

TUTUCA - Ah, tá bem. Então o senhor me desculpe, não é? Eu não sou muito manda nesse negócio de nomes.

AMÉLIA ENTRA DA SALA DE ESTAR PARA A PORTARIA JUSTAMENTE NA OCASIÃO QUE POTIGUARA VAI SAIR COM TUTUCA. ELE SE VIRA TODO PARA OLHAR PARA ELA E FICA PARADO NO ARCO. TUTUCA VAI NA FRENTE, NÃO PERCEBE QUE ELE PAROU E SEGUE CAMINHANDO.

AMÉLIA - O cognac do bar terminou agora mesmo. Servi a última dose. Quer me dar a chave da adega para tirar outra garrafa?  
FILOMENA - Não dou a chave a ninguém. Volte para o bar que eu mesma levarei lá a garrafa.

AMÉLIA - Como quiser. A minha intenção foi apenas a de lhe poupar serviço.

FILOMENA - Eu nunca tive preguiça de trabalhar, por isso não preciso que ninguém me poupe.

AMÉLIA - (saindo) Em compensação a senhora também não poupa ninguém.

FILOMENA - Malcriada. Responda. Um dia me pegas de mais bofes e há de ver o que te custará uma resposta destas.

POTIGUARA QUE ACOMPANHOU TODA A SAÍDA DE AMÉLIA VOLTA AO BALCÃO COM AR CANALHA, MUITO INTERESSADO.

CORTE

P.A. de FILOMENA e POTIGUARA, no balcão.

POTIGUARA - Quem é essa menina tão interessante?

FILOMENA - É minha sobrinha.

POTIGUARA - Ela... serve ao hotel também?

FILOMENA - Toma conta do bar.

POTIGUARA - Diga-me: ela, por acaso, não joga dominó?

FILOMENA - Por que?

POTIGUARA - Bem, é que eu tenho por hábito não sair de noite e jogar dominó, entende?

FILOMENA - Entendo. Ela fará o que eu mandar, entende o senhor também?

POTIGUARA - Entendo.

CORTE

P.A. de TUTUCA, na escada, com a mala de Potiguara na mão, impaciente

TUTUCA - Como é seu capivara, o senhor

CORTE

P. A. de POTIGUARA e FILOMENA

TUTUCA - (CONT.) vem ou não vem? Eu tô esperando.

POTIGUARA - A senhora tem que dar um jeito nesse negócio. É a segunda vez que essa menina me chama de Capivarã e eu não gosto disso.

FILOMENA - Não se preocupe. É Agora, quando ela voltar, eu já lhe darei instruções a esse respeito.

POTIGUARA SAI DE QUADRO, DIRIGINDO-SE À ESCADA.

FILOMENA FICA PARADA UM MOMENTO, PENSANDO.

FILOMENA - Já senti que esse velhote vai ser um pato muito fácil de depenar.

VOLTA A OLHAR AS ANOTAÇÕES DELE NO LIVRO DE ENTRADA E FAZ UMA CARA DE QUEM ESTÁ GOSANDO

FILOMENA - Imagine! Ter a audácia de botar aqui no livro de registro que tem quarenta e dois anos.

APROXIMAÇÃO até P.P. de FILOMENA

FILOMENA - Naturalmente ele se esqueceu de contar o tempo que esteve no colégio. Pois sim, quarenta e dois. Ele comeu vinte e olhe lá'.

ÁUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com P.P. de MARGARIDA, sentada numa poltrona ou melhor num sofá, estudando.

- SALA DE ESTAR DA FENSÃO -

AFASTAMENTO até enquadrar LICURGO, velho de óculos, surdo, que está sentado ao lado dela. Numa poltrona perto está sentado o segundo figurante que larga o jornal, se levanta e passa para o bar pela porta de vai e vem.

ILUMINAÇÃO - NOITE

AUDIO - MUSICA ALEGRE DE DANSA, EM 2º PLANO (NO BAR)

MARGARIDA - Tio Licurgo, será que o senhor pode me ajudar aqui?

LICURGO - Falaste comigo, Margarida?

MARGARIDA - Falei. (alto) Queria que o senhor me ajudasse para ver se eu decorei o meu trecho de literatura.

LICURGO - Caradura? Caradura por que?

MARGARIDA - Eu não falei nada de caradura, tio Licurgo. (mais alto) Eu perguntei se o senhor quer me tomar a lição.

LICURGO - Injeção? Você vai tomar injeção para que?

MARGARIDA - Ai que horror! O tio Licurgo não tem jeito. Além de não enxergar um palmo diante do nariz, ainda é surdo como uma porta! Vou ver se a mana não está muito ocupada e se ela me toma a lição.

MARGARIDA LEVANTA E VAI PARA O BAR. LICURGO

NÃO SE DA CONTA.

LICURGO - (tira o relógio do bolso e olha bem em cima do mostrador. Demora um pouco) Já são mais de dez horas. Não demora muito sua tia está brigando com você porque você ainda não foi deitar. (faz gesto de quem escuta) Han? (Pausa) Que estudar nada. Você devia estudar mais cedo não é a esta hora.

PEGA UMA REVISTA QUE ESTÁ PERTO DELE E UMA LENTE

E COMEÇA A OLHAR A REVISTA COM A LENTE. HÁ UMA

PAUSA. CHEGA TUTUCA COM UMA REVISTA EM QUADRI-

NHOS E SENTA AO LADO DE LICURGO. NOVA PAUSA.

LICURGO TORNA A OLHAR O RELOGIO BEM DE PERTO.

LICURGO - É tarde, minha filha. Largue a leitura e vá se deitar.

DIZENDO ISTO LICURGO ABRAÇA TUTUCA E DA-LHE UM

BEIJO NO ROSTO. TUTUCA ATIRA LONGE A REVISTA, EM

PURRA LICURGO E SE LEVANTA DE UM PULO.

TUTUCA - Para aí, seu Licurgo, que é isso comigo?! O que é que o senhor tá pensando que eu sou? Com essa parte de não ouvi direito e de enxergar pouco, o senhor vai chegando e vai beijando, não é? O senhor tá enganado comigo, está ouvindo?

CORTE

P.A. de FILOMENA na divisa da sala com a portaria.

PAN. HOR. até FILOMENA chegar ao GRUPO.

FILOMENA - Que gritaria é essa, Tutuca?

Que escândalo é esse que você está fazendo?

TUTUCA - Foi o descarado do seu Licurgo que me deu um beijo. A senhora acha que isso é direito? Eu sou uma moça solteira.

FILOMENA - Ora, Tutuca, não amola. Que pre-  
juízo pode te causar um beijo dum velho ba-  
bão como este? Então tu não vês logo que ele  
não é de nada? Garanto como pensou que esta-  
va beijando a sobrinha. E vai-te embora lá  
para dentro que aqui não é o teu lugar.

TUTUCA SAI PARA CIMA, DE CARA BEM ENJOADA.

FILOMENA SACODE LICURGO. ELE OLHA PARA ELA.

ELA, BEM PERTO DO ROSTO DELE, FAZ SINAIS QUE  
ELE TEM QUE DORMIR. ELE OLHA CALADO. COMPREEN-  
DE, LEVANTA E SAI. QUANDO ELE VAI SAINDO, VEM  
DO BAR, PELA PORTA DE VAÍE VEM, O DOUTOR POTI-  
GUARA.

P.A. de POTIGUARA e FILOMENA

POTIGUARA - E então, Madame, como param as  
modas?

FILOMENA - Tudo bem, felizmente, doutor Po-  
tiguara. Deseja alguma coisa?

POTIGUARA - Desejo, sim. Desejo que a senhora  
mande sua sobrinha levar ao meu quarto uma  
garrafa de agua mineral.

FAZ UM OLHAR CANAIHA PARA A VELHA E VAI SAINDO.

FILOMENA - Ela vai levar em seguida, doutor.

FILOMENA CHEGA NA PORTA DE VAI E VEM E FAÍE.

FILOMENA - Amélia, venha cá.

FILOMENA VAI PARA O CENTRO DA CENA.

PAN. HOR. vai com ela.

AMELIA VAI ATÉ FILOMENA E PARA ESPERANDO

FILOMENA - Pegue uma garrafa de mineral ge-  
lada e leve lá em cima no onze para o dou-  
tor Potiguara.

AMELIA - Eu vou mandar em seguida, titia.

FILOMENA - Eu não disse para você mandar. Eu  
disse para você ir.

AMELIA TENTA DIZER ALGUMA COISA MAS FILOMENA

ATAIHA, PALANDO MAIS FORTE, POREM PAUSADO.

FILOMENA - Eu disse para você ir.

AMELIA CURVA A CABEÇA E SE RETIRA PARA O BAR.

APROXIMAÇÃO até G.P. de FILOMENA,  
de cabeça levantada, dominadora.

FILOMENA - Si ela tivesse consciência do  
que vale, não teria medo das minhas amea  
ças.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com: G.P. de CARLITOS, no balcão

- BAR -

AFASTAMENTO até enquadrar MARGARIDA do  
lado de fora do balcão e o Dr. Potiguara  
sentado com o 1º FIGURANTE numa das mesas.  
Na outra mesa está o 2º FIGURANTE. Estão  
todos bebendo.

CARLITOS - A aula terminou mais cedo, bone  
ca?

MARGARIDA - À hora de sempre. A mana onde  
está?

CARLITOS - O Hotel está sem lavadeira, ela  
está torcendo roupa no tanque. Você sabe  
que a coitada é pau pra toda obra...

MARGARIDA - É mesmo, a coitada da mana tra  
balha tanto! E o pior é que a tia não reco  
nhece e ainda ralha com a coitada pobre.

CARLITOS - Sua tia é uma megera. Tenho-lhe  
um ódio.

MARGARIDA - Si ela arranjasse um bom casamen  
to, nós poderíamos sair d'aqui.

FILOMENA - (P.Q.) Margarida!

AUDIO - ACORDE DE SUSTO.

CARLITOS E MARGARIDA OLHAM SÚBITAMENTE PARA  
A PORTA QUE LIGA O BAR COM A SAIA.

CORTE

P.A. de FILOMENA, na porta.

FILOMENA - Que está fazendo aqui?

PAU. HOR. acompanha FILOMENA até P.A.

dos TRES

FILOMENA - Eu já não lhe disse que não quero  
que você converse com o Carlitos para não  
atrapalhar o serviço dele? Vá lá para den  
tro, onde.

MARGARIDA SAI DE QUADRO, EM DIREÇÃO À SALA.

FILOMENA - Você não se conhece, não 'e Car-  
tos? Que eu lhe encontre outra vez de con-  
versa com ela e há de ver. Vá atender a por-  
taria um pouco. Eu ficarei aqui até que Amé-  
lia volte.

AFASTAMENTO ATÉ P.G. da CENA.

CARLITOS COM OLHAR DE ÓDIO PARA FILOMENA, SE  
APASTA E SAI PELA PORTA DE VAI E VEM. A VELHA  
SE ENCOSTA NO BALÇAO, DE FRENTE PARA A CÂMERA.  
POTIGUARA SE LEVANTA DA MESA E VAI A ELA. EN-  
COSTA-SE TAMBÉM AO BALÇÃO.

POTIGUARA - Essa menina que estava aqui no  
balcão é irmã da outra?

FILOMENA - É doutor.

POTIGUARA - (depois de pausa) E ela... não  
trabalha também no hotel?

FILOMENA - Por enquanto, não. (Pausa) Está  
estudando.

POTIGUARA - Si ela quizer aprender a jogar  
dominó...

CONTRA REGRA - SINEPINHA AFASTADA.

FILOMENA - Está chegando gente na portaria.  
Eu vou até lá que o Carlitos não tem muito  
geito para atender. Depois nós conversamos,  
doutor.

FILOMENA SAI DE QUADRO EM DIREÇÃO À SALA.

APROXIMAÇÃO até G.P. de POTIGUARA,  
com o olhar fuzilando de cobiça.

POTIGUARA - Essa velha é capaz de vender até  
a própria alma ao diabo. Amanhã vou lhe pro-  
por um negócio que duvido que ela tenha for-  
ças para recusar.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com: G.P. de AMELIA, no balcão  
da portaria, pensando tristonha.

AFASTAMENTO até P.A. da CENA

CHEGA LICURGO, DA SALA E SE APROXIMA DO  
BALÇAO.

LICURGO - Minha velha, encontrei esta carta debaixo da porta do nosso quarto. Com a lente, vi que ela está endereçada a você e tem a observação de reservada. Foi por isso que vim logo lhe trazer.

AMELIA PEGA A CARTA E NÃO SABE O QUE FAZER.

LICURGO VOLTA, APALPANDO O CAMINHO PARA NÃO BATER. AMELIA ESPERA QUE ELE SAIA. OIHA A CARTA.

AMELIA - (reparando) A letra é a mesma do hóspede do quarto onze.

ABRE O LIVRO, PROCURA, ENCONTRA E COMPARA.

AMELIA - Doutor Orlando Potiguara. (Pausa) É a mesma letra. (Pausa) Que terá esse homem para dizer à tia Filomena, em caráter reservado? (Pensa um pouco) Sei que é um crime violar correspondência, mas o coração me diz que devo abrir esta carta. (Nova pausa.) ~~xxx~~

AUDIO - ENTRA MÚSICA DE SUSPENSE EM B.G.

AMELIA ABRE A CARTA E COMEÇA A LER. E VAI SE MOSTRANDO APAVORADA COM A LEITURA. LEVA A MÃO AO CORAÇÃO E SE ENCOSTA AO BALCÃO PARA NÃO CAIR.

AMELIA - Que horror, meu Deus!... Que horror! Como é possível que uma mulher seja capaz de tamanha baixez?!...

AMELIA ESCONDE A CARTA NO SEIO E FALA

AMELIA - Eu preciso salvá-la a qualquer preço!

AMELIA SAI CORRENDO EM DIREÇÃO AO BAR

PAN. HOR acompanha AMELIA até chegar ao BAR onde CARLITOS dorme sobre o balcão.

AMELIA SACODE CARLITOS E O ACORDA, AFLITA.

AMELIA - Carlitos, ouça! Você tem que fazer alguma coisa para salvar Margarida.

CARLITOS - (num pulo) Margarida?! Que há com ela?

AMELIA - Quer ver? Esta carta caiu por acaso nas minhas mãos.

CARLITOS COMEÇA A LER SOPREGAMENTE A CARTA

AMELIA - Penso, até, que foi Deus quem a desviou de tia Filomena. Por aí você pode ver que o doutor Potiguara está interessado nela e que titia já fez uma proposta que ele achou "um tanto exagerada".

CARLITOS QUE JÁ LEU TUDO DE UM SORVO FAZ UM GESTO DE ÓDIO, AMASSA A CARTA NA MÃO E SAI DO BALÇAO, INDO PARA A SALA.

CARLITOS - Fique aqui. Eu vou acertar este assunto com sua tia agora mesmo.

AMELIA - Você vai ao quarto dela?

CARLITOS - Vou. A raiva me sufoca e eu não poderei esperar até amanhã.

CARLITOS VAI ATE À PORTA E VOLTA, MOSTRANDO A CARTA AMASSADA NA MÃO.

CARLITOS - Com esta carta, poderemos botar os dois na cadeia. Ela... e este velho devasso.

CARLITOS SAI FURIOSO DE QUADRO PELA PORTA DE VAI E VEM. AMELIA PICA PARADA UM MOMENTO.

APROXIMAÇÃO até G.P. de AMELIA

AMELIA - Deus permita que tenha soado a hora da nossa libertação! Deus permita!

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com G.P. de FILOMENA, de touca e camisa, junto à porta do quarto.

- QUARTO DE CASAL -

FILOMENA - Quem é?

CARLITOS - (F.Q.) Sou eu, Carlitos.

FILOMENA - O que é que você quer a esta hora, homem?

CARLITOS - Preciso falar com a senhora sobre um assunto urgente.

FILOMENA - Isso não são horas de falar de coisa nenhuma. Deixe o assunto para amanhã.

CARLITOS - <sup>(F.Q.)</sup> Não pode. Tem que ser hoje.  
E se a senhora não quiser abrir a porta,  
eu vou ser obrigado a arrombá-la.

FILOMENA - O Carlitos enlouqueceu. Espera  
aí que ele agora vai me pagar cara a sua  
insolência.

FILOMENA ABRE A PORTA E CARLITOS ENTRA. ELA  
FECHA A PORTA E INVESTE CONTRA ELE, INDIGNADA.

FILOMENA - Você andou bebendo para me fa-  
lar deste modo, seu atrevido?

CARLITOS - Não bebi, não senhora. A senho-  
ra sabe, perfeitamente, que eu não bebo. E  
estou aqui para ajustar contas com a se-  
nhora.

MOSTRA A CARTA AMARROTADA, PARA ELA.

CARLITOS - O que quer dizer esta carta que  
esse devasso do doutor Potiguara escreveu  
à senhora e que veio parar em s minhas  
mãos?

FILOMENA - Carta do doutor Potiguara?  
Então é a tal carta que o imbecil do Li-  
ourgo me falou que estava debaixo da por-  
ta e eu pensei que ele estava sonhando...

TENTA AGARRAR A CARTA MAS CARLITOS A IMPEDE.

CARLITOS - Não. Esta carta não sai das  
minhas mãos. É a prova da sua infâmia.

FILOMENA - Mas se eu não sei que carta  
é... preciso ler.

CARLITOS - Leia nas minhas mãos.

CARLITOS BOTA A CARTA EM POSIÇÃO. FILOMENA  
PEGA OS ÓCULOS POR PERTO E COLOCA-OS NO NA-  
RIZ. COMEÇA A LER A CARTA.

CORTE

P.P. de FILOMENA lendo e jogando com  
os olhos como quem pensa no que poderá  
fazer para sair prova.

FILOMENA EM DADO MOMENTO DÁ UM BOTE E ARRAN-  
CA A CARTA DAS MÃOS DE CARLITOS.

CARLITOS - Dê-me essa carta.

FILOMENA - Ela foi endereçada a mim e não a você.

CARLITOS - Eu estou fora do meu juízo. Não me obrigue a fazer uma loucura. Entregue-me a carta?

FILOMENA - (firme) Não. Ela me pertence.

CARLITOS - Pois então vai acontecer o que eu queria evitar.

CARLITOS SE ATIRA EM CIMA DE FILOMENA QUE LUTA ALGUM TEMPO COM ELE. POR FIM, ELA VENDO QUE COMEÇA A PERDER TERRENO TENTA GRITAR POR SOCORRO. CARLITOS LEVA AS DUAS MÃOS À GARGANTA DELA E COMEÇA A APERTAR. ELA RELUTA, SACUDINDO O CORPO E TENTANDO FUGIR. ELE NÃO SOLTA E A IMPELE PARA A CAMA ONDE ELA CAI COM A METADE DO CORPO PARA DENTRO. ELA VAI ARRÉGALANDO OS OLHOS, BOTANDO A LINGUA PARA FORA E QUANDO ELE SENTE QUE CESSOU TODA A RESISTÊNCIA DELA, SOLTA-LHE A GARGANTA E O CORPO RESVALA PARA O CHÃO.

APROXIMAÇÃO até DET do pescoço dela, com as marcas bem visíveis dos dedos dele.

DESFOQUE

FOCALIZA em: P.P. de Amélia, de casaco, tristonha, como no início da narrativa.

- PALADREIRA LISA -

AUDIO - MÚSICA ACOMPANHA O DESFOQUE

AMELIA - Eu incitei Carlitos a matar tia Filomena. Quando lhe mostrei aquela carta, tinha certeza absoluta do que ele <sup>me</sup> iria fazer. Mas também... era aquela a única maneira de salvar minha irmã. Se tia Filomena não morresse, mais tarde ou mais cedo destruiria a vida de Margarida ~~como~~ da mesma maneira como destruiu a minha. Sei que muitos condenarão a maneira como procedi.

AMELIA - (CONT.) mas aquele que se julgar  
sem pecado... que me atire a primeira pe-  
dra!

CHICOTE

DET de CORAÇÃO DE JESUS

SUPERPOE

- ATIRE A PRIMEIRA PEDRA.

SLIDES DE ENCERRAMENTO

ESCURECIMENTO.

AUDIO - SUFFIXO MUSICAL

---

ATIRA A PRIMEIRA PEDRA  
HISTÓRIA E REALIZAÇÃO DE ÉRICO CRAMER

*ÉRICO CRAMER*

PERSONAGENS:

VENANCIO..... WILSON BRAGOSO  
MARIA..... VANIA ELISABETH  
MEDICO..... NELSON GIANUCA  
ALICE..... ROSA MARIA  
BENTO..... NELSON SILVA  
CONSTANÇA..... LINDA GAY  
ELISABETH..... MARIA MARTA

CENÁRIOS:

- 1a) - RAPADIEIRA LISA (3 metros)  
2a) - SALA DE CASA ANTIGA RICA, CONJUGADA, DO LADO DIREITO,  
COM JARDIM DE INVERNO VIVO, TODO CERCADO POR COLPI-  
NAS OPACAS E TRANSPARENTES.  
3a) - SET DE CONSULTÓRIO MÉDICO

DATA DA APRESENTAÇÃO..... 25.10.1961

TV PINATINI - CANAL 5

SLIDES: (Os de contatos)

ABERTURA em: DEF do CORAÇÃO D JESUS

CHICOTE para P.P. de VENANCIO, abati-  
do e triste, narrado com voz de  
profunda mágoa.

APASTAMENTO até P.A. de VENANCIO

RECALAÇÃO até P.P. de VENANCIO

REPOUSE

FOCALIZA em P.P. de ALICE, espisado  
no janelão do fundo, para fora. Há  
uma pausa. Ela vem ao centro da es-  
cena para falar

APASTAMENTO até P.M. de ALICE

ALICE VOLTA À JANELA E TORNA A OLHAR  
PARA FORA UM TEMPO. VEM NOVAMENTE AO  
CENTRO DA CENA PARA FALAR.

AUDIO - PRELUDO MUSICAL

VOZ - ... é aquele que se julgar sem  
pecado, que lhe atire a primeira pedra.

VENANCIO - A minha história é profunda-  
mente dolorosa e triste e teve o seu iní-  
cio, justamente, quando me apercebi que mi-  
nha doce e pequenina Mariza, a irmãzinha  
que eu adorava e que minha mãe entregara  
nos meus braços ao morrer, vivia num mun-  
do diferente do nosso, todo éle criado  
pela sua imaginação doentia. Mariza, a  
minha doce irmãzinha, para quem eu sonha-  
va tantas coisas, era uma débil mental.

AUDIO - CHICOTEADA MUSICAL RAPIDA

VENANCIO - Bem, mas... vamos à história  
toda, do princípio. Eu era noivo de Alice  
e todas as tardes, depois do jantar ia  
conversar um pouco com ela. Certo dia...

ALICE - Interessante... Venancio até se  
sorrendo mais, hoje, do que à seu contatos.  
Então conseguiu e ficar apreensiva.

ALICE - É capaz de ter conhecido algu-  
m coisa com Mariza. Por um lado eu tenho  
uma ótica muito, mas por outro...

CORTE

P.F. de ALICE, encostando os olhos com  
relaxo contida.

ALICE - Às vezes penso que se não fosse  
ela... eu já estaria casada com Venâncio.

CONSTA NINA - OIGARRA DE PORTA

AVANÇAMENTO até P.M. de CENA

ALICE CAMINHA EM DIREÇÃO À PORTA DA SUA QUE  
ABRE PARA DAR ENTRADA A VENÂNCIO, RISONHO.

VENÂNCIO - Boa tarde, como vai você, queri  
da?

ALICE - Não vou muito bem, acho que fiquei  
nervosa com a sua demora.

VENÂNCIO - Perdão. Não pude vir antes. Vi  
ve uma complicação lá em casa, mesmo na ho  
ra do saída.

CORTE

P.F. de ALICE

CORTE

... de VENÂNCIO, baixando a cabeça,  
tristado, encostando-se no ombro  
de ALICE

ALICE - Sua irmã?

VENÂNCIO - Sim...

P.A. dos DOIS

ALICE - Por falar nela... minha estava à  
sua espera. Queris falar com você.

ALICE AVANÇA DOIS PASSOS PARA A CAMERA  
E GRITA EM TOM SUAVE

ALICE - Manoel Venâncio já chegou. (TOM)  
Mas vamos sentar, querido.

CAMINHAM OS DOIS PARA O SOFÁ, ONDE SE SEM  
TAM DE BRAÇOS DADOS.

P.F. dos DOIS, vai com

os DOIS.

ALICE - Trabalhou muito hoje?

VENÂNCIO - Como sempre. Mas o que me cansa  
não é o trabalho, são as preocupações. Por  
vezes eu chego a ter a impressão que elas  
vão rebentar minha cabeça.

CONSTANÇA ESTRA SE QUATRO, PELA CAMERA. OS  
DOIS SE LEVANTAM PARA RECERRE-LA.

CONSTAN A - Boa noite.

VENÂNCIO - Boa noite, dona Constança. Como vai a senhora?

CONSTANÇA - (polida) Bem, obrigada. Sente-se. Eu precisava conversar um pouco com você.

CONSTANÇA FAZ UM SINAL A ALICE QUE SE RETIRE.

ALICE - Você me dá licença um momentinho, Venâncio? Eu volto em seguida.

VENÂNCIO - Pois não.

ALICE SAI PELA CÂMERA. VENÂNCIO SENTA.

CONSTANÇA - Pois eu ontem me resolvi a falar com você, para decidirmos de uma vez o seu casamento com Alice. Afinal, vocês estão noivos há mais de dois anos e todos os nossos amigos me perguntam a mesma coisa: "E então? Quando é que casa a Alice?" "A Alice casa este ano?" e a minha resposta é sempre a mesma: não sei, por enquanto não está nada resolvido. Você compreende que isto é muito constrangedor para mim.

VENÂNCIO - E para mim também, acredite. Mas o meu caso, dona Constança...

CONSTANÇA (Corta) Eu sei o seu caso qual é. Marisa, a sua irmã demente.

VENÂNCIO - Bem... quer dizer... ela é débil... infantilizada... não é propriamente o que se possa chamar de uma demente.

CONSTANÇA - Ou isso. Desculpe. Eu não disse por mal. Mas voltando ao assunto, você não havia conseguido que uma tia sua, do interior, viesse tomar conta da menina?

VENÂNCIO - Exato. Mas aconteceu que tia Chiquinha teve um derrame e não pode mais vir.

CONSTANÇA - Óra que massada! (Pausa) Escute e se nós conseguíssemos uma casa boa...

ÁUDIO - ACORDE DE SUSTO

CONSTANÇA - Não, não, dona Constança, por favor! Eu não posso fazer isto! Minha mãe entregou Marisa pequenina nos meus braços, se a puzer em qualquer parte, por melhor que seja, a impressão que terei, sempre, será a de que minha mãe está desolada comigo, entende? Eu não poderei ter paz... não poderei ter sossego... não poderei sentir a

CORTE  
P.P. de VENÂNCIO

CORTE  
P.P. de CONSTANÇA

CORTE  
P.P. de VENÂNCIO, assustado

CORTE

P. A. dos DOIS.

CONSTANÇA - (cont.) felicidade ao lado de Alice porque o espinho do remorso não me permitirá.

HÁ UMA PAUSA EM QUE CONSTANÇA PENSA, DE SOBRECENHO CARREGADO. NÃO ESTÁ SATISFEITA. DE REPENTE, TOMA UMA DECISÃO.

CONSTANÇA - Escute: sua irmã, ao menos, é uma menina quieta, que não dá trabalho?

VENÂNCIO - Muito quieta, a pobresinha. Se a deixarmos com os seus soldadinhos de chumbo, ela se esquece até de comer.

CONSTANÇA - E come pelas próprias mãos? Veste-se sósinha?

VENÂNCIO - Sim. Aquilo que ela consegue aprender, faz, depois, com a maior perfeição.

CONSTANÇA - Pois então é muito simples: além do quarto de hóspedes, tenho mais dois quartos vazios, ela poderá ocupá-los e ficará conosco.

VENÂNCIO PEGA AS MÃOS DE CONSTANÇA, COMOVIDO.

VENÂNCIO - Dona Constança! Como a senhora é boa! Bem me haviam dito que este sua filha era só aparente! A senhora soube de solucionar o meu problema. Poderei casar dentro de quinze dias, se a senhora quiser.

CONSTANÇA - Isto, Alice é que deverá decidir. Vou chamá-la agora mesmo e vocês resolverão o assunto.

LEVANTAM-SE OS DOIS. ENQUANTO CONSTANÇA SAI PELA CÂMERA, VENÂNCIO, ILUMINADO PELA FELICIDADE, CAMINHA PARA O JARDIM DE INVERNO ONDE PERMANECE, SONHANDO. MOMENTOS DEPOIS ENTRA ALICE EM QUADRO.

ALICE - E então, querido? Que conversaram vocês?

VENÂNCIO, RESPIRANDO FELICIDADE, ABRAÇA ALICE

VENÂNCIO - Sua mãe me ofereceu para trazer Marisa para esta casa. Poderemos nos casar quando você quiser.

ALICE - É verdade, meu amor?! Que coisa boa!...

OS DOIS SE ABRAÇAM, SORRINDO FELIZES.

APROXIMAÇÃO até P.P. dos DOIS.

FUSÃO com: P.P. de BENTO, junto à porta da rua, atendendo ELISABETH, menina colegial, alegre e atrevida.

AFASTAMENTO até enquadrar ELISABETH

BENTO - O que é que a menina deseja?

ELISABETH - Eu vim fazer uma visita para a Mariza.

BENTO - Ah, veio visitar a menina Mariza? Mas eu nem sei se ela está...

ELISABETH - Está, sim. Eu estou vindo de qui. Lá está ela sentada no chão e garantindo que brincando com os soldadinhos de chumbo.

CORTE

P.A. de MARIZA, sentada no chão do jardim de inverno, brincando com os soldadinhos de chumbo, no tapete.

CORTE

P.P. de BENTO, sem jeito, procurando despiatar Elisabeth

BENTO - Bem, mas... sabe o que é que acontece, menina?

BENTO - É que eu não sei se o irmão dela deseja que ela receba visitas. Pode não querer e eu não posso lhe mandar entrar.

ELISABETH - Pode sim. Ele não se importa, eu garanto. Lá na outra casa eu ia sempre brincar com ela e ele gostava. Quer ver como ela vai ficar contente de me ver?

ELISABETH SE DESVIA DE BENTO E PASSA PARA DENTRO DA SALA, DIRIGINDO-SE AO JARDIM DE INVERNO. BENTO FECHA A PORTA E VAI COM ELA.

PAN. HOR. acompanha os dois até enquadrar MARIZA.

ELISABETH - Mariza, eu estou aqui.

~~XXXXXXXXXXXX~~ MARIZA OLHA PARA ELISABETH E TODA A SUA FISIONOMIA SE ABRE NUM SORRISO ALVAR, SORRISO DE DÉBIL MENTAL, SEM EXPRESSÃO DEFINIDA.

MARIZA - Ela veio! (risinho) Ela veio!

ELISABETH - Eu não disse a você que não chorasse porque eu vinha? Aqui estou.

ELISABETH SOLTA A BOLSINHA E A BOINA EM QUALQUER LUGAR PRÓXIMO E SENTA JUNTO DE ELISABETH, NO TAPETE. BENTO OLHA PARA DENTRO, OLHA PARA ELISABETH, SACODE A GABEÇA DESALENTADO E PALA.

BENTO - A menina vai ficar aí brincando, ou veio só ver a outra e vai embora?

ELISABETH - Vou ficar. Eu vim para brincar com ela. Eu sou a professora dela, eu ensino ela a ler; não é Mariza?

MARIZA - (sorriso alvar) É...

ELISABETH - Quer ver como ela já conhece as letras?

BENTO - Não, não, menina, eu não tenho tempo pra isto. É que se a menina vai ficar eu tenho que avisar à patrão.

ELISABETH PEGA UM SOLDADINHO DE CHUMBO

Y MOSTRA PARA MARIZA, SORRINDO.

ELISABETH - Este aqui é o Alfredinho, não é?

MARIZA SACODE A CABEÇA E A MÃO NEGATIVAMENTE. PEGA OUTRO E MOSTRA.

MARIZA - Este. Esse é o Fernandinho.

ELISABETH PEGA O QUE MARIZA TEM NA MÃO E OLHA EM BAIXO, NA BASE.

ELISABETH - É mesmo. (para Bento) Eu marquei o Alfredinho com um risco em baixo, só para ver se ela conhece. ~~mesma~~ E ela conhece mesmo. Está aqui o Alfredinho, ó.

ELISABETH MOSTRA A BASE DO SOLDADINHO A BENTO QUE JOGA DE OMBROS, SACODE A CABEÇA E SAI DE QUADRO. ELISABETH FALA PARA A CÂMERA.

ELISABETH - Que coisa engraçada! Eles são todos iguais e ela consegue distinguir. Não sei como??

MARIZA VAI MOSTRANDO UM ATRÁS DO OUTRO, SOLDADINHOS QUE PEGA NO TAFETE E DÁ NA MÃO DE ELISABETH.

MARIZA - Didú... Adiceto... Belwiro... o Joca... Leopoldo...

ENTRA EM QUADRO CONSTANÇA, BEM CONTRARIADA.

CONSTANÇA - Que está fazendo aqui, menina?

ELISABETH - Vim visitar a Mariza. Ela é minha amiguinha desde lá da outra casa.

CONSTANÇA - Pois é, mas aqui nesta casa eu não gosto que ela receba visitas. Por hoje você pode ficar mais um pouco, mas de agora em diante ela não receberá mais visitas.

CONSTANÇA SE RETIRA DE CENA E PASSA PARA A SALA, INDO DIRETAMENTE AO JANELÃO, FIGANDO DE COSTAS, OLHANDO PARA FORA. NO QUE ELA DERRA COSTAS, ELISABETH BOTA-LHE A LINGUA, A OUTRA VÊ E FAZ O MESMO, RIMM AS DUAS.

ELISABETH - Antipática.

ELISABETH FAZ UM SINAL PARA MARIZA. SE LEVANTA E VAI ESPIAR A VELHA. VÊ QUE ELA ESTÁ DE COSTAS, NA JANELA E DEPRESSA PEGA UMA TIRA DE PAPEL E UM ALFINETE E VAI PREGAR RABO NA VELHA. MARIZA SE LEVANTA E FICA DE LONGE ESPIANDO, RINDO E BATENDO PALMAS.

PAN. HOR. acompanha ELISABETH, até onde ela for e volta com ela.

AS DUAS RIEM JUNTAS E SENTAM-SE NOVAMENTE A BRINCAR. ENTRA O MORDOMO E VÊ O RABO DE PAPEL NA VELHA.

CORTE

P. A. de CONSTANÇA NA JANELA. O MORDOMO entra e passa por ela. Vê o rabo e fala

BENTO - Que é isso, patrão?

CONSTANÇA - Isso o que?

BENTO - A senhora está com uma tira de papel pendurada nas costas.

CONSTANÇA BOTA A MÃO E TIRA. TEM UMA EXPRESSÃO DE ÓDIO.

CONSTANÇA - Já sei. Só podia ser coisa desse diabrete que está aí.

CAMINHAM OS DOIS PARA O JARDIM DE INVERNO.

PAN. HOR. vai com eles, até enquadrar as meninas.

CONSTANÇA - Foi você que me botou este rabo de papel; não é verdade? Pois fique sabendo que eu sou uma senhora de respeito e não posso tolerar brincadeiras dessa ordem. Vá embora porque Mariza, na minha casa, não brinca com meninas desrespeitosas e mal educadas.

ELISABETH, ASSUSTADA, SE LEVANTA, PEGA O QUE É DELA E SAI, ACOMPANHADA POR BENTO. MARIZA COMEÇA A CHORAR ALTO, COMO CRIANÇA.

CONSTANÇA. (dura) Cale essa boca você também. (ela cala) Eu não sei onde estava com a cabeça quando consenti que essa maluca viesse morar na nossa casa!

APROXIMAÇÃO até G.P. da velha, furiosa.

ÁUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com: P.P. de ALICE, na sala, sentada perto de VENÂNCIO que, de robe de chambre, lê um livro. Ela borda.

ILUMINAÇÃO - NOITE

HÁ UMA PAUSA EM QUE ALICE PARA DE BORDAR E OLHA PARA O MARIDO. DEPOIS PÁLA, ELE PARA DE LER.

ALICE - Querido, você anda tão desfigurado, ultimamente... tão emagrecido... tão tristinho... Você tem alguma coisa que lhe aborreça?

VENÂNCIO - Cansaço, Alice. Simplesmente cansaço. Aliás, eu devo ter alguma coisa que occasione esse cansaço, porque a esta hora ele não seria de estranhar, mas a verdade é que já me acorda cansado.

ALICE - Mas então, meu bem, você precisa ver isto o quanto antes, Amanhã mesmo quero que você vá ao médico. Promete que irá?

VENÂNCIO - Vou, sim. Eu mesmo estou preocupado com esta história.

ENTRA CONSTANÇA EM QUADRO, PELA CAMERA, MOSTRANDO UMA TIRA DE PAPEL, PENDURADA NAS COSTAS.

CONSTANÇA - Sua irmã não quis jantar.

VENÂNCIO - Deve ter comido alguma coisa de tarde.

CONSTANÇA - Não devo. Ela agora pegou o costume de mexer nos armários e na frigideira. Um pessimo costume, aliás.

CONSTANÇA VIRA DE FRENTE PARA A CÂMERA E VAI SAIR. CHEGA A DAR DOIS OU TRES PASSOS. A FILHA VÊ O RABO DE PAPEL E CHAMA.

ALICE - Mãe, chegue aqui. Deixe-me arrumar o seu vestido.

CONSTANÇA SE PARA DE COSTAS. JÁ ADIVINHOU. ALICE TIRA O RABO DE PAPEL E PRETENDE ESCONDÊ-LO MAS NÃO CONSEGUE.

CONSTANÇA - Arrumar o vestido coisa nenhuma! Vai me tirar mais um rabo de papel, é pensa que eu não sei? Essa coisa já está me desesperando.

VENÂNCIO - Desculpe Maria, dona Constança. A coitadinha não fez por mal. É por brincado.

CONSTANÇA - Mas o caso é que eu não sou brincadeira de ninguém, ora essa é boa!

VENÂNCIO LEVANTA PARA SAIR E SAI, DEPOIS DE PALME.

VENÂNCIO - Eu vou falar com ela.

CONSTANÇA - Essa maluca já está me encheando.

ALICE - Tenha paciência com ela por Venâncio, mãe. Ele é tão bom!...

CONSTANÇA - Mas sou eu que aguento essa doída dentro da minha casa, mas qualquer dia isso vai ter fim. Estou até aqui.

CORTE

P.P. (e CONSTANÇA

CONSTANÇA SAI DE CENA E ALICE FICA SÓ.

ALICE - Mariza é realmente teimosinha e às vezes irritante também. Eu mesmo, muitas vezes, perco a paciência com ela.

APROXIMAÇÃO até G.P. de ALICE

ÁUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com G.P. de MÉDICO, sentado à frente do seu bureau, no consultório - SET DE CONSULTÓRIO -  
AFASTAMENTO até enquadrar VENÂNCIO, botando a gravata e o casaco, perto.

MÉDICO - Lamento ter que lhe dizer a verdade nua e crua, mas alguém precisa saber a seu estado de saúde e ninguém melhor do que o senhor, porque assim tratará de se cuidar.

VENÂNCIO - É grave, não é doutor?

MÉDICO - É grave, sim, mas grave não quer dizer perdido.

VENÂNCIO - Mas também curado, definitivamente, não ficarei nunca; não é doutor?

MÉDICO - Bem, isso nunca se pode saber, em caso nenhum.

VENÂNCIO - Mas no meu, eu sei. Meu pai foi exatamente assim. Minha mãe se desvelou em cuidá-lo e o máximo que ele conseguiu viver foram tres anos.

MÉDICO - Mas também, no tempo do seu pai, não existiam os recursos de hoje, é preciso ver isto.

VENÂNCIO - Doutor, eu sou bastante corajoso, por isso não é necessário dourar a pílula. Eu sei, perfeitamente, que tenho a vida por um fio e que esse fio pode quebrantar de uma hora para outra.

MÉDICO - Pois então sabe também que deve poupar-se de qualquer esforço físico, de qualquer emoção mais forte e procurar afastar sempre as preocupações para que elas não venham a apressar um desfecho, entende?

VENÂNCIO - Entendo, sim, doutor, mas não sei se poderei fazer o que é preciso.

COITE

P.P. de VENÂNCIO

COITE

P.P. de MÉDICO

COITE

P.P. de VENÂNCIO

AFASTAMENTO até P.A. dos DOIS

O MÉDICO QUE ESCREVEU UMA RECEITA ENTREGA-A A VENÂNCIO QUE A RECOLHE E EXAMINA.

MÉDICO - Este remédio vai lhe fazer

MEDICO - (CONT.) bem, mas tenha cuidado. Só um comprimido por dia.

VENÂNCIO DOBRA A RECEITA E GUARDA NO BOLSO.

VENÂNCIO - Está bem, doutor. Obrigado.  
VENÂNCIO APERTA A MÃO DO DOUTOR E SAI DE QUADRO. O DOUTOR FICA OLHANDO NA DIREÇÃO QUE ELE SAIU E SACODE A CABEÇA PENALIZADO

MÉDICO - Haxa Coitado! Um rapaz tão moço! Dá para um caso assim. Pena e revolta por se saber que não se pode fazer nada!

APROXIMAÇÃO até G.P. de MÉDICO

ÁUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com: G.P. de MARIZA, sentada no tapete do jardim de inverno, brincando com os seus soldadinhos de chumbo.

MARIZA - O Alfredinho briga com o Fernandinho, porque ele disse que era meu noivo... (risinho) Eu sou noiva de todos. Não precisam brigar. (Pausa. Ouve.) Não posso ser noiva de todos? Posso sim. Eu querendo eu posso. Sou noiva do Alfredinho... sou noiva do Fernandinho... sou noiva do Didiú... sou noiva do Aniceto... sou noiva de todos. Todos são meus soldadinhos... e todos são meus noivos... (risinho)

CORTE

P.A. de VENANCIO na sala, de fumoir, sentado numa poltrona, com o vidro do remédio na mão. Chega o mordomo e entra em quadro com uma bandeijinha e um copo de água pela metade.

BENTO - Aqui está o seu braço patrão tosar o seu remédio. Meio copo, como o senhor pediu.

VENANCIO TIRA UM COMPRIMIDO DO VIDRINHO E BOTA NA BOCA, TOMANDO-O COM A AGUA. TORNA A BOTAR O COPO NA BANDEIJINHA E BENTO SAI DE QUADRO.

BENTO - Com licença, Patrão.  
O VIDRO DE COMPRIMIDOS ESTÁ ABERTO. ELE EXAMINA E QUANDO VAI FECHÁ-LO

CONTRA REGRA - O TELEFONE TOCA  
VENANCIO SOLTA O VIDRO ABERTO EM CIMA DA MESA E VAI ATENDER O TELEFONE. FAZ UMA CONVERSA COM ALGUÉM QUE PROCURA SUA ESPOSA.

CORTE

P.A. de MARIZA, no tapete.

MARIZA SE LEVANTA, VAI LÁ NA SALA, PEGA O

MARIZA SE LEVANTA, VAI NA SALA, PEGA O VIDRO DE REMEDIO, TIRA UM COMPRIMIDO E COME.

MARIZA - Bolinha.

BOTA UM COMPRIMIDO NA BOCA, MASTIGA, AGORA BOM, SAI COM O VIDRO PARA O JARDIM DE INVERNO.

PAN. HOR. acompanha Mariza

AO CHEGAR NO JARDIM DE INVERNO MARIZA SEMEA NO CHÃO E COMEÇA A COMER MAIS COMPRIMIDOS.

CORTE

P.A. do VENANCIO, no telefone

VENANCIO - Sim senhora. Eu dei o recado à Alice, depois ela fala com a senhora. (Pausa) De nada, às suas ordens. Fosse bom.

VENANCIO DESLIGA O TELEFONE E VEM PARA JUNTO DA MESINHA, PEGA A CAIXA DO REMEDIO E DA PALHA DO VIDRO, COMEÇA A PROCURÁ-LO PRIMEIRO NO BOLSO E DEPOIS NA MESINHA DO TELEFONE, ENTRA CONSTANCA COM UM RABO DE PAPEL NA BICO E JÁ CURETO NO VESTIDO, FICA DE COSTAS PARA A CAMERA, FALANDO ALTO, MUITO SANGADA.

CONSTANCA - Está vendo isto aqui? É um rabo de papel que o marido tirou das minhas costas não faz quinze minutos. E sabe quem se botou esse rabo? A gracinha da sua irmãzinha. Ela fez isso de maldade.

VENANCIO - Não, dona Constança, não diga isto. A pobrezinha não sabe o que é.

CONSTANCA - Ela não sabe o que faz, mas eu sei o que vou fazer. Não aguento mais essa malice.

CONSTANCA DA UMA RABANADA E SAI PELA CAMERA.

VENANCIO SACODE A CABEÇA DESISTENTE E VAI AO JARDIM DE INVERNO PARA FALAR COM A IRMÃ

PAN. HOR. acompanha VENANCIO.

AO CHEGAR FISTO DA INER ELE VE O VIDRO, BERRA  
DA MÃO DELA. ESTÁ VASIO, ELE FICA DESORIENTADO.

VENANCIO - (ansiedade) Você contou o que  
entrevi aqui, Mariza?

ELA SACODE AFECTIVAMENTE A CABEÇA, SONRINDO

MARIZA - Belinha.

VENANCIO CORRE PARA O TELEFONE, APERTISSIMO

PAN. Hora, vai com ele até ao te  
lefone.

VENANCIO COMEÇA A DISCAR. DISCA TRÊS QUATRO  
NÚMEROS E DESLIGA, TORNA A LIGAR E DIZ.

VENANCIO - Meu Deus, está falando.

CONSTANCA - (F.Q. surdina) Ela não sabe o  
que faz, mas eu sei o que vou fazer. Não  
aguento mais essa maluca.

VENANCIO PARA UM POUCO. TENTA NOVA LIGAÇÃO  
NÃO CONSEGUE, DESLIGA. OUVI UMA VOZ.

MEDICO - ~~medico~~ (F.Q. surdina) Deve por  
parar de todas as preocupações, para que  
elas não expressem o desfecho, entenda

VENANCIO TENTA NOVA LIGAÇÃO, DESLIGA.

CONSTANCA - (F.Q.) Eu sei o que vou fazer.  
Sei o que vou fazer...

MEDICO - (F.Q.) Dois ou tres anos de vida.  
Dois ou tres anos de vida...

CONSTANCA - (F.Q.) Sei o que vou fazer...  
sei o que vou fazer...

VENANCIO VAI DESISTINDO DE LIGAR O TELEFONE,  
EMBORA DEMONSTRE NO ROSTO E NOS GESTOS A IN  
DECISÃO E A LUTA INTERIOR. DE REPENTE DESLI  
GA DEFINITIVAMENTE O TELEFONE E CORRE PARA O  
JARDIM DE INVERNO.

PAN. Hora, acompanha VENANCIO  
até enquadrar Mariza, caída  
no tapete, olhos cerrados, lí  
bros entre-abertos num sorriso.

VENANCIO SE PRECIPITA PARA A IRMÃ, SENTA-SE  
NO CHÃO E SEGURA-LHE A CABEÇA NO COLO.

VENANCIO - Mariza, querida, o que é que  
você está sentindo?...

MARIZA - (fio de voz) Sono, menino. Muito  
sono. Acho que vou dormir...

VENANCIO - Vai dormir, sim, querida. Você  
agora vai dormir o melhor dos sonhos!

MARIZA - E quando acordar... vou brincar  
outra vez... com os meus soldadinhos...

VENANCIO - Vai, sim, querida. Os anjos vão  
brincar com você... e os soldadinhos...

MARIZA - (Pausa) Menino...

VENANCIO - Que é, meu amor?

MARIZA - (arretando) Eu estou com tanto  
sono... e estou tentando tanto a dormir...  
contê, menino... contê para que eu durma  
... mais depressa...

VENANCIO - Sim, meu amor... o menino...  
vai cantar... para você dormir... o melhor  
dos sonhos, querida.

VENANCIO COMEÇA A ESALAR A IRMÃ NOS BRAÇOS,  
CANTANDO, DE BOCA FECHADA, UMA CANTIGA DE NI  
NA BEL CONHECIDA, MISTURA OS SOLUÇOS COM O  
CANTO, SEMPRE OLHANDO PARA ELA. DE REPENTE  
PERCEBE QUE ELA DORMIU E DEITA A CABEÇA SOBRE  
ELA OUVANDO. HÁ UMA PAUSA. ELE LEVANTA, ESEM  
BOTA-LHE UMA ALMOFADA DEBAIXO DA CABEÇA, UMA  
FIOR ESTE E OS DEDOS, FORMA TODO O BATALHÃO  
PERTO DELA, LEVANTA E SAI.

ATÓXI AÇÃO ESTO DEE. DO BATALHÃO  
DE SOLDADINHOS FORMADOS, SEQUENTE  
VENANCIO corre para o TAPADURA.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL DE GORO CELEST  
COM VOZES LONGINQUAS E SINGOS.

APRESENTAÇÃO 1950 14

LOCALIZA EM POP. DO VERANCO

- TAPADEIRA LISA -

VERANCO - Eu podia ter providenciado para salvar a minha irmã, mas preferi ver a morte dela. Sei que muitos me acusarão por ter negligenciado desta maneira, mas não quero que se julgue sem pecado... que me atire a primeira pedra...

CHICOTE

DET. DO CORAÇÃO DE JESUS

SU EXPOSIÇÃO

ATIRE A PRIMEIRA PEDRA.

ENCERRAMENTO

ESQUECEREM O...

AUDIO - SUFFIXO MUSICAL

AUDIO - DISSOLVE

"VIRE A PRIMEIRA PEDRA"

HISTORIA, REALIZAÇÃO DE ERICO CRAMER

PERSONAGENS:

ROHIA.....LINDA GAY  
WILSON.....CARLOS CAMARGO  
EPITACIO.....ANTONIO LARA  
TESSALIA.....DIANA MACIOVIA  
TAMIR.....WILSON PRAGOSO  
NIGUELA.....HELITA AGUIAR

CENARIOS:

- 1) TAPADIRA LISA PARA NARRADOR E CORAÇÃO DE JESUS.
- 2) LIVREO LUXUOSO, ANTIGO, CONJUGADO COM ESCRITORIO TAMBEM ANTIGO. PORTA DE ENTRADA À ESQUERDA, GRAN DE JANELÃO AO FUNDO, ARCO À DIREITA LIGANDO COM ESCRITORIO QUE TEM UMA JANELA AO FUNDO E UMA PORTA PARA O INTERIOR À DIREITA.
- 3) CLARBEIRA DE MATO COM GRANDE TRONCO DEITADO PARA-SERVI- R DE BANCO. OUTRAS ARVORES EM VOLTA.
- 4) QUARTO CONFORTÁVEL DE CASAL (PODE SER ANTIGO)

DATA DA APRESENTAÇÃO -- 19/11/1961 - quarta-feira

TV PIRATINI - CANAL 5

SLIDES : (OS DE COSTUMES)ABERTURA em DET do CORAÇÃO DE JESUS.GHICOTE

P.P. de MOEMA, abatida, de mantilha no casaco.

- TAPADEIRA LISA -

AUDIO - PREFIXO MUSICALVOZ - ... e aquela que se julgar sem pecado que lhe atire a primeira pedra.

MOEMA - Meu nome é Moema e embora seja uma mulher de idade avançada, não estaria nem tão velha e desfeita, se não fosse a tragédia que abalou minha vida e transformou a paz do meu lar neste inferno de remorso em que se escoam os meus dias. Sempre ouvi dizer que o amor tem muito fôlego e não se deve lutar contra ele, mas pode a mãe que criou seu filho único com todo o carinho e desvelo e sonhou para ele as maiores venturas da terra, vê-lo enveredar por um caminho errado e deixar que ele siga sem tentar detê-lo? Não creio. Não posso crer. E foi este o meu crime. Bem, mas... vamos ao fato desde o seu início, para que possam melhor julgar-me - aquelas que me ouvem. Apesar de ter perdido um marido muito cedo, passados os primeiros anos de sua ausência, eu me tornei uma mulher relativamente feliz, dedicando-me inteiramente ao meu filho único; rapaz inteligente, esportivo e nobre, que nunca me havia dado um único desgosto. Um dia...

DESFOCUE

FOCALIZA em P.P. de WILSON, a entrar do no pente de mesa de uma escrivaninha, falando ao telefone. Está de robe de chambre, no gabinete ligado ao

- LIVING LUXUOSO, LIGADO A CASINHEIRA -

AFAST. até P.A. de WILSON, ouvindo WILSON - Você sempre com um essa extravagância de menino rico, Epitácio. E o que mais me dá tiro é de uma riqueza de sua imaginação. Você sempre encontra uma coisa diferente para fazer. Onde é que você foi buscar essa ideia de fazer uma festa num acompanhamento de o iguonon, rapaz?

CORTE

P.A. de EPITACIO, ao telefone.

- TAPADEIRA LISA -

EPITACIO - Não interessa. O que interessa é que vai ser becasas pra xuxá. Tem um acompanhamento nas proximidades do bosque do Cerro, eu fui lá com o Rogério, conversamos com o chefe e ele topou a nossa proposta.

CORTE

P.A. de WILSON, mostra posição -

-LIVING LUXUOSO LIGADO AO GABINETE TR.

WILSON - Não há dúvida que vai ser uma festa muito pitoresca. O bosque do Cerro é lindíssimo, de noite, agora, são de uma magnificência... com a música e a dança cigana, vai ser qualquer coisa de fantástico e admirável.

CORTE

P.A. de EPITACIO, ao telefone .

- TAPADEIRA LISA -

EPITACIO - E depois, ainda tem o principal - que tá te esquecendo de citar. A bebida, que vai ser preparada pelos próprios e na ciganinha que já estão convidadas e vão tomar parte na festa. Sim, porque nada dessas borocochês de No vlenes, de Sandras e Jurnays que eu já estou até os olhos com elas. Eu quero é novidade. Não sendo novidade não interessa.

CORTE

P.A. de WILSON, entra vez na primeira posição.

- LIVING LUXUOSO LIGADO A GABINETE WILSON - Ah que se eles te vissem falar os -

WILSON ...sua... precedentes que são no teu nome e é tua fortuna?... Tem ficar desesperado. Está bem então, Epitácio. Obrigado pelo lembrança do convite e até amanhã de noite.

CORTE

P.A. de EPITACIO

-TAPADURA LISA -

EPITACIO - Vê lá, mãe? Não vai fazer. Tchau.

EPITACIO DESLIGA O TELEFONE.

CORTE

P.A. de WILSON, desligando o tele-

fone e sorrindo.

WILSON - Esse Epitácio é um ganso. Não quer nada com os estudos e vive inventando coisas para gastar o dinheiro que o mãe lhe deu.

WILSON CAMINHA PARA O LIVING, ONDE APARECE UM LIVRO QUE ESTA SOBRE O SOFA E RECOMEÇA A LEITURA ABANDONADA.

PARLOR. acompanha WILSON.

CORTE

P.P. de MOEMA, sentada, fazendo o

chá.

EPITACIO - Vê lá, mãe? Não vai fazer. Tchau.

MOEMA - Com quem estava falando, meu filho?

AFASTA - está com WILSON

WILSON - Com Epitácio, mãe. Ele estava me convidando para uma festa.

MOEMA - Não gosto desse rapaz. E nem quero que ele seja companheiro para vocês, Wilson.

WILSON - Por que mãe?

MOEMA - Um rapaz que não estuda... que não trabalha... que não faz nada... Afinal de contas o fato de ser rico, não justifica a sua inatividade. Todo homem deve ocupar seu tempo com alguma coisa útil. Apesar de ser um rapaz de família de tradição, não como uma mãe compraria para pessoas humildes que se preze.

PARLOR. acompanha WILSON.

CORTE

P.P. de MOEMA, sentada, fazendo o

chá.

WILSON - Eu sei, mãe, a sempre tem medo que ele possa se desviar do compromisso doméstico; não é isto? Mas não precisa -

AFASTA - está com WILSON

P.P. de WILSON, sorrindo

APAST. até P.A. dos DOIS

WILSON - ... ter esse recaio porque isso -  
não acontecerá.

WILSON VAI A ELA, SEGURA-LHE O QUEIXO, NUMA CARICIA  
E FALA-LHE.

WILSON - O seu filho foi muito bem educado -  
por uma mãezinha muito cuidadosa, muito di-  
ligente e muito empenhada em mostrar-lhe o  
lado bom da vida. Ele não se deixará desviar  
por outro menos feliz que perdeu sua mãe ao  
nascer e quando abriu os olhos para a vida,  
já viu seu pai sendo com moço fútil e vai-  
doso que só sabia cuidar dele mesmo e o dei-  
xou crescer ao Deus dará. Fique tranquila,  
portanto. E o Epitácio não é um mau rapaz.

CORTE

P.P. de MOEMA

MOEMA - Acredito que ele não seja mau ra-  
pez, porque você diz. Má companhia, no en-  
tanto, eu insisto que ele é.

CORTE

APAST. até P.A. dos DOIS

WILSON FAZ UMA CARICIA NA MÃE E VOLTA A SENTAR  
ONDE ESTAVA, ABRINDO O LIVRO E RECOMEÇANDO A -  
LEITURA. MOEMA VOLTA AO TRICOT POR UM MOMENTO.  
PRA.

MOEMA - Que feate foi esse que ele comvi -  
don você que eu lhe cuvi falar em luar...

WILSON - Ele vai fazer uma feate num esca-  
pamento de oiganos no bosque do Cerro.

AUDIO - ACORDE SEGO, DE SUSTO TRIMENDO

MOEMA - O que ?! O Epitácio está louco ? -  
Ele já pensou no perigo que corre em meter  
-se com essa gente ?

WILSON - Ora perigo, manô! Já se foi o -  
tempo em que se acreditava que os ciganos -  
roubavam crianças e praticassem vinganças  
atrozes contra alguém que lhes fizesse o -  
menor mal. Os ciganos hoje estão mordendo

CORTE

P.P. da MOEMA, contrariada, voltando ao grocery.

WILSON - ...don e não criaturas tão fáceis de tratar como quaisquer outras.

MOEMA - Não sei, não. Eu se fôsse você não me arriscava a convivência com gente de tal espécie. O mínimo que lhe poderá acontecer é roubar-lhe a carteira do dinheiro.

WILSON - (SORRINDO) Ora vamos, mamãe, que é isso? Porque havemos de pensar assim tão mal dessa pobre gente? E se o perigo lhe parecer êsse, é simples: eu levo apenas alguma dinheiro para qualquer necessidade que possa surgir.

MOEMA - Está bem. Você quer ir, vá, mas depois não venha se queixar para mim que lhe aconteceu isto ou aquilo. Não sei porque o meu coração está me dizendo que você não deve ir a essa festa.

WILSON SE LEVANTA, SORRINDO, PARA FOR TRAZ DA MÃE, CURVA-SE PARA BEIJA-LA E FALA SORRINDO.

WILSON - O seu coração é um coração de ouro, mãezinha e, mas medroso como eu ainda não vi outro!

WILSON DÁ O BEIJO NA MÃE E SAI PARA O INTERIOR DA CASA. MOEMA FICA UM MOMENTO A OLHAR PARA ELE E DEPOIS SACODE A GABEÇA.

MOEMA - Pode ser que o meu coração seja medroso, como êle diz. Acredito mesmo que seja. A gente, quando fica velha, está vendo perigo em toda a parte, mas seja lá pelo que for eu não tinha vontade que Wilson fôsse à esta festa.

MOEMA RECOMEÇA A FAZER SEU GROCERY

APROX. até DET das MÃOS de NOEMA FA  
ZENDO CROCHET.

FUSÃO com DET de MÃOS DE TESSÁLIA -  
Brincando um um papel q ue vem num -  
dos dedos.

- CLAREIRA DE MATO -

APAST. até P.A. de TESSÁLIA e WIL-  
SON, sentados num tronco.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL, FUNDE COM MUSICA  
CIGANA EM RG - VOZES E RISOS - MUSICA ALE-  
GRE.

ILUMINAÇÃO - NOITE

TESSALIA - Yo no creo en los hombres que -  
no son de mis raza.

WILSON - E por que ? Você acha que eles men-  
tem mais do que os ciganos ?

TESSALIA - Um hombre de sociedade, como usted,  
que otra cosa puede querer de una gitana, -  
que no sea divertirse ?

WILSON - Oque, Tessália, eu não sou deuses-  
rapenas que se divertem desgraçando meninas  
crédulas e inocentes. Fui educado por outros  
princípios. Minha mãe me ensinou que o so-  
rço dos jovens é coisa sagrada. Um santuá-  
rio que não se deve profanar.

TESSALIA - Si tus palabras son verdaderas, tu  
madre es una mujer muy noble.

WILSON - Minha mãe é uma mulher admirável!  
De uma coragem forte de coram e uma bondade  
inextinguível.

TESSALIA - Ya lo creo. Lástima que no queda  
conocer-la. Me gustaria.

WILSON - E por que não poderá conhecê-la ?  
Bastará que a leve à noite sua.

CORTE

P.P. de WILSON, sincero.

CORTE

P.P. de TESSALIA, também sincera.

APAST. e té P.A. dos DOIS.

CORTE

P.P. de TESSALIA, e ficionalmente ali

minado por uma surpresa agradável  
vel.

CORTE

P.P. de WILSON, sorrindo

CORTE

P.P. de TESSALIA, satisfeita

AFAST. até P.A. dos DOIS.

TESSALIA -- Es... es verdad? Un ted... me  
llevaria a sus casa ?!

WILSON -- Levoria; por que não ?

TESSALIA -- Y me presentaria a su madre ?!...

WILSON -- Claro que apresentaria. Digo-lhe  
meis: minha mãe ficaria muito feliz em conhe  
ce-la.

TESSALIA -- Verdad? Usted me lo jure?

WILSON -- Você é desconfiada, Tessália. Por-  
q ue não cre em mim ? Eu já lhe disse que  
não sou como aqueles rapoças que estão lá  
dancando com as outras cigana. Sou sincero.  
Digo o que sinto. Eu talvez nem devesse me  
arriscar a revelar a impressão que você me  
causou .

TESSALIA -- Oiga-me muchacho: yo soy una gi-  
tana, usted un hombre de occiedad. Un hom-  
bre muy simpático... muy agradable... y  
en realidad se me figura distinto de los  
otros, pero... que puede pensar una pobre  
mujer con yo, al oír un muchacho, como usted  
decir-le que la ama ? No puede creer. No pu-  
de. Si usted supiera lo que es la vida para  
nosotras!... Caminar... caminar por la vida  
afuera... reír sin querer reír... trabajar.  
mentir... chegar sus sueños... y casar sin  
amor porque el jefe lo quiere. Sufrir...

TESSALIA SE LEVANTA E OLHA PARA O CBO.

TESSALIA -- Súbito... en la noche de su vi-  
da, viene un rayo de so l. Ella mira la lu-  
z e no puede creer. No se dá cuenta de que t

TESSALIA --...do se abriu a su vultu, por que su corazon se encuentra perdido en la -  
torturante de la desgracia!...

~~TESSALIA~~

WILSON PEGA A MÃO DE TESSALIA E APAGA.

WILSON - Pobre Tessália! Se você quiser -  
acreditar em mim, eu talvez lhe possa pro-  
porcionar uma vida melhor. E quer saber de  
uma coisa interessante? Eu não acreditava  
em amor à primeira vista. Achava uma coisa  
absurda e inverossímil. Muitas vezes ri dos  
meus amigos, por causa disto. Hoje, para co-  
ntigo de minha desgraça, sou obrigado a re-  
conhecer que éle existe de verdade.

TESSALIA - Y te crees que tu mamá nos de-  
ría casar? No lo creo. Ella habrá de des-  
ear para usted, una joven de sociedad, como  
eres vos.

WILSON - Eu já lhe disse que minha mãe é  
mais nobre e mais bondosa de todas as mães.  
Bastará saber que nos amamos, para permitir  
que nos casemos. Muito mais difícil me pare-  
ce conseguir que seus pais e seu chefe per-  
taem em que você se case com um homem que  
não seja cigano.

TESSALIA - Hay una llave que abre todas las  
puertas entre nosotros y el oro. Desde  
que usted pueda pagar bien pronto... se li-  
vra.

WILSON ABRAÇA TESSALIA E ENCOFFA A CABEÇA DELE NA  
DELA, KULIVADO.

WILSON - Jeso é o de manos.

CORTE

P.P. de TESSALIA

CORTE

P.P. de WILSON, sincero.

CORTE

P.P. de TESSALIA, profunda e lenta.

CORTE

P.P. de TAMIR, no meio das árvores,  
espiando os dois com expressão solista.

AUDIO - MUSICA DE EXPECTATIVA EM B GCORTE

P.A. de WILSON E TESSALIA, sentados no tronco.

TESSALIA - A mi me parece que todo es un sueño y que a cada momento podré despertar.

WILSON - Você nem sabe o quanto lhe agradeço a revelação que acaba de me fazer. Eu me acreditava um homem incapaz de alguma coisa no meu peito um sentimento de amor. Queriam amar. Queris gostar de algém. Procurava uma e outra e no fim o coração permanecia frio e inalterado, como se estivesse situado num outro peito morto. Hoje tudo é diferente e eu sinto que élo vivo.

TESSALIA SE LEVANTA E PEGA A MÃO DE WILSON FORÇANDO-O A LEVANTAR-SE TAMBÉM.

TESSALIA - Veni, querido. Hay una laguna muy cerca de acá, donde el agua es tan clara como un rayo de luna. Voy llevar-te a la orilla del agua para que me jures por las virgenes ahogadas que te puedo dar, sin temor ni corazon.

WILSON ABRAÇA TESSALIA E SAI COM ELA PARA CÂMERA, FALANDO SORRIDENTE E ENLEVADO.

WILSON - Está bem, querida, farei o juramento que me pedes. Jurarei na beira da lagoa, pelas virgens que morreram afogadas.

TESSALIA - Y ellas te llevaran para el infierno, el dia que te mueras, si no hablas res la verdad.

SAMM OS DOIS PELA CÂMERA. HA UMA PAUSA. ENTRA DO MEIO DAS ARVORES TAMIR, COM EXPRESSÃO DE ÓDIO NOS OLHOS. PUNTA PELA MÃO MIGUELA, E APONTA NA DIREÇÃO QUE SAIRAM WILSON E TESSALIA.

TAMIR - Mirá! Allá se van! No me pudes decir ahora q ue es mentira!

MIGUELA - Sí. Ahora lo se que es verdad! Mas - q ue puedo hacer? Que puedo Hacer?!

TAMIR - Tenés que hacer algo, aunque no quieras. Ella es mi prometida ya hace como tres años - que junto el oro que le voy a dar, en câmbio, a su padre y a nuestro jefe.

MIGUELA - Si, sí, yo lo sé, pero sabés vos también, como son el padre... y el jefe. Si el muchacho aquel les puede dar más que vos, ellos se olvidaran de los compromisos de ayer.

TAMIR - Bueno, escuchá lo que te voy a decir, - Miguela: Fomeéla es mi prometida y no la quiero perder y aunque sea necesario mata r paratener-la...yo mataré.

CORTE

P.P. de TAMIR, rancoroso.

CORTE

P.P. de MIGUELA

CORTE

P.P. de TAMIR, rancoroso e ameaçador.

APROX. até G.P. de TAMIR, olhando a câmara com olhar duro e expressão sobria.

FUSÃO com G.P. de NOEMA, sentada numa poltrona, fazendo crochê, -LIVING LUXUOSO, LIGADO A ESCRITORIO -

AFAST. até ENQ. WILSON

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL.

NOEMA - É um absurdo tão grande o que você - pretende, Wilson, que eu começo a duvidar da sua sanidade mental.

WILSON - Mas então é absurdo amar-se alguma mulher mãe? A senhora, por ventura, não amou papai?

NOEMA - Anã. E você também poderá amar a qualquer moço, mesmo a uma cigana.

WILSON - O coração não tem preconceito de raça nem de cor, minha mãe.

NOEMA - Mas tem-no a educação. Como poderia eu apresentar aos meus amigos e parentes uma cigana como sua esposa? Como?

WILSON - Não haveria nenhuma objeção da sociedade...

WILSON - Fariam tudo reservadamente, sem alarde e viveríamos a nossa vida., recolhidos à nossa casa. A única pessoa que me interessa que participe da nossa vida é a senhora. Os outros que se incluem porque parecem tanto, faz.

CORTE

P.P. de MORMA

MORMA - Eu, por mais que deseje ser agradável já não posso pensar da mesma maneira. Preciso de todos. Dos parentes, dos amigos, da sociedade. Todos fazem parte da minha vida, e deixar a qualquer um de parte, seria o mesmo que me cortarem um braço ou uma perna. Além da deformação, que me aflingiria sempre, teria a minha liberdade de movimentos cercada.

CORTE

P.P. DE WILSON, angustiado.

WILSON - Mãe minha, é preciso que a senhora compreenda que eu também não poderei viver sem Tessália. Viver só, agora que a conheci, seria, também, como se me tivessem cortado um braço ou uma perna.

CORTE

P.A. dos DOIS

MORMA - Pois se não podes viver sem ela... vive com ela, mas não dentro de minha casa, nem na qualidade de tua esposa.

CORTE

P.P. de WILSON

AUDIO - ACORDE DE SURPRESA.

WILSON - Mãe minha! Não é muito pior viver assim?

A FAST. até P.A. dos DOIS

MORMA - Depende. Para evitar um comentário é evitado, como o que pretendes fazer, todos os recursos são admissíveis.

CORTE

P.P. de WILSON, triste, olhando para longe.

WILSON - Mas e depois?... Se tivermos filhos?

CORTE

P.P. de MORMA, fria

MORMA - Faça por não tê-los.

MOEMA VOLTA AO CROCHET E FICA EM SILENCIO.  
HA UMA PAUSA EM QUE WILSON PENSA.

CORTE

P.A. de WILSON E MOEMA

WILSON - Está bem, mãe.

WILSON SAI DE CENA E MOEMA OLHA NA DIRE-  
ÇÃO EM QUE ELE SAIU, O OLHAR FUZILANDO.

MOEMA -- Era só o que faltava! Era só que -  
faltava! Meu filho casado com uma cigona!

APROX. até G.P. de MOEMA

AUDIO -- PASSAGEM MUSICAL.

FUSÃO com P.P. de MIGUELA, olhando  
para as mãos de WILSON e contando.

-- CLAREIRA DE MATO E TRONCO --

MIGUELA -- Diezyséis, Diezsiete, diezyocho,  
diezynueve...veinte.

AFAST. até P.A. dos DOISMIGUELA -- Puede poner-les acá.

MIGUELA ABRE UM SACO PEQUENO QUE JA ESTA QUASE  
PELO MEIO E WILSON DERRAMA AS MOEDAS NELE. ELA  
AMARRA O SACO E PENDURA-O NA CINTURA.

MIGUELA -- Ahora usted tendrá que pagar -  
treintam monedas al padre e cincuenta mon-  
das al jefe. Ahora, hay que hacer-se una co-  
sa. El bando se vá mañana para allá del cer-  
ro.

WILSON -- Eu sei, Tessália já me explicou. -  
Durante a noite eu irei com o meu automovel  
lá prto onde você e estiverem acampados. -  
Deixarei o carro a uma certa distância e -  
irei, protegido pela sombra da noite, bus-  
car minha esposa.

MIGUELA -- Todo eso se por Tamir que es un  
joven malo y juré matar-la.

WILSON -- Ele não conseguirá nunca encontra-  
la. Pode ficar tranquila. E agora vá cha-  
mar o pai e o chefe para que lhes pague as  
moedas de ouro que lhes devo.

MIGUELA - Si, si, como nó ? Com su permiso, joven.

MIGUELA SAI E WILSON FICA SOZINHA, PENSANDO.

WILSON - Não era assim que eu o desejava. - mas uma vez que não posso fazer-lhe minha esposa... A minha esperança é que mais tarde, quando venham os filhos, minha mãe mude de ideia.

CORTE

P.P. de TAMIR, no meio das arvores, escutando tudo.

APROX. até G.P. de TAMIR, fundo - rancor nos seus olhos.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL.

FUSÃO com: G.P. de TESSALIA, sentada na beira da cama.

- QUARTO CONFORTÁVEL (SET) -

AFAST. até P.A. de TESSALIA E WILSON.

TESSALIA - Los días son buenos, querido. Me acuerdo que a todo momento podré llegar y ese pensamiento es un gran consuelo para mí. Pero las noches... (triste) las noches son negras y tristes!... Las noches son largas e vesis!... y dejan en mí pobre corazón aquello mismo desconsuelo de las cosas muertas!... Ah, las noches síti, querido! Quisiera que nunca fuera noche en mi vida!

WILSON - Vamon, querida... não quero que te desapareças. Cre em mim e aguarda.

TESSALIA Hace como veinte días q ue me da con la misma cosa e sin embargo las noches llegan, una otra otra y yo siempre a quedar-me sola con mi desconsuelo!

CORTE

P.P. de WILSON, afagando-a, conciliador.

WILSON - Mas querida, quando eu te digo que eu perco, não quero dizer vinte dias, nem dois meses, nem um ano... Pode ser dois... tres... talvez menos ou mais, mas o que sei é que me apressar-me com paciência, houvemos de conseguir o que desejamos.

TESSALIA - Bueno...entonces, si no hay otra cosa que hacer... solo resta esperar!

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL.

ROSA - Com que então o senhor procura o meu filho para tratar de um assunto reservado ?

TAMIR - Si señora. Para eso lo busco.

HA UMA PAUSA, OS OLHOS DE ROSA INVESTIGAM.

ROSA - O senhor será, por acaso, parente da cigana com quem meu filho vive ?

AUDIO - ACORDE DE GRANDE SURPRESA.

TAMIR - Como? Entoncez usted lo sabe ?

ROSA - Si, Sei tudo e estou disposta a ajuda-la. Digo-lhe mais: estou disposta a pagar para que ela desapareça da vida de meu filho, de qual quer maneira.

TAMIR - No es tan difícil que eso acontega. Es bastante que me diga adónde puedo encontrar-la.

ROSA - Verdade ?

TAMIR ABABA A CABEÇA AFIRMATIVAMENTE, SORRINDO UM SORRISO FUNDO E MISTERIOSO.

ROSA - Pois então espere um momento que já volto aqui.

CORTE

P.F. de TESSALIA

AFRASE. até G.P. de TESSALIA

FUSÃO com G.P. de ROSA, -

montada no - LIVING LUXUOSO

LIGADO A GABINETE.

AFRASE. até enq. TAMIR, senta

de numa outra cadeira perto.

AUDIO

CORTE

P.F. de TAMIR, olhos brilhando

de alegria feroz.

CORTE

P.F. de ROSA, olhos brilhando

tombão.

AFRASE. até enq. TAMIR.

... DESEJO AO ESCRITO  
RIO. TAMBÉM FICA DENTRO DA CASA E SURTI-  
...  
...

NOTA

P.A. de ROSA, contada na escrivania

Da. ... ROSA ABRE DE ... TIRA DE ...  
... ...  
... QUALQUER ...  
... ...

PAI HOJE VAI COM ROSA até em. TAMBÉM.

... vai com você um cheque pelo serviço -  
- que se vai prestar os endereços onde poder-se  
encontrar a mãe sua parente.

TAMBÉM - Nela ora se novia, entienda senhora?

ROSALBA - Pois então leve-o o seja feliz -  
com ela.

TAMBÉM OLHA O CHEQUE, ROSALBA, MOSTRA-O NO BOLSO  
E SAÍ.

TAMBÉM - Assim.

... ROSALBA TAMBÉM ABRE A PORTA. OLHA  
... ROSALBA TAMBÉM, VOLTA PARA O LADO DA CASA  
... ROSALBA, ROSALBA E ROSALBA.

ROSALBA - Eu sei que no início não vai sentir  
muita coisa, mas depois há de se acostu-  
mar do mesmo jeito que eu me acostumei há  
muitos anos com o meu marido!

ROSALBA - TAMBÉM ROSALBA.

... até G.P. de ROSA

... ROSALBA, argumentando  
... ROSALBA é frente de casa -  
... ROSALBA

... até P.A. de ROSALBA

... QUANTO CONVERSÁVEL - ...

... ROSALBA TAMBÉM ABRE A PORTA DO LADO.  
... ROSALBA TAMBÉM ROSALBA ROSALBA, ROSALBA, ROSALBA  
... ROSALBA, ROSALBA ROSALBA ROSALBA ROSALBA.

P.A. dos DOIS

TESSALIA -- Tamiri! Que haces acá ?!TAMIR -- He venido a buscar-te.TESSALIA -- Nó! Yo no quiero volver. Quiero -  
quedarme con mi amor.TAMIR -- Te lo digo que vás a volver, Tessalia

TESSALIA SE LEVANTA E RECUA NA DIRAÇÃO A CASA.

TESSALIA -- Y yo te lo repito que nóTAMIR -- Entonces te llevare de qualquiera --  
forma. Aunque se a morte!TESSALIA -- No eres mi jefe ni mi señor. Por  
que me quieras llevar ?TAMIR -- Por que te amo y my corazon no puede  
vivir sin tí.TESSALIA -- Mi corazon, tampoco puede vivir --  
sin mi amor.TAMIR -- Yo queria llevar-te viva. Andó no másTESSALIA -- Nó! Ya te dije que nó! Nó! Nó! Nó  
Y nó!...

TAMIR SE ATIRA SOBRE ELA COMO UMA FERA, DEITA-A  
SOBRE A CASA E COMEÇA A ESGANA-LÁ. ELA RELUTA E  
CORCOVEIA A PRINCÍPIO MAS VAI SE ENTREGANDO E --  
POR FIM ESTA QUASI MORTA QUANDO SE OUVI, DO LA-  
DO DE FORA A VOZ DE WILSON, CHAMANDO.

WILSON -- (F.O) querida! Estou chegando, meu -  
amor.

TAMIR, DE UM SALTO SE RECORDA QUE PICA MELHOR  
E WILSON ENTRA, SORRIDENTE, ANDANDO PARA ELA .

CORTE

P.A. de WILSON, sorrindo e, de re-  
pente tornando-se serio e apressivo.

WILSON CORRE PARA A CASA E PEGA TESSALIA, SACU-  
DENDO-A.

P.A. Acompanha WILSON até enq.

TESSALIA,

WILSON -- Tessália! querida! que tens com  
amor?! Que aconteceu?!...

ELA ABRE OS OLHOS E TENTA FALAR MAS NÃO  
CONSEGUE.

AFAST. até P.M. da cena.

TAMIR VAI ATÉ ONDE ESTÁ WILSON, NA PONTE  
DOS PÉS E DA-LHE UMA PUNHALADA NAS COSTAS,  
WILSON FAZ O MOVIMENTO DE DOR E GEME  
MUITO. LOGO TORCE O CORPO E CAI SOBRE  
A CALÇA, DE BARRIGA PARA CIMA. AGONISA E DEIXA  
CAIR AS MÃOS. TAMIR ESTÁ OLHANDO, SORRI,  
VITORIOSO, PEGA TESSALIA NOS BRAÇOS E  
SAI COM ELA DESACORDADA.

AZUL. até G.P. de WILSON morto.

DESFOQUE

FOCALIZA em P.P. de MOEMA, como  
no principio, à frente da TAPACA-  
DEIRA LISA.

AUDIO - MUSICA ACOMPANHA O DESFOQUE.

MOEMA - É foi isto que aconteceu. Pensando que  
Tamir levaria meu filho daquela cigana maldita  
que o enfeitigara, dei-lhe o endereço onde ele  
foi encontrar Wilson e matá-lo. Sei que muitas  
vezes acusei-me, como eu mesma, nos meus momentos  
de remorso e de desespero, sinto-me culpada do  
que aconteceu, mas Deus sabe que não foi esta a  
minha intenção. É aquele que julgar que mego  
assim eu deva ser castigada... que me atire  
primeiro pedral....

AUDIO - MUSICA PARA FINAL GRANDIOSO.

GLICOTE para |  
DESE. do CORAÇÃO DE JESUS

- SUPERPÔE -
- ATIRE A PRIMEIRA PEDRA -
- ENGONCAMENTO
- ESCURECIMENTO

ATIRE A PRIMEIRA PEDRA

HISTÓRIA E REALIZAÇÃO DE ERICO CRAMER.

PERSONÁGENS:

↓ HELENA..... MARIZA FERNANDA  
↓ ROSINA..... VÂNIA ELISABETH  
LIA..... MARLENE NERY  
LAURA.....   PAULA SHELL  
DÉCIO..... ANTONIO LARA

CENÁRIOS:

- 1º) - SALA MODERNA, CONJUGADA COM SALETA DE MÚSICA, DE ACÓRDO COM A PLANTA BAIXA DESENHADA NESTA PÁGINA.
- 2º) - PÉRGOLA DE JARDIM FINO, TAMBEM DE ACÓRDO COM A PLANTA BAIXA.

DATA DA APRESENTAÇÃO.....8.11.1961

TV PIRATINI - CANAL 5

1º

XXXXXXXXXXXXXXXXXX



2º



SLIDES: (Os de costume)

ÁUDIO: PREFIXO MUSICAL

ABERTURA em DET. de CORAÇÃO DE JESUS  
- TAPADEIRA LISA -

VOZ - ... e aquele que se julgar sem pe-  
cado, que lhe atire a primeira pedra!

CHICOTE

P.P. de HELENA, à frente da tapadeira

HELENA - Meu nome é Helena. Minha família  
se resumia em tres pessoas: eu, minha ir-  
mã Rosina e nossa tia Laura, que inda ho-  
je me acompanha. Minha história seria  
a história banal de todas as moças, se não  
fosse minha irmã... (segue a narração)

DESFOQUE

FOCALIZA em:

P.G. da SALETA DE MÚSICA, onde está  
Rosina, de bengala, arrastando a per-  
na, arrumando uma coisa ou outra e,  
por fim, sentando-se no divan com um  
livro ou uma revista.

HELENA - (P.Q.) ... que me causava grande  
pena pelo defeito físico que apresentava,  
em consequência de uma paralisia infantil.  
Bem, mas vamos começar pelo princípio da  
história.

AO TERMINAR ESTA NARRAÇÃO É QUE ROSINA VEM  
PARA O DIVAN ONDE SE ACOMODA E FINALMENTE  
ABRE UM LIVRO E COMEÇA A LER. ENTRA LAURA  
PELA SALA DO LADO E VAI ATÉ O DIVAN.

CORTE

P.A. das DUAS

LAURA - Minha filha, você quer que lhe  
traga o lanche aqui, ou prefere ir tomá-lo  
lá na varanda?

ROSINA - Que horas são?

LAURA - Quasi cinco horas. Depois fica  
tarde demais e você não janta.

ROSINA - Quasi cinco horas já? Meu Deus,  
como o tempo passou depressa! Mas então  
Helena se atrasou muito hoje. Ela sempre  
volta da aula de inglês às quatro e quin-  
ze, quatro e vinte...

LAURA - Naturalmente foi dar qualquer  
volta com alguma colega, por isso está  
demorando um pouco mais.

HÁ UMA PAUSA. ROSINA PENSA. LAURA ESPERA.

LAURA - Afinal que resolve você? Quer que  
lhe traga o lanche aqui, ou vai tomá-lo  
na varanda?

ROSINA - Vou lá, tia Laura. Deve estar  
mais agradável do que aqui dentro.

SAEM AS DUAS PARA A VARANDA, PELO ARCO DO FUNDO.

.....

PAN.HOR. acompanha as duas.

APROXIMAÇÃO até DET de FOLHAGEM,  
nas grades do cenário.

FUSÃO com DET de FOLHAGEM

- CENÁRIO DE JARDIM -

AFASTAMENTO até P.A. de HELENA e DÉCIO,  
sentados no banco, de mãos enlaçadas.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

CORTE

P.P. de DÉCIO, amado

CORTE

P.A. dos DOIS

CORTE

P.P. de HELENA, pensando e depois  
resolvendo

AFASTAMENTO até P.A. dos DOIS

HELENA - Você está aborrecido por qualquer coisa, Décio. O que é?

DÉCIO - A mesma coisa de sempre.

HELENA - Será possível que você continue desconfiado, só porque eu não concordei que você fôsse me procurar na minha casa?

DÉCIO - Claro. Ou você não quer que eu fi que conhecendo o ambiente onde você vive, ou não deseja que sua família chegue a conhecer-me.

HELENA - Por favor, Décio, não fique imaginando coisas.

DÉCIO - Tenho que imaginar. Por alguma coisa você está procurando evitar que eu vá à sua casa. E se não se resolver a <sup>me</sup> dizer, hoje, o que há, pode estar certa de que ~~esta~~ esta é a última vez que nos encontramos.

HELENA - Pois bem, já que você me imprensa contra a parede, eu vou lhe dizer o que há: minha irmã Rosina tem um defeito numa perna e acha que é por causa disto que nenhum rapaz se aproxima dela. Eu, procurando disfarçar a situação, digo-lhe sempre que também a mim eles não procuram e que no entanto não tenho defeito nenhum. E é por causa disto que eu tenho pena de aparecer diante dela com namorado, entende?

DÉCIO - Mas eu não posso concordar com ~~esta~~ você, Helena. Acho que se você continuar a pensar dessa forma, acabará por não se casar. E além disto, eu não preciso aparecer lá como seu namorado. Posso, perfeitamente, aparecer como colega.

HELENA - (pensando) É... não há dúvida que é uma solução. Pois então está resolvido o impasse. Quando você quizer, poderá ir à minha casa.

DÉCIO - Irei esta noite mesmo.

APROXIMAÇÃO até P.P. de HELENA, pensando

ÁUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com G.P. de ROSINA, sentada no divan, conversando com Laura

AFASTAMENTO até P.A. das DUAS

AS DUAS ESTÃO OLHANDO NA DIREÇÃO EM QUE ESTÁ HELENA, QUE FOI ACOMPANHAR DÉCIO.

ROSINA - Simpatizei imensamente com o colega da maninha. Além de simpático e afável, ele é também um rapaz bonito.

LAURA - É bonito, sim.

ROSINA - Você não achou, tia, que ele olhava muito constantemente para o lado dela?

LAURA - Não. Pelo contrário. Achei que ele se preocupou muito mais com você, do que com ela.

AFASTAMENTO até enquadrar HELENA, no arco do fundo, entrando.

HELENA VEM ATÉ ONDE ESTÃO AS OUTRAS E SENTA PERTO DELAS, NATURALMENTE.

HELENA - Gostaram do Décio?

LAURA - Muito.

ROSINA - Muitíssimo. Ficamos justamente falando sobre ele, enquanto você foi acompanhá-lo até à porta.

HELENA - Ele é um ótimo colega. Quando as moças não querem ir sós para casa, logo pedem a ele para acompanhá-las.

ROSINA - (entusiasmada) Você sabe que a tia Laura achou que ele olhava muito para mim, maninha?

ÁUDIO - ACORDE DE SUSTO TREMENDO

CORTE

P.P. de HELENA que leva um choque terrível mas se contém e sorri, fingindo naturalidade.

AFASTAMENTO até enquadrar as TRES

HELENA - Ah, é? Eu não reparei. É verdade tia Laura?

LAURA - Bem... eu tive a impressão, não é? Pode ser que tivesse me enganado.

HELENA - Si fosse... você ficaria contente, não é maninha?

ROSINA - Ah, eu ficaria! Tenho tanta vontade de ter um namorado... Nunca tive...

CORTE

P.P. de HELENA, contida mas sofrendo, resignada.

HELENA - Vamos esperar... quem sabe?... Talvez Deus lhe tenha mandado êste, agora pelas minhas mãos.

APROXIMAÇÃO até G.P. de HELENA, com os olhos vidrados de lágrimas.

ÁUDIO - PASSAGEM MUSICAL.

FUSÃO com C.P. de LIA, sentada no banco de jardim.

- CENÁRIO DE JARDIM -

AFASTAMENTO até P.G. da CENA

LIA - Foi aqui neste banco que me disseram que ele costuma encontrar-se com ela. Hoje tirarei isto a limpo. Não posso permanecer de braços cruzados a tamanha indignidade por parte de Décio. Hoje ele terá que se definir.

LIA OLHA PARA DETERMINADO PONTO, VERIFICA ALGO, SE LEVANTA E SE COLOCA DE COSTAS PARA ONDE ELE VAI ENTRAR.

LIA - A denúncia começa a se positivar. Já vem ele em direção a este recanto. Vou ficar de costas para que ele não me reconheça de longe e não se desvie de seu caminho.

LIA ABRE A BOLSA, COMEÇA A PINGIR QUE ARRUMA O CABELO E, PELO PEQUENO ESPELHO DA BOLSA, VAI SE GUINDO OS MOVIMENTOS DE DÉCIO. ELE ENTRA EM QUADRO PELA CÂMERA, SENTA NO BANCO, CONSULTA O RELÓGIO E ACENDE UM CIGARRO. ELA SE VIRA PARA ELE QUE SE ADMIRA DE ENCONTRÁ-LA POR ALI.

CORTE

P.P. de DECIO, acendendo o cigarro

**AFASTAMENTO até P.G. DOS DOIS**

DECIO - ACORDE DE SURPREZA.

DECIO - Ué!... O que é que você anda fazendo por aqui a estas horas?

LIA - Vim exatamente ao seu encontro, para averiguar uma denúncia que me fizeram.

DECIO - Já sei. Porém lhe contar que eu me encontro aqui, três vezes por semana, com um pequeno e que depois vou acompanhá-la até em casa; não é isto?

LIA - Exatamente. E como você se corrêspõe de com Suzana e promete a ela tratar pessoalmente no Natal, sendo amiga dela, como seu seu, não deixarei de mandar lhe dizer a verdade, mesmo sendo você meu irmão.

CORTE

P.P. de LIA, muito admirada

CORTE

P.A. dos DOIS

DECIO - Ora, Lia, francamente! Você está levando muito a sério uma coisa que não tem maior importância.

LIA - Como não, Décio?! Não deixa de ser uma indignidade você enganar a uma ou a outra.

DECIO - Cuidado, aí vem Helena e eu não quero que você fale nada na frente dela.

HELENA ENTRA EM QUADRO PELA CAMARA, TRAZ UM LIVRO E UM CADERNO NA MÃO.

DECIO - (risinho) Olá, querida! Minha irmã estava à sua espera para conhecê-la.

HELENA - Muito prazer, Helena.

LIA - Prazer, igualmente. Eu me chamo Lia.

HELENA - Décio já me havia falado em você. Vai para o mesmo lado que nós?

DECIO - (adiantando-se) Não. Ela vai fazer umas compras na cidade, de forma que a sua direção é justamente oposta à nossa.

HELENA - É pena! Mas apareça quando quiser, Lia. Acredite que nos dará um grande prazer.

LIA - Obrigada.

AS DOIS APERTAM AS MÃOS e HELENA SAI COM DECIO.

LIA PERMANECE OLHANDO PARA ELES.

LIA - Que pena! Ela parece uma menina tão boazinha e tão distinta... Por que os homens não são assim?

LIA - Agora fico eu sem saber o que fazer com referência à outra. Avise? Espere? Que faço, afinal?

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL.

APROXIMAÇÃO até G.P. de LIA

FUSÃO com: G.P. de ROSINA, arrumando os cabelos, sentada no divan

- SALA DE MÚSICA -

AFASTAMENTO até enquadrar tia Laura que a está ajudando.

ROSINA - Quero estar bem bonita para recebê-lo, tia Laura.

LAURA - Pelo que eu vejo, o romance de vocês vai de vento em popa.

ROSINA - E só não está completamente declarada, porque ele ainda não sabe de que maneira Helena receberá esta notícia.

LAURA - Só poderá receber bem.

ROSINA - Parece-lhe?

LAURA - É claro. Não foi ela quem o trouxe a esta casa, dizendo ser um rapaz tão distinto?

(TON) Olhe, aí vem ela. Aproveite e toque-lhe no assunto.

ENTRA HELENA EM QUADRO, COM UM LIVRO NA MÃO.

SENTA-SE PERTO DA IRMÃ. LAURA PAZ SINAIS A

ROSINA QUE FALE MAS ROSINA SE MOSTRA INDECIS

SA. LAURA RESOLVE PROVOCAR O ASSUNTO E FALA.

LAURA - Foi bom que você chegou, Helena. Sua irmã queria falar-lhe a respeito de um assunto muito importante.

HELENA - Ah sim?! Que é que há?

ROSINA - Bem, maninha, é que... eu... eu queria te dizer uma coisa, sabe?

HELENA - Pois então diz.

ROSINA - É que... é que eu e Décio estamos nos namorando, maninha, é isto.

AUDIO - ACORDE DE GRANDE SUSTO.

HELENA - Você... e Décio... (refeita) Ah sim? É realmente uma surpresa para mim! Confesso que não esperava uma notícia dessas...

ROSINA - E essa notícia causa alegria a você, maninha? Você não se aborrece?

HELENA - Aborrecer-me? Ora essa, por que?

Naturalmente que me causa alegria, é claro.

Não era isto uma das coisas que você mais se desejava?

CORTE

P.P. de ROSINA, indecisa

CORTE

P.P. de HELENA, receosa

CORTE

P.A. de ROSINA

CORTE

P.A. de HELENA, contendo-se

CORTE

P.P. de ROSINA, sorridente

CORTE

P.A. de HELENA, segurando-se

CORTE

P.A. de ROSINA, sorridente e feliz

CORTE

P.A. de HELENA, fazendo força para se manter segura, mas louca para chorar.

ROSINA - Era, sim, meninha.

HELENA - Pois então é o quanto basta para que eu esteja satisfeita, Rosina.

HELENA SE LEVANTA E AVANÇA DOIS PASSOS PARA A CÂMERA, COLOCANDO-SE EM P.P.

HELENA - O resto... nada mais importa...

FUSÃO com: G.P. de LIA, sentada no sofá da - SALA DE VISITAS - constrangida

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

LIA - Quando você me ofereceu a sua casa, eu não imaginei que teria que vir aqui, um dia, em missão tão constrangedora. Acontece que, infelizmente, meu irmão é um rapaz sem critério e me obriga a tomar uma atitude muito pouco simpática, mas que visse, exatamente, evitar um mal maior.

APASTAMENTO até P.A. de LIA e HELENA

HELENA - Pode falar, porque nada me surpreenderá. Depois que Décio começou a se interessar por minha irmã, deixando-me de lado, sem me dar a menor satisfação, não duvidei de mais nada que ele pudesse fazer.

LIA - Pois bem, embora tudo isso me cause uma tristeza muito grande, já me sinto menos constrangida, sabendo que não a surpreenderei. Décio é noivo de uma grande amiga que tenho e lhe deve casamento. É por isto que venho lhe avisar o que está se passando, para que você prepare o espírito de sua irmã para que ela não sofra uma decepção tão grande.

LIA METE A MÃO NA BOLSA E TIRA UMA CARTA INACABADA.

LIA - Aqui está uma carta que ele escreveu para noiva e não terminou, mas mesmo assim você pode ver, pelo que já foi escri

LIA - (CONT.) to, a infâmia que êle pretende praticar. Leia.

LIA ENTREGA A CARTA A HELENA QUE COMEÇA A LER.

HELENA - Querida noivinha.

DECIO - (P.Q.) Bem imagine o quanto deve ter te aborrecido a noticia de meu numero com Helena e, para principio de conversa, deve avisar-te que ela já foi substituida pela irmã, Rosina, porque descobri que, sendo aleijada, foi melhor aquinhoadada pela familia e é muito mais rica do que a outra. Isso quer dizer que, se formos bastante cautelosos e inteligentes, dentro de um ano e meio ou dois anos, no máximo, poderemos estar gozando juntos esse dinheiro, pelo que te peço que tenhas bastante calma e confies em mim.

LIA - Aqui ele interrompeu a carta e deixou-a sobre a escrivaninha. Arrumando seu quarto, esta manhã, pude inteirar-me da extensão da sua boixeza e corri a procurar evitá-la.

CORTE

P.P. de HELENA

HELENA - Obrigada, Lia. Agradeço o seu aviso principalmente sabendo o quanto ele deve ter custado para você. Hoje mesmo falarei com Rosina e direi a ela o que esta carta acaba de se revelar.

APROXIMAÇÃO até G.P. de HELENA

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

MUSAO com: G.P. de ROSINA, sentada no divan da - SAÍERA DE MÚSICA -

**AFASTAMENTO DE P.H. DE ROSINA E DECIO.**

ROSINA - Diz ela que viu uma carta que você escreveu à sua noiva, dizendo-lhe que se casaria comigo, botaria a mão no meu dinheiro e logo a seguir passaria a gozar esse dinheiro com ela.

DECIO - Esse argumento é de um ridículo tão grande, que chega a causar pena a pobreza de imaginação de sua irmã.

CORTE

P.P. de DECIO, destilando veneno

ROSINA - Ela não queria, por nada deste mundo, que eu voltasse a falar com você.

DECIO - Ouça, Rosina: eu talvez não devesse dizer a você a verdade das fatos, mas como sua irmã está fazendo tudo para nos separar, eu quero que você saiba qual o verdadeiro motivo que a impelle a proceder dessa forma. Sei que ãle vai ser doloroso para você, mas sou obrigado a dizê-lo: sua irmã... gosta de mim!

CORTE

P.P. de ROSINA, surpreendidíssima

AUDIO - ACORDE DE SURPREZA ENORME.

ROSINA - Hein?!... Como foi que você disse se? Que minha irmã gosta de você?

AFASTAMENTO até P.A. dos DOIS

DECIO - Exatamente. E quando ela me trouxe a primeira vez a esta casa, já o fez com segunda intenção.

HÁ UMA PAUSA. ROSINA PENSA NO QUE OUVIU.

ROSINA - Então agora estou compreendendo claramente a razão do meu procedimento.

DECIO - Ela não se conforma com a derrota e quer afastar você de mim.

ROSINA - Vai ficar profundamente decepcionada quando souber a decisão final desta nossa entrevista. E antes de mais nada, vou comunicar à tia Laura que nos entende mes, porque ela, coitada, estava tristíssima com a possibilidade de um rompimento entre nós.

DECIO - Vá então, e peça a ela que me traga um copo d'água.

ROSINA SAI, APOIANDO-SE NA BENGALA E MANUEJANDO.

DECIO FICA BOSINHO E CALINHA PARA A CAMERA NUM SORRISO CINICO DE VITÓRIA. DA UNS PASSOS E PALA.

DECIO - Será muito difícil conseguiremos derubar-me. Muito difícil! Eu tenho muito mais carnis de que tá.

FUSÃO com: G.P. de HELENA, sentada numa poltrona de sala, transformada. - SALA DE VISITAS -

AFASTAMENTO até enquadrar ROSINA de pé, apoiada na bengala.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

HELENA - Como então você não acredita numa só das palavras que eu lhe disse a respeito de seu namorado?

ROSINA - Não. Não acredito, porque sei o verdadeiro motivo que o levou a proceder dessa forma.

HELENA - Que novas mentiras ele terá inventado para convencê-la?

ROSINA - Você sabe que não são mentiras, Helena. Você tem consciência de que só a inveja e o despeito o fizeram proceder assim.

AUDIO - ACORDE VIOLENTO QUE TRADUA CHOQUE

CORTE

P.P. de HELENA, completamente apavorada

HELENA - Como?!... Você disse... a inveja e o despeito? Mas inveja de que? Despeito por que?

CORTE

P.P. de ROSINA, sarcástica

ROSINA - Você pensa que eu não estou sabendo de que você ama Décio e pensava casar com ele?!

CORTE

P.P. de HELENA, apavorada.

AUDIO - NOVO ACORDE VIOLETO.

HELENA - Rosina, não se deixe envolver pelas infâmias desse homem. Ele foi meu namorado, é verdade, mas depois descobriu que você era mais rica do que eu e resolveu voltar-se para o seu lado. Eu, que a princípio ignorava o verdadeiro motivo de sua preferência, jurei-lhe que não fiquei triste por causa disto. ~~Eu~~ Ainda não tinha tido tempo de me dedicar a ele e amá-lo a só o fato de me lembrar que você talvez pudesse realizar o seu sonho de noiva, compensava-me de tudo

APASTAMENTO até enquadrar ROSINA

CORTE

P.P. de HELENA

APASTAMENTO até P.A. das DUAS

ROSAINA FAZ COM A CABEÇA QUE NAO.

ROSINA REPETE O GESTO NEGATIVO.

HA UMA PEQUENA PAUSA DE INDECISAO EM ROSINA.

LOGO A SEGUIR ELA VAI AO TELEFONE E DISCA QUA

TRO NÚMEROS. ESPERA UM MOMENTO.

HELENA - (CONT.) mais que me pudesse causar a sua perda. Infelizmente, porém, esse homem agiu de má fé e o futuro, se lado de le, só lhe poderá trazer tristezas e delusões. E é isto o que eu desejo poupar a você: Lágrimas amargas de arrependimento, amanhã, quando já não haja mais remédio para as desgraças que vierem para você por intermédio dele.

ROSINA - Tudo que você está dizendo é muito bonito, mas sem nenhuma utilidade prática para o meu caso porque eu sei que nada do que você prevê me acontecerá.

HELENA - Rosina, Rosina, atenda-me! Eu sei porque estou lhe dizendo essas coisas.

ROSINA - E eu também sei porque você não diz.

HELENA - Quer dizer que você não se acredita?

HELENA - Nem se eu lhe jurar pela memória de nossa mãe?

HELENA - E se o irmão dele confirmar para você tudo quanto lhe disse?

ROSINA - É forte. É muito forte.

HELENA - Pois bem, você sabe o número de casa dele. Ligue para lá e chame a Lia ao aparelho. Quando ela tiver atendido pergunte-lhe sobre a carta que ela me trouxe hoje aqui em casa para se mostrar.

ROSINA - É Lia quem está ao telefone?

(Pausa) É Rosina quem fala aqui. (Pausa) Lia, que história de carta é essa que você trouxe hoje aqui em casa? (CONT.)

ROSINA - (CONT.) (Pausa) Mas você tem certeza absoluta? (Pausa) Se eu quero ver? Não. Basta que seja você quem diga. (Pausa) Mas em Helena eu não podia crer. Ela é sua peita. (Pausa) Então é mesmo certo que ele é noivo de outra?

CORTE

P.P. de ROSINA QUE VAI se decepcionando e transformando a sua fisionomia, totalmente.

AUDIO - AGONDE DE SUSTO.

ROSINA - Absolutamente certa? (Pausa) Creio sim. Infelizmente eu não tenho razões para duvidar de você. (Pausa) Está bem... desculpe, sim? Adeus.

ROSINA DESLIGA LENTAMENTE O TELEFONE. NA DESESPERO DENTRO DE SUA ALMA FRAGIL. HELENA VEM PERTO DELA E ABRAÇA-A, CHORANDO.

CORTE

P.A. das DUAS

HELENA - Perdão, maninha, a dor que estou lhe causando! Você nem sabe o que eu seria capaz de dar, neste momento, para que tudo isto fôsse mentira e você pudesse casar com ele.

ROSINA BATE NA MÃO DE HELENA, UNAS DUAS PAUCADINHAS AMISTOSAS, MORTIFICADA, MAS CONTINUA AO MÁXIMO.

ROSINA - Não tem importância, maninha... Não há mal que sempre dure... A dor há de passar, um dia. Só lhe peço que me perdão, por ter duvidado das suas palavras.

HELENA - Não importa, era natural que você duvidasse... principalmente depois das coisas que ele contou a você.

CORTE

P.P. de ROSINA, carajosa.

ROSINA - Bem, maninha, eu conto com você para me ajudar a esquecer o que passou. E para começar, você irá procurá-la para lhe avisar que não pensa mais em péis em nossa casa.

APROXIMAÇÃO até C.F. de ROSINA

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

ATIRE... Pag. 13

REUNIAO com G.P. de DECIO

- BANCO DE JARDIM -

AFASTAMENTO até P.A. de DECIO e HELENA

DECIO - Você, com toda a certeza, encheu a cabeça de sua irmã com mil histórias forjadas, a meu respeito; não é assim?

HELENA - Não fiz mais do que abrir-lhe os olhos para a verdade.

DECIO - Muito bem, e só porque ela mandou me pedir que não vá mais à sua casa, você já se julga vencedora? Está muito enganada, eu via? Muito enganada. Eu só me considerarei derrotado depois de ter ouvido, das próprias lábios dela, que não me quer mais e que me despreza.

HELENA - Julga, talvez, que eu tenha vindo fazer isto para intrigá-los? Com que intuito? De roubá-lo para mim? É isto que pensa?

DECIO - Não me surpreenderia. As mulheres são muito astuciosas.

HELENA - E os homens, muito pretenciosos. Se foram amados um vez por uma mulher, pensam que assim continuarão indefinidamente, independente de qualquer indignidade que pratiquem. Não admitem a possibilidade da mulher se desencantar com eles e deixar de amá-los. Se pensa que vim aqui com a intenção de reconquistá-lo, seu eu quem faço questão que você vá, ainda uma vez, à nossa casa, para ouvir dos lábios de Rosina que ela não deseja mais vê-lo.

CORTE

P.F. de HELENA

CORTE

P.F. de DECIO, pensando num ardil

DECIO - Ouça, Helena, eu não deixei, nunca, de pensar em você e se me decidi por sua irmã foi por piedade, mas si é ela, realmente, quem toma a iniciativa de um rompimento entre nós, temos novamente o campo aberto para reiniciar a partida que interrompemos.

DECIO PROCURA ABRACAR HELENA QUE SE LEVANTA DE UM PULO, INDIGNADA.

HELENA - Você é o último dos homens! Nem sei que classificação possa dar a um sujeito tão desprezível!

HELENA SAI VIOLENTAMENTE DE CENA, PELA CÂMERA.

APROXIMAÇÃO até P.P. de DECIO

DECIO - Quando eu senti que havia perdido a outra, quis tentar agarrar-me a esta menina, mas ela compreendeu o meu golpe e não tocou a brincadeira. Não faz mal. Elas não são as únicas moças ricas que existem no mundo.

FUSÃO com G.P. de HELENA, ao fundo da sala, surgindo do arco. Ela para um momento... respira fundo... e olha minha para a saleta de música. Ao chegar ao arco, para apavorada.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

AUDIO - ACONTECE DE SUSTO E PAVOR.

HELENA LEVA AS DUAS MÃOS AO ROSTO E DÁ UM GRITO TREMENDO, ESTACANDO.

CHICOTE para ROSINA, deitada no divan, com o braço estendido para fora, e pulso cortado, e uma pequena poça de sangue no chão.

HELENA - Maninha! Maninha!

CORTE

P.A. de HELENA,

HELENA - Meu Deus! Que horror!...

AFASTAMENTO até P.G. de CENA.

HELENA SAI PARA A RUA GRITANDO POR SOCORRO, DESESPERADA. LAURA ENTRA ASSUSTADA E CORRE PARA O DIVAN. VENDO ROSINA MORTA ATIRA-SE SOBRE ELA E COMEÇA A CHORAR DESESPERADAMENTE.

DOSFOQUE

FOCALIZA em P.P. de HELENA, à frente

d= - TAPADEIRA LISA -

HELENA - E foi este a minha história. Juure e vocês que tudo que fiz, foi para salvar minha irmã e não para afastá-la de Décio, como sei que muitos comentaram.

HELENA - Deus sabe que minha intenção foi  
pura, mas, mesmo assim, aquele/ que entende  
que deve ser castigada... que me atire

CHICOTE para DEUS do CORAÇÃO DE JESUS. a primeira pedral

SUPERPOE

- ATIRE A PRIMEIRA PEDRA -

AUDIO - SUFIXO MUSICAL

ENCERRAMENTO.

ATIRE A PRIMEIRA PEDRA

HISTÓRIA E REALIZAÇÃO DE ÉRICO CRAMER.

PERSONÁGENS:

DEOLINDA..... ~~LINDA GAY~~ *houedes Helena*  
CARLOS..... ~~DARCY FAGUNDES~~ *Antonio Diniz*  
CLÓVIS..... NELSON LIMA ~~OU CLAUCA~~  
NATANIEL..... ANTONIO LARA  
GESSY..... ~~VANIA ELIZABETH~~ *Maria Fernanda*  
RUBENS..... GUDY EMUNDS  
ERNESTINA ..... DIANA MACLÓVIA ~~OU VANIA~~

CENÁRIOS:

- 1º) - TAPADEIRA LISA DE 2.m -
- 2º) - SALA DE ESTAR DE CASA RICA COM PEQUENO VESTÍBULO À ESQUERDA, SEPARADO DA SALA POR DUAS COLUNAS GROSSAS. À DIREITA UMA VARANDA DANDO PARA UM JARDIM. PORTA AO FUNDO DO VESTÍBULO, DUAS JANELAS OU UM JANELÃO AO FUNDO DA SALA GRANDE, COBERTAS POR CORTINAS. NO VESTÍBULO, É INDISPENSÁVEL UMA "BERGÈRE" DE COSTAS ALTAS.
- 3º) - SET DE GABINETE DE DIRETOR DE BANCO
- 4º) - SET DE QUARTO MODESTO COM UMA PAREDE DUPLA, ONDE HAVERÁ UMA PORTA AO CENTRO E UM NÚMERO NA PORTA (HOTEL)

FIIME:

AVIÃO DE PASSAGEIROS, QUE NÃO SEJA MODERNO (DEZ ANOS ATRAZ) EM PLENO VOO.

DATA DA APRESENTAÇÃO: 15.11.1961

SLIDES: (OS DE COSTUME)

ÁUDIO: - PREFIXO MUSICAL

ABERTURA em DET de CORAÇÃO DE JESUS

- TAPADEIRA LISA -

VOZ - ... e aquele que se julgar sem pe-  
cado, que lhe atire a primeira pedra!

CHICOTE

P.P. de DEOLINDA, cabeleira e chaile

DEOLINDA - Sempre ouvi dizer que não deve-  
mos nos desesperar com as coisas más que  
nos acontecem porque, mesmo naquele momen-  
to em que nos sentimos em desgraça, se  
olharmos para traz, iremos encontrar ou-  
tros ainda mais desgraçados do que nós.  
E mesmo considerando apenas a nós mesmos,  
muitas vezes aquilo que nos parece a maior  
de todas as desgraças, nem sempre é o pi-  
or que nos pode acontecer. Sinão vejamos..

DESFOQUE

FOCALIZA em: DET da PORTA do vesti-  
bulo que dá para a rua.

ENTRA CARLOS, DE FORA, MUITO EUFÓRICO.  
SOLTA A PASTA E O CHAPÉO NO VESTÍBULO  
E CAMINHA PARA A SALA DE ESTAR. CHAMA.

CARLOS - Deolinda, venha cá. E apresse-se  
porque tenho uma notícia boa para você,  
querida.

DEOLINDA - (P.Q.) Já vou, Carlos. Espere  
só um momentinho.

CARLOS TENTA UMA LIGAÇÃO. DESLIGA. ACEN-  
DE UM CIGARRO E LÊ UMA REVISTA ATÉ DEOLIN-  
DA CHEGAR. ELA VIRÁ SEM A CABELEIRA E SEM  
O CHAILE, APARENTANDO TRINTA E CINCO ANOS.

DEOLINDA ENTRA PELA CÂMERA E VAI A ELE.

DEOLINDA - Você chegou mais cedo hoje por que?

CARLOS - Porque me apressei em lhe trazer uma boa notícia.

DEOLINDA DÁ UM BEIJO EM CARLOS E SENTA PERTO DELE.

DEOLINDA - Pois então diga logo e não faça preâmbulos porque você sabe que eu sou muito curiosa.

CARLOS - Acabo de ser escolhido para Diretor Tesoureiro da Companhia York Industrial.

ÁUDIO - ACORDE DE SURPREZA ALEGRE.

CORTE

P.P. de DEOLINDA QUE se levanta, alegre

DEOLINDA - Querido! Que notícia maravilhosa você me dá!...

AFASTAMENTO até P.A. dos DOIS

CARLOS - Nunca pensei que a escolha recaísse em mim. Haviam tantos pretendentes...

DEOLINDA - Mas garanto que nenhum deles estaria em melhores condições do que você: nome tradicional, de alto conceito na sociedade, sólida situação econômica, integridade moral e honestidade perfeita. Onde eles encontrariam outro que lhe pudesse superar? Onde?

CARLOS FAZ UM APAGO NO ROSTO DE DEOLINDA E SE LEVANTA, CONTENTE E RISONHO.

CARLOS - Amanhã às dez horas serei empossado na sala da Diretoria e faço questão que minha mulher e meus filhos estejam presentes ao ato.

APROXIMAÇÃO até G.P. de CARLOS, sorrindo feliz.

ÁUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com G.P. de CLÓVIS, sentado no bureau, assinando papéis.

- SET DE GABINETE DE DIRETOR -

CLOVIS - Pronto. Os papéis estão todos assinados.

ATIRE... Pag. 3

AFASTAMENTO até enquadrar CARLOS, senta do numa cadeira perto do bureau, com uma pasta na mão. A pasta está aberta.

CLOVIS JUNTA OS PAPEIS QUE ASSINOU E DÁ A CARLOS QUE OS COLOCA NA PASTA E FECHA-A.

CARLOS - Não tem mais nada?

CLOVIS - Não. Já estão aí todos os documentos e o dinheiro que você vai levar. Como isto representa uma soma bastante vultosa, creio que o melhor de tudo é você fazer como disse: ir sózinho, para não despertar a curiosidade de prováveis assaltantes.

CLOVIS PEGA UMA PASSAGEM AÉREA DE CIMA DA MESA E ENTREGA TAMBÉM A CARLOS, AO FALAR.

CLÓVIS - Aqui está a sua passagem aérea. O embarque está marcado para as oito horas de amanhã.

CARLOS SE LEVANTA PARA SAIR.

CARLOS - Perfeitamente. Fique descansado que a minha missão será cumprida a contento.

CLOVIS - Não temos nenhuma dúvida a esse respeito.

CARLOS - Obrigado.

CARLOS SAI. CLOVIS FICA OLHANDO PARA ELE.

CLOVIS - O Conselho não podia ter escolhido pessoa melhor para o desempenho de uma função de tanta responsabilidade.

APROXIMAÇÃO até G.P. de CLÓVIS.

ÁUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com FILME DE AVIÃO NO AR

Ao terminar...

ÁUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com: G.P. de DEOLINDA, sentada, chorando.

- SALA DE ESTAR DE CASA RICA -

AFASTAMENTO até enquadrar CLOVIS, senta do perto dela, tristonh

DEOLINDA - Serei obrigada a acreditar que meu marido morreu nesse desastre de avião, doutor Clóvis? Não me resta nem a esperança de admitir que ele tenha escapado com vida?

CLÓVIS - Infelizmente, não, dona Deolinda. O avião explodiu no ar, a uma altura enorme e os que não morreram da explosão, morreram da queda.

DEOLINDA - Meu pobre Carlos! Tão feliz... tão satisfeito que saiu para cumprir a missão que lhe fora confiada... nem sequer poderia pensar que nunca mais voltaria a esta casa e em seu lugar deixaria o luto e o pranto.

ELA CHORA UM POUCO EM SILÊNCIO. CLOVIS SE LEVANTA PARA SAIR. BATE-LHE AMISTOSAMENTE NO OMBRO. ELA OLHA PARA ELE.

CLÓVIS - A senhora vai me dar licença que eu agora preciso me retirar, mas esteja descansada que a companhia dará todo o apoio à senhora e aos seus filhos.

CORTE

P.P. de DEOLINDA que se levanta como se tivesse despertado naquele instante

DEOLINDA - Meus filhos?... Sim, sim... meus filhos... meus filhos... Como poderei dizer a eles que seu pai morreu? Como poderei dizer a eles, meu Deus?! Como?!

APROXIMAÇÃO até G.P. de DEOLINDA

ÁUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com: G.P. de GESSY, <sup>na varanda</sup> ~~noutro canto~~ <sup>da ao lado</sup> ~~to da mesma sala~~, sentada com Nataniel

AFASTAMENTO até P.A. dos DOIS

ILUMINAÇÃO - EFEITO DE NOITE

NATANIEL - Eu gostaria de falar com sua mãe hoje mesmo.

GESSY - Não, meu amor, espera pelo meu aniversário. Faltam só dez dias.

NATANIEL - Eu não sei esperar, querida.

CORTE

P.P. de GESSY, carinhosa

CORTE

P.P. de NATANIEL, vencido

AFASTAMENTO até P.A. dos DOIS

GESSY - Pois devia aprender, meu amor. Saber esperar é uma grande virtude.

NATANIEL - Eu podendo fazer uma coisa hoje, não deixo para amanhã.

GESSY - Ouça, querido: sabe porque insisto em que você espere pelo meu aniversário? Porque papai, em vida, costumava dizer que só me deixaria ficar noiva depois que eu tivesse completado dezoito anos. Mãe há de se lembrar disto, como se lembra de tudo mais que ele dizia. É a razão porque lhe peço que espere até o dia quatorze. Você espera, não espera, meu amor?

NATANIEL - Que posso fazer? Você sabe que eu não sei dizer não a nenhum dos seus desejos...

GESSY - Pois então está combinado: eu começo a preparar o espírito de mãe desde hoje e no dia quatorze você faz o pedido oficial. Combinado?

NATANIEL SE LEVANTA. ELA ENFIA-LHE O BRAÇO E VÃO PARA A PORTA DE SAÍDA, ONDE PARAM UM POUCO.

NATANIEL - (Quando levanta) Bem, então agora eu vou andando que ainda preciso passar na casa do Marcelo, para avisá-lo de que estamos escalados para ajudar o Doutor Alfredo numa operação, amanhã às sete horas. Boa noite, querida.

GESSY - Até amanhã, meu amor.

BEIJAM-SE. ELE SAI. ELA ESPERA UM POUCO. DÁ UM ADEUS PARA LONGE. FECHA A PORTA. VEM PARA O CENTRO DA SALA. ENTRA DEOLINDA, JÁ DE CABELEIRA E SEM O CHAILE. ESTÁ DE AVENTAL.

DEOLINDA - Nataniel já foi, minha filha?

GESSY - Agora mesmo, mãe. Ele me disse hoje que no dia do meu aniversário pre-

GESSY - (CONT.) precisa falar sériamente com a senhora.

GESSY PISCA O OLHO PARA A MÃE, SORRI E SAI.

DEOLINDA - Está bem. (Pausa. Sacode a cabeça) Parece até mentira como o tempo passa! Quando o pai morreu, ela era uma menina de oito anos. Hoje... está uma moça e já com ideias de casamento! (Pausa) Também... a gente não se dá conta, mas o tempo vai andando. Faz dez anos que tudo aconteceu!

CORTE

P.A. de RUBENS, na porta

ELE VAI EM DIREÇÃO À MÃE E DÁ-LHE UM BEIJO

PAN. HOR. vai com ele.

RUBENS - Que faz aqui sósinha, mamãe? Pensando?

DEOLINDA - Exatamente. Vi sua irmã sair, há pouco, e estava pensando como esses dez anos que passaram a transformaram de menina em moça.

RUBENS - O que importa dizer que dentro de mais um ano ou dois, ela baterá asas e irá pousar num outro ninho.

DEOLINDA - Que se vai fazer? Se a lei da vida é essa, não podemos contrariá-la.

RUBENS - De uma coisa a senhora pode estar certa, mãesinha: eu não lhe abandonarei nunca e se amanhã ou depois encontrar o meu ideal e casar-me, para onde fôr, a senhora irá junto.

DEOLINDA SE LEVANTA E BEIJA RUBENS.

DEOLINDA - Obrigada, meu filho. Você ainda vai sair?

RUBENS - Não, mamãe, daqui a pouco vou me deitar. Amanhã preciso levantar cedo.

DEOLINDA - Bem, então eu vou fechar a porta e apagar a luz.

RUBENS VAI PARA DENTRO E DEOLINDA PARA A PORTA

PAN. Hor. vai com DEOLINDA para a  
PORTA.

CONTRA REGRA - BATIDAS DISCRETAS.

DEOLINDA ABRE A PORTA. UM VELHO DE ÓCULOS  
ESCUROS, LENÇO NO ROSTO E GORRO NA CABEÇA,  
COM UM COBERTOR VELHO NAS COSTAS, SURGE.

CARLOS - Boa noite.

DEOLINDA - Boa noite. Que deseja? Uma esmola?

CARLOS - Sim, sim... talvez... mas... eu...  
eu precisava falar com dona Deolinda.

DEOLINDA - Sou eu mesma.

CARLOS - Você?!

ÁUDIO - ACORDE DE SURPREZA

CARLOS - Meu Deus, como está mudada!...

DEOLINDA - O senhor me conhece? Quem é o  
senhor?

CARLOS - Não me reconhece? Olhe bem para a  
minha cara e pode ser que no meio de tanta  
ruína ainda permaneça algum traço que lhe  
faça recordar o passado.

CARLOS TIRA OS ÓCULOS. ELA OLHA BEM PARA ELE.

CORTE

P.P. de CARLOS, trêmulo de emoção.

AFASTAMENTO até enquadrar DEOLINDA,  
examinando-o atentamente.

DEOLINDA - Meu Deus!...

ÁUDIO - ACORDE BOMBA VIOLENTA

DEOLINDA - Não é possível!... Não é possi-  
vel!...

CARLOS - É possível, sim, Deolinda, sou eu,  
o Carlos. Velho... abatido... maltratado pa-  
ra a vida... mas infelizmente ainda vivo.

CORTE

P.P. de DEOLINDA, estonteada

DEOLINDA - Mas então... se és realmente tu...  
em carne e osso... por que motivo só agora  
me apareces... depois de tanto tempo?

CARLOS - Eu vou te contar. Mas deixa que  
me sente um pouco. Estou cansado.

ELA FAZ UM GESTO. ELE ENTRA. ELA FECHA A PORTA.

ELE SENTA NA BERGÈRE DO VESTÍBULO ELA FICA PERTO.

CARLOS - Tive que andar muito para chegar aqui... Bem, mas vamos ao que me aconteceu: na véspera do desastre que destruiu o avião que me levou daqui, ou seja, em meio da viagem, tivemos um pouso forçado, e fomos obrigados a pernoitar num hotelzinho de um vilarejo do interior. Depois do jantar, sempre agarrado com a pasta em que levava os valores da Companhia, recolhi-me ao quarto, disposto a me deitar. Já estava de pijama, quando..

DESFOQUE

FOCALIZA em: DET de MÃO feminina, batendo numa porta com um número qualquer.

HÁ UMA PAUSA. A MÃO VOLTA A BATER.

CARLOS - (P.Q.) Um momento, já vou abrir.

AFASTAMENTO até P.M. de ERNESTINA.

- ~~XXXXXXXX~~ PAREDE COM PORTA DO SET DO QUARTO MODESTO, VISTO POR FORA -

ERNESTINA, PROVOCANTEMENTE VESTIDA, ARRUMA O CABELO, PINTA MAIS OS LÁBIOS. TIRA UM CIGARRO DA BOLSA, BOTA NA PITEIRA. ACENDE O CIGARRO E, SE FOR NECESSÁRIO, BATE NOVAMENTE. CARLOS ABRE A PORTA, DE CHINELOS E PIJAMA.

CORTE

P.A. dos DOIS

ERNESTINA - (dengosa) Boa noite...

CARLOS - Boa noite. Desculpe estar assim de pijame.

ERNESTINA - Oh, o senhor já ia deitar? Desculpe, então, se vim aborrecê-lo...

CARLOS - Absolutamente, senhorita. De maneira nenhuma...

ERNESTINA - Bem... eu vou explicar ao que vim. Sou sua vizinha de quarto e como pensei em fazer uma rodinha de canastra, para distração apenas, vim convidá-lo a participar da minha brincadeira.

CARLOS - É muita amabilidade da sua parte e eu estou certo de que passaria uma

CARLOS - (CONT.) noite muito agradável, mas infelizmente, confesso que não sei jogar.

ERNESTINA - Mas não tem importância. Se pxx preferir conversar, conversaremos.

CARLOS - (já com má intenção) Aqui... ou lá?

ERNESTINA - Onde quizer... para mim tanto faz...

ERNESTINA VAI SE ESGUEIRANDO PELA PORTA E ENTRA.

ELE, JÁ ENVOLVIDO POR ELA, FECHA A PORTA CONTENTE

CORTE

P.A. dos DOIS

- INTERIOR DO QUARTO MODESTO -

ERNESTINA - O meu principal objetivo é fugir de uma insônia que é um verdadeiro castigo para a minha solidão. Jogando ou conversando, desde que as horas passem eu estarei contente. Fuma?

CARLOS - Obrigado, não se incomode. (Pausa) (Os dois se olham. Ela com languidez e ele com interesse) A senhora é... solteira ou casada?

ERNESTINA - Viuva. Ah, desculpe, eu deveria ter me apresentado. Ernestina Bornéos, vinte oito anos, propagandista dos cosméticos Joli Rose. Encontro-me presa aqui da mesma forma que o senhor, porque o meu carro teve uma ponta de eixo quebrada. E enquanto o concertam, estou eu presa neste fim de mundo. Que lugar horrível, cruzes!

CORTE

P.P. de CARLOS, sorrindo, encantado

CARLOS - Que interessante! Quando aconteceu o nosso pouso forçado, fiquei contrariadíssimo. Consegui uma garupa de cavalo que me trouxe a esta espelunca e a minha contrariedade aumentou ainda mais. Mal sabia eu que algumas horas mais tarde haveria de bem dizer todas as coisas ruins que aconteceram.

ERNESTINA - O senhor é muito gentil.

CARLOS - E você uma criatura alucinante!  
Mas por favor não me chame de senhor. Eu  
quero ser apenas Carlos, para você.

ERNESTINA O ENVOLVE TODO PARA BEIJÁ-LO E DIZ  
BEM PERTO DELE.

ERNESTINA - Está bem, Carlos, eu farei tu  
do que você quiser.

CORTE

DET. da mão de CARLOS, APAGANDO o  
botão da luz de cabeceira.

ÁUDIO - PASSAGEM MUSICAL

ESCURECIMENTO

ABERTURA em DET. da PORTA

- PORTA DO QUARTO pelo lado de fora -

ILUMINAÇÃO - NOITE.

A PORTA SE ABRE LENTAMENTE. ERNESTINA, DESPENTEADA,  
ESPIA PARA FORA. SAI SE ESGUEIRANDO E LEVANDO  
A PASTA NA MÃO. FECHA A PORTA DE VAGAR E SOME NO  
CORREDOR.

APROXIMAÇÃO até DET. da PORTA.

DESFOQUE

ÁUDIO - MÚSICA ACOMPANHA O DESFOQUE

FOCALIZA em P.A. de DEOLINDA, sentada  
no vestíbulo, ouvindo horrorizada,  
toda a história de Carlos.

CORTE

P.A. de RUBENS, na sala de estar, encostado à parede que dá para o vestíbulo,  
escutando a conversa dos DOIS.

DURANTE TODA A FALA DE CARLOS QUE SERÁ FORA  
DE QUADRO, CORTAR PARA RÚBENS E PARA DEOLINDA.

CARLOS - (P.Q.) Quando despertei, às duas  
horas da tarde do dia seguinte, foi que me  
dei conta da terrível realidade! Fiquei desesperado e não encontrava outra coisa a  
fazer senão acabar com minha vida. De repente,  
o rádio do vizinho, ligado a todo o volume,  
anuncia o desastre que acabara

CARLOS - (CONT) de se dar com o avião. Diziam que houvera uma violenta explosão e que todos haviam morrido instantâneamente, sendo que do aparelho muito pouca coisa havia restado. Pensei... pensei... e cheguei à conclusão de que não sendo possível explicar a maneira como me salvara, o melhor de tudo é que pensassem todos que eu havia morrido carbonizado, como todos os outros. Era preferível a morte, mesmo suposta, do que ter que confessar uma fraqueza que me desmoralizava totalmente aos olhos da companhia e da sociedade. Foi aí que tratei de fugir do Hotel, para que ninguém visse que eu havia ficado e saí a vagar pelo mundo, sem destino, a pagar o meu pecado. O que andei e o que sofri... só Deus sabe!

CORTE

P.P. de CARLOS

CARLOS - Outro dia, por acaso, caiu nas minhas mãos um jornal daqui e eu pude ver que minha filha figurava na coluna social como quasi noiva de um filho do velho Nataniel. Tive uma saudade tão grande... e um desejo tão forte de vê-la... que não pude controlar os meus passos... e aqui estou. Você, Deolinda, decidirá, agora, o que devo fazer

CORTE

P.P. de DEOLINDA, emocionadíssima, sofrendo muito mas contendo-se.

DEOLINDA - Desgraçadamente, Carlos, não seria possível justificar, agora, o seu aparecimento. Ele envolveria seu nome numa terrível suspeita e todos nós sofreríamos muito mais do que sofreremos quando acreditamos na sua morte simulada. Sinto imensamente, mas não posso consentir que você fique nesta casa, nem que se apresente a seus fi

DEOLINDA - (CONT.) lhos, que poderão ser muito prejudicados com o seu aparecimento nestas condições. Você não tem o direito de destruir a felicidade deles e por isso lhe peço que saia agora mesmo desta casa.

CORTE

P.M. da CENA.

CARLOS SE LEVANTA PARA SAIR. ANDA PARA A PORTA E PARA AO PASSAR POR DEOLINDA. FALA PARA ELA COM VOZ DE PRANTO.

CARLOS - Você tem razão, Deolinda. Foi um sonho louco. Para que meus filhos viam felizes, é forçoso que eu continue morto para eles.

CARLOS ABRE A PORTA E SAI. DEOLINDA FICA PARADA ONDE ESTÁ. O FILHO CORRE PARA A PORTA. ELA PERCEBE E SE ATRAVESSA NA FRENTE DA PORTA.

DEOLINDA - (aflita) Que vai fazer, meu filho?

RUBENS - Buscá-lo, mãe. Eu ~~foi~~ ouvi tudo! Ele é seu marido... e nosso pai. Seu lugar é aqui ao nosso lado.

DEOLINDA - Não, meu filho. Ele perdeu este lugar, desde que se deixou seduzir por outra mulher e permitiu que ela roubasse não apenas os valores que a Companhia lhe confiara, mas o seu bom nome, a sua posição social, o seu prestígio, a sua honra e a sua dignidade!

ÁUDIO -TRAVADA DE AUTOMOVEL VIOLENTA A MENOS DE MEIA QUADRA DE DISTÂNCIA.

RUBENS SEGURA A MÃE PELOS OMBROS E ABRE DEPRESSA A PORTA. OLHA PARA FORA E DÁ MEIA VOLTA RÁPIDA, HORRORIZADO, TAPANDO O ROSTO COM AS MÃOS.

CORTE

P.P. de RUBENS, na frente da porta.

Libera DEOLINDA que corre para a Tadeira.

RUBENS VAI DESTAPANDO O ROSTO DE VAGAR,  
COM EXPRESSÃO DE PROFUNDA AMARGURA E RE  
VOLTA E FALA NA DIREÇÃO EM QUE DEVERIA  
ESTAR A MÃE.

RUBENS - (forte) Viu o que a senhora  
fez? A senhora o impeliu para a morte.  
Foi a senhora que o matou. Foi a senhora  
!...

APROXIMAÇÃO até G.P. de RUBENS

ÁUDIO - PASSAGEM MUSICAL

DESFOQUE.

FOCALIZA em P.P. de DEOLINDA, vestida  
como no início.

- TAPADEIRA LISA -

DEOLINDA - Meu filho até hoje não per  
doou minha atitude e sinto que os seus  
olhos me acusam, inda hoje, pela morte  
de seu pai. Sim, eu talvez tenha sido  
culpada, mas juro a vocês, perante Deus  
que me ouve, que só pelo futuro delas  
é que me recusei a receber novamente meu  
marido, dez anos depois do seu desapare  
cimento. E se depois desta justificativa  
alguem ainda achar que fiz mal e devo  
ser punida... que me atire a primeira  
pedra!...

ÁUDIO - SUFIXO MUSICAL

CHICOTE

para o DET. do CORAÇÃO DE JESUS.

- ATIRE A PRIMEIRA PEDRA -

- ENCERRAMENTO

ATIRE A PRIMEIRA PEDRA

HISTÓRIA E REALIZAÇÃO DE ERICO GRAMER.

PERSONAGENS:

MOEMA----- LINDA GAY (velha)  
WILSON----- CARLOS CAMARGO (moco)  
EPITÁCIO----- ANTONIO LARA  
PESSÁLIA----- DIANA MAGLOVIA Cigana moca  
TAMIR----- WILSON PRAGOSO Cigano  
MIGUELA----- ~~XXXXXXXXXX~~ Cigana Velha  
Juracy Pires

CENÁRIOS:

- 1º) - TAPADEIRA LISA PARA NARRADOR E CORAÇÃO DE JESUS
- 2º) - LIVING LUXUOSO, ANTIGO; CONJUGADO COM ESCRITÓRIO  
TAMBEM ANTIGO. PORTA DE ENTRADA A ESQUERDA, GRAN  
DE JANELAO AO FUNDO, ARCO A DIREITA LIGANDO COM  
ESCRITÓRIO QUE TEM UMA JANELA AO FUNDO E UMA POR  
TA PARA O INTERIOR A DIREITA.
- 3º) - CLAREIRA DE MATO COM GRANDE TRONCO DEITADO PARA  
SERVIR DE BANCO. OUTRAS ARVORES EM VOLTA.
- 4º) - QUARTO CONFORTÁVEL DE CASAL (PODE SER ANTIGO).

DATA DA APRESENTAÇÃO..... 12-11-61  
31-10-1961

TV PIRATINI

CANAL 5

.....  
SLIDES: (Os de costume)

ABERTURA em DET do CORAÇÃO DE JESUS

CHICOTE

P.P. de MOEMA, abatida, de mantilha na cabeça.

- TAPADEIRA LISA -

ÁUDIO - PREFIXO MUSICAL

VOZ - ... e aquele que se julgar sem pecado que lhe atire a primeira pedra.

MOEMA - Meu nome é Moema e embora seja uma mulher de idade avançada, não estaria assim tão velha e desfeita, se não fosse a tragédia que abalou minha vida e transformou a paz do meu lar neste inferno de remorso em que se escoam os meus dias. Sempre ouvi dizer que o amor tem muita força e não se deve lutar contra êle, mas pôde a mãe que criou seu filho único com todo o carinho e desvelo e sonhou para êle as maiores venturas da terra, vê-lo enveredar por um caminho errado e deixar que êle siga sem tentar detê-lo? Não creio. Não posso crer. E foi êste o meu crime. Bem, mas... vamos ao fato desde o seu início, para que possam melhor julgar-me aqueles que me ouvem. Apesar de ter perdido meu marido muito cedo, passados os primeiros anos de sua ausência, eu me tornei uma mulher relativamente feliz, dedicando-me inteira ao meu filho único; rapaz inteligente, carinhoso e nobre, que nunca me havia dado um único desgosto. Um dia...

DESFOQUE

FOCALIZA em P.P. de WILSON, sentado na ponta da mesa de uma escrivaninha, falando ao telefone. Está de rôbe de chambre, no gabinete ligado ao  
- LIVING LUXUOSO, LIGADO A GABINETE -  
AFASTAMENTO até P.A. de WILSON, sorrindo.

WILSON - Você sempre com as suas extravagâncias de menino rico, Epitácio. É o que mais me admiro é da riqueza da sua imaginação. Você sempre encontra uma coisa diferente para fazer. Onde é que você foi buscar essa ideia de fazer uma festa num acampamento de ciganos, rapaz?

CORTE

P.A. de EPITÁCIO, ao telefone

- TAPADEIRA LISA -

CORTE

P.A. de WILSON, noutra posição

- LIVING LUXUOSO LIGADO A GABINETE -

EPITÁCIO - Não interessa. O que interessa é que vai ser bacana pra xuxú. Tem um acampamento nas proximidades do bosque do Cerro, eu fui lá com o Rogério, conversamos com o chefe e ele topou a nossa proposta.

CORTE

P.A. de EPITÁCIO, ao telefone

- TAPADEIRA LISA -

WILSON - Não há dúvida que vai ser uma festa muito pitoresca. O bosque do cerro é lindíssimo, as noites, agora, são de um luar magnífico... com a música e a dança cigana, vai ser qualquer coisa de fantástico e admirável.

CORTE

P.A. de WILSON, outra vez na primeira posição

- LIVING LUXUOSO LIGADO A GABINETE -

EPITÁCIO - E depois, ainda tem o principal que tú te esqueceste de citar. A bebida, que vai ser preparada pelos ciganos e as ciganinhas que já estão convidadas e vão tomar parte na festa. Sim, porque nada dessas borocochô de Marlenes, de Sandras e Juracys que eu já estou até os olhos com elas. Eu quero é novidade. Não sendo novidade não interessa.

CORTE

P.A. de EPITÁCIO

- TAPADEIRA LISA -

WILSON - Ah que se elas te vissem falar assim... pretendentes que são ao teu nome e à tua fortuna!... Iam ficar desesperadas. Está bem então, Epitácio. Obrigada pela lembrança do convite e até amanhã de noite.

EPITÁCIO - Vê lá, hein? Não vai faltar. Tchau.

EPITÁCIO DESLIGA O TELEFONE.

CORTE

P.A. de WILSON, desligando o telefone e sorrindo.

WILSON - Esse Epitácio é um gosador. Não quer nada com os estudos e vive inventando coisas para gastar o dinheiro que a mãe lhe deixou.

WILSON CAMINHA PARA O LIVING, ONDE APANHA UM LIVRO QUE ESTÁ SOBRE UM SOFÁ E RECOMEÇA A LEITURA ABANDONADA.

PAN. HOR. acompanha WILSON.

CORTE

P.P. de MOEMA, sentada, fazendo crochê

AFASTAMENTO até enquadrar WILSON

CORTE

P.P. de WILSON, sorrindo

AFASTAMENTO até P.A. dos DOIS

WILSON VAI A ELA, SEGURA-LHE O QUEIXO,  
NUMA CARÍCIA E PALA-LHE.

CORTE

P.P. de MOEMA

AFASTAMENTO até P.A. dos DOIS.

WILSON FAZ UMA CARÍCIA NA MÃE E VOLTA.  
A SENTAR ONDE ESTAVA, ABRINDO O LIVRO  
E RECOMEÇANDO A LEITURA. MOEMA VOLTA  
AO TRICOT POR UM MOMENTO. PARA.

MOEMA - Com quem estavas falando, meu filho?

WILSON - Com Epitácio, mãe, Ele estava me convidando para uma festa.

MOEMA - Não gosto desse rapaz. E nem acho que ele seja companhia para você, Wilson.

WILSON - Por que mãe?

MOEMA - Um rapaz que não estuda... que não trabalha... que não faz nada... afinal de contas o fato de ser rico, não justifica a sua inatividade. Todo homem deve ocupar seu tempo com alguma coisa útil. Apesar de ser um rapaz de família de tradição, não acho que seja companhia para pessoa alguma que se preze.

WILSON - Eu sei, mãe, a senhora tem medo que ele possa me desviar do cumprimento dos meus deveres; não é isto? Mas não precisa ter esse receio porque isso não acontecerá.

WILSON - O seu filho foi muito bem educado por uma mãezinha muito cuidadosa, muito diligente e muito empenhada em mostrar-lhe o lado bom da vida. Ele não se deixará desviar por outro menos feliz que perdeu sua mãe ao nascer e quando abriu os olhos para a vida, já viu seu pai casado com moça fútil e vaidosa que só sabia cuidar dela mesma e o deixou crescer ao Deus dará. Fique tranquila, portanto. E o Epitácio não é mau rapaz.

MOEMA - Acredito que ele não seja mau rapaz, porque você diz. Má companhia, no entanto, eu insisto que ele é.

MOEMA - Que festa foi essa que ele convidou você que eu lhe ouvi falar em luar... em bosque... música cigana...

WILSON - Ele vai fazer uma festa num acampamento de ciganos no bosque do Cerro.

ÁUDIO - ACORDE SECO, DE SUSTO TREMENDO.

MOEMA - O que?! O Epitácio está louco?!

Ele já pensou no perigo que corre em meter-se com essa gente?

WILSON - Ora perigo, mãe! Já se foi o tempo em que se acreditava que os ciganos roubassem crianças e praticassem vinganças atroz<sup>es</sup> contra alguém que lhes fizesse o menor mal. Os ciganos hoje estão modernizados e são criaturas tão fáceis de tratar como quaisquer outras.

CORTE

P.P. de MOEMA, contrariada, voltando ao crochet

MOEMA - Não sei, não. Eu se fosse você não me arriscava a convivência com gente de ix tal espécie. O mínimo que lhe poderá acontecer é roubarem-lhe a carteira do dinheiro.

WILSON - (sorrindo) Ora vamos, mãe, que é isso? Porque havemos de pensar assim tão mal dessa pobre gente? E se o perigo lhe parece ser esse, é simples: eu levo apenas algum dinheiro para qualquer necessidade que possa surgir.

MOEMA - Está bem. Você quer ir, vá, mas depois não venha se queixar para mim que lhe aconteceu isto ou aquilo. Não sei por que o meu coração está me dizendo que você não deve ir a essa festa.

WILSON SE LEVANTA, SORRINDO, PARA POR TRAZ DA MÃE, CURVA-SE PARA BEIJÁ-LA E FALA SORRINDO.

WILSON - Seu coração é um coração de ouro, mãesinha, mas medroso como eu inda não vi outro!

WILSON DÁ O BEIJO NA MÃE E SAI PARA O INTERIOR DA CASA. MOEMA FICA UM MOMENTO A OLHAR PARA ELE E DEPOIS SACODE A CABEÇA.

MOEMA - Pode ser que o meu coração seja medroso, como ele diz. Acredito mesmo que seja. A gente, quando fica velha, está vendo perigo em toda parte, mas seja lá pelo que for eu não tinha vontade que Wilson fosse a essa festa.

MOEMA RECOMEÇA A FAZER SEU CROCHET.

APROXIMAÇÃO até DET das MÃOS de MOEMA FAZENDO CROCHET.

FUSÃO com DET de MÃOS de TESSÁLIA, brincando com um anel que tem num dos dedos.

- CLAREIRA DE MATO -

ÁUDIO - PASSAGEM MUSICAL, FUNDE COM MÚSICA CIGANA EM BG. - VOZES E RISOS - (MÚSICA ALEGRE)

ILUMINAÇÃO - NOITE

AFASTAMENTO até P.A. de TESSÁLIA e Wilson, sentados num tronco.

CORTE

P.P. de WILSON, sincero

CORTE

P.P. de TESSÁLIA, também sincera

AFASTAMENTO até P.A. dos DOIS

CORTE

P.P. de TESSÁLIA, a fisionomia iluminada por uma surpresa agradável.

CORTE

P.P. de WILSON, sorrindo

CORTE

P.P. de TESSÁLIA, satisfeita

AFASTAMENTO até P.A. dos DOIS

TESSÁLIA - Yo no creo en los hombres que no son de mi raza.

WILSON - E por que? Você acha que eles mentem mais do que os ciganos?

TESSÁLIA - Un hombre de sociedad, como usted, que otra cosa puede querer de una gitana, que no sea divertirse?

WILSON - Ouça, Tessália, eu não sou desses rapazes que se divertem desgraçando meninas crédulas e inocentes. Fui educado com outros princípios. Minha mãe me ensinou que o coração das jovens é coisa sagrada. Um santuário que não se deve profanar.

TESSÁLIA - Si tus palabras son verdaderas, tu madre es una mujer muy noble.

WILSON - Minha mãe é uma mulher admirável! De uma coragem fora do comum e uma bondade inexcelsável.

TESSÁLIA - Ya lo creo. Lástima que no pueda conocerla. Me gustaria.

WILSON - E por que não poderá conhecê-la? Bastará que a leve à nossa casa.

TESSÁLIA - Es... es verdad?!... Usted... me llevaria a sua casa?!

WILSON - Levaria; por que não?

TESSÁLIA - Y me presentaria a su madre?!...

WILSON - Claro que apresentaria. Digo-lhe mais: minha mãe ficaria muito feliz em conhecê-la.

TESSÁLIA - Verdad? Usted me lo jura?

WILSON - Você é desconfiada, Tessália. Por que não crê em mim? Eu já lhe disse que não sou como aqueles ~~maixes~~ rapazes que estão lá dançando com as outras ciganas. Sou sincero. Digo o que sinto. Eu talvez nem devesse me arriscar a revelar a impressão que você me causou.

TESSÁLIA - Oiga-me muchacho: yo soy una gitana, usted un hombre de sociedad. Un hombre muy simpático... muy agradable... y en realidad se me afigura distinto de los otros, pero... que puede pensar una

TESSÁLIA - pobre mulher como yo, al oír un muchacho, como usted, decir-le que la ama? No puede creer. No puede. Si usted supiera lo que es la vida para nosotras! Caminar... caminar por la vida afuera... reír sin querer reír... trabajar... mentir... ahogar sus sueños... y casar sin amor porque el jefe lo quiere. Sufrir...

TESSÁLIA SE LEVANTA E OLHA PARA O CÉO

TESSÁLIA - Súbito... en la noche de su vida, viene un rayo de sol. Ella mira la luz e no puede creer. No se dá cuenta de que todo se alumbró a su vuelta, porque su corazón se encuentra perdido en la ti niebla torturante de la descrencia!...

WILSON PEGA A MÃO DE TESSÁLIA E AFAGA

WILSON - Pobre Tessália! Se voce quizer acreditar em mim, eu talvez lhe possa proporcionar uma vida melhor. E quer saber de uma coisa interessante? Eu não acreditava em amor à primeira vista. Achava uma coisa absurda e inverosímil. Muitas vezes ri dos meus amigos, por causa disto. Hoje, para castigo de minha descrença, sou obrigado a reconhecer que êle existe de verdade.

CORTE

P.P. de TESSÁLIA

TESSÁLIA - Y te crees que tu mamita nos dejaría casar? No lo creo. Ella habrá de desear para usted, una joven de sociedad, como eres vos.

CORTE

P.P. de WILSON, sincero

WILSON - Eu já lhe disse que minha mãe é a mais nobre e a mais bondosa de todas as mães. Bastará saber que nos amamos, para permitir que nos casemos. Muito mais difícil me parece conseguir que seus pais e seu chefe permitam em que você se case com um homem que não seja cigano.

CORTE

P.P. de TESSÁLIA, profunda e lenta.

TESSÁLIA - Hay una llave que abre todas las puertas entre nosotros: es el oro. De que usted pueda pagar buen precio... me llevará.

WILSON ABRAÇA TESSÁLIA E ENCOSTA A  
CABEÇA DELE NA DELA, ENLEVADO.

WILSON - Isso é o de menos.

CORTE

P.P. de TAMIR, no meio das árvores,  
espionando os dois com expressão som-  
bria.

CORTE

P.A. de WILSON E TESSÁLIA, sentados  
no tronco.

AUDIO - MUSICA DE EXPECTATIVA EM B/G.

TESSÁLIA - A mí me parece que todo es un sue-  
ño y que a cada momento podré despertar.

WILSON - Você nem sabe o quanto lhe agradeço  
a revelação que acaba de me fazer. Eu me acre-  
ditava um homem incapaz para guardar no meu  
peito um sentimento de amor. Queria amar. Queria  
gostar de alguém. Procurava uma e ou-  
tra e no fim o coração permanecia frio e in-  
alterado, como se estivesse situado num  
peito morto. Hoje tudo é diferente e eu sinto  
que ele vive.

TESSÁLIA SE LEVANTA E PEGA A MÃO DE WILSON,  
FORÇANDO-O A LEVANTAR-SE TAMBÉM.

TESSÁLIA - Veni, querido. Hay una laguna muy  
cerca de acá, donde el agua es tan clara co-  
mo un rayo de luna. Voy llevar-te a la orilla  
del agua para que me jures por las virgens  
ahogadas que te puedo dar, sin temor, mi co-  
razon.

WILSON ABRAÇA TESSÁLIA E SAI COM ELA PELA CA-  
MERA, FALANDO SORRIDENTE E ENLEVADO.

WILSON - Está bem, querida, farei o juramen-  
to que me pedes. Jurarei na beira da lagôa,  
pelas virgens que morreram afogadas.

TESSÁLIA - Y ellas te llevaran para el infie-  
no, el dia que te mueras, si no hablares la  
verdad.

SAEM OS DOIS PELA CAMERA, HÁ UMA PAUSA, ENTRA

DO MEIO DAS ARVORES TAMIR, COM EXPRES  
SÃO DE ÓDIO NOS OLHOS. PUXA PELA MÃO  
MIGUELA, E APONTA NA DIREÇÃO EM QUE SA  
IRAM WILSON E TESSALIA.

CORTE

P.P. de TAMIR, rancoroso

CORTE

P.P. de MIGUELA

CORTE

P.P. de TAMIR, rancoroso e ameaçador

APROXIMAÇÃO até G.P. de TAMIR olhando  
a câmara com olhar duro e expressão  
sombria.

FUSÃO com G.P. de MOEMA, sentada numa  
poltrona, fazendo crochet.

- LIVING LUXUOSO, LIGADO A ESCRITÓRIO -

APASTAMENTO até enquadrar WILSON

TAMIR - Mirá! Allá se van! No me puedes  
decir ahora que es mentira!

MIGUELA - Si. Ahora lo se que es verdad!  
Mas que puedo hacer? Que puedo hacer?!

TAMIR - Tenés que hacer algo, aunque no  
quieras. Ella es mi prometida y hace como  
tres años que junto el oro que le voy a  
dar, en câmbio, a su padre y a nuestro jefe

MIGUELA - Si, si, ya lo sé, pero sabés vos  
tambien, como son el padre... y el jefe.  
Si el muchacho aquel les puede dar más  
que vos, ellos se olvidaran de los compro  
misos de ayer.

TAMIR - Bueno, escuchá lo que te voy a de  
cir, Miguela: Tessália es mi prometida y  
no la quiero perder y aunque sea necesá  
rio matar para tener-la... yo mataré.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

MOEMA - É um absurdo tão grande o que vo  
ce pretende, Wilson, que eu começo a du  
vidar da sua sanidade mental.

WILSON - Mas então é absurdo amar-se alguem  
minha mãe? A senhora, por ventura, não ama  
papai?

MOEMA - Amei. E você tambem poderá amar a  
qualquer moça, menos a uma cigana.

WILSON - O coração não tem preconceito de raça nem de côr, minha mãe.

MOEMA - Mas tem-no a educação. Como poderia eu apresentar aos nossos amigos e parentes uma cigana como sua esposa? Como?

WILSON - Não haveria necessidade de apresentações. Fariamos tudo reservadamente, sem alarde e viveríamos a nossa vida, recolhidos à nossa casa. A única pessoa que me interessa que participe da nossa vida é a senhora. Os outros que se isolem por que para mim tanto faz.

CORTE

P.P. de MOEMA

MOEMA - Eu, por mais que deseje te ser agradável, já não posso pensar da mesma maneira. ~~quaxixix~~ Preciso de todos. Dos parentes, dos amigos, da sociedade. Todos fazem parte da minha vida e deixar a qual quer um de parte, seria o mesmo que me cortarem um braço ou uma perna. Além da deformação, que me afligiria sempre, teria a minha liberdade de movimentos cerceada.

CORTE

P.P. de WILSON, angustiado

WILSON - Mas mãe, é preciso que a senhora compreenda que eu também não poderei viver sem Tessália. Viver só, agora que a conheci, seria, também, como se me tivessem cortado um braço ou uma perna.

CORTE

P.A. dos DOIS

MOEMA - Pois se não podes viver sem ela... vive com ela, mas não dentro da minha casa, nem na qualidade de tua esposa.

CORTE

P.P. de WILSON

AUDIO - ACORDE DE SURPREZA

WILSON - Mas mãe! Não é muito pior viver assim?!

AFASTAMENTO até P.A. dos DOIS

MOEMA - Depende. Para evitar um casamento desastrado, como o que pretendes fazer, todos os recursos são admissíveis.

CORTE

P.P. de WILSON, triste, olhando longe.

CORTE

P.P. de MOEMA, fria

CORTE

P.A. de WILSON e MOEMA.

APROXIMAÇÃO até G.P. de MOEMA

FUSÃO com P.P. de MIGUELA, olhando

para as mãos de WILSON e contando

- CLAREIRA DE MATO E TRONCO -

AFASTAMENTO até P.A. dos DOIS.

WILSON - Mas e depois?... Se tivermos fi-  
lhos?

MOEMA - Faça por não tê-los.

MOEMA VOLTA AO CROCHET E FICA EM SILENCIO.  
HÁ UMA PAUSA EM QUE WILSON PENSA.

WILSON - Está bem, mãe.

WILSON SAI DE CENA E MOEMA OLHA NA DIRE-  
ÇÃO EM QUE ELE SAIU, O OLHAR FUZILANDO.

MOEMA - Era só o que faltava! Era só que  
faltava! Meu filho único casado com uma  
cigana!

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

Wilson - Diezyseis, Diezysiete, diezyocho,  
diezynueve... veinte.

MIGUELA - Puede poner-las acá.

MIGUELA ABRE UM SACO PEQUENO QUE JA ESTÁ QUASI  
PELO MEIO E WILSON DERRAMA AS MOEDAS NELE. ELA  
AMARRA O SACO E PENDURA-O NA CINTURA.

MIGUELA - Ahora usted tendrá que pagar  
treinta monedas al padre e cincuenta mone-  
das al jefe. Ahora, hay que hacer-se una  
cosa. El bando se vá mañana para allá del  
cerro.

WILSON - Eu sei. Tessália já me explicou.  
Durante a noite eu irei, lá com o meu auto-  
móvel, lá perto onde vocês estiverem acam-  
pados. Deixarei o carro a uma certa distân-  
cia e irei, protegido pela sombra da noite,  
buscar a minha amada.

MIGUELA - Todo eso es por Tamir que es un  
joven malo y juró matar-la.

WILSON - Ele não conseguirá nunca encontrá-  
la. Pode ficar tranquila. E agora vá chamar  
o pai e o Chefe para que lhes pague as moe-  
das de ouro que lhes devo.

MIGUELA - Si, sí, como nó? Con su permiso, joven.

MIGUELA SAI E WILSON FICA SÓ SINHO, PENSANDO.

WILSON - Não era assim que eu a desejava, mas uma vez que não posso fazê-la minha esposa... A minha esperança é que mais tarde, quando venham os filhos, minha mãe mude de ideia.

CORTE

P.P. de TAMIR, no meio das árvores, escutando tudo.

APROXIMAÇÃO até G.P. de TAMIR, fundo rancor nos seus olhos.

FUSTÃO com: G.P. de TESSALIA, sentada na beira da cama.

- QUARTO CONFORTÁVEL (SEP) -

AFASTAMENTO até P.A. de TESSALIA e WILSON.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

TESSALIA - Los dias son buenos, querido. Me acuerdo que a todo momento podrás llegar y ese pensamiento es un gran consuelo para mí. Pero las noches... (triste) las noches son negras y tristes!... Las noches son largas e vasis!... y dejan em mi pobre corazon aquello mismo desconsuelo de las cosas muertas!... Ah, las noches sin ti, querido!... Quisiera que nunca fuera noche em mi vida!

WILSON - Vamos, querida... não quero que te desesperes. Crê em mim e aguarda.

TESSALIA - Hace como veinte dias que me llegan la misma cosa e sin embargo las noches llegan, una atraz otra y yo siempre a quedar-me sola con mi desconsuelo!

CORTE

P.P. de WILSON, afagando-a, conciliador.

WILSON - Mas querida, quando eu te digo que esperes, não quero dizer vinte dias,

CORTE

P.P. de TESSALIA

APROXIMAÇÃO até G.P. de TESSALIA

FUSÃO com: G.P. de MOEMA, sentada  
no-LIVING LUXUOSO LIGADO A GABINETE.-

AFASTAMENTO até enquadrar TAMIR, sentado numa outra cadeira perto.

CORTE

P.P. de TAMIR, olhos brilhando de alegria fera.

CORTE

P.P. de MOEMA, olhos brilhando também.

AFASTAMENTO até enquadrar TAMIR.

TAMIR ABANA A CABEÇA AFIRMATIVAMENTE, SORRINDO UM SORRISO FUNDO E MISTERIOSO.

WILSON - (CONT.) nem dois meses, nem um ano... Pode ser dois... trez... talvez menos ou mais, mas o que sei é que se esperarmos com paciência, haveremos de conseguir o que desejamos.

TESSALIA - Bueno... entonces, si no hay otra cosa que hacer... solo resta esperar!...

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

MOEMA - Com que então o senhor procura o meu filho para tratar de um assunto reservado?

TAMIR - Si señora. Para eso lo busco.

HÁ UMA PAUSA. OS OLHOS DE MOEMA INVESTIGAM.

MOEMA - O senhor será, por acaso, parente da cigana com quem meu filho vive?

AUDIO - ACORDE DE GRANDE SURPREZA

TAMIR - Como?! Entonces usted lo sabe?

MOEMA - Sim. Sei tudo e estou disposta a ajudá-lo. Digo-lhe mais: estou disposta a pagar para que ela desapareça da vida de meu filho, de qualquer maneira.

TAMIR - No es tan difícil que eso aconteça. Es bastante que me diga adonde puedo encontrar-la.

MOEMA - Verdade?

MOEMA - Pois então espere um momento que já volto aqui.

MOEMA SAI DE QUADRO, EM DIREÇÃO AO ESCRITÓRIO. TAMIR FICA OLHANDO PARA EIA E SORRINDO

CORTE

P.A. de MOEMA, sentando na escrivaninha.

MOEMA ABRE UMA GAVETA. TIRA UM CADERNO DE CHEQUES. ENCHE-O. PEGA UM OUTRO PAPEL E ESCRIVE QUALQUER COISA. LEVANTA E VAI AO ENCONTRO DE TAMIR.

PAN. HOR. vai com MOEMA até enquadrar TAMIR.

MOEMA - Aqui tem você um cheque pelo serviço que vai me prestar e o endereço onde poderá encontrar a moça sua parente.

TAMIR - Ella era mi novia, entiendo señora?

MOEMA - Pois então leve-a e seja feliz com ela.

TAMIR OLHA O CHEQUE, SORRI. METE-O NO BOLSO E SAI.

TAMIR - Adiós.

MOEMA SAI ACOMPANHANDO TAMIR ATE À PORTA. OLHA PARA ONDE SAIU TAMIR. VOLTA PARA O MEIO DA SALA. PENSA, SORRI E FALA.

MOEMA - Eu sei que no início ele vai sentir saudades dela, mas depois há de se acostumar do mesmo jeito que eu me acostumei sôzinha quando perdi meu marido!

APROXIMAÇÃO até G.P. de MOEMA

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com G.P. de TESSÁLIA, arrumando seus cabelos à frente do espelho.

AFASTAMENTO até P.A. de TESSÁLIA

- QUARTO CONFORTÁVEL - (SET)

TESSÁLIA CANTAROLA ALGO À FRENTE DO ESPELHO, QUANDO DÁ COM TAMIR POR TRAZ DELA. VIRA-SE, BRUSCAMENTE, AO TEMPO QUE ABafa UM GRITO.

P.A. dos DOIS.

TESSÁLIA - Tamir! Que haces acá?!

TAMIR - He venido a buscar-te.

TESSÁLIA - Nól! Yo no quiero volver. Quiero quedar-me con mi amor.

TAMIR - Te lo digo que vás a volver, Tessália!

TESSÁLIA SE LEVANTA E RECUA EM DIREÇÃO A CAMA.

TESSÁLIA - Y yo te lo repito que nó.

TAMIR - Entences te llevare de qualquiera forma. Aunque sea muerta!

TESSÁLIA - No eres mi jefe ni mi señor. Por que me quieres llevar?

TAMIR - Por que te amo y mi corazon no pue de vivir sin ti.

TESSÁLIA - Mi corazon, tanpoco puede vivir sin mi amor.

TAMIR - Yo queria llevar-te viva. Andá no más.

TESSÁLIA - Nól! Ya te dije que nól! Nól! Nól! Y nól!...

TAMIR SE ATIRA SOBRE ELA COMO UMA FERA. DEITA-A SOBRE A CAMA E COMEÇA A ESGANÁ-LA. ELA RELUTA E CORCOVEIA A PRINCÍPIO MAS VAI SE ENTREGANDO E POR FIM ESTÁ QUASI MORTA QUANDO SE OUVI, DO LADO DE FORA A VOZ DE WILSON, CHAMANDO.

WILSON (F.O.) Querida! Estou chegando, meu amor!

TAMIR, DE UM SALTO SE ESCONDE ONDE FIGAR MELHOR E WILSON ENTRA, SORRIDENTE, ANDANDO PARA ELA.

CORTE

P.A. de WILSON sorrindo e, de repente, tornando-se sério e apreensivo.

WILSON CORRE PARA A CAMA E PEGA TESSÁLIA, SACUDINDO-A.

P.A. acompanha WILSON até enquadrar TESSÁLIA.

WILSON - Tessália! Querida! Que tens, meu amor?! Que aconteceu?!...

ELA ENTRE-ABRE OS OLHOS E TENTA FALAR MAS NÃO CONSEGUE.

AFASTAMENTO até P.M. da CENA.

TAMIR VAI ATE ONDE ESTÁ WILSON, NA PONTA DOS PÉS E DÁ-LHE UMA PUNHALADA NAS COSTAS. WILSON FAZ O MOVIMENTO DE DOR E GEME FUNDO. LOGO TORCE O CORPO E CAI SOBRE A CAMA, DE BARRIGA PARA CIMA. AGONISA E DEIXA CAIR AS MÃOS. TAMIR ESTÁ OLHANDO. SORRI, VITORIOSO. PEGA TESSÁLIA NOS BRAÇOS E SAI COM ELA DESACORDADA.

ATIRE... Pag. 15

APRÓXIMAÇÃO até G.P. de WILSON morto

DESFOQUE

FOCALIZA em P.P. de MOEMA, como no princípio, à frente da TAPADEIRA LISA.

AUDIO - MÚSICA ACOMPANHA O DESFOQUE

MOEMA - E foi isto que aconteceu. Pensando que Tamir livraria meu filho daquela cigana maldita que o enfeitiçara, dei-lhe o endereço onde ele foi encontrar Wilson e matá-lo. Sei que muitos me acusarão, como eu mesma, nos meus momentos de remorso e de desespero, sinto-me culpada pelo que aconteceu, mas Deus sabe que não foi esta a minha intenção. E aquele que julgar que mesmo assim eu deva ser castigada... que me atire a primeira pedra!...

AUDIO - MÚSICA PARA FINAL GRANDIOSO.

CHICOTE para:

DET. do CORAÇÃO DE JESUS.

- SUPERPOE -

- ATIRE A PRIMEIRA PEDRA

- ENCERRAMENTO

ESCURECIMENTO.

AUDIO - DISSOLVE

HISTÓRIA E REALIZAÇÃO DE ERICO GRAMER.

PERSONAGENS:

LUIZ..... GUDY EMUNDS  
DALVA..... VÂNIA - MARIZA - KATIRA  
HORTENCIA..... LINDA GAY  
CATARINA..... LOURDES HELENA  
DEMÉTRIO..... DARCY FAGUNDES  
MARIA..... MARIA HELENA  
UMA PREGUEZA..... MARIA MADALENA  
UM PREGUEZ..... DORIVAL CARRERA  
MANICURA..... UMA FIGURANTE

CENARIOS:

- 1ª) - TAPADEIRA LISA DE 2 METROS  
2ª) - FACHADA, VESTIBULO E SALA DE RESIDENCIA LUXUOSA  
E IMPONENTE, DE ACORDO COM A PLANTA BAIXA.  
3ª) - PEQUENA TINTURARIA, CASA DE MADEIRA TODA DE BARRO  
TES POR DENTRO, TAMBEM DE ACORDO COM A PLANTA BAIXA.

DATA DA APRESENTAÇÃO.... 22.11.1961

TV PIRATINI - CANAL 5

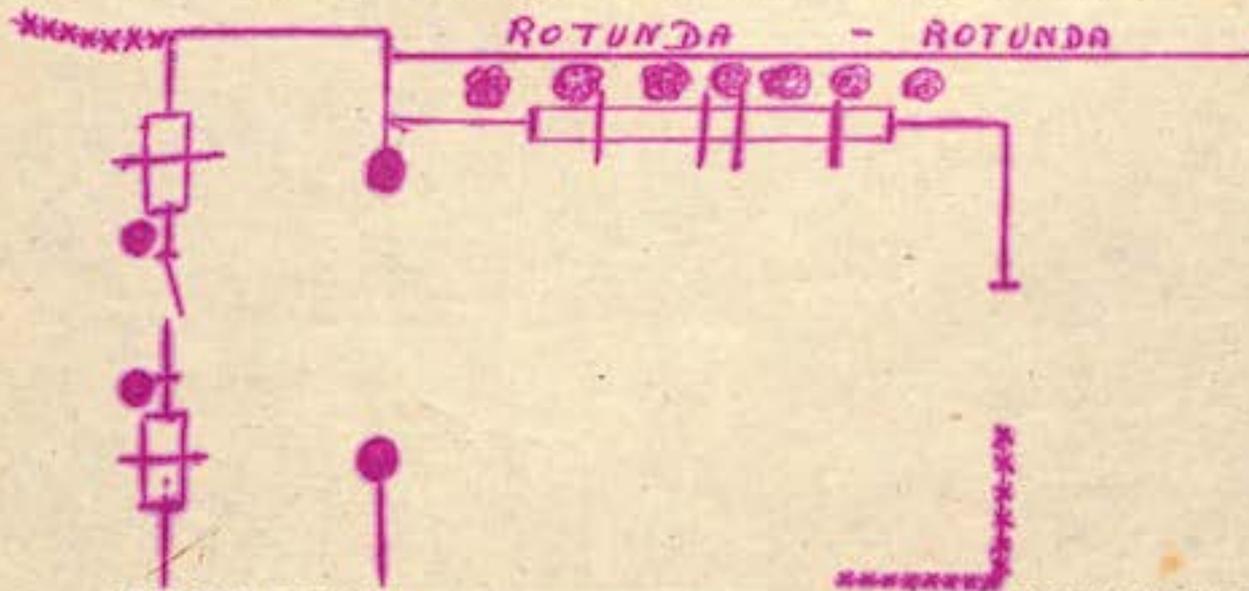
ATIRE A PRIMEIRA PEDRA

DIA: 22.11.1961

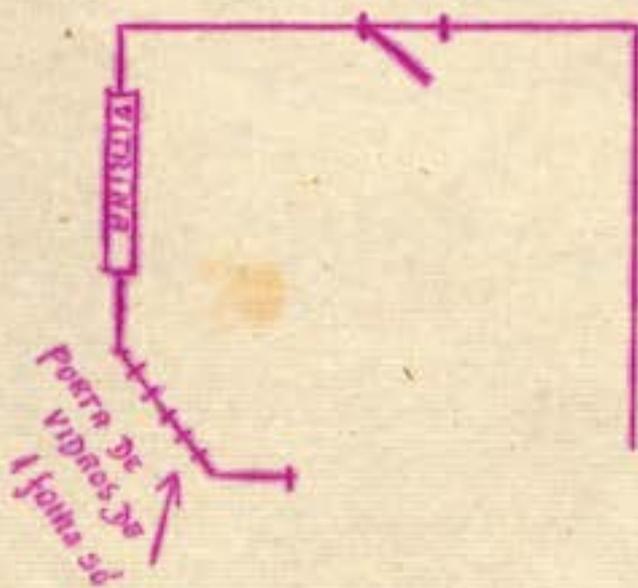
PLANTA BAIXA DOS CENÁRIOS:

1º - TAPADEIRA LISA

2º - FACHADA, VESTIBULO E SALA DE RESIDENCIA LUXUOSA E IMPONENTE:



3º) - PEQUENA TINTURARIA, CASA DE MADEIRA, TODA DE BARROTES POR DENTRO.



PLACA NA PAREDE:

“LAVANDERIA RAMALHO”  
LAVA  
PASSA  
TINJE

SLIDES: (Os de costume)

AUDIO: PREFIXO MUSICAL

ABERTURA em DET de CORAÇÃO DE JESUS

VOZ - ... e aquele que se julgar sem peccado, que lhe atire a primeira pedra.

CHICOTE para P.P. de LUIZ

-TAPADEIRA LISA -

LUIZ - A gente, às vezes, por tôla vaidade, comete faltas que não têm perdão. ~~Das~~  
~~dele ou abicho, não sei bem... Sim, porque~~  
~~a abicho não consiste apenas no desejo de~~  
~~se adquirir dinheiro, mas também, por~~  
~~le, uma posição social muito elevada que~~  
~~se procura alcançar por meio de amigos ou~~  
~~até mesmo por intermédio de um~~  
Eu sempre invejei os rapazes bem nascidos e foi por isto que obriguei meu pai -humilde tintureiro de uma cidadesinha do interior - a se sacrificar, toda uma vida, para que eu pudesse estudar na capital, me formar em medicina e conseguir, com o meu título, aquilo que a minha origem modesta jamais poderia me conceder. Bem, mas vamos à minha história desde o seu começo.

CORTE

P.A. de DALVA, na porta de sua casa, com um cachorrinho de raça, pequeno.

DALVA BRINCA UNS MOMENTOS COM O ANIMALZINHO E DE REPENTE OLHA PARA DETERMINADA DIREÇÃO E VE QUE O O NAMORADO VAI CHEGAR. CHEGA NA PORTA E GRITA PARA DENTRO

DALVA - Maria, chega aqui um momentinho, sim?

ESPERA UM POUCO APAGANDO O CACHORRO E OLHANDO PARA O NAMORADO QUE AINDA NÃO CHEGOU. MARIA CHEGA NA PORTA, VINDO DE DENTRO.

MARIA - A senhora chamou, dona Dalva?

DALVA - Sim, Maria. Leva a Boneca lá para dentro que o Luiz vem aí.

MARIA - Sim senhora.

MARIA PEGA O CACHORRINHO E ENTRA, FECHANDO A PORTA DELICADAMENTE. DALVA SORRI, CONTENTE. LUIZ ENTRA PELA CAMERA E VAI A ELA APERTANDO-LHE A MÃO, SORRIDENTE TAMBEM.

P.A. dos DOIS

LUIZ - Estava à minha espera há muito tempo?

DALVA - Não. Talvez uns cinco minutos, se tanto... Vamos sentar.

GAMINHAM OS DOIS PARA O BANCO DE MÁRMORE, ONDE SENTAM DE MÃOS AGARRADAS.

PAN. HOR. acompanha os dois até o banco

DALVA - Teve aula até agora?

LUIZ - Não, estava resolvendo as festividades da formatura com o Nilton e o Ernâni.

DALVA - Quer dizer que dentro de um mês já você estará com o seu título?

LUIZ - Com o meu título e com a minha noiva, sim porque eu pretendo tratar casamento na mesma noite. Ah, e por falar nisto, eu tenho aqui o nome e o endereço do meu tio Alair. Sua mãe pode procurar saber quem é ele, o conceito que goza na cidade onde moramos e assim ficará sabendo alguma coisa sobre a minha família.

CORTE

P.P. de DALVA

DALVA - Querido, você perdõe essa existência de mãe, sim? Ela é muito apegada às tradições da família... muito orgulhosa do seu nome... da sua posição social...

CORTE

P.P. de LUIZ

LUIZ - Não é preciso justificar, meu amor. Eu compreendo perfeitamente tudo isto e acho que ela tem toda a razão em proceder assim.

APROXIMACAO até G.P. ~~XXX~~ de LUIZ

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

ATTE... Pag. 3

ENTRÃO com G.P. de HORTENCIA, sentada numa poltrona com a mão descansada sobre uma mesinha.

- SALA DE VISITAS -

AFASTAMENTO até P.A. de HORTENCIA e MARICURA.

HORTENCIA - (de cima) Não gostei do tom do esmalte que você me fez a semana passada. Veja se, desta vez, me põe um tom mais escuro.

AFASTAMENTO até P.M. da CENA.

ENTRA DO VESTÍBULO, TRAZENDO UMA CARTA NUMA BANDEIJA DE METAL, MARIA, PARDADA DE AVENTAL.

MARIA - Uma carta, senhora.

HORTENCIA - Abra e leia, que eu agora tenho as mãos ocupadas.

MARIA SOLTA A BANDEIJA SOBRE A MESA, ABRE A CARTA E COMEÇA A LER.

MARIA - (lendo) Prezada senhora. Recebi sua carta de dezesseis do corrente, pedindo-me informações do senhor Alcor Caldas e de sua família. Como vigário da paróquia de Santa Aprilina, à qual pertencem o senhor Alcor e sua senhora dona Gertrudes, cumpre-me informar que é uma gente digna, de apreciável situação social e econômica e que tem sabido merecer a estima e a consideração de todos os paroquianos. Certo de haver, deste modo, satisfeito o desejo de Vossa Senhoria, valho-me do ensejo para enviar cordiais saudações em Jesus Cristo. Assinado, Guilherme Minardi, vigário da paróquia de Santa Aprilina.

CORTE

P.P. de HORTENCIA

HORTENCIA - Muito bem. Guarde essa carta na gaveta de cima da minha escrivaninha, Maria.

CORTE

P.A. de MARIA, e HORTENCIA.

MARIA - Sim senhora,

MARIA DOBRA A CARTA, POE NOVAMENTE NA SALVA E SAI COM ELA PELA CAMERA.

HORTENCIA - E... felizmente as informações foram boas e eu não terei que me opôr ao contrato de casamento de minha filha com Luiz.

APROXIMAÇÃO até G.P. de HORTENCIA

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSTAO com G.P. de CATARINA, encostada no balcão, lendo uma carta.

AFASTAMENTO até enquadrar DEMETRIO, com ferro de alfaiate, passando um casaco.

- TINTURARIA PEQUENA -

DEMETRIO - Vamos, mulher, você vai ler a carta do filho pra eu ouvir, ou não vai?

CATARINA - Espera, velho, você sabe que eu tenho dificuldade de entender a letra dele. Primeiro eu tenho que ler baixo, para mim e depois então ler novamente, alto, para você ouvir. Sinão eu fico parando... decifrando as palavras, e acaba você não entendendo, nem eu.

CORTE

P.P. de DEMETRIO

DEMETRIO - Pois é, mas com esse negócio, o prejudicado sou eu que só fico sabendo as notícias depois, quando poderia saber junto com você.

CORTE

P.P. de CATARINA

CATARINA - Sabe o que é isto? Ciúme. Mas isto é bobagem sua, porque quantas vezes você tem lido as cartas primeiro do que eu e eu não reclamo?

CORTE

P.A. dos DOIS

DEMETRIO - As mulher tem umas coisa gosada. Ora ciúme! A pressa de sabê as noticia ela diz que é ciúme.

ENTRA UMA FREGUEZA TRAZENDO UMA BLUSA PARA LAVAR.

FREGUEZA - Bom dia, dona Catarina... Bom dia seu Demétrio.

OS DOIS - Bom dia, dona Gertrudes.

A FREGUEZA VAI DESEMBRULHANDO O PACOTE

FREGUEZA - Eu trouxe uma blusa para o senhor me lavar para o sabado. Será que fi ca pronta?

DEMETRIO - Fica. Tem muita entrega pra o sabado, mas o pente dá um jeito.

FREGUEZA - Então está aqui.

DEMETRIO PEGA A BLUSA, ESCRIBE UMAS ANOTAÇÕES NUM PEDACINHO DE PAPEL, PRENDE COM ALFINETE NA BLUSA E BOTA A BLUSA NUM CESTO. VOITA A PASSAR A FERRO. FREGUEZA FALA PARA CATARINA.

FREGUEZA - Carta do filho?

CATARINA - É, sim senhora.

FREGUEZA - Como vai ele?

CATARINA - Vai bem, graças a Deus. Muito afobado com as festas de formatura.

FREGUEZA - Ah, ele se forma este ano, não é?

CATARINA - Se Deus quiser!

FREGUEZA - Imagina, hein? O Luis médico! Está bom, felicidades e passem bem.

CATARINA - Obrigada, dona Gertrudes. Paz se bem.

A FREGUEZA SAI DE QUADRO E CATARINA VEM PARA PERTO DO MARIDO.

CATARINA - O nosso filho manda dizer pra gente não ir à formatura dele, porque ele deixou uma matéria para segunda época e não vai receber o diploma junto com os outros.

AUDIO - ACORDE VIOLENTO DE SUSTO.

CORTE

P.P. de DEMETRIO NA MAIOR DESILUSÃO

DEMETRIO - Ora que pena, mulher! Era a coisa que eu mais sonhava de vê! Até já tinha comprado o corte do teu vestido e uma roupa preta que era do finado Saturnino, que tava novinho, que ele botou muito pouca coisa...

ATIRÉ... Pag. 6

CORTÉ

P.P. de CATARINA

APROXIMAÇÃO até G.P. de CATARINA

FUSÃO com: G.P. de DALVA, de vestido de meia gala, sentada no sofá da sala, de braço com LUIS, de smoking.

- SALA DE VISITAS -

AFASTAMENTO até P.A. dos DOIS

VÁRIAS CORBEILLES DE FLORES NA SALA.

CATARINA - Pois é, mas o que é que a gente vai fazer? Ir pra nada, é melhor não ir que a gente não saia.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

DALVA - Que calor que estava na Faculdade! Também... acho que nunca vi aquele salão com tanta gente.

LUIS - Você está feliz, minha querida?

DALVA - Felicíssima! Só tenho pena que seus pais não tenham podido vir compartilhar da nossa felicidade.

LUIS - Mãe adoeceu exatamente na véspera do embarque e o seu médico assistente não achou recomendável ela fazer a viagem.

ENTRA HORTENCIA DE MEIA GALA OU GALA TOTAL, ACOMPANHADA DE MARIA QUE, DE LUVAS BRANCAS, SEGURA UMA BANDEIJA ONDE ESTÃO DOIS CALICES DE APERITIVO.

HORTENCIA - Fiz servir um aperitivo para vocês, enquanto esperamos os convidados para a nossa ceia.

LUIS RETIRA OS DOIS CALICES E ENTREGA UM A DALVA. TOCAM OS CALICES ANTES DE BEBER.

LUIS - Ao nosso amor!

DALVA - À nossa felicidade!...

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

APROXIMAÇÃO até DEP dos DOIS CALICES DE APERITIVO.

FUSÃO com DEP. do ferro de alfaiate em cima do balcão da TINTURARIA.

- TINTURARIA PEQUENA -

AFASTAMENTO até enquadrar DEMÉTRIO atrás do balcão passando roupa e CATARINA sentada numa cadeira lendo uma carta.

CATARINA - (lendo) A coisa mais importante que tenho para mandar dizer aos senhores é que fiquei noivo de uma moça muito erar-

CORTE

P.P. de DEMÉTRIO, preocupado

CATARINA - (CONT.) fina e muito rica.

Para terem uma pequena ideia do que pode ser, bastará que lhes diga que a família dela tem um palacete na zona mais elegante da cidade e três automóveis.

DEMÉTRIO - Si ele pensa que esse notícia vai me trazer alegria, tá muito enganado.

Isso é volta da gente perdê o filho, mulher

CATARINA FAZ UMA EXPRESSÃO DE QUEM DIZ "O QUE É QUE SE VAI FAZER" E SEGUE A LEITURA.

CATARINA - (lendo) Minha noiva se chama Dalva e quando chegarem a conhecê-la vão ver que beleza e que finura de moça. Já comprei um presente, escrevi um cartão como se fosse a senhora, mãe e mandei para ela em seu nome. Não extranhe, portanto, se receber algum agradecimento. E também não o responda. Breve a família toda receberá participações do nosso noivado. Recebam beijos e saudações do filho que os estima, Luiz.

DEMÉTRIO SACODE A CABEÇA DESALENTADO. HÁ UMA PAUSA EM QUE CATARINA LARGA A CARTA NO BALCÃO E PENSA, DESANIMADA.

CATARINA - É... bem que se diz que o pai e a mãe criam os filhos praos outros.

Este nós não vemos mais, velho.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

APROXIMAÇÃO até G.P. de CATARINA, com os olhos cheios de lágrimas.

FUSÃO COM: G.P. de HORTENCIA, já em roupa de casa.

- SALA DE VISITAS -

APASTAMENTO até P.A. de HORTENCIA, LUIZ e DALVA

HORTENCIA - Como estamos a menos de três meses do casamento de vocês, eu gostaria que Dalva conhecesse seus pais e então resolvi que irei com ela passar uma semana na localidade onde eles moram.

AUDIO - ACORDE DE SUSTO TREMENDO.

CORTE

P.P. de LUIZ, esforçando-se por se manter sereno, embora não o esteja e nada.

LUIZ - Mas dona Hortência... o lugar é tão sem conforto... Papai está com a casa em obras, talvez não possa alojá-las... tio Alcor está viajando, então estaria tudo resolvido.

CORTE

P.A. dos TRES

HORTÊNCIA - Não importa. Nós ficaremos mesmo no Hotel.

LUIZ - O Hotel é uma coisa horrível! O desconforto é total. Quem sabe fazemos ao contrário... Eu faço mamãe e papai vêm passar uma semana aqui...

HORTENCIA - Não, não... sua mãe é doente, eu não tenho o direito de obrigá-la a isto. E ademais, indo lá, nós conheceremos toda a família.

DALVA - É, meu querido. Você acha ruim nós irmos?

LUIZ - Não, não... ruim por que? Quer dizer... ruim pela viagem que é longa e pelo hotel que é péssimo.

HORTENCIA - Não faz mal. A gente já está prevenida... sabe que é por pouco tempo... suporta bem.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

CORTE

P.P. de HORTENCIA

APROXIMAÇÃO até G.P. de HORTENCIA

FUSÃO com G.P. de MARIA, no vestibulo, com o fone no ouvido.

- VESTIBULO DA SALA DE VISITAS -

MARIA - Ah, é o doutor Luiz? Aqui é a Maria, doutor. (Pausa) Está sim senhor, o senhor espere um momentinho que eu vou chamá-la.

MARIA SOLTA O FONE NA MESINHA E VAI PARA A SALA DE VISITAS.

PAN.HOB. vai com ela.

DALVA ESTA SENTADA NA POLTRONA, LENDO.

MARIA - Dona Dalva, o doutor Luiz está chamando a senhora ao telefone.

DALVA LEVANTA E CAMINHA PARA O VESTÍBULO.

PAN. HOR. acompanha DALVA

DALVA - Alô, querido, como vai? (Pausa) Que aconteceu? (Pausa) Sua mãe? (Pausa) E você embarca quando? (Pausa) Você vem aqui antes? (Pausa) Sim... (Pausa) Sim... (Pausa) Sim... (Pausa) Que pena. (Pausa) Está bem, nós ficaremos esperando o seu aviso. (Pausa) Obrigada, querido, boa noite para você.

DALVA DESLIGA O TELEFONE, HORTENCIA ENTRA

EM QUADRO.

HORTENCIA - Era com o teu noivo que falavas?

DALVA - Sim. Ele vai embarcar amanhã cedo. Foi chamado porque a mãe não está passando muito bem. De lá ele vai nos avisar para nós só embarcarmos depois que tudo tenha se normalizado.

HORTENCIA - É claro. Que iríamos fazer lá com a senhora doente? Ele não atenderia direito nem a ela e nem a nós. Se não pudermos ir na semana que vem, iremos na outra, mas deixar de ir não deixarei de forma alguma. Quero conhecer de perto essa gente, antes que seja tarde e eu possa me arrependar.

APROXIMAÇÃO até G.P. de HORTENCIA

com expressão de preocupação.

FUSÃO com: G.P. de CATARINA, encosta

na ao balcão.

- TINTURARIA PEQUENA -

AFASTAMENTO até P.A. de CATARINA, DEMA

TRIO e LUIZ.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

ILUMINAÇÃO - NOITE COM BASTANTE CONTRASTE.

LUIZ - A minha vinda aqui, teve apenas uma finalidade. A de conseguir do senhor e de mãe de fecharem definitivamente esta tinturaria.

AUDIO - ACORDE DE SUSTO TREPENDO.

ACTO II... Par. 10

CORTE

P.A. de DEMÉTRIO e CATARINA

CORTE

P.P. de LUIZ, desagrado

CORTE

P.P. de DEMÉTRIO

DEMÉTRIO - Fechar a tinturaria?!...

CATARINA - Mas fechar a tinturaria por que?

DEMÉTRIO - De que iríamos viver, se fecharmos o nosso ganha pão?

LUIZ - Depois de casado, poderei mandar uma mesada a vocês. Não precisarão trabalhar.

DEMÉTRIO - Não, meu filho, que esperança! O papai não pode aceitar isto. Ele não é nem tão velho e nem inválido.

ENTRA UM FREGUEZ PELA CAMERA E CONTA A CONVERSA.

FREGUEZ - Boa noite, seu Demétrio.

TODOS - Boa noite.

FREGUEZ - A minha roupa está pronta?

DEMÉTRIO - Sim senhor. Quer levar agora?

FREGUEZ - Agora não, porque eu não trouxe dinheiro. Amanhã de manhã venho buscar.

DEMÉTRIO - Leve a roupa e passe amanhã quando passar aí; não tem importância.

DEMÉTRIO PEGA UM CARIDE COM ROUPA E ENTREGA AO FREGUEZ QUE SAI COM ELA NA MAO, BEIJA CAMERA.

FREGUEZ - Obrigado então, seu Demétrio.

Amanhã eu trago o dinheiro. Boa noite.

TODOS - Boa noite.

CORTE

P.P. de LUIZ, já sonzado

CORTE

P.P. de DEMÉTRIO, já queimado, também

LUIZ - Então, meu pai, o senhor insiste em não querer fechar este comércio?

DEMÉTRIO - Insisto, sim, porque foi deste comércio que eu tirei, estes anos todos, para os meus estudos e tiro ainda hoje para o meu sustento e o de sua mãe.

LUIZ - Está bem, mas o senhor, agora, não vai querer anular tudo que fez, estragando a minha vida e desfazendo o meu casamento?

CORTE

P.P. de LUIZ

CORTE

P.A. de DEMÉTRIO e CATARINA

CATARINA - Ora essa! Desfazendo o seu casamento por que?

CORTE

P.P. de LUIZ, indignado, foiceando

CORTE

P.A. de DEMÉTRIO e CATARINA

AFASTAMENTO até enquadrar LUIZ.

DEMÉTRIO - Porque éle arranjou uma boneca de cheiro que por certo se sente envergonhada de ser trabalhar no balcão de uma tinturaria.

LUIZ - Não é ela que se sente envergonhada, está ouvindo? Sou eu.

AUDIO - ACORDE DE SUSTO VIOLENTO.

CATARINA - Meu filho!...

LUIZ - Sou eu, sim. Ela, coitada, nem sabe que espécie de gente vocês são. Ao contrário, pense que são de sociedade como ela e que pertencem à nata de sociedade daqui. Se chegar, aqui e constatar esta miséria toda... nem sei o que será capaz de fazer.

DEMÉTRIO - Então... foi para que ela não viesse o que realmente éramos que você mentiu a respeito de sua formatura? Para evitar que nós fossemos? Eu agora lhe pergunto: não foi o dinheiro da tinturaria que lhe permitiu alcançar a posição social que você hoje desfruta junto de sua noiva? Como pode ser ingrato e virar o coxo onde sempre comeu? Você não saiu a mim, nem à sua mãe. Você é um degenerado.

CATARINA - (Procurando amansá-lo) Meu velho!

HÁ UMA PAUSA. A ADVERTENCIA DE CATARINA PAZ COM QUE DEMÉTRIO SE CONTENHA.

DEMÉTRIO - Está bem, meu filho. Eu agora já compreendi tudo. Pode ir descansado que amanhã mesmo, esta tinturaria se fechará para sempre!

AFASTAMENTO até P.M. da CENA

LUIZ SAI PELA CÂMERA E DESAPARECE NA PORTA.  
DEMÉTRIO DEIXA-SE CAIR NUMA CADEIRA, VENCIDO E FERIDO PELA INGRATIDÃO DO FILHO. CATARINA SENTE A SITUAÇÃO E SEM DIZER PALAVRA VEM POR TRÁS DELE E APAGA-LHE OS CABELOS. DEMÉTRIO DEIXA CAIR

AS LÁGRIMAS EM SILÊNCIO. HÁ PAUSA AINDA.

DEMÉTRIO - Tu viu só a incredulidade desse diabo, minha velha? Tá viu? Tem vergonha de nós.

CATARINA - Não, velho... não é bem assim.

DEMÉTRIO - É bem assim como eu te digo, velha. Desgraceadamente, nosso filho se envergonha da nossa pobreza honrada. Se eu fosse um homem que tivesse roubado a vida toda, mas hoje estivesse rico, ele não se envergonharia. E foi pra isto que a gente trabalhou estes anos todos! Foi pra isto que passamos muitas noites em claro, embalando ele pequenino, quando tava doente... foi pra isto que muitas vezes deixamos de ir num cinema distrai um pouco as ideias cansadas de trabalho e de preocupação, pra que ele tivesse mais um dinheirinho no fim do mês e pudesse se divertir lá na cidade.

CORTE

F.P. de CATARINA, as lágrimas rolando dos olhos, em silêncio.

CORTE

F.P. de DEMÉTRIO, chorando

CATARINA - Não faz assim, velho. Tá sofrendo e me fazes sofrer.

DEMÉTRIO - Mas é duro de se ouvi o que eu ouvi hoje da boca de meu filho, Catarina! É duro me lembrá que por senti vergonha de nós, ele nos privou de maior alegria que nós pensava ter na nossa vida e que era de vê, um dia, ele recebê o diploma de doutor! Ele não podia fazer isso, velha! Ele não tinha o direito de fazê!

CORTE

F.A. de CATARINA e DEMÉTRIO

CATARINA - Não fica desse jeito, meu velho. Isso não é mau. Ele vai pensar no que fez e vai se arrepender.

DEMÉTRIO - E que vai adiantá o arrependimento, se ele já machucou demais o coração deste pobre velho?

CORTE

P.P. de DEMÉTRIO, chorando

APROXIMAÇÃO até G.P. de DEMÉTRIO

FUSÃO com G.P. de DALVA, no telefone

- VESTÍBULO DA SALA DE VISITAS -

CATARINA - Deus às vezes nos manda tristezas grandes, como esta, para experimentar até onde vai a nossa fé. Não se deixe abater meu velho. Olhe para o céu e diga comigo: seja feita a Vossa vontade, meu Pai!

DEMÉTRIO - Seja feita a vossa vontade, meu Pai!...

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL DRAMÁTICA

DALVA - Sua mãe melhorou? (Pausa) Que bom! Você chegou quando? (Pausa) Hoje de manhã? (Pausa) Você vai nos esperar aí ou volta pra ra nos buscar? (Pausa) Inda não sei. Mãe é que vai resolver. (Pausa) Está bem, querido, um abraço e um beijo para você e estimo as melhoras de sua mãe. (Pausa) Obrigada.

DALVA DESLIGA O TELEFONE. PASSA PELA CADEIRA E PEGA UM CABIDE COM UM VESTIDO. LEVANTA E EXAMINA-O.

APROXIMAÇÃO até DEP do vestido na mão de DALVA.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com: DEP do outro vestido, num cabide, na mão de CATARINA, parada do lado de fora da porta.

- TINTURARIA PEQUENA -

CATARINA EXAMINA O VESTIDO E FALA PARA LONGE. (CÂMERA)

CATARINA - Quando ele estiver pronto, eu mando levar na sua casa.

CATARINA SE VIRA DE COSTAS PARA A CÂMERA ABRE A PORTA DA TINTURARIA E ENTRA. ATIRA O VESTIDO PARA UM LADO E DÁ UM GRITO ESTRIDENTE, LEVANDO A MÃO A BOCA.

CHICOTE

DEP dos pés de DEMÉTRIO, pendurados de uma trave do teto.

As pernas só devem ser vistas dos joelhos para baixo.

CATARINA SE PRECIPITA PARA AS PERNAS DE  
DEMETRIO, AJOELHA-SE NO CHÃO E ABRAÇADA  
COM ELAS CHORA CONVULSIVAMENTE, DESESPE  
RADA.

CATARINA - Demétrio, meu velho... por que  
fizeste isto?!... Por que fizeste isto?!

APROXIMAÇÃO até G.P. de CATARINA, so  
lucandodesesperada, abraçada nas per  
nas do marido.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL ADEQUADA

DESFOQUE

FOCALIZA em P.P. de LUIZ, abatido, na  
frente da

- TAPADEIRA LISA -

LUIZ - E foi esta a minha história! E foi  
este o meu drama! Nunca imaginei que quan  
do meu pai me dizia que no dia seguinte  
fecharia a tinturaria para sempre, suas  
palavras encerravam a trágica ameaça da  
sua morte. Eu não teria feito o que fiz.  
Fui bem castigado, porque sua morte reve  
lou a minha verdadeira situação e além de  
perdê-lo... perdi também minha noiva.  
Se depois de tudo isto, alguém achar que  
mereço, ainda, um castigo maior... que me  
atire a primeira pedra!

AUDIO - SUPLEXO MUSICAL

CHICOTE

DEF de CORAÇÃO DE JESUS.

SUPERFOE

- ATIRE A PRIMEIRA PEDRA

- ENCERRAMENTO.

AUDIO - DISSOLVE

ATIRE A PRIMEIRA PEDRA

HISTÓRIA E REALIZAÇÃO DE ÉRICO CRAMER

.....  
PERSONÁGENS:

CELSO..... ~~JÚLIO FLÁVIO~~ ANTÔNIO LARA  
DR. TELMO..... J. PIRES  
IVETE..... TÂNIA MARIA - ~~CILOUDES~~  
LAURO..... ~~ANTÔNIO LARA~~ ELEU SALVADOR  
MARTA..... ~~MARZA DE OLIVEIRA~~ ELISABETH SANTA LÚCIA  
SECRETÁRIA..... MARIA HELENA

.....  
CENÁRIOS:

- 1º) - TAPADEIRA LISA
- 2º) - SET DE GABINETE LUXUOSO
- 3º) - SALA DE VISITAS DE GRANDE LUXO, CONJUGADA COM  
BOUDOIR REQUINTADO.
- 4º) - SET DE JARDIM COM BANCO

.....  
DATA DA APRESENTAÇÃO..... 29.11.1961

.....  
TV PIRATINI - CANAL 5  
.....

.....  
SLIDES: (Os de costume)

ÁUDIO: PREFIXO MUSICAL

ABERTURA em:

DET DE CORAÇÃO DE JESUS  
- TAPADEIRA LISA -

VOZ: ... e aquela que se julgar sem pe-  
cado... que lhe atira a primeira pedra!

CHICOTE

P.P. de CELSO

- TAPADEIRA LISA -

CELSO - Meu nome é Celso, tenho vinte  
dois anos e uma história que bem melhor  
fora esquecer, para não sentir tão vivo,  
dentro de mim, o sentimento do remorso.  
(Pausa e Tom) Tudo começou quando conhe-  
ci Marta, numa reunião em casa de uma  
família amiga e me enamorei dela perdi-  
damente. Alguns dias mais tarde...

DESFOQUE

FOCALIZA EM: P.A. de TELMO, sentado no  
seu birô, conversando com o filho LAURO

TELMO - Eu não sei se você já sabe que  
sua irmã está de namorado?

- SET DE GABINETE LUXUOSO -

AFASTAMENTO até enquadrar LAURO

LAURO - Mais ou menos, papai. Ela me fa-  
lou muito por alto no assunto.

TELMO - Eu não me oponho a que sua irmã  
namore, mas quero saber quem é o rapaz  
e a que família pertence.

LAURO - Talvez a família de dona Elvira,  
onde ela o conheceu, possa nos dar essas  
informações.

TELMO - Era exatamente isso que eu que-  
ria que você fizesse, meu filho.

LAURO - Posso fazer, papai. Não me custa  
nada. Pode ficar descansado que hoje mes-  
mo, à noite, já começarei a agir.

TELMO SE LEVANTA PARA SAIR. ARRUMA A GRAVATA.

TELMO - E logo que saiba alguma coisa  
peço-lhe que venha me dizer.

APROXIMAÇÃO até G.P. de TELMO

ÁUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com: G.P. de IVETE, de chambre, sentada na sala, lendo um livro e fumando.

- SALA DE VISITAS -

AFASTAMENTO até enquadrar CELSO, na janela ao fundo, espiando para fora, através da cortina que ele afasta um pouco.

IVETE PARA UM MOMENTO DE LER E REPARA EM CELSO.

IVETE - Que está espiando, meu filho?

CELSO - Um rapaz que está parado lá na esquina e que desde ontem anda me seguindo. Eu já estou ficando por conta com esse negócio.

IVETE SOLTA O LIVRO, LEVANTA E VAI ESPIAR NA JANELA.

CELSO - É aquele que vai saindo lá, ó.

IVETE - Estranho... que querará ele com você?

PAN. HOR. acompanha IVETE e CELSO

IVETE VOLTA PARA O CENTRO DA SALA. CELSO TAMBEM.

CELSO - Amanhã, se ele continuar nessa brincadeira de mau gosto, eu já vou saber.

IVETE - Isso mesmo. Trata de esclarecer logo o que ele quer porque é muito desagradável uma pessoa seguindo os passos da gente sem que se saiba porque.

IVETE SENTA E TORNA A PEGAR O LIVRO. CELSO SENTA E PERTO DELA.

P.A. dos DOIS

CELSO - Ah, mãe, mudando de assunto, o Ramos vai telefonar para a senhora. Quer propor a troca do seu carro por um pequeno, quilômetro zero.

IVETE - Eu estou muito satisfeita com o meu carro e não pretendo trocá-lo.

CELSO - Eu disse a ele, mas acho que ele está com esperança que a senhora compre o pequeno para mim.

CORTE

P.P. de CELSO, sorrindo

CORTE

P.A. de IVETE

CORTE

P.A. de CELSO, sorrindo e sacudindo a cabeça, afirmativamente.

FUSÃO com G.P. de LAURO, sentado perto de TELMO.

- SET DE GABINETE LUXUOSO -

APASTAMENTO até encobrir TELMO

IVETE - Não é só ele que está com essa esperança. Você também, mas eu já lhe disse que só lhe darei carro no dia do seu casamento. Até lá você andará no meu.

CELSO - Então é possível que dentro de um ano, no máximo, a senhora tenha que cumprir a sua promessa.

IVETE - Por que? Já há noiva a vista?

CELSO - Arranjei uma garota que é um amor e se tudo correr como eu penso, dentro de dois anos, no máximo, estarei casado.

ÁUDIO - PASSAGEM MUSICAL

LAURO - Já tenho as informações que o senhor desejava, meu pai.

TELMO - Muito bem. E o rapaz serve ou não serve?

LAURO - Segundo me disseram, ele termina o seu curso de direito ao fim deste ano, tem uma esplêndida situação econômica e, futuramente, por morte de mãe, ficará numa situação ainda melhor.

TELMO - Muito bem, mas... e a família? Isso é o que mais me interessa.

LAURO - Bem, na família é que peço o carro. Ninguém sabe direito quem é. Uns dizem que a mãe dele é viúva de um fazendeiro de Restinga, outros afirmam que é filha quitada de um industrial paulista, mas esse ponto eu não consegui esclarecer.

CORTE

P.P. de TELMO, pensativo

CORTE

P.P. de LAURO

CORTE

P.P. de TELMO, reagindo

AFASTAMENTO até P.A. dos DOIS

APROXIMAÇÃO até G.P. de TELMO

FUSÃO com G.P. de IVEETE, sentada no sofá, vestido elegante, lendo revista.

- SALA DE VISITAS -

AFASTAMENTO até P.G. do AMBIENTE

IVETE SE LEVANTA E VAI ATENDER A PORTA.

ABRE-A.

PAN. HOR. acompanha IVEETE.

APARECE TELMO DO OUTRO LADO DA PORTA.

P.A. dos DOIS.

TELMO - Viuva de um fazendeiro de Vestinópolis. Quando eu era solteiro, passei dois anos lá... Sabe o nome dela e do marido?

LAURO - O sobrenome do rapaz é Barreiros, mas a senhora se assina apenas Ivete Canter.

AUDIO - ACORDE DE CHOQUE TREMENDO

TELMO - Ivete Canter? (Pausa) Eu conheci lá uma Ivete, mas o sobrenome parece-me que era Sander. Lembrou-me tão bem dela, que se a visse, hoje, seria capaz de reconhecê-la. Sabe onde ela mora?

LAURO - Sei, sim senhor. Eu ocultei o rapaz até lá.

TELMO - Pois então eu irei tirar isto a limpo.

TELMO - E Deus permita que não seja a pessoa que penso!

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

ILUMINAÇÃO - EFEITO DE NOITE.

CONTRA NEGRA - CAMPAINHA DE PORTA

TELMO - Boa noite.

IVEETE - Boa noite.

TELMO - A senhora é dona Ivete, não é verdade?

IVEETE - Perfeitamente. O senhor desejava alguma coisa?

TELMO - Sim, eu precisava falar alguns instantes com a senhora. Poderá me receber agora ou preferir que eu volte numa outra hora qualquer?

IVETE - Não, não. Temha a bondade de entrar.

TELMO ENTRA. IVETE FECHA A PORTA E CAMI  
NHAM OS DOIS PARA O CENTRO DA SALA.

PAN. HOR. acompanha os dois.

IVETE - Tenha a bondade de sentar-se.

TELMO SENTA E IVETE SEGUE-O.

TELMO - A senhora não se lembra de mim: não  
é verdade?

IVETE - Assim de momento, não. Pode ser que  
se o senhor me avivar a memória...

TELMO - Eu, quando solteiro, há vinte dois  
anos passados, morei algum tempo em Restinga.

AUDIO - ACORDE DE SUSTO.

IVETE - Em... em Restinga? E é de lá que o  
senhor me conhece?

TELMO - Exatamente. Não se lembra de um rapaz  
que era caixeiro viajante e tinha muita volun-  
tade de estudar medicina? Um que se chamava  
Telmo?

AUDIO - ACORDE DE SURPREZA

IVETE - Meu Deus!... É você?!...

TELMO - Sou eu, sim.

IVETE ~~meu Deus~~ Nunca pensei que, depois de to-  
tos anos, pudesse vir a encontrá-lo, um dia,  
em situação tão diferente!

TELMO - É verdade! Eu também nunca pensei.  
Sabe que estou aqui para falarmos de um as-  
sunto muito sério?

IVETE - (acostumando-se) Ah sim? Que poderá ter  
você, de tão sério, para tratar comigo?

TELMO - Já vai saber. Você tem um filho, não  
é verdade?

IVETE - Sim. Você... você não sabia? Naquele  
Ano, eu tenho a impressão de que lhe havia  
dito...

TELMO - Disse, sim, mas o que se nunca imagi-  
nei é que, depois de tantos anos, viesse, um  
dia, a me encontrar em tal situação.

CORTE

P.P. de IVETE, reagindo.

CORTE

P.P. de TELMO

CORTE

P.P. de IVETE

CORTE

P.A. dos DOIS

TELMO - (CONT.) tão delicada, compreende?  
HÁ UMA PAUSA. ELE ESTÁ CAUTELOSO. ELA DES-  
CONFELADA, SOPRENDO HORRORES POR ANTECIPAÇÃO

IVETE - Diga-me, por favor... você... vo-  
cê será, por fatalidade, pai de Marta?

TELMO - Exatamente.

AUDIO - ACORDE TRAGICO EM FUNDO.

TELMO - E estou aqui, precisamente, para  
falarmos de nossos filhos.

AUDIO - REPETE O ACORDE.

IVETE - Eu já mais ou menos imagino as coi-  
sas que você terá para me dizer.

TELMO - É bom. Poupe-me de dizê-las. Você,  
por acaso, invertidos os papéis, consenti-  
ria nesse casamento?

IVETE - Talvez... quem sabe?

TELMO - Não. Você sabe muito bem que não  
consentiria.

IVETE - É... talvez... Mas finalmente...  
o que é que você quer que eu faça em tudo  
isso?

TELMO - Convencer o seu filho de desistir  
desse namoro antes que seja tarde demais.

IVETE - E se ele não aceitar as minhas su-  
plicas?

TELMO - Trata de mandá-lo para longe, sob  
qualquer pretexto.

IVETE - E pensa que será fácil?

TELMO - A sociedade adora conhecer a vida  
dos Estados Unidos. Kehum rapaz recruta  
uma temporada de seis meses ou um ano na  
qualta maravilhosas caritas! que a New York.

IVETE - Isto é um pedido... ou uma imposi-  
ção.

TELMO - Inicialmente, um pedido. Se for  
preciso, se tornará uma imposição.

CORTE

P.P. de IVETE, sofrendo contida

CORTE

P.P. de TELMO

CORTE

P.P. de IVETE

CORTE

P.A. dos DOIS

CORTE

P.P. de TELMO, aproximação a IVETE

CORTE

P.F. de IVETE, desesperada

CORTE

P.F. de TELMO

CORTE

P.F. de IVETE, apavorada

CORTE

P.A. dos DOIS

IVETE - Mas <sup>de</sup> que adianta se todos os meus esforços, meu filho rejeitar e não quiser me atender?

TELMO - Será uma pena, para você, porque ele ficará sabendo de muita coisa que não teria necessidade de saber.

AUDIO - ACORDE DRAMATICO

IVETE - Não! Você não pode fazer isso! Não pode!

TELMO - O que eu não posso é permitir o casamento dele com minha filha. E para evitá-lo, estou disposto a qualquer extremo.

IVETE - Mas por favor, Telmo, pense um pouco! Meu filho não tem culpa de nada.

TELMO - Nem minha filha, também.

IVETE - Mas ele é um ótimo rapaz... um ex-  
celente coração... um menino que foi em  
esse sentido completamente diferente e  
inteligente... Mas não...

TELMO - Não se interessez nas qualidades  
que seu filho possa ter. Elas são apreci-  
áveis, não há dúvida, mas falta-lhe uma  
coisa que eu de maneira algumaerei  
poder dispensar: falta-lhe berço.

TELMO - Portanto, penso que não temos  
mais o que conversar. Você já sabe qual  
são as minhas disposições, trate de fazer  
o que estiver ao seu alcance.

TELMO SE LEVANTA E CUMPRIMENTA APENAS DE  
CABEÇA.

TELMO - Passe bem.

IVETE NÃO RESPONDE. ESTÁ CHORANDO. TELMO  
SAI DE QUADRO EM DIREÇÃO A PORTA. IVETE  
CAI SENTADA NUMA POLTRONA, VENCIDA.

IVETE - Por que cobrar minhas dividas  
quando o meu filho que não tem culpa de  
nada? ... *Por que meu Deus? Por que??*

CORTE

P.F. de TELMO, cortado, resoluto

CORTE.

P.A. dos DOIS, IVETE completamente des-  
esperada, chorando.

APROXIMAÇÃO até G.P. de IVETE

FUSÃO com: G.P. de MARTA, com CELSO

- SET DE JARDIM COM BANCO -

AFASTAMENTO até P.A. dos DOIS

AUDIO - CORTINA MUSICAL

MARTA - Papai descobriu nosso namoro. E ontem me falou sobre ele.

CELSO - É bom. Assim ele lá não estranha o dia que eu lhe pedir permissão para frequentar a sua casa.

MARTA - Mas ele me disse que não quer que eu namore.

AUDIO - ACORDE VIOLENTO DE SUSTO.

CELSO - Mas como?! Por que?

MARTA - Ele alegou uma porção de coisas que eu nem ouvi direito.

CELSO - Seu pai não pode impedir que você namore. Você é uma moça e além disto eu vou me formar brevemente e não estou namorando você para me divertir. Eu quero casar com você.

MARTA - Deixa. A gente continua e não liga pra ele.

CELSO - Não senhora. Amanhã mesmo vou procurar seu pai e entender-me com ele a este respeito.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

CORTE

P.P. de MARTA

CORTE

P.P. de CELSO, decidido

APROXIMAÇÃO até G.P. de CELSO, contrariado.

FUSÃO com G.P. de TELMO, escrevendo.

-SET DE GABINETE LUXUOSO -

CORTE

P.A. de Secretária, na porta

AFASTAMENTO até P.M. de CENA

TELMO PARA DE ESCREVER E OLHA PARA A PORTA

SECRETARIA- Tem aí um rapaz que quer falar com o senhor. Diz que seu nome é Celso Barreiros.

TELMO - Pode mandar entrar.

A SECRETARIA SAI. TELMO PENSA.

TELMO - Será que a mãe já lhe falou do assunto? Não creio. Ela não se entrecala facilmente.

CELSO - (da porta) Dé licença?

TELMO - Pode entrar.

CELSO ENTRA E VAI ATE PERTO DE TELMO.

TELMO - Sente-se, por favor. Queria falar comigo?

CELSO - (sentando) Sim senhor. Sou Celso Center Barreiros, acadêmico de direito, de vo me formar dentro de quinze dias, namoro sua filha há algum tempo e ontem fui surpreendido com a sua proibição. Desejava uma explicação de sua parte.

CORTE

P.P. de TELMO; irritado mas contido

TELMO - Pois não. É que eu simplesmente não desejo que minha filha continue esse namoro e por isso o proibi.

CORTE

P.P. de CELSO

AUDIO - ACORDE DE CHOQUE GRANDE.

CELSO - Bem, mas eu posso saber, ao menos, se o motivo dessa proibição se prende a mim?

CORTE

P.P. de TELMO

TELMO - Eu preferia que você conversasse com sua mãe. Ela talvez possa lhe explicar melhor.

APASTAMENTO até P.A. dos DOIS

CELSO - Doutor Telmo, minha mãe nada tem a ver com este assunto. Ele deve ser resolvido por nós dois.

TELMO - Encana-se. Ele terá que ser resolvido entre você e sua mãe.

CELSO - Doutor Telmo, eu tenho direito a uma explicação da sua atitude e exijo-a.

CORTE

P.P. de TELMO - (LIVRA CELSO)

TELMO - Pois muito bem, já que você exige, eu lhe direi a verdade. (Pausa e tom) No meu tempo de solteiro, eu morei em Bastina onde sua mãe também morou e até hoje tem os seus bens. E a história desses bens é uma história sumamente agradável. Eu vou lhe contar.

APROXIMAÇÃO até G.P. de TELMO

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSAO com: G.P. de IVETE, pintando os lábios, na frente da penteadeira.

ATUARE... Pág. 10

APARTAMENTO 446

P.O. de CENA.

ABRE-SE A PORTA DE COMUNICAÇÃO DA SALA  
COM O BOUDOIR E CELSO ENTRA, CAMINHANDO  
ATE IVETE COM EXPRESSÃO SOMBRIA, PARA JUN-  
TO DELA, OBSERVANDO-A COM PROFUNDO RANCOR.

IVETE - Que há, meu filho? Você quer as  
suas coisas?

CELSO - Quero, sim. Quero falar seriamente  
com a senhora.

IVETE SE VIRA PARA ELE ABANDONANDO O ESPELHO.

CORTE

P.A. de IVETE e CELSO.

IVETE - Meu filho, você está com ar tão  
excitado... Que aconteceu?

CELSO - Aconteceu que eu estou chegando  
do escritório do Dr. Telmo, com quem tive  
uma longa conversa a seu respeito.

AUDIO - ACORDE DE SUSTO VIOLENTO

IVETE - Que lhe disse esse homem?

CELSO - Todas as imundices do seu passado!

AUDIO - ACORDE VIOLENTO.

IVETE - Mãe, meu filho, não!...

CORTE

P.P. de IVETE, num choque tremendo

CORTE

P.P. de CELSO, violento

CELSO - Contou-me, inclusive, da que modo  
a senhora fez a fortuna que hoje possui.  
Desviando moças pobres e inocentes, para  
entregá-las a velhos devesas. Apresentou-  
me provas de uma ligação clandestina entre  
ela e a senhora. Contou, com suas fotos,  
~~alguns~~ e até retratos. Fiquei muito  
Mas tive uma palavra para dizer em sua  
defeza. Sai de lá humilhado, cabeça noca-  
dida ao peso de uma vergonha que hei de  
arrastar pelo resto da minha vida. Que me  
adianta tudo que tenho, tudo mais que a  
senhora me deu, se acabo de perder meu  
amor, por culpa das suas indignidades?  
Odeio-a! Odeio-a! Vou me embora a nunca  
mais quero vê-la!...

CELSO SAI RAPIDAMENTE PARA A SALA. ~~alguns~~

IVETE - (num grito) Meu filho! Meu filho!

IVETE SE ATIRA NO DIVAN A SOLUÇAR. VAI  
PARANDO. PARA. PENSA. REAGE. VAI À SALA

PAN. HOR. vai com IVETE.

IVETE LIGA O TELEFONE. ESPERA UM POUCO

IVETE - Quem fala? É o doutor Telmo?

(Pausa) É Ivete. Eu estou desesperada.

O senhor foi dizer tudo ao meu filho.

Não podia, não tinha esse direito. Foi

maldade. (Pausa) Mas o senhor não me deu

tempo. Eu tinha que prepará-lo. Não po-

dia lhe dizer tudo de chofre. (Pausa)

Dr. Telmo, por favor! Eu estou rica, ri-

quíssima... eu ... entregarei toda a mi-

nha fortuna ao senhor e à sua filha, mas

pelo amor de Deus chame o meu...

ELE CORTOU A LIGAÇÃO. ELA PARA AUTOMÁTICA-  
MENTE. PENSA, SACODE A CABEÇA COM DESESPERO  
SEMPRE DE FONE NA MÃO. O FILHO SAI DA OUTRA  
PORTA COM A MALA NA MÃO.

CORTE

P. A. de CELSO, na porta do interior.

PAN. HOR. vai com Celso.

CELSO PASSA PERTO DA MÃE. ELA TENTA SEGURÁ-  
LO MAS ELE DÁ UM EMPURRÃO E ATIRA-A AO CHÃO.  
ELA SAI. ELA PICA UM MOMENTO CAIDA. CHORA.  
LEVANTA. VAI AO BOUDOIR. BOTA MEIO COPO DE  
AGUA, ABRE A GAVETA, TIRA UM PAPELSINHO.  
DERRAMA NA AGUA. MISTURA. BEBE. PEGA O RE-  
TRATO DO FILHO. ABRAÇA-SE COM ÊLE.

IVETE - Perdôa, meu querido! Perdôa os  
pecados todos de tua mãe! Tudo foi por  
ti, meu querido! Só por ti e pensando  
no teu futuro!...

IVETE CAI DE JOELHOS PERTO DO DIVAN ABRAÇA  
DA COM O RETRATO. SENTE DOR E SE CONTOSCE.  
ENCLINA-SE SOBRE O DIVAN E O PORTA RETRA-  
TO CAI-LHE DA MÃO.

PAN. HOR. para o retrato.

DESFOQUE.

FOCALIZA EM: P. P. de CELSO, na

- TAPADEIRA LISA -

ÁUDIO - PASSÁGEM MUSICAL

CELSO - Eu fui o causador do suicídio  
de minha mãe. Sabia que ela não re-  
sistiria viver sem mim e tinha certeza  
que ela faria o que fez, mas eu não po-  
dia suportar a ideia hedionda do seu  
passado e preferi que ela desaparecesse,  
e ter que continuar maltratando-a. Esta  
é a minha história e aquela que achar

CELSO - (CONT.) que procedi mal abandonan  
do-a... que me atire a primeira pedra!

CHICOTE para  
CORÇÃO DE JESUS.

ÁUDIO - SUFIXO MUSICAL

- AIRE A PRIMEIRA PEDRA -
- ENCERRAMENTO -

ATIRE A PRIMEIRA PEDRA

HISTÓRIA E REALIZAÇÃO DE ÉRICO GRAMER

PERSONÁGENS:

ANTONIO MARCOS..... NELSON SILVA  
JOÃO MARCOS..... ODILON LOPES  
MARIA TEREZA..... MARIA HELENA ANDRADE  
MÁRCIA EUGÊNIA..... ROSA MARIA  
DONA AUGUSTA..... LINDA GAY  
ELISA..... MARIA HELENA

GENÁRIOS:

- 1º) - TAPADEIRA LISA (2 metros)
- 2º) - SALETA MODERNA DE APARTAMENTO
- 3º) - VESTÍBULO CONJUGADO COM SALA LUXUOSA ANTIGA

DATA DA APRESENTAÇÃO..... 6.12.61

TV PIRATINI - CANAL 5

SLIDES: (Os de costume)

ÁUDIO: PREFIXO MUSICAL

ABERTURA em DET. de CORAÇÃO DE JESUS

VOZ: ... e aquele que se julgar sem pecado que lhe atire a primeira pedra.

CHICOTE

P.P. de MÁRCIA EUGÊNIA, abatida

- TAPADEIRA LISA -

MÁRCIA - Sou Márcia Eugênia, solteira, tenho vinte e quatro anos e quero confessar, diante de todos, um grande pe-  
cado da minha vida, que tem me amargurado terrivelmente. Tudo começou da seguinte forma: certa tarde, em que eu desejava combinar uma reunião com as minhas ami-  
gas, no momento em que ~~me~~ ligava o te-  
lefone para uma delas...

DESFOQUE

FOCALIZA em: DET de telefone

CONTRA REGRA - TELEFONE CHAMA DUAS VEZES

- SALETA MODERNA DE APARTAMENTO -  
AFASTAMENTO até enquadrar ANTÔNIO,  
sentado numa poltrona, de robe de  
chambre, lendo e fumando.

ANTONIO VAI ATENDER O TELEFONE

ANTÔNIO - Alô! - Dois, meia quatro, cinco  
quatro. (Pausa) Não, senhorita. É da ca-  
sa de Antônio Marcos. É Antônio Marcos  
mesmo quem está falando. (Pausa) A mi-  
nha voz? (Pausa) Interessante... a se-  
nhorita não é a primeira pessoa que me  
diz isto. (Pausa) Mas sabe por que que  
eu não faço? (Pausa) Porque não admito  
cantor medíocre. (Pausa) Não seria? Is-  
so é bondade sua. (Pausa) Vamos a ver.  
Pode ser que um dia eu me resolva a ten-  
tar. (Pausa) Mas claro, se for bem suce-  
dido hei de sempre lembrar-me do seu in-  
centivo. (Pausa) Um momento, eu vou to-  
mar nota: pode dizer. Dois... um tres-  
... quatro meia... Está. Se algum dia  
eu chegar a ser um grande cantor, hei de  
telefonar para a senhorita. (Pausa)  
Obrigado. Passe bem, senhorita.

ANTÔNIO DESLIGA O TELEFONE E VOlTA A SENTAR  
ONDE ESTAVA, FUMANDO E LENDO. ENTRA JOÃO DO  
COLÉGIO. BLUSÃO E LIVROS.

CORTE

P.A. de JOÃO, na porta que vem da rua, entrando de blusão e livros.

PAH. HOR. vai com JOÃO até enquadrar ANTÔNIO.

ANTÔNIO - Simpática criatura! Ela disse que adorou a minha voz, mas deixa lá que a voz dela também me impressionou bastante

JOÃO - Boa tarde, mano.

ANTÔNIO - (F.Q.) Boa tarde, João.

JOÃO - Você estava falando sósinho?

ANTÔNIO - Não, não... é que eu tinha acabado de atender o telefone e estava achando graça das coisas que a moça me disse, a respeito da minha voz.

JOÃO - Que moça?

ANTÔNIO - Não sei. Uma que se enganou e ligou para cá, em vez de ligar para uma das suas amigas. Mas o interessante é que eu também achei uma voz dela uma beleza, até tomei o número do telefone para conversar com ela de vez em quando.

JOÃO - Cuidado, mano Antônio, cuidado! Às vezes, numa brincadeira assim o sujeito se prende..

ANTÔNIO - Não há perigo. E os estudos como é que vão?

JOÃO - Mais ou menos. A gente vai forcejando.

ANTÔNIO - É mano, faça força para ser alguém. Nós, que somos escuros, precisamos ter muito valôr para podermos ser admitidos e respeitados pelos brancos. E eu quero que você seja, mano João. Faça questão absoluta que você seja.

JOÃO - Hei de ser, mano. Procurarei seguir o seu exemplo, esteja descansado.

APROXIMAÇÃO até G.P. de ANTÔNIO pensando

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com G.P. de MÁRCIA, ao telefone, completamente apaixonada e feliz

- VESTÍBULO E SALA LUXUOSA -

MÁRCIA - É você, Antônio? (Pausa) Eu já estava triste. (Pausa) Pensei que você, hoje, não me telefonasse mais. (Pausa) Que houve? Você é sempre tão pontual... (Pausa) Não, Antônio, eu não estou reclamando, estava apenas ansiosa por ouvir sua voz, nada mais. (Pausa) Escute, hoje

MÁRCIA - (CONT.) eu quero falar com você muito sériamente. Sabe que eu estou começando a desconfiar de você? (Pausa) Porque faz quasi tres mezes que nós nos falamos pelo telefone e você não se decide a me proporcionar uma oportunidade de conhecê-lo pessoalmente. (Pausa) Amanhã você me diz alguma coisa a êste respeito... E por que não hoje? (Pausa) Ah bem, desculpe, eu não sabia que ~~você~~ hoje era dia de você dar aula ao seu irmão. Vá, então, não quero lhe reubar mais tempo. Amanhã conversaremos novamente. (Pausa) Obrigada. Até amanhã.

MÁRCIA DESLIGA O TELEFONE E FICA SORRINDO.

CORTE

P.A. de D.AUGUSTA, de bordado ou costura, crochet ou tricot na mão, olhando para Márcia.

AUGUSTA - Eu só quero ver até onde você vai levar essa bobagem.

CORTE

P.A. de MÁRCIA, sorrindo

MÁRCIA CAMINHA PARA PERTO DA MÃE.

PAN.HOR. acompanha MÁRCIA, até encontrar AUGUSTA

MÁRCIA -- Óra, mãe, que mal faz? Isso não está me prejudicando em nada...

AUGUSTA - Mas pode prejudicar, de um momento para o outro. Havia de ter muita graça se o homem fosse casado e de repente aparecesse a mulher dele aqui em casa, para reclamar as suas palestras diárias ao telefone. Você já pensou que vergonha iria passar?

MÁRCIA - Não é casado, não, mãe. Eu sinto que êle é sincero quando me diz que é solteiro.

AUGUSTA - Mas então por que essa coisa de não querer que você o conheça pessoalmente? E olhe que você tem insistido em encontrar-se com êle.

CORTE

P.P. de MÁRCIA

MÁRCIA - Sabe o que eu penso, mãe? Que êle é muito feio ou então tem um defeito físico e teme decepcionar-me.

CORTE

P.P. de AUGUSTA, enjoada.

AUGUSTA - Trate de acabar com essa bobagem enquanto é tempo. Ouça o conselho de sua

APROXIMAÇÃO até G.P. de AUGUSTA que volta ao trabalho, expressão sombria.

AUGUSTA - (CONT.) mãe, para que depois não venha a se arrepender.

FUSÃO com: G.P. de TEREZA, expressão de grande tristeza, sentada perto de JOÃO

AÚDIO - PASSAGEM MUSICAL

- SALETA MODERNA DE APARTAMENTO -

TEREZA - Eu vim conversar com você, João e pedir que você seja bem franco comigo, porque eu não desejo continuar iludida. Que se passa com Antônio?

CORTE

P.A. de JOÃO, penalizado e procurando ainda esconder a situação.

JOÃO - Prima Tereza, eu... eu não sei por que você me faz essa pergunta... êle... êle está diferente com você?

CORTE

P.A. de TEREZA

TEREZA - Completamente diferente, João. De três meses para cá, não parece mais o mesmo. Eu chego a pensar que me fizeram algum trabalho...

CORTE

P.A. de JOÃO e TEREZA

JOÃO - Olhe aqui, prima Tereza, eu estou com muita pena de você e embora me custe muito, vou ser obrigado a lhe dizer que também eu estou muito preocupado com esta situação.

CORTE

P.P. de TEREZA, assustada

TEREZA - Mas então... existe realmente alguma coisa? Fale, João. Eu já lhe pedi que não me oculte nada. É pior para mim.

AFASTAMENTO até enquadrar JOÃO

JOÃO - Prima Tereza, o que acontece é que houve uma ligação trocada, há uns três meses, exatamente e desde então ele começou a conversar diariamente com uma moça branca. Eu todo dia dizia para ele: deixe disso mano Antônio. Essa brincadeira não vai dar certo. E não deu mesmo. Ele se apaixonou pela voz dela e agora tem medo de ser rejeitado, por causa da côr.

CORTE

P.P. de TEREZA, com voz de pranto contido.

TEREZA - Eu sabia... eu sentia que havia alguém entre nós... Eu dizia para a minha mãe e ela todo dia me afirmava que era de confiança minha. O coração de quem ama, dificilmente se ilude.

JOÃO, LOUCO DE PENA, ENTRA EM QUADRO POR TRAZ DELA

JOÃO - Não fique triste, prima. Ele ainda vai voltar para você, pode estar certa. Depois que ele sofrer a decepção de uma recusa, há de buscar em você o refúgio para a sua solidão.

TEREZA - Eu gosto tanto dele, João... tanto... que por esse preço eu nem quereria o seu retorno. Preferia, até, que ele fosse feliz ao lado dela.

JOÃO - Que grande alma e que grande coração esse teu, prima Tereza. (Pausa e tom) Como os homens são cegos, meu Deus!... Com a felicidade ao alcance das mãos e vão procurá-la tão longe... e tão alto...

JOÃO - É por isso que sofrem... e se queixam da vida.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

APROXIMAÇÃO até G.P. de JOÃO

FUSÃO com: G.P. de MÁRCIA, no telefone

- VESTÍBULO E SALA LUXUOSA -

MÁRCIA - Então quer dizer que eu posso esperá-lo no dia dezesete? (Pausa) Eu quero ver hein? Desta vez você está seriamente comprometido. Lembre-se que me deu a sua palavra de honra. (Pausa) Vamos ver. (Pausa) Falamos amanhã? (Pausa) À mesma hora? (Pausa) Está bem, querido. Uma boa noite para você, ouviu? (Pausa) Obrigada. Vou sonhar com você. (Pausa) Adeus. (Pausa) Até amanhã

MÁRCIA DESLIGA O TELEFONE E CAMINHA PARA ONDE ESTIVER SUA MÃE, SORRIDENTE E FELIZ.

PAN. HOR. acompanha MÁRCIA

MÁRCIA - Finalmente, mãe, no dia do meu aniversário, conhecerei o meu príncipe encantado.

AUGUSTA - Praza Deus que você não se arrependa dessa loucura que está fazendo.

MÁRCIA - A única coisa que pode acontecer é que ele seja um homem feio ou tenha um defeito físico qualquer, mas isso eu já disse a ele mesmo que não me importarei.

AUGUSTA - Advirto-a, desde já, que eu não deixarei essa coisa idiota passar dos limites do namoro enquanto não obtiver todas as informações a respeito desse seu galan misterioso.

MÁRCIA : Ih, mãe, a senhora já está de pé atrás com o coitado.

AUGUSTA - E você acha que eu não tenho que estar? Um homem que há quasi seis meses está nessa bobagem de conversar diariamente pelo telefone sem se resolver a dar as caras. Que é que pode ser? Um homem comprometido e que não pode ser visto na companhia de outra moça.

MÁRCIA : Ah, mããe, a senhora sempre pensando as coisas piores. Não seja assim. A senhora há de ver como tudo acabará bem.

AUGUSTA - Deus permita! Não pense você que eu deseje outra coisa. Seria uma mãe desnaturada se desejasse mal para você. A questão é que o coração das mães têm, sempre, a propriedade de sentir, à distância, o mal que vem se aproximando dos seus filhos.

AUGUSTA - É por isso que estou preocupada e procuro constantemente advertí-la do perigo.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

CORTE

P.P. de AUGUSTA

APROXIMAÇÃO até G.P. de AUGUSTA

FUSÃO com: G.P. de ANTÔNIO, no telefone, nervoso e preocupado.

JOÃO está estudando, numa poltrona perto.

- SALETA MODERNA DE APARTAMENTO -

ANTÔNIO - Ouça, querida, eu sei que prometi a você que amanhã iria pessoalmente felicitá-la, ... (pausa maior) não, não... (Pausa) lembro-me, sim, lembro-me que lhe dei minha palavra de honra, mas você quer que lhe diga francamente? Eu não tenho coragem. (Pausa) Não, não, não é isto... Sabe o que é? Eu tenho certeza absoluta de que irei decepcioná-la. (Pausa) Não, aleijado não sou, graças a Deus! (Pausa) É, eu sei que você não pode compreender, efetivamente. (Pausa) Sua mãe? Desconfiada de que? (Pausa) Bem, de fato... ela não deixa de ter as suas razões. (Pausa) E não pode compreender, mesmo. Ninguém pode compreender, só eu. (Pausa maior) Quer dizer que você não libera a minha palavra de honra? (Pausa) Exige que eu cumpra? (Pausa) E você ao menos me promete que ~~me~~ esconderá a sua decepção? Está (Pausa) Está bem. Pois então eu irei. (Pausa) Adeus, querida, até amanhã.

ANTONIO DESLIGA O TELEFONE E FICA PENSATIVO

CORTE

P.A. de JOÃO, sentado perto, estudando. Ele parou e está olhando o irmão, desagradoado.

JOÃO - Você vai, afinal, mano Antônio?

ANTÔNIO - Tenho que ir, não é João? Afinal, eu empenhei a minha palavra de honra...

JOÃO - Su não iria.

ANTÔNIO - Nem tendo empenhado a sua palavra?

JOÃO - Nem assim. Você já pensou no choque que vai ter, quando perceber a decepção dela? Sim, porque você não se iluda, mano, se você não disse a ela que é escurinho, pode estar certo que vai lhe causar uma grande surpresa.

ANTÔNIO - Pois é... o mal foi não lhe ter dito desde o princípio.

JOÃO - É claro. Devia ter dito. Mesmo porque, ser de uma raça diferente não me parece vergonha nenhuma.

ANTÔNIO - Ela me afiança que há de ser a mesma comigo, seja eu como fôr.

JOÃO - Dizer as coisas... é fácil. Cumprilas... nem sempre.

ANTÔNIO - Arre, João! Também você é de um pessimismo que apaga qualquer esperança da gente.

JOÃO - É que eu estou vendo as coisas, mano através da janela da realidade. Os vidros são incolores, não são côr de rosa como os fantasia. E depois, é preferível que você já vá sabendo o que vai acontecer, para não sofrer tanto.

ANTÔNIO COM VERDADEIRA EXPRESSÃO DE SOFRIMENTO E DESESPERO NA FISIONOMIA, FECHA OS PUNHOS E ERGUE-OS, EXALTADO.

ANTÔNIO - Cale a boca, João, cale a boca! Por que há de teimar em destruir a minha esperança?!... Deixe-me sonhar... (quasi chorando, caindo) Deixe-me sonhar...

JOÃO OLHA PARA ELE E SACODE A CABEÇA, PENALIZADO.

APROXIMAÇÃO até G.P. de ANTÔNIO, desesperado, com a cabeça nas mãos.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com: G.P. de ELISA, arrumando flores numa jarra.

- VESTIBULO E SALA LUXUOSA -

AFASTAMENTO até P.G. DACENA

ELISA - Deus do Céu! A dona Márcia tem recebido tanta flor... tanta flor... que a gente já não sabe mais onde colocar!

ELISA COLOCA A JARRA NO LUGAR DESTINADO.  
CAMINHA PARA O VESTÍBULO E PEGA UM BOUQUET  
DE CIMA DE UMA CADEIRA E COLOCA-O NO LUGAR  
DESTINADO NA SALA.

ELISA - A saleta está cheia, não se  
tem mais onde botar uma flor. Acho  
que vou deixar estas por aqui mesmo.

ENTRA AUGUSTA, TODA PREPARADA.

AUGUSTA - Que estás fazendo, Elisa?

ELISA - Acomodando flores. Eu não te  
rho feito outra coisa, hoje. E fiz como  
a senhora mandou: Fui acomodando-as pe  
la casa toda, deixando a sala e o ves  
tíbulo para as últimas que chegarem.

AUGUSTA - Não demora, os convidados  
vão começar a chegar. Faça a mesma  
coisa. Espalhe-os pela saleta de Már  
cia, pela sala de música, pelo bar...  
e os últimos, então, ficarão aqui.

ELISA - Sim senhora.

CONTRA REGRA - CAMPAINHA DE PORTA.

AUGUSTA - Olhe, já devem ser os pri  
meiros convidados. Vá atendê-los em  
quanto eu aviso Márcia Eugênia.

AUGUSTA SAI DE QUADRO PARA O INTERIOR E  
ELISA VAI ATENDER A PORTA.

PAN.HOR. vai com ELISA para o vestíbulo.

ELISA ABRE A PORTA E APARECE ANTÔNIO, TO  
DO PREPARADO, DE ROUPA ESCURA E UM RAMO  
DE FLORES NA MÃO. A EMPREGADA VAI RECEBER  
AS FLORES MAS ELE NÃO ENTREGA.

P.A. dos DOIS

ANTÔNIO - Boa noite.

ELISA - (tentando agarrar as flores)  
Boa noite. Pode deixar que estão en  
tregues...

ANTÔNIO - (perturbado) Não, não... eu  
... eu queria falar com dona Márcia  
Eugênia... ela... ela está me esperan  
do.

ELISA - Ah bom, se ela está lhe espe  
rando o senhor entre.

ANTONIO ENTRA E VAI AVANÇANDO PARA A SALA  
MAIOR, OLHANDO O LUXO DE TUDO. ELISA FE  
CHA A PORTA E FAZ COM QUE ELE VOLTE DOIS  
OU TRES PASSOS, INDICANDO-LHE O VESTÍBULO.

ELISA - O senhor espere aqui, por fa  
vor, sim?

ANTÔNIO - Sim senhora.

ANTÔNIO RETROCEDE DOIS PASSOS E VOLTAA PARA O VESTÍBULO. NÃO SENTA PORQUE NÃO O MANDARAM SENTAR.

PAN.HOR. vai com ELISA

ELISA - Eu vou avisar a senhorita Márcia Eugênia.

A EMPREGADA SAI PARA DENTRO DE CASA E ANTÔNIO SE OCULTA, NATURALMENTE, NUMA DAS PAREDES DO VESTÍBULO, OLHANDO QUALQUER COISA QUE LHE CHAME A ATENÇÃO. NO MOMENTO QUE A EMPREGADA VAI SAINDO, ENCONTRA COM MÁRCIA QUE JÁ VEM CHEGANDO NA SALA.

ELISA - Tem alguém à sua espera no vestibulo.

MÁRCIA - Convidado?

ELISA - Acho que não.

A EMPREGADA SOME PELA CÂMERA E MÁRCIA CAMINHA PARA O VESTÍBULO. OLHA PARA ANTÔNIO E DESCONFIA. ELE PARA OLHANDO PARA ELA NUMA EXPECTATIVA ANGSTIOSA.

CORTE

P.P. de ANTÔNIO, emocionado

MÁRCIA - Boa noite.

ANTÔNIO -Boa noite.

CORTE

P.P. de MÁRCIA, num choque de expressão, violento.

ÁUDIO - ACORDE VIOLENTÍSSIMO.

MÁRCIA - (trêmula) O senhor... o senhor é...

CORTE

P.P. de ANTÔNIO, já triste e vencido

ANTÔNIO - Antônio.

ANTONIO DEIXA CAIR A CABEÇA.

CORTE

P.P. de MÁRCIA, ofegante, tentando falar mas não conseguindo.

AFASTAMENTO até P.A. dos DOIS

ANTÔNIO - Compreendeu, agora?...

MÁRCIA APENAS ABANA A CABEÇA, AFIRMATIVAMENTE, COM PROFUNDO DESÂNIMO. HÁ DESESPERO NA SUA ALMA

ANTÔNIO - Não importa. Isto... tinha de acontecer um dia... Aceita... ao menos... as minhas flores?

ANTÔNIO EXPENDE O BOUQUET PARA MÁRCIA. ELA HESITA UM MOMENTO MAS POR FIM RECEBE-AS.

ANTÔNIO - Seja feliz, Márcia... e perdoe-me, sim? Acredite que meu sonho, fez um mal muito maior a mim... do que a você...

ANTONIO SAI LENTAMENTE SEM DIZER MAIS NADA. MÁRCIA FICA COM AS FLORES NA MÃO, OLHANDO, APARVALHADA, PARA ONDE ELE ESTÁ, QUANDO ELE SOME ELA OLHA PARA AS FLORES E VAI PARA DEH

ENCONTRA A MÃE NO ARCO. PARA. OLHA PARA ELA  
E PARA O CHÃO. FICA PARADA SEM DIZER NADA.

AUGUSTA - Lembra-se que eu lhe dizia  
que o meu coração presentia um grande  
perigo nesta aventura? Aí está.

MÁRCIA PASSA PARA DENTRO, LENTAMENTE, LEVANDO  
AS FLORES QUASI QUE PENDURADAS NA SUA MÃO. A  
MÃE FICA OLHANDO PARA ELA E DEPOIS FALA PARA  
A CÂMERA

AUGUSTA - O coração da mãe nunca se enganar  
na.

APROXIMAÇÃO até G.P. de AUGUSTA

ÁUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com G.P. de ANTÔNIO, sentado per  
to do telefone, com um copo todo chur  
reado de branco, mas já vazio, na mão.

- SALETA MODERNA DE APARTAMENTO -

ANTONIO - Diga-lhe que me atenda. Que é  
a ultima vez. Que nunca mais telefonarei  
para ela, nunca mais. (Pausa) Ela está,  
sim. Eu sei que ela está. (Pausa) Ouça:  
diga a ela que eu vou morrer. Que tomei  
veneno e tenho poucos instantes de vida,  
mas que por caridade me atenda. Eu não  
quero morrer sem ouvir a voz dela. (Pau  
sa) Sim, senhora, obrigado. Mas... de  
pressa, sim? Eu já sinto os efeitos do  
veneno. Si ela... não chegar depressa...  
não... não poderei... mais ouvir...

CORTE

DEI do telefone esperando fora do gan  
cho.

AFASTAMENTO até P.A. da cena.

MÁRCIA, COM OUTRO VESTIDO, VEM ATENDER  
O TELEFONE. PARA PERTO DELE, HESITA, MAS  
A EMPREGADA SEGURA O FONE E EXTENDE PARA  
ELA.

ELISA - Pale, Dona Márcia. Coitado, ele  
vai morrer. Tomou veneno.

ÁUDIO - ACORDE DE SUSTO VIOLENTO.

MÁRCIA COM DESESPERO PEGA O TELEFONE E LEVA-O.  
AO OUVIDO.

ELISA - Alô, Antônio! Alô! Alô! Antônio,  
você está me ouvindo? Antônio! Antônio!  
Eu amo você, Antônio, você está me ouvindo?  
Eu amo você, Antônio... eu amo  
você... (desata a soluçar perdidamente).

ELISA PEGA O FONE. ESCUTA UM MOMENTO E  
COLOCA-O NO GANCHO.

ATIRE... 11

CORTE

P.A. de ANTONIO, MORTO, AGARRADO no fone, expressão de felicidade num sorriso de quem ouviu as palavras de MÁRCIA.

APASTAMENTO até enquadrar JOÃO e TEREZA, perto dele, chorando.

- SALETA MODERNA DE APARTAMENTO -

APROXIMAÇÃO até G.P. de JOÃO chorando em soluços que lhe sacodem o peito.

DESFOQUE

FOCALIZA em: G.F. de MÁRCIA

- TAPADEIRA LISA -

JOÃO - Eu sabia... eu tinha certeza que isto ia terminar assim... (afagando-o) pobre irmão... tinhas a felicidade tão perto... e a quizeste buscar tão longe!

MÁRCIA - (triste e abatida) Eu não imaginei que ele pudesse chegar a esse extremo. Juro-lhes que não imaginei. Meu desespero foi tanto, quando Elisa me disse que ele havia tomado veneno, que cheguei a mentir que o amava, na esperança de ele proprio tentasse salvar-se. Infelizmente nada consegui. Cheguei tarde... quando ele já estava morto. Eu sei que deveria ter disfarçado minha decepção, quando o encontrei, mas tudo que senti... e tudo que mostre foi superior à minha vontade. Ainda assim, se alguém achar que mereço ser castigada, que me atire a primeira pedra!

CHICOTE

DEB de CORAÇÃO DE JESUS

- ATIRE A PRIMEIRA PEDRA -

ENCERRAMENTO.

ÁUDIO - SUFIXO MUSICAL